


unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

LEANDRO DORVAL CARDOSO

A Tebaida, de Públio Papínio Estácio:
introdução, tradução e comentários (cantos I-V)

Volume I

ARARAQUARA – SP
2018

LEANDRO DORVAL CARDOSO

A Tebaida, de Públio Papínio Estácio:
introdução, tradução e comentários (cantos I-V)

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Estudos Literários

Linha de pesquisa: Relações Intersemióticas

Orientador: Prof. Dr. Brunno V. G. Vieira

Bolsa: CAPES (Processo: 88882.180355/2018-01 – Migrado - SACPAIS)

ARARAQUARA – SP
2018

Cardoso, Leandro Dorval

A Tebaida, de Públio Papínio Estácio: introdução,
tradução e comentários (cantos I-V) / Leandro Dorval
Cardoso – 2018

3v. (360, 360, 403) f.

Tese (Doutorado em Estudos Literários) –
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita
Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus
Araraquara)

Orientador: Prof. Dr. Brunno Vinicius Gonçalves
Vieira

1. Literatura Latina. 2. Épica Latina. 3. Estácio,
Públio Papínio. 4. Tebaida. 5. Tradução poética. I.
Título.

LEANDRO DORVAL CARDOSO

A Tebaida, de Públio Papínio Estácio:
introdução, tradução e comentários (cantos I-V)

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Estudos Literários.

Linha de pesquisa: Relações Intersemióticas

Orientador: Prof. Dr. Brunno V. G. Vieira

Bolsa: CAPES (Processo: 88882.180355/2018-01 – Migrado - SACPAIS)

Data da defesa: 30/05/2018

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Brunno Vinicius Gonçalves Vieira

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Membro Titular: Prof. Dr. Alessandro Rolim de Moura

Universidade Federal do Paraná

Membro Titular: Profa. Dra. Leni Ribeiro Leite

Universidade Federal do Espírito Santo

Membro Titular: Prof. Dr. Márcio Natalino Thamos

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Membro Titular: Prof. Dr. Rodrigo Tadeu Gonçalves

Universidade Federal do Paraná

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

à mãe e ao pai

Agradeço, antes de todos, à minha inestimável Thayse, companheira de tudo, sem a qual certamente a vida seria vazia: te amo, meu carinho, e te devo tudo o que há de bom em mim.

À família, pelo suporte e confiança, pelos votos e ajudas, pela base e segurança, pelos exemplos.

Aos amigos Vinicius Ferreira Barth e Emerson Cerdas; também a Cíntia Sanches, Cissa Conrado, Francisco Diniz, Joana Junqueira, Livia Mendes, Marco Aurélio e Tais Matheus.

Ao Brunno Vieira, professor, orientador, amigo e companheiro desta jornada e de outras.

Aos membros da banca de defesa Prof. Dr. Alessandro Rolim de Moura, Profa. Dra. Leni Ribeiro Leite, Prof. Dr. Márcio Natalino Thamos e Prof. Dr. Rodrigo Tadeu Gonçalves.

Aos suplentes, Prof. Dr. Cláudio Aquati, Prof. Dr. Raimundo Nonato Carvalho e Prof. Dr. Robson Tadeu Cesila.

Aos sempre prontos funcionários da Biblioteca da FCL/Ar e da Seção de Pós-Graduação.

Ao Estácio e aos que mantiveram o seu texto vivo.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

uiue, precor.

Tentamos a Tradução em verso, não que entendêssemos que a podíamos fazer bem, senão porque era o meio de a não fazer tão mal; porque em verdade haveis de crer, que a Prosa, por mais que a queiras sobrelevar, nunca é o idioma da Tríпода de Delfos, nem a sublime linguagem dos Deuses; e que os Poetas ou se não traduzem, ou só podem traduzir-se em verso (Elpino Duriense apud HORÁCIO, 1807, p. ix).

Séculos após séculos, encontramos traduções – poucas, na verdade – que manifestam a essência ética, poética e pensante da qual falamos [...] Estas traduções, para nós, não são “modelos”, mas *fontes*. As fontes da nossa reflexão e, também, do nosso trabalho pessoal de tradutor (BERMAN, 2007[1985], p. 27).

Este é o ponto essencial: procurar na frase [...] as malhas, os buracos por onde ela pode acolher – sem demasiada violência, sem se rasgar demasiado (mas rasgando-se mesmo assim [...]) – a estrutura da frase latina (BERMAN, 2007[1985], p. 121 – *sobre a tradução de Eneida por Klossowski*).

RESUMO

Esta tese propõe um projeto de tradução poética para os cinco primeiros cantos do poema épico *Thebais*, do autor romano Públio Papínio Estácio (séc. I d.C.), fundamentado no objetivo de manifestar, em português, as peculiaridades da poesia estaciana. Para isso, a tradução foi precedida por uma análise das principais características do texto e por uma discussão sobre a natureza e o próprio papel da tradução, feita a partir de concepções contemporâneas desenvolvidas no âmbito dos Estudos da Tradução. Após a tradução, são apresentados comentários críticos e explicativos para cada um dos cinco cantos com vistas a discutir, destacar e esclarecer passagens mais obscuras, referências sutis e questões relevantes para a construção de sentidos no poema.

Palavras-chave: Tebaida; Públio Papínio Estácio; tradução; projeto de tradução; Antoine Berman.

ABSTRACT

This thesis proposes a poetic translation project for the first five books of the epic poem *Thebais*, by the Roman author Publius Papinius Statius (1st century AD), based on the objective of expressing in Portuguese the peculiarities of Statian poetry. For this, the translation was preceded by an analysis of the main characteristics of the text and a by a discussion about the nature and the proper role of the translation, based on contemporary conceptions developed within the framework of the Translation Studies. After the translation, critical and explanatory comments were presented for each of the five books in order to discuss, highlight and clarify more obscure passages, subtle references and issues relevant to the construction of meanings in the poem.

Keywords: Thebaid; Publius Papinius Statius; translation; translation project; Antoine Ber-
man.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Comparação entre o episódio de Hércules e Caco em (Verg. A. 8.194-279) e Lino e Corebo (Stat. <i>Theb.</i> 1.557-668)	64
Quadro 2	Genealogia de Édipo (somente personagens relevantes para o contexto)	412
Quadro 3	Genealogia de Adrasto (somente personagens relevantes para o contexto)	442
Quadro 4	Comparação entre os rituais de necromancia em Homero, Virgílio, Sêneca, Lucano e Estácio	838
Quadro 5	Comparação entre os eventos da ilha de Lemno em Apolônio de Rodes, Valério Flaco e Estácio	935

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1	Urna funerária etrusca em terracota, originalmente policromática, com a cena da batalha fratricida entre Etéocles e Polinices, datada do séc. II a.C. Disponível em: http://www.pathguy.com/7_th.jpg	113
---------------------	--	-----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Seguiu-se, aqui, para autores e obra latinas, as formas apresentadas pelo *Oxford Latin Dictionary*; para obras e autores gregos, as do Liddell & Scott *Greek-English Lexicon*. Para casos não contemplados em ambas estas fontes, produziram-se novas entradas.

Abreviaturas para os textos literários de autores gregos e latinos

- A.:** Aeschylus [Ésquilo]
A.: Agamemnom [Agamêmnon]
Eu.: Eumenides [As Eumênides]
Pers.: Persae [Os Persas]
Th.: *Semptem contra Thebas* [Sete contra Tebas]
- Apollod.:** Apollodorus [Apolodoro]
Bibliotheca [Biblioteca]
- A.R.:** Apollonius Rhodius [Apolônio de Rodes]
Argonautica [Argonáutica]
- Ar.:** Aristophanes [Aristófanes]
Ra.: Ranae [As rãs]
- Arat.:** Aratus [Arato]
Phaenomena [Fenômenos]
- B.:** Bacchylides [Baquíledes]
Epin.: Epinica [Epinícios]
- Call.:** Callimachus [Calímaco]
Aet.: Aetia [Aítia]
inc. sed.: *Fragmenta incerta sedis*
- Cic.:** Cicero [Cícero]
Arat.: *Arati Phaenomena* [Os Fenômenos]
de Orat.: *De oratore* [Sobre o orador]
Div.: *De divinatione* [Sobre a divinação]
Catil.: *In Catilinam* [Contra Catilina]
N. D.: *De natura deorum* [Da natureza dos deuses]
Opt. Gen.: *De optimo genere oratorum* [Sobre o me-
- lhor gênero de oradores]*
- S. Rosc.:* *Pro Roscio Armenio* [Por Rócio Armênio]
- D.S.:** Diodorus Sicullus [Diodoro Sículo]
Bibliotheca Historica [Biblioteca histórica]
- E.:** Euripides [Eurípides]
Ba.: *Bacchae* [As bacantes]
Med.: *Medea* [Medeia]
Ph.: *Phoenissae* [As fenícias]
Supp.: *Supplices* [As suplicantes]
- Hdt.:** Herodotus [Heródoto]
Historiae [Histórias]
- Hes.:** Hesiodus [Hesíodo]
Op.: *Opera et dies* [Os trabalhos e os dias]
Th.: *Theogonia* [Teogonia]
- Hom.:** Homerus [Homero]
Hymni: *Hymni* [Hinos Homéricos]
Il.: *Ilias* [Ilíada]
Od.: *Odyssea* [Odisséia]
- Hor.:** Horatius [Horácio]
Ars: *Ars Poetica* [Arte Poética]
Carm.: *Carmina* [Odes]
Epod.: *Epodi* [Epodos]
S.: *Sermones* [Sátiras]
- Hyg.:** Hyginus [Higino]
Fab.: *Fabulae* [Fábulas]

- Astr.: Astronomica [Astronômicas]*
- Juv.:** *Juuenalis [Juvenal]*
Saturae [Sátiras]
- Luc.:** *Lucanus [Lucano]*
Luc.: Bellum Ciuile [Farsália]
*poet.: Fragmenta poetarum latinorum [Fragmen-
tos dos poetas latinos]*
- Lucianus:** *Luciano de Samóstata*
Nec.: Necyomantia [Menipo/Descida aos Infernos]
- Lucretius:** *Lucretius [Lucrecio]*
de Rerum Natura [Sobre a natureza das coisas]
- Mart.:** *Martial [Marcial]*
Sp.: Spectacula [Os espetáculos]
- Ov.:** *Ovidius [Ovídio]*
Am.: Amores [Amores]
Ars: Ars amatoria [Arte de amar]
Ep.: Epistulae (Heroides) [Epístolas ou Heróides]
Fast.: Fasti [Os fastos]
Ib.: Ibis [Íbis]
Met.: Metamorphoses [As metamorfoses]
Tr.: Tristia [As tristes]
- Paus.:** *Pausanias [Pausânias]*
Graeciae descriptio [Descrição da Grécia]
- Pl.:** *Plautus [Plauto]*
Aul.: Aulularia [A panelinha]
Truc.: Truculentus [O truculento]
- Prop.:** *Sextus Propertius [Sexto Propércio]*
Elegiae [Elegias]
- Prud.:** *Prudentius [Prudêncio]*
Contr. Sym.: contra Symmachum [Contra Símaco]
- Ps.-Plu.:** *Pseudo-Plutarchus [Plutarco]*
Fluv.: de Fluuiis [Sobre os rios]
- Quint.:** *Quintilianus [Quintiliano]*
Inst.: Institutio oratoria [Instituição Oratória]
- Rhet. Her.:** *Anonimus [Anônimo]*
- Rhetorica ad Herenium [Retórica a Herênio]*
- S.:** *Sophocles [Sófocles]*
El.: Electra [Electra]
- Sal.:** *Sallustius [Salústio]*
Cat.: Catilina [Catilinária]
- Sen.:** *Seneca [Sêneca]*
Ag.: Agamemnon [Agamêmnon]
Ira: De ira [Sobre a Ira]
Oed.: Oedipus [Édipo]
Phoen.: Phoenissae [As fenícias]
Her. F.: Hercules furens [Hércules furioso]
Her. O.: Hercules Oetaeus [Hércules no Eta]
Med.: Medea [Medeia]
Tro.: Troades [As troianas]
Thy.: Thyestes [Tiestes]
- Sil.:** *Silius Italicus [Sílio Itálico]*
Punica [A guerra púnica]
- Stat.:** *Stattius [Estácio]*
Ach.: Achilleis [Aquileida]
Silv.: Silvae [As Silvas]
Theb.: Thebais [Tebaida]
- St. Byz.:** *Stephanus Byzantius [Estêvão de Bizân-
cio]*
Ethnica [Étnica]
- Str.:** *Strabo [Estrabão]*
Geographica [Geográficas]
- Suet.:** *C. Suetonius Tranquillus [Caio Suetônio Tran-
quilo]*
Vita Verg.: Vita Vergilii [Vida de Virgílio]
- Tac.:** *Tacitus [Tácito]*
Ann.: Annales [Anais]
- Ter.:** *Terentius [Terêncio]*
Ad.: Adelphi [Os adelfos]
An.: Andria [A Ândria]
- Theoc.:** *Theocritus [Teócrito]*
Idyllia [Idílios]

Th.: *Thucydides* [Tucídides]

Historiae [História]

Liv.: *Titus Livius* [Tito Lívio]

ab urbe condita [Desde a fundação da cidade]

Verg.: *Vergilius* [Virgílio]

A.: *Aeneis* [Eneida]

Ecl.: *Eclogae* [Écoglas ou Bucólicas]

G.: *Georgica* [As geórgicas]

V. Fl.: *Valerius Flaccus* [Valério Flaco]

Argonautica [Argonáutica]

Siglas para as Obras de Referência

DELG: *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*, de Pierre Chantraine

DGF: *Le Dictionnaire grec-français*, de Anatole Bailly

DLP: *Dicionário Latino-Português*, de Francisco Torrinha

EDL: *Etymological dictionary of the Latin language*, de F. E. J. Valpy

GEL: *A Greek-English Lexicon*, de G. H. Liddell e R. Scott

GEF: *Greek Epic Fragments*, de Martin L. West

OLD: *Oxford Latin Dictionary*

SUMÁRIO

Apresentação.....	15
Capítulo Primeiro: Estácio e a <i>Tebaida</i>, uma introdução.....	19
1.1. Estácio e seu canto.....	19
1.2. <i>Tebaida</i> : síntese dos cantos.....	23
1.3. A <i>Tebaida</i> e o maneirismo em questão.....	41
Capítulo Segundo: Projeto para a tradução da <i>Tebaida</i>.....	71
2.1. Antoine Berman: um projeto em cada tradução.....	71
2.2. Posição e Projeto: o horizonte de tradução da <i>Tebaida</i>	84
2.2.1. A posição tradutória.....	85
2.2.2. O projeto de tradução.....	91
Capítulo Terceiro: A tradução da <i>Tebaida</i>, de Públio Papínio Estácio (Cantos I-V).....	111
3.1. Nota sobre o texto.....	111
A <i>Tebaida</i> , de Públio Papínio Estácio (Cantos I-V).....	113
Canto I.....	115
Canto II.....	161
Canto III.....	209
Canto IV.....	257
Canto V.....	311
Capítulo Quarto: Comentários à <i>Tebaida</i>, de Públio Papínio Estácio (Cantos I-V).....	363
4.1. Nota sobre os comentários.....	363
Comentários ao Canto I.....	367
Comentários ao Canto II.....	477
Comentários ao Canto III.....	599

Comentários ao Canto IV.....	721
Comentários ao Canto V.....	927
Referências Bibliográficas.....	1037
Apêndices.....	1055
Apêndice A: A <i>Tebaida</i> , de Públio Papínio Estácio (Canto VI).....	1057

APRESENTAÇÃO

*durabisne procul dominoque legere superstes,
o mihi [...] multum uigilata per annos
Thebai?*¹
(Stat. *Theb.* 12.810-2)

José Agostinho de Macedo (1761 – 1831), frade expulso da Ordem de Santo Agostinho, membro da Nova Arcádia lusitana sob o pseudônimo de Elmiro Tagídeo, presbítero secular, poeta, crítico e tradutor de Horácio, foi, pelo que se sabe, o primeiro tradutor da *Tebaida* de Estácio para o português. Empresa iniciada em 1797, de acordo com seu biógrafo Innocência da Silva (1899, p. 36), teria sido completada em poucos anos, mas logo foi perdida: em carta enviada ao Frei Domingos de Carvalho (1829), diz Macedo sobre o triste destino de sua *Tebaida*, traduzida em dois volumes: “Empresto a um amigo o primeiro volume que continha os primeiros seis livros, depois mandando-o buscar, o moço o perdeu na rua juntamente com uns calções que me trazia de casa do alfaiate!” (MACEDO, 1900, p. 166). Perdido o primeiro volume com os seis primeiros cantos do poema, restou-lhe o segundo, que o tempo incumbiu-se de fazer desaparecer: Theofilo Braga, editor da biografia de Macedo escrita por Innocência da Silva (1899), informa que o 2º volume da tradução pertencia à coleção de Agostinho Vito Pereira Merello. Esta, porém, até onde foi possível apurar, começou a ser desmanchada ainda durante a vida de Pereira Merello, sem que se tenham notícias do paradeiro de seus volumes². Com exceção de um manuscrito contendo os primeiros 79 versos da tradução na Biblioteca de Évora³, não nos restam mais notícias da tradução de Agostinho.

Assim sendo, por conta de uns calções cerzidos e de um moço desatento, e também porque, se ainda não se perdeu de todo, encontra-se o segundo volume do trabalho bem guardado ou esquecido em alguma coleção, já há mais de 1900 anos desde sua publicação por Públio Papínio Estácio (séc. I)⁴ a obra magna desse poeta continua inédita em português, desconhecida por muitos, mesmo entre aqueles que se dedicam ao trabalho com as línguas e literaturas clássicas. É, pois, essa lacuna que esta tese tem o objetivo de preencher, trazendo

¹ “Vais chegar longe e, ao dono excedendo, ser lida, / ó, por [...] anos muito por mim reparada, / Tebaida?”

² Ao menos de acordo com um artigo publicado por Requião (1913) na *Gazeta de Notícias* da Bahia, após cair enfermo, Agostinho Merello teria autorizado a venda de sua biblioteca por questões financeiras.

³ Cod. CXXII – 2-2. Sobre a tradução de Macedo, cf. Cardoso, 2018.

⁴ Confira as seções 1.1. e 1.3. desta tese.

à nossa língua os primeiros cinco livros da *Tebaida*, material suficiente para ter-se uma ideia de Estácio e de sua poesia épica, ainda que representativo de apenas uma parte de seu estro poético.⁵ Esta tese, portanto, é um trabalho de tradução; em que aquilo que se defende é o resultado de um programa tradutório estabelecido com o objetivo de entregar a leitores de língua portuguesa parte da *Tebaida*, poema fundamental da poesia flaviana.

Sendo assim, ora submeto à apreciação uma forma de ler a obra de Estácio que vai além da crítica, sem nunca deixá-la de lado, pois que busca não só dizer “sobre” o texto estaciano, mas também e fundamentalmente dizer “esse” texto que será lido durante o trabalho: manifestá-lo. Nas próximas páginas, o que se verá é a exposição de um “projeto de tradução”, mesmo que a discussão sobre o que seja um “projeto de tradução” não abra o trabalho. Por ora, é suficiente imaginá-lo como um eixo crítico em torno do qual, em uma espécie de vórtice, evoluem as práticas de leitura e escritura que, ao seu final, resultam no texto traduzido. Um vetor: “[...] a tradução nunca é a realização do projeto: ela vai *para* onde o projeto a conduz e *até* onde o projeto a conduz” (BERMAN, 1995, p. 77)⁶. Ele começa muito antes do ato de traduzir; a própria escolha “por” traduzir um determinado texto já pressupõe, no mínimo, uma postura diante desse texto, de suas traduções já existentes, ou da não existência dessas traduções. Da disposição até a execução, tudo está compreendido “pelo” e “em função do” projeto de tradução.

Para tornar claros, então, os parâmetros pelos quais a tradução de Estácio foi aqui entendida e realizada, o trabalho foi dividido em quatro capítulos. O primeiro deles (“Estácio e a *Tebaida*, uma introdução), dedicado ao poeta e à análise de suas obras, nomeadamente da *Tebaida*, foi dividido em três seções: na primeira delas (1.1. – “Estácio e seu canto”), os poucos fatos biográficos sobre Estácio foram recolhidos da fortuna crítica sobre o poeta, bem como de suas próprias obras, e sistematizados de modo a oferecer, ao leitor, um retrato de sua vida, inclusive das dúvidas que pairam sobre esses dados. Também foram apresentadas, de maneira econômica, as outras obras do autor – a saber, as *Siluae* e a *Achilleis* –, que completam o conjunto de obras conhecidas de Estácio⁷. Na sequência, a seção 1.2. (“*Tebaida*: síntese

⁵ Sobre as outras obras de Estácio, cf. a seção 1.1. deste trabalho.

⁶ Todas as traduções, exceto aquelas identificadas nas Referências Bibliográficas, são de minha autoria.

⁷ Há, ainda, um fragmento de quatro versos do que se supõe um panegírico épico escrito por Estácio sobre as campanhas militares de Domiciano contra os Catos em 89, cujo título seria *De bello germanico*. Porém, há apenas um único registro desses versos, feito por Giorgio Valla (1430 – 1499) em sua edição das Sátiras de Juvenal (1486), que o autor diz terem sido extraídos dos escólios de Probus, também sobre o texto de Juvenal, cujo manuscrito está, hoje, perdido. Cf. Parker (1992, p. 89-90; 90 n. 10); Blänsdorf, 2011; Courtney (2013[1980], p. 166-196).

dos cantos”) traz um resumo dos principais episódios de cada um dos doze cantos da *Tebaida*, de modo a oferecer ao leitor um panorama geral sobre o poema para que, na sequência, seja possível acompanhar as discussões mais pontuais sem que se perca de vista o seu todo.

Por fim, na seção 1.3. (“A *Tebaida* e o maneirismo em questão”), o épico estaciano foi explorado em função de algumas das discussões realizadas por sua recepção crítica, especialmente daquelas que visam a analisar sua relação com a tradição literária romana. O intuito, porém, não foi o de esgotar essas discussões, mas de resumi-las em seus traços mais significativos para que o leitor possa ter em mente, conforme sua leitura avançar, os principais aspectos do texto de Estácio que foram considerados para a tradução apresentada no Capítulo Terceiro da tese. As questões elencadas nessa seção também foram importantes para a exposição que se desenvolveu durante o Capítulo Segundo, quando do estabelecimento da “posição tradutória” aqui adotada, bem como do “projeto de tradução” em que se fundamentou a tradução do poema de Estácio.

No Capítulo Segundo (“Projeto para a tradução da *Tebaida*”), o objetivo foi discutir e expor o projeto que deu origem à tradução dos cinco primeiros cantos da *Tebaida*, apresentada no Capítulo Terceiro. Para isso, em um primeiro momento (seção 2.1. – “Antoine Berman – um projeto em cada tradução”), com vistas a contextualizar o pensamento de tradução em que se fundou o exercício desta tese, as reflexões de Antoine Berman foram abordadas em função de seus fundamentos e de algumas das influências que ela gerou no campo dos Estudos da Tradução. Dessa forma, espera-se que a ideia de “projeto de tradução” aqui assumida tenha ficado clara, e não apenas de modo que um projeto de tradução seja entendido como uma simples etapa do processo tradutório, mas principalmente como uma reflexão que se impõe como obrigatória quando se assume uma postura diante do ato de “colocar em tradução” e do próprio texto a ser traduzido.

A seção seguinte (2.2. – “Posição e projeto: o horizonte de tradução da *Tebaida*”) foi dividida em duas subseções: na primeira delas (2.2.1. – “A posição tradutória”), em profunda relação com a seção 2.1., o conceito de tradução ora assumido (ou seja, a posição tradutória) foi pormenorizadamente discutido, com vistas a fundamentar o projeto de tradução, explorado na subseção seguinte (2.2.2. – “O projeto de tradução”). Nela, as considerações sobre a *Tebaida* feitas durante a seção 1.3. deste trabalho foram retomadas e aprofundadas, de modo a possibilitar a discussão da “posição tradutória” anteriormente delineada em função das especificidades do texto de Estácio, tornando claras, assim, as matrizes críticas em que o “pro-

jeto de tradução” foi pensado. Com isso, então, o Capítulo se encerra, de modo a fornecer, para o leitor, material suficiente para que a tradução seja lida, no Capítulo Terceiro, a partir das ideias ora apresentadas.

No Capítulo Terceiro, a tradução dos cinco primeiros cantos da *Tebaida* foi apresentada em páginas espelho junto com o texto latino a partir do qual o empenho foi realizado. Antes da tradução, porém, em seção à parte (3.1. – “Nota sobre o texto”), foi feita uma breve introdução à tradição textual das obras de Estácio, com vistas a fornecer um quadro geral sobre seus principais manuscritos. Além disso, na mesma seção, estão relacionadas as edições utilizadas para o estabelecimento do texto que, aqui, acompanha a tradução. Por fim, o Capítulo Quarto traz os comentários críticos e explicativos feitos durante a tradução, com vistas tanto a esclarecer passagens e referências mais complexas do texto como a recuperar e discutir as considerações feitas pela crítica de Estácio. Com isso, então, o trabalho se encerra. Nos Apêndices, o leitor ainda terá acesso à tradução completa do Canto Sexto do poema de Estácio, deixado como uma espécie de bônus para os que aceitarem os desafios propostos pela tradução incluída no corpo do trabalho.

CAPÍTULO PRIMEIRO

ESTÁCIO E A *TEBAIDA*, UMA INTRODUÇÃO

1.1. Estácio e seu canto

Pouco se sabe sobre a vida de Públio Papínio Estácio (*Publius Papinius Statius*). Das informações biográficas, especialmente sobre sua família e infância, a maioria é tomada ou deduzida de relatos feitos pelo próprio autor ao longo de sua obra – especialmente nas *Silvae* (“*Silvas*”)¹. É natural de Nápoles (*Silv.* 3.5.12-3: *anne quod Euboicos fessus remeare penates / auguror et patria senium componere terra?* – “Porque lasso aos Euboicos penates voltar / eu penso, e em pátria terra dispor a velhice?”²; e 3.5.72-4: *non adeo Vesuvinus apex et flammae diri / montis hiems trepidas exhaustit ciuibus urbes: / stant populisque uigent* – “pois o alto do Vesúvio e, flâmea, do atro monte, / a chuva não vagou de gente as urbes trêmulas: / restam em pé e vigem com os povos”), nascido provavelmente por volta do ano 50 de nossa era, mas os argumentos para a data são frágeis. Como aponta Van Dam (1984, p. 13, n. 3), três passagens sugerem seu nascimento por volta do ano 50: na primeira delas, datada do ano de 94, após ter caído doente Estácio fala sobre sua velhice, que pretende passar em sua terra natal (*Silv.* 3.5.12-3 – *supra*); na segunda, datada de 95, ao se comparar a um homem mais jovem, declara (*Silv.* 4.4.69-70): *nos facta aliena canendo / uergimur in senium* (“nós, fatos alheios cantando, / pendemos à velhice”); e na terceira, do mesmo ano ou do ano seguinte, diz já ter-lhe fugido a idade de maior vigor físico (*Silv.* 5.2.158-9): *nos fortior aetas / iam fugit* (“de nós, a mais forte idade / já fugiu”). Uma vez que um romano era considerado um “velho” (*senex*) a partir dos 45 anos de idade, o ano de 50 surge como a data provável de nascimento para alguém que, entre os anos de 94 e 96, já se dizia velho.

Sobre o pai de Estácio, também pouco se sabe – nem ao menos seu nome foi registrado³. Pelas afirmações do filho, cogita-se ter sido membro da ordem equestre romana, ten-

¹ O que já causa um problema de partida, ou apenas impõe certo ceticismo quanto aos dados apresentados, uma vez que a biografia do autor e as informações sobre ela constantes em suas obras poéticas não são necessariamente coincidentes.

² Diz “Euboicos” porque Nápoles foi fundada por imigrantes de Cálcis, cidade em Eubeia.

³ Para Kevin Clinton (1972), a estátua encontrada em Elêusis com o nome Πόπλιον Παπίνιον Στ[] (*Róplion Papínion St[]*) entre suas inscrições refere-se ao pai de Estácio, seu homônimo portanto, que teria sido assim imortalizado em honra às vitórias que, como poeta, obteve durante os jogos Pítios, Nemeus e Ístmicos. Assim sendo, para Clinton a leitura correta do nome na inscrição seria: Πόπλιον Παπίνιον Στ[άτιον] (*Róplion Papínion St[átion]*).

do perdido o título por problemas financeiros (*Silv.* 5.3.116-8: *non tibi deformes obscuri sanguinis ortus / nec sine luce genus, quamquam fortuna parentum / artior expensis* – “Nada torpe, de obscuro sangue, o teu nascer, / nem sem lustre a família, inda que os bens dos pais / por gastos reduzidos”). Depois disso, passou a ganhar a vida como poeta e orador, dando aulas de poesia grega e romana para os filhos da nobreza napolitana (*Silv.* 5.3.146-58 – *e.g.*, 5.3.146-48: *hinc tibi uota patrum credi generosaque pubes / te monitore regi, mores et facta priorum / discere, quis casus Troiae, quam tardus Vlixes* – “donde, a ti, votos dados dos pais; nobres jovens, / tu por mentor, guiados, feitos e usos priscos / aprendem, qual de Troia o fim, quão tardo Ulisses”). Quando da guerra civil romana em 69⁴, porém, já se havia mudado com sua família para Roma (*Silv.* 5.3.195-7: *talia dum celebras, subitam ciuilis Erinys / Tarpeio de monte facem Phlegraeaeque mouit / proelia* – “Isso cantas, e, bruscos, a civil Erínis, / do alto Tarpeio os fachos moveu e os Flegreus / prélios”), onde continuou a exercer suas atividades como preceptor e como poeta. A morte paterna costuma ser localizada no ano de 90, com base nas seguintes passagens:

- se seu pai de fato morreu, como Estácio alega, aos 65 anos de idade (*Silv.* 5.3.253-4: *trinisque decem quinquennia lustris / iuncta ferens* – “três lustros e dez quinquênios / juntos trazendo”⁵);
- se, de fato, só viu seu filho sagrar-se campeão das *Augustalia* em Nápoles (*Silv.* 5.3.225-7: *ei mihi quod tantum patrias ego uertice frondes / solaque Chalcidicae Cerealia dona corona / te sub teste tuli!* – “Ai de mim, que na testa apenas pátrias frondes, / que os dons de Ceres, só, da coroa Calcídica, / com teu testigo eu trouxe!”⁶), sem vê-lo vitorioso também nos jogos de Alba, em 90 – o *terminus ante quem* para sua morte, portanto (*Silv.* 5.3.227-30: *qualem te Dardanus Albae / uix cepisset ager, si per me certa tulisses / Caesarea donata manu! quod subdere robur / illa dies, quantum potuit dempsisse senectae!* – de Alba, mal o Dardânio agro te / conteria se as flores, mediante eu, levasses / dadas por mãos Cesáreas! Que rubor regeu / aquele dia, quanto deixaste a velhice!”);

⁴ O período compreendido entre a morte de Nero em 68 e a ascensão de Vespasiano em 69 ficou conhecido na história de Roma como “o ano dos quatro imperadores”, pois o império viu serem entronados Galba, Otão e Vitélio até que o primeiro dos flavianos no poder, Vespasiano, assumisse o império definitivamente.

⁵ Um “lustro” equivale a um período de 5 anos; “três lustros”, portanto, são 15 anos, que seu pai trazia “juntos” com outros “dez quinquênios” – ou seja, com mais 50 anos.

⁶ O que Van Dam afirma ter-se dado pelo menos em 78 (1984, p. 1).

- e se Estácio de fato compôs o *Epicidium in patrem suum* (*Silv.* 5.3) três meses após a morte de seu pai (*Silv.* 5.3.29-31: *nam me ter relegens caelo terque ora retexens / luna uidet residem nullaque Heliconide tristes / solantem curas* – “pois, trilegando a face ao céu, trir-relegando, / viu-me a lua inativo, sem com as Helicônides / consolar tristes dores”), quando já tinha vencido os jogos de Aba (*Silv.* 5.3.227-30 – *supra*), então pode ser de fato possível estabelecer o ano 90 como aquele da morte de Estácio pai.

E foi com seu pai que Estácio, como ele próprio alega, aprendeu a arte poética (*Silv.* 5.3.209-11: *me quoque uocales lucos Boeotaque tempe / pulsantem, cum stirpe tua descendere dixi, / admisere deae* – “E a mim, nos vocais lucos e Beócios vales / pulsando, quando vir da estirpe tua eu disse, / aceitaram as deusas”), e à sua tutela e influência ele condiciona a composição da *Tebaida* (*Silv.* 5.3.233-5): *te nostra magistro / Thebais urgebat priscorum exordia uatum; / tu cantus stimulare meos* (“tu por mestre, nossa / *Tebaida* andava em busca dos antigos vates; / tu estimulas meus cantos”). Também sob os olhos do pai, para além de ter vencido as *Augustalia* em Nápoles (*Silv.* 5.3.225-7 – *supra*), fez uma declamação para os senadores romanos quando mais jovem (*Silv.* 5.3.215-7): *qualis eras, Latios quotiens ego carmine patres / mulcerem felixque tui spectator adesses / muneris!* (“Como estavas! Aos Lácios pais com um carne eu muito / prazendo, e tu presente, ledo espectador / da prenda tua!”). Ainda durante sua juventude, pouco antes de iniciar a *Tebaida* (*Silv.* 3.5.35-6: *longi tu sola laboris / conscia, cumque tuis creuit mea Thebais annis* – “só tu do longo trabalho / sabes; com os anos teus, cresceu minha *Tebaida*”), casou-se com Cláudia, viúva de um musicista (*Silv.* 3.5.52-3: *cantori / coniugis*), com quem não teve filhos; sobre o casamento, diz (*Silv.* 3.5.23-6):

*quam mihi sorte Venus iunctam florentibus annis
seruat et in senium [...] quae me uulnere primo
intactum thalamis et adhuc iuuenile uagantem
fixisti...*

à que, por fado, uniu-me em flóreos anos Vênus
e à velhice conserva [...] que com a dor primeira,
por cama intacto e, ainda, um juvenil andante,
me cravaste...

Antes de sua morte, Estácio deixou três obras poéticas: a *Thebais* (*Tebaida*), um poema épico em doze cantos, as *Siluae* (*Silvas*), um conjunto de 32 poemas divididos em 5 livros, e outro poema épico, a *Achilleis* (*Aquileida*), inacabado. No que diz respeito às *Silvas*, porém, como alega Van Dam (1984, p. 3 e notas *ad loc.*), seus quatro primeiros livros foram publicados entre os anos de 91 ou 92 e 96, mas é bastante provável que o quinto seja uma publicação póstuma, o que colocaria em xeque a condição das *Siluae* como obra acabada. Por referências encontradas nos próprios poemas, é possível estabelecer as datas de 91 ou 92 para a publicação do primeiro livro; de 92 ou 93 para o segundo; de 93 para o terceiro; e de 95 para o quar-

to. Quanto ao período de composição dos poemas aí reunidos, há alguma discordância entre os críticos e os editores, mas acredita-se que a grande maioria foi escrita a partir de 89. Poemas de ocasião que tratam de temas os mais variados – desde a estátua equestre do imperador Domiciano (*Silv.* 1.1) a um lamento pela morte de seu *puer delicatus* (*Silv.* 5.5), passando pela descrição da árvore de um de seus patronos (*Silv.* 2.3) e de uma estátua de Hércules (*Silv.* 4.6) –, as *Silvas* têm em seu nome o indício de sua pluralidade: em latim, o termo *silva* pode denotar uma floresta, ou uma área de concentração de árvores, mas também um conjunto de materiais (como os tratados em cada um dos poemas de Estácio – *OLD*)⁷.

Com a *Aquileida*, que nos restou incompleta, Estácio pretendia cobrir a vida do herói grego Aquiles desde sua infância até sua morte na guerra de Troia. Da obra, contudo, concluiu apenas o primeiro canto, com 960 hexâmetros, e os primeiros 167 versos do canto segundo. Além de servir como um indício para a composição linear de seus poemas épicos, a incompletude da *Aquileida* nos dá pistas sobre a morte do autor, cuja data também é incerta. Por conta da datação do livro quarto de suas *Silvas* (*supra*), o ano de 95 é o *terminus post quem* para a datação do falecimento de Estácio. Além disso, porque não se encontram referências à morte de Domiciano, que ocorreu no ano de 96, em nenhuma de suas obras, costuma-se estabelecer a data de 18 de setembro desse mesmo ano, dia da morte do imperador, como o *terminus ante quem* para a morte de Estácio. Assim, então, acredita-se que tenha falecido entre os anos de 95 e 96.

Uma vez que a *Tebaida* será o assunto principal desta tese, optou-se por deixá-la de lado dessa apresentação, relegando as discussões sobre suas datas de publicação e período de composição para a seção 1.3. deste Capítulo, dedicada à análise de algumas das principais características da obra magna de Estácio. Na próxima seção (1.2.), então, para que o leitor possa ter em mente um retrato geral da *Tebaida* antes de que se discutam as questões específicas do texto, será apresentado um resumo dos principais episódios de cada um dos doze cantos que compõem o poema.

⁷ Sobre as *Silvas*, cf. BRIGHT (1980); HARDIE (1983); HINDS (1998); TAISNE (1994); WRAY (2007).

1.2. *Tebaida*: síntese dos cantos

A *Tebaida* é um poema épico de assunto mitológico composto em doze cantos, somando um total de 9738 hexâmetros datílicos. Sua história, vinculada ao Ciclo Tebano e à Casa de Édipo, concentra-se na disputa de Etéocles e Polinices, os dois filhos homens de Édipo com Jocasta, pelo direito de reinar sobre Tebas logo depois do infortúnio de seu pai – após ter-se descoberto o assassino de seu pai, Laio, e o esposo de sua própria mãe, Jocasta, Édipo arranca os próprios olhos e se abriga em um cômodo recluso de seu palácio, abdicando do trono. Nesse momento, então, Etéocles e Polinices firmam um pacto para dividir o centro do reino: a cada ano, um deles subiria ao poder, enquanto o outro deixaria a terra pátria como exilado. O intervalo de eventos coberto pela narrativa de Estácio estende-se desde a maldição lançada por Édipo contra seus filhos, antes mesmo de eles terem firmado o pacto de mando, até a morte de Creonte pelas mãos de Teseu, que buscava vingar as argivas proibidas pelo rei de velarem os corpos dos seus.

Canto Primeiro

Depois de um exórdio em que o narrador define os assuntos dos quais tratará em seu canto, a narrativa propriamente dita começa com Édipo, enfurecido pelo descaso de seus filhos em relação à sua situação, invocando Tisífone em uma maldição contra os herdeiros do trono e exigindo da Fúria que ela se coloque entre ambos para que eles rompam os laços fraternais que os unem. Na sequência, Júpiter reúne os deuses em celeste consílio para dar consentimento aos pedidos de Édipo, decidindo-se pelo extermínio de Tebas e Argos. Cumprindo as ordens de seu pai, Mercúrio baixa ao Hades para trazer, de lá, a sombra do velho Laio, o pai de Édipo, que deveria entregar a mensagem de Júpiter a Etéocles em Tebas. Enquanto isso, Polinices viaja de Tebas, na Beócia, para Argos, no Peloponeso, para cumprir seu ano de exílio enquanto Etéocles estivesse reinando em Tebas. Chegando em seu destino, aloja-se sob as portas do paço de Adrasto, rei argivo, onde trava uma batalha pelo abrigo com Tideu, que viajou, ao mesmo tempo, desde Cálidon, na Etólia, até Argos.

Acordado pela briga dos forasteiros, Adrasto deixa seu palácio e, após acalmá-los, recebe-os como seus hóspedes, reconhecendo, em ambos, os genros que Apolo lhe predissera em um augúrio de sentido ambíguo. Como estavam em uma noite de celebrações dedica-

das a Apolo, manda que refaçam o banquete para que Polinices e Tideu pudessem tomar parte no festim. Decide, então, para que se inteirassem dos motivos pelos quais os argivos dedicavam o dia ao deus, contar-lhes a história de como Apolo, cumprindo sua expiação pela morte de Píton, chegou em Argos e se apaixonou por Psâmate, filha do rei Crotopo, que ali o acolhera. Em sua relação com Psâmate, Apolo a teria deixado grávida de Lino, que foi morto ainda bebê por ter sido abandonado por sua mãe, que o fez temendo a reação de Crotopo. Irritado com a morte do filho, Apolo envia Pena, um monstro devorador de crianças, para vingar-se dos argivos.

Nisso, Corebo, um jovem e valoroso guerreiro, reunindo-se com um grupo de outros homens do reino, logra matar o monstro de Apolo, deixando ainda mais furioso o deus, que continua sua busca por vingança com outro ataque sobre a cidade e exige que o assassino de Pena se lhe apresente. Para que o sofrimento de seus concidadãos tivesse fim, então, Corebo decide entregar-se a Apolo, que acaba poupando-lhe a vida. Para que essa história não fosse esquecida, portanto, e para que a benevolência do deus em relação à cidade não se arrefecesse, Adrasto diz que os argivos honravam Apolo anualmente durante esse festival. Depois disso, o canto se encerra com um hino ao deus, entoado pelo próprio Adrasto.

Canto Segundo

Enquanto tinham vez os acontecimentos em Argos, Mercúrio retornava com a sombra de Laio em direção ao paço tebano. Lá chegando, Laio, disfarçando-se de Tirésias, fala a seu neto em sonho, avisando-lhe da chegada de Polinices em Argos e de sua recepção por Adrasto. Revela, ainda, que o rei pretendia entregar a mão de uma de suas filhas a ele e, a Tideu, com quem Polinices travara forte amizade, a mão de outra. Por fim, alerta que, entumescido por causa de seu sogro, Polinices pretendia marchar contra Tebas para tomar o trono do irmão, trazendo a esposa argiva para reinar no palácio cadmeu; e que era dever de Etéocles, como rei, proteger a cidade e manter seu irmão dali afastado, uma vez que pretendia, ao tomar-lhe o reino, não mais devolvê-lo, desrespeitando o acordo anteriormente firmado entre os dois. As palavras de Júpiter entregues pelo ancião surtem o efeito esperado, e Etéocles acorda ansiando a guerra contra Polinices.

Em Argos, Adrasto revela a Polinices e Tideu as intenções de entregar-lhes suas filhas, Argia e Deípila, em casamento. Honrados, os dois hóspedes aceitam a oferta e Polinices, somente nesse momento, sem mais poder escondê-la, cria coragem para revelar sua origem

labdácida. São iniciados, então, os preparativos para as bodas das filhas do rei, e toda a cidade se envolve na celebração. Durante o cortejo nupcial, um prodígio funesto se manifesta no templo de Palas em Argos, mas, embora tenha sido claramente percebido, é desconsiderado pelo rei, pelos noivos e pelos demais presentes. Na sequência, após a revelação de que Argia trazia o colar de Harmonia em seu pescoço, um presente que Polinices lhe dera, tem vez um breve catálogo dos crimes engendrados pelo mimo tebano, que é contextualizado pela história de sua confecção por Vulcano como uma forma de vingar-se da traição de sua esposa, Vênus, com Marte, o deus da guerra.

Um tempo depois das bodas, as ânsias de Polinices em relação ao trono tebano passam a ocupar-lhe a mente. Durante um consílio entre o sogro e seus dois genros, então, decidem-se os chefes por enviar Tideu até Tebas para que este, como um mensageiro, solicitasse, em nome de Polinices, o trono a Etéocles, uma vez que já se esgotara seu tempo de império por direito. Durante sua viagem, Tideu percorre os mesmos caminhos anteriormente trilhados por Polinices, chegando enfim ao palácio tebano. Depois de entregar a mensagem do edipônida a seu irmão, tendo-lhe sido negado o seu direito ao reino, Tideu deixa o paço em direção a Argos, mas é emboscado por cinquenta guerreiros escolhidos e enviados por Etéocles para matá-lo. Tem vez, então, a monomaquia de Tideu, momento em que o herói mata 49 dos 50 homens enviados contra ele, deixando vivo apenas Méon, incumbido de retornar a Tebas e contar ao rei o ocorrido. Depois de ser impedido por Atena de voltar sozinho a Tebas para vangloriar-se de seu feito diante de Etéocles e dos demais tebanos, Tideu ergue um altar em honra à deusa, sobre o qual depõe os espólios de sua batalha, encerrando o canto com um hino em louvor a Palas.

Canto Terceiro

Em Tebas, Etéocles estranha a demora de seus enviados e cogita o que pode ter acontecido durante a missão. Enquanto isso, Méon se aproxima dos muros da cidade, denunciando às mães que aguardavam seus filhos por sobre as muralhas o fracasso da incursão, por sua aparência lutuosa. O sobrevivente adentra, então, o palácio e entrega ao rei o recado de Tideu, suicidando-se ao final de seu relato. As mães e os parentes dos emboscados saem em busca dos corpos de seus filhos, e a narrativa detém-se sobre a busca de Ide, mãe dos tespiadas, pelos corpos dos dois irmãos. Ao encontrá-los mortos e abraçados um ao outro, lamenta sua sorte e se despede de seus filhos. Ao mesmo tempo, Júpiter convoca novamente

os deuses para um novo consílio, delegando a Marte a tarefa de acompanhar Tideu em seu retorno a Argos, ajudando-o a espalhar a notícia de sua emboscada e dando-lhe credibilidade. Adverte-os, ainda, que nenhum deus deve tentar impedi-lo de executar seus planos, nem interceder em favor de nenhum dos lados da guerra. Por conta disso, Vênus se dirige diretamente a Marte, pedindo-lhe que permaneça do lado dos tebanos, e o deus a acalma ao dizer-lhe estar do lado dos filhos de Cadmo e Harmonia.

Nesse tempo, Tideu retorna ao palácio de Adrasto, alardeando seu feito e a ousadia de Etéocles ao mandar que o emboscassem para todos aqueles que encontra durante sua jornada. Ao chegar em seu destino, irrompe pelas portas do paço exigindo de seus companheiros, ali reunidos por Adrasto, que respondessem imediatamente com guerra. Polinices discursa logo após seu cunhado, assumindo para si o fardo que o espera em Tebas, mas Adrasto acalma os ânimos e toma para si as decisões sobre a incursão contra Etéocles. Ordena, então, que Anfiarau e Melampo consultem os deuses sobre o futuro dos argivos na guerra, e os vates realizam seus rituais. Na primeira tentativa, lendo as entranhas de animais sacrificados, assustam-se com os augúrios, e decidem-se por uma ornitoscopia, que realizam do alto do Afesante. De lá, contudo, não recebem melhores prodígios, e Anfiarau testemunha o destino dos sete generais durante a guerra tebana: seis deles morreriam, inclusive ele próprio, e um apenas ficaria vivo – Adrasto.

Por causa dos resultados funestos de sua consulta, ambos os vates se encerram em suas respectivas casas decididos a não contar nem ao rei, nem ao povo sobre o futuro observado. Mas, depois de instado por Capaneu e por outros cidadãos que o acompanharam até a porta da casa do sacerdote, e depois de uma longa e agressiva discussão com Capaneu, Anfiarau revela o destino fatal da guerra para os argivos, sendo desacreditado, porém, pelas ímpias palavras de Capaneu. No fim do Canto, Argia decide intervir junto a seu pai pelo início da guerra, pedindo-lhe que acabasse, assim, com o sofrimento de seu marido. Adrasto, então, acalma a filha, dizendo-lhe que o destino não tardará em cumprir-se, mas que a espera é benéfica para seu intuito bélico.

Canto Quarto

Preparam-se os argivos para a viagem a Tebas. Feitas as despedidas, tem início um catálogo de heróis, no qual são apresentados os sete chefes argivos e suas tropas: Adrasto, Polinices, Tideu, Hipomedonte, Capaneu, Anfiarau e Partenoqueu. Antes da apresentação de

Anfiarau, porém, em uma digressão, o narrador descreve como o vate foi convencido de partir em uma jornada que ele sabia mortal para si próprio e para os seus: Argia, sabendo o quanto Erifile desejava o colar de Harmonia, seu presente de casamento, e que a incursão fracassaria se Anfiarau não partisse junto com os exércitos, entrega o colar a Polinices para que ele seja dado à esposa de Anfiarau. Assim, Estácio dá relevância ao colar de Harmonia na decisão de Erifile: porque ficou incumbida, quando se casou, de ter o voto de Minerva nos momentos em que seu marido, Anfiarau, e seu irmão, Adrasto, não entrassem em um consenso, o colar foi um subterfúgio para que escolhesse a partida do vate para Tebas. Depois da digressão, o catálogo continua, e Anfiarau é apresentado ao lado de seus guerreiros, assim como o jovem Partenopeu, que comandava os árcades. À apresentação de Partenopeu, ainda, segue-se uma cena envolvendo Atalanta, a mãe do jovem, que se desespera por causa da partida de seu filho ainda imberbe em missão bélica. Sem lograr convencê-lo da desistência, porém, Atalanta encerra o catálogo recomendando a Adrasto uma série de cuidados com o jovem.

Em Tebas, a Fama se ocupa de aumentar as notícias sobre a marcha dos argivos, fazendo crescer o pânico entre os cidadãos. Etéocles, também assustado, ordena a Tirésias que descubra a vontade dos deuses sobre o evento, ao que o vate acede, realizando uma necromancia com a ajuda de Manto, sua filha. Durante o ritual, encontra as sombras dos argivos em evidente luto, prevendo, com isso, a vitória tebana no embate. Ao perceber, porém, a sombra de Laio afastada das outras, demanda do avô de Etéocles a revelação do futuro de seu povo. Mas Laio, de maneira pouco clara, prevê a vitória de Édipo e das Fúrias na guerra. Logo após a necromancia, Baco, quando retornava para Tebas vindo de suas incursões no Hemo, vê o avanço das tropas argivas pelas florestas de Nêmea e, visando a dar tempo hábil a seus concidadãos para que se preparassem para a guerra, pede às Ninfas das águas de Nêmea que sequem suas fontes, detendo assim, pela sede, o avanço dos exércitos argivos.

Atormentados e esgotados pela sede, os guerreiros, sob o comando de Adrasto, vagam por Nêmea em busca de um curso de água com que possam se refrescar. Avistam, em sua procura, Hipsípila, a filha do rei Toas de Lemno que, escravizada, serve como nutriz de Ofeltes, o jovem filho de Eurídice e Licurgo, rei de Nêmea. Para mais rapidamente ajudar os generais e suas tropas, já quase derrotados pela sede, Hipsípila deixa Ofeltes brincando em meio à grama e conduz os exércitos até Langia, fonte a que Baco autorizara a manutenção de seu fluxo de água. Lá chegando, os guerreiros finalmente se deleitam nas águas da fonte, e o Canto se encerra com um hino de um dos chefes argivos, não nomeado, em louvor a Langia,

prometendo-lhe honras divinas se assim os recebesse quando retornassem vitoriosos da guerra contra Tebas.

Canto Quinto

O Canto se abre com o retorno das tropas argivas, ainda guiadas por Hipsípila, ao ponto em que haviam deixado o jovem Ofeltes brincando, uma vez que os homens e seus animais já satisfizeram sua sede. Na companhia de Hipsípila, Adrasto interpela a nutriz para que revele sua origem, conseguindo que ela enfim contasse sua história após longa insistência dos generais. A narrativa de Hipsípila compreende os momentos dos feitos realizados na ilha de Lemno, no nordeste do mar Egeu, desde quando as mulheres da cidade, exortadas por Vênus em um plano maligno, mataram todos os homens da ilha, até a partida dos argonautas, que ali aportaram logo após o incidente nefasto.

A narrativa começa com os motivos que levaram Vênus a vingar-se dos cidadãos da ilha de maneira tão violenta: durante os rituais anualmente celebrados em Lemno, a deusa nunca fora por eles honrada. Para punir todos os habitantes por sua ingratidão, então, resolve dar curso a seu plano. Sua primeira atitude é retirar os homens da ilha e, para isso, desperta neles os ardores bélicos, fazendo com que deixem sua pátria em direção à Trácia, onde planejam lutar contra seus antigos inimigos. Na ilha, enquanto esperavam a volta dos homens, as mulheres são convencidas por Polixo, durante um consílio, a matarem todos aqueles do sexo masculino que habitavam na cidade, vingando-se do mal que eles causaram deixando-as sozinhas durante todo tempo. Incitada por Vênus e pelas Fúrias, Polixo alega que a deusa planejava, para todas as lêmniatas, matrimônios melhores do que esses, bastando, para isso, que as mulheres fossem acometidas pelas mesmas dores que causaram à deusa por terem-lhe deixado sem suas honras. Infectadas pelas Fúrias, então, as mulheres da ilha decidem-se pela execução dos homens, e o crime é praticado na mesma noite em que eles retornaram vitoriosos para casa.

Em sua narrativa, Hipsípila descreve em detalhes alguns dos assassinatos que presenciou, e também como conseguiu livrar seu pai, o rei Toas, do morticínio, contando com a ajuda de Baco, o pai de Toas, para isso. Em seguida, relata o horror que tomou conta das habitantes tão logo elas tomaram consciência de seu feito – o que só aconteceu quando, satisfeitas, Vênus e as Fúrias deixaram Lemno –, e como esse horror, momentos depois de surgido, foi transformado em medo assim que avistaram uma embarcação desconhecida se apro-

ximando de seus portos. Apavoradas, então, as mulheres teriam assumido para si as armaduras e as armas dos homens que haviam matado, e, com a ajuda de uma tempestade enviada por Júpiter, empreenderam um ataque contra os desconhecidos, pensando ser uma vingança dos trácios por causa da derrota na guerra.

No entanto, aqueles que se aproximavam no barco não eram os trácios, mas os argonautas – os heróis que, sob os comandos de Jasão, viajavam em direção à Cólquida em busca do velocino de ouro. Atormentados que foram pelo ataque das lêmniãs e pela tempestade que assolava o mar, os bravos guerreiros não conseguiram reagir de maneira eficaz, e, após a tormenta e as lêmniãs acalmarem seu ímpeto, enfim conseguiram se aproximar da costa, sendo recebidos em paz naquelas praias. Por lá, então, acabaram se demorando por algum tempo, o suficiente para que deixassem uma nova prole de filhos para as mulheres já desesperançosas da continuidade de sua gente. Aproveitando uma melhora nas condições climáticas, levantaram novamente suas velas e retomaram sua jornada, deixando para trás as mulheres e os vindouros herdeiros – inclusive Hipsípila, que alega ter-se unido a Jasão a contragosto. Logo após a partida dos argonautas, contudo, o embuste de Hipsípila para salvar seu pai é descoberto e, temendo por sua vida, a jovem vaga pelas praias de Lemno até ser encontrada por uma frota pirata que se escondia em uma das baías da ilha. Tendo sido por eles sequestrada, foi então vendida como escrava para Licurgo, em Nêmea, onde toma conta do filho do rei.

Nesse momento, a narrativa de Hipsípila é interrompida pelo grito do pequeno Ofeltes, que, abandonado pela nutriz sobre a relva, foi mortalmente atingido por um golpe da cauda de uma serpente consagrada a Júpiter e que habitava aquele bosque, a qual, mais selvagem por causa da sede, procurava, com todo o seu ímpeto, por água. Hipsípila corre, então, em direção ao local onde deixara a criança, mas encontra apenas um rastro de sangue e os restos do corpo de Ofeltes, despedaçados pelo golpe recebido. Lamentando o ocorrido e se culpando por tê-lo deixado sozinho, Hipsípila chama Ofeltes de Arquêmore, nome pelo qual passa a ser conhecida a criança. Enquanto isso, os chefes argivos se assomam contra a serpente, realizando dois ataques para vencê-la: no primeiro, Hipomedonte não logra êxito; mas Capaneu, atacando-a logo na sequência, atinge mortalmente seu crânio.

A notícia da morte de Ofeltes chega ao paço de Licurgo no momento em que o rei, também um sacerdote, retornava de um rito feito em honra a Júpiter. Na sequência, surge Hipsípila, cercada pelos chefes argivos e acompanha pelas tropas que salvara, trazendo em

seus braços os membros exangues do pequeno Arquêmore. Ao ver a nutriz, tomado por um desejo de vingança, Licurgo se assoma contra Hipsípila, mas é contido pelos chefes argivos. Nisso, Adrasto ajuda a refrear os ânimos que se exaltavam entre aqueles que ansiavam pela morte de Hipsípila, e os que alegavam que ela estava sendo protegida. Depois da fala de Adrasto, tendo reconhecido o nome de sua mãe e de seu avô nas palavras do rei argivo, os dois filhos de Hipsípila e Jasão, que ainda há pouco haviam sido recebidos por Licurgo como hóspedes, reencontram sua mãe. O Canto, então, se encerra com um discurso de Anfiarau, em que o vate expõe os desígnios do fado de Arquêmore e acalma os presentes.

Canto Sexto

O Canto começa com a decisão dos chefes argivos pela celebração de jogos fúnebres em honra a Arquêmore. Depois disso, suas exéquias começam a ser preparadas, e são descritos o leito fúnebre que receberá seu corpo e também o andor em que ele será carregado durante o cortejo até o local da cremação. Na sequência, abre-se um breve catálogo onde são enumeradas as árvores derrubadas para a construção da pira funerária. Tendo chegado o momento da cremação, Eurídice e, em seguida, Licurgo lamentam pela morte precoce de seu pequeno filho; a pira é então acesa, e as tropas argivas prestam suas homenagens ao morto, primeiro de acordo com seus próprios costumes, e depois conforme o uso dos nemeus – por instrução dos próprios sacerdotes do reino. Por fim, é descrito o monumento erguido sobre a pira em homenagem à criança.

Depois dos ritos, as tropas argivas preparam-se para a disputa dos jogos; são descritas, então, as imagens dos antepassados argivos que serão expostas durante as competições, e se abre o certame. A primeira delas, a corrida de bigas, é acompanhada de perto por Apolo, que assiste à disputa; participam da prova Polinices, Anfiarau, Admeto, Toas e Eneu – os filhos de Hipsípila –, Crômis e Hipomedonte. Com a ajuda de Apolo, Anfiarau vence a corrida, derrotando Polinices, incapaz de controlar Aríon, o cavalo que Adrasto lhe emprestou para a disputa. Após a distribuição de prêmios para o vencedor e para os outros competidores, são apresentados os adversários para a corrida a pé: Idas, Álcon, Fédimo, Dimas e Partenoheu. Durante a prova, Idas segura Partenoheu por seus cabelos e acaba vencendo o certame. Para refrear os ânimos que se inflamaram de ambos os lados, Adrasto sugere que uma nova corrida seja realizada, da qual Partenoheu se sagra vencedor.

Para o arremesso de disco, apresentam-se Hipomedonte, Flégias e Menesteu; a dis-

puta é vencida por Hipomedonte. Para o pugilato, prontamente escolhido por Capaneu, apenas Alcídamas se apresenta como adversário, pois que todos temem a ferocidade do rival. Após longa e cansativa luta, Adrasto interrompe o combate momentos antes de Capaneu acabar com a vida de Alcídamas, deixando em aberto quem seria o vencedor de tão árdua disputa. Tideu e Agileu, na sequência, se preparam para a luta com os corpos cobertos de óleo, na qual o calidônio se consagra como vencedor. Por fim, Polinices e Agreu se dispõem para o combate de espadas, mas Adrasto, temendo pelo futuro de seu genro, impede que a disputa aconteça, e o encerramento dos jogos é anunciado. O Canto se encerra com uma digressão sobre a natureza dos presságios e a interpretação do portentoso que marca o final das disputas.

Canto Sétimo

Júpiter se irrita com a demora dos exércitos argivos em Nêmea, o que atrasa seus planos com a guerra. Para que as tropas retomem a marcha, ordena a Mercúrio que o deus se dirija até o palácio de Marte, na Trácia, ordenando-lhe que apresse os argivos para recomeçarem sua viagem. Enquanto isso, em Nêmea, Adrasto pede a Arquêmore que ajude os argivos na guerra, prometendo-lhe honras divinas se retornassem vitoriosos de sua empresa. Marte, então, cumprindo as ordens de seu pai, envia Pânico entre os homens de Adrasto, que decidem, assustados com sua demora em Nêmea, por recomeçar a incursão rumo a Tebas. Enquanto isso, no Olimpo, Baco busca interceder pelos tebanos junto a Júpiter, que acalma seu filho dizendo-lhe que não pretende, apesar de tudo, que Tebas seja totalmente destruída.

Em Tebas, sabendo da retomada da marcha por parte dos argivos, Etéocles ordena que seus aliados sejam reunidos. Antígone, logo em seguida, pede ao velho Forbas que observe a reunião das tropas de Etéocles em torno de Tebas; em uma *teichoscopia*, então, o ancião revela a Antígone quais exércitos acederam ao pedido do rei, dando início ao catálogo dos heróis tebanos. São sete os contingentes nomeados por Forbas: cinco deles oriundos da própria Beócia; um vindo da Fócida, e o último, da Eubeia. A quantidade de contingentes, contudo, ao contrário do que se possa pensar, não está diretamente relacionada ao número de portas nos muros de Tebas, mas ao número de exércitos que marcham sob a bandeira argiva. A proteção das portas ficará ao encargo de: Etéocles, Creonte, Hémon, Meneceu, Hipseu, Drí- as e Eurimedonte – e somente os últimos três figuram listados no catálogo de Forbas. For-

mam o exército tebano: as tropas de Drías; as de Eurimedonte; um contingente que marcha sob o comando de um Anfíon, de Tebas; tropas vindas do entorno do monte Hélicon; as tropas de Hipseu, filho do rio Asopo; as vindas da Fócida e as da Eubeia. Depois de reunirem-se diante das muralhas tebanas, Etéocles assume postura de general e se dirige aos homens para exortá-los à batalha.

De volta às tropas argivas, o fim de sua marcha é descrito como simultâneo aos eventos que ocorrem em Tebas. O aguilhão da ira os conduz sem desvios rumo às portas da cidade, e nem mesmo uma série de portentos funestos enviados pelos deuses conseguem dissuadi-los de seu objetivo. A fronteira final para a batalha, o rio Asopo, é então cruzada pelos guerreiros após o incentivo de Hipomedonte, que se lança em meio às águas para exortar os companheiros. Depois disso, os argivos erguem seu acampamento em uma montanha de onde conseguem observar os movimentos da urbe adversária. Com a aproximação dos inimigos e seu estabelecimento no entorno da cidade, o terror toma conta dos tebanos durante a noite, e Tisífone se encarrega de espalhá-lo para todos os que estão encerrados dentro dos muros de Tebas.

Nesse cenário, Jocasta decide intervir entre seus filhos, dirigindo-se ao acampamento argivo com o intuito de convencer Polínicês a encontrar-se com seu irmão sob uma trégua, para que o problema fosse resolvido sem o derramamento de sangue. Tideu, porém, reagindo à investida de Jocasta, consegue reacender os ardores bélicos de seus homens, e uma intervenção divina faz com que seu frenesi aumente ainda mais, obrigando Jocasta a abandonar o acampamento e seus planos: um par de tigres devotados a Baco e adorados pelos tebanos, acossados pelas Fúrias, matam três soldados do exército argivo. Diante disso, Aconteu, soldado calidônio, logra matar ambos os tigres, mas é morto por Fegeu, um sacerdote tebano de Baco. Ambos os exércitos, por consequência, entram em uma luta desordenada.

Após uma invocação às musas, a série de combates se abre com as lutas do tebano Pterelas contra Tideu, que vence seu inimigo, e de Euneu e Capaneu, vencida pelo argivo. Tem vez, então, a aristeia de Anfiarau; depois de matar um grande número de inimigos, o vate de Apolo, assistido pelo deus, trava combate com Hipseu, o filho do rio Asopo. Depois de uma longa batalha entre ambos, a terra sobre a qual estavam se abre e, cumprindo seu destino, Anfiarau, ainda vivo, mergulha com sua carruagem no mundo das trevas, dando curso aos fados que previu ao lado de Melampo durante o Canto Terceiro.

Canto Oitavo

O Canto se abre com Anfiarau descendo em direção às moradas de Plutão. As sombras do Hades se assustam com o que presenciam e Plutão, vendo entrar em seus reinos um homem ainda vivo, se enfurece, e após lançar uma série de ameaças contra Júpiter, exige explicações do deus dos vivos. Sobre a terra, assustados, os argivos buscam por Anfiarau, sem entender o que aconteceu com o chefe. Embora acoitados à luta, nem mesmo seus cavalos têm o mesmo ímpeto que ainda há pouco apresentavam, e então a Noite se aproxima e interrompe a batalha. Por um lado, os argivos lamentam a sorte de seu chefe; por outro, ao contrário, os tebanos exultam pelos resultados do primeiro dia, entoando hinos em honra dos deuses e louvando Baco e Hércules, cidadãos tebanos.

Adrasto, no amanhecer, convoca um consílio para que fosse escolhido um novo general para o lugar de Anfiarau; por votação, Teódamas é eleito para seu lugar. E mal recebe as honras sacerdotais, procede a um ritual dedicado à Terra, pedindo para que ela lhes fosse propícia nas batalhas vindouras. Ambos os exércitos, então, preparam-se para o novo embate. Do lado argivo, Tideu se destaca em meio aos combatentes, ajudado por Atena; do lado tebano, é Hémon quem se sobressai, ajudado por Hércules. Porém, quando os deuses se encontram em meio à arena, Hércules, em respeito à deusa, desiste de sua empreitada, e deixa Hémon sozinho no campo de batalha. Ao lado de Atena e sem par, então, Tideu se distingue no combate, tirando a vida a um grande número de inimigos, inclusive de Átis, o esposo de Ismene. Confiante, dirige-se ofensivamente contra Etéocles, ao que o rei responde com uma lança atirada na direção do calidônio; atento, Tideu consegue evitar o tiro e responde com outra lança brandida contra o tebano, que é salvo pelas Fúrias. Após novo sucesso sobre vários de seus inimigos, Tideu é ferido mortalmente pelo tebano Melanipo.

Atingido, Tideu envia, em direção a Melanipo, outra lança, que também fere mortalmente seu inimigo; enquanto morre, porém, não pede exéquias a seus companheiros, nem mesmo que lhe conservem o corpo para o funeral; tomado pelo furor, pede que lhe tragam, antes que morra, a cabeça de seu algoz como compensação. Capaneu, então, encontra Melanipo ainda respirando entre os homens e leva seu corpo a Tideu; diante do herói calidônio, a cabeça do tebano é cortada e entregue a ele, que se regozija em ver a morte estampada nos olhos de seu inimigo. Enquanto isso, Atena se aproximava de Tideu, trazendo-lhe a glória imortal que ela havia conseguido para ele junto a Júpiter; Tisífone, porém, desejando selva-geria maior, induz Tideu a devorar o cérebro de Melanipo, e Atena o encontra com os dentes

cravados na cabeça do tebano. O canto se encerra com a deusa fugindo diante de tamanha selvageria e abandonando Tideu, dirigindo-se ao rio Ilisso, em Atenas, para lavar seus olhos e livrá-los de tamanho horror.

Canto Nono

Os tebanos se agitam por causa do horror cometido por Tideu contra um dos seus; vendo seus homens inflamados, Etéocles se aproveita da situação e encoraja ainda mais suas tropas. Enquanto isso, do lado argivo, Polinices é informado da morte de seu companheiro e, após um longo lamento, deseja a própria morte, armando-se para o suicídio; antes de executá-lo, contudo, é impedido por Adrasto, que dele demove a ideia. Nesse ínterim, aproxima-se do corpo de Tideu uma tropa de tebanos, exortados que foram por Etéocles. Hipomedonte, porém, consegue fazer com que os inimigos recuem, mas é enganado por Tisífone, que assume as feições do tebano Hilas e, aproximando-se dele, diz-lhe que, enquanto protege os argivos mortos, o próprio Adrasto foi sequestrado por um bando de tebanos, e agora grita desesperado pedindo por sua ajuda. Tomado de medo, então, Hipomedonte deixa os corpos sob a guarda de seus companheiros e sai em busca de Adrasto. Quando se dá conta de que foi enganado, vendo Adrasto a salvo sobre sua biga, os tebanos já estavam em posse do corpo de Tideu.

Ainda mais furioso, Hipomedonte, comandando as tropas de Tideu, avança contra os tebanos, obrigando-os a recuar até as margem do rio Ismeno. Sem temores, se lança ao rio, dando início à sua aristeia. Por causa da quantidade de inimigos que matou, faz com as águas do Ismeno fiquem avermelhadas, corrompendo o rio; além disso, entre suas vítimas, soma ainda Creneu, um jovem guerreiro que era neto do Ismeno. Pelas impiedades de Hipomedonte, então, e também pela morte de seu neto, o rio decide vingar-se e aumenta seu volume no intuito de afogar o argivo. Juno, vendo a cena, intervém junto a Júpiter e pede para que Hipomedonte, guerreiro valoroso, possa ter uma morte digna de sua grandeza, ao que pai dos deuses assente, obrigando o rio a retornar a seu fluxo normal. Enfraquecido, porém, Hipomedonte é alvo fácil para os tebanos postados às margens do Ismeno, sendo morto por uma grande quantidade de golpes. Nisso, Hipseu rouba-lhe a espada e o elmo, exibindo os espólios a seus companheiros. Vendo o feito, Capaneu atira sua lança contra Hipseu e logra matá-lo, recuperando os espólios de Hipomedonte, os quais, acrescidos do escudo do tebano, deita por sobre o corpo do companheiro para que sejam levados junto com ele para a pira

funerária.

Na sequência, a narrativa mostra Atalanta, a mãe de Partenoheu, sendo atormentada por uma série de sonhos funestos que predizem a morte de seu filho. Apavorada, ela pede a Diana, de quem é devota, para que a deusa salve seu filho durante a batalha. Compadecida, Diana resolve atender o pedido de Atalanta, e se apressa em direção a Tebas. No caminho, porém, encontra Apolo, seu irmão, se lamentando pela morte de Anfiarau, seu sacerdote. O deus frecheiro, então, adverte a irmã de que é impossível mudar os fados dos homens, até mesmo para os deuses. Mas Diana decide-se a ajudar o jovem Partenoheu a, ao menos, ter uma morte honrosa enquanto guerreiro, e, ao chegar em Tebas, troca as flechas da fáretra do inexperiente combatente por outras, que ela mesma havia consagrado, e aproveita para encantar também seu cavalo, de modo que o guiasse por entre as fileiras com agilidade.

Com isso, Partenoheu desponta em meio ao combate, dando fim à vida de um grande número de inimigos. E sua aristeia continuaria irrefreável se Vênus, indignada com a ajuda de Diana aos argivos, não instasse Marte a tomar uma atitude contra a deusa caçadora. Este, então, expulsa Diana do campo de batalha e, para que fosse dado fim ao momento glorioso de Partenoheu, escolhe Drías entre seus soldados. Inspirado por Marte, o guerreiro lança suas flechas contra Partenoheu e o atinge mortalmente; misteriosamente, porém, Drías também sucumbe, mas sem que saiba quem o atingiu ou qual ferimento causou-lhe a morte. Depois disso, o canto se encerra com Partenoheu, moribundo, nos braços de Dorceu, a quem pede e instrui para que informasse sua mãe de sua morte sem causar a ela mais sofrimentos.

Canto Décimo

A noite cai sobre o campo de batalha, e os exércitos se retiram para seus acampamentos; os argivos, tristes pela perda de quatro de seus príncipes: Anfiarau, Tideu, Hipomedonte e Partenoheu; os tebanos, por seu turno, embora também sentidos pela perda de seus heróis, exultantes pelos chefes argivos derrotados. Confiante, Etéocles ordena que os homens descansem e cancela a vigília noturna de seu próprio acampamento, delegando um grupo para que mantivesse acesas as chamas, de modo que os argivos não pensassem que eles teriam desistido da guerra, e também para observar se os argivos, atormentados por suas perdas, não bateriam em retirada durante a noite. No Olimpo, Juno decide atender aos pedidos das desesperadas matronas argivas, que lhe rogavam pela proteção dos seus, e envia

Íris até Sono. Este, atendendo aos comandos da deusa, infunde, nos tebanos vigilantes, um profundo torpor, e todos caem em um pesado sono.

No castro argivo, Adrasto convoca um novo consílio. Enquanto isso, Teódamas é tomado pelo frenesi apolíneo, e um augúrio se lhe revela: o próprio Anfiarau, ele defende, surgiu-lhe para alertá-lo sobre o descanso dos tebanos, que restavam em sono pesado no acampamento. Inflamados pela possibilidade de atacar os tebanos durante a noite e, assim, vingar-se de seus próprios mortos, os argivos se aprestam para marchar contra o castro inimigo. Adrasto, porém, advertindo tratar-se de uma emboscada, cujo sucesso dependia da discrição e do silêncio, os acalma, e Teódamas escolhe 30 homens; com outros dois chefes (Agileu e Actor), dirigem-se ao acampamento inimigo. O plano corre sem problemas, e os tebanos são presas fáceis para suas espadas, morrendo um a um. Já se aproximando a Aurora, Actor adverte Teódamas, que ordena a retirada de seus homens do acampamento inimigo, uma vez que fora grande sua vitória na incursão noturna. Retornam os homens.

Dentre eles, porém, Hopleu, que fora guiado por Tideu, e Dimas, comandado por Partenoheu, decidem, por si, retornar ao campo dos mortos argivos que estavam em poder dos tebanos para recuperar os corpos de seus chefes. Durante a busca, são ajudados pelos primeiros raios da Aurora e por um raio enviado por Júpiter, que ilumina o céu e faz com que, prontamente, os guerreiros reconheçam os corpos de seus chefes. Com isso, então, se separam para cumprirem a missão. Do lado tebano, no entanto, Anfíon cavalgava pelo castro com seus comandados para o reconhecimento de seu terreno; o primeiro dos argivos a ser descoberto foi Hopleu, que foi mortalmente atingido por uma flecha, caindo já morto por sobre o corpo de Tideu. Na sequência, encontram Dimas, que suplica por sua vida; oferecendo-lhe o corpo de Partenoheu se ele entregasse os planos dos argivos, Anfíon tenta persuadi-lo, mas, recusando-se a entregar seus companheiros, Dimas crava a própria espada em seu peito e cai, também morto, sobre o cadáver de Partenoheu.

Anfíon, então, manda que avisem Etéocles sobre a descoberta e, de próprio punho, arranca a cabeça de Dimas e Hopleu, pretendendo levá-las ao castro inimigo para insultar os argivos. Do alto das muralhas, porém, são avistados Teódamas e seus homens voltando com as espadas e os corpos banhados de sangue tebano, denunciando o sucesso da empresa noturna. Diante da reação dos argivos, Anfíon bate em retirada em direção a Tebas, percebendo o castro dos seus transformado em uma grande aglomeração de corpos já sem vida. Tendo ouvido os relatos de Teódamas, os argivos se apressam em direção a Tebas, e por pouco

não chegam às muralhas a tempo de adentrarem a cidade por suas portas ainda abertas. A urbe, porém, é cercada, e os argivos ameaçam as muralhas com todo o tipo de artifícios dos quais dispunham.

Amedrontados, os tebanos imploram pela ajuda de Tirésias, que imediatamente ordena a Manto que se acendam as chamas dos altares; após descrevê-las a seu pai, o vate declara que somente sangue humano poderia expiar o sangue da serpente de Marte morta por Cadmo quando da fundação de Tebas: o único modo de salvar a cidade seria, então, a morte do último dos descendentes dos Espartos: Meneceu, filho de Creonte. E Creonte, que assistia ao ritual de Tirésias, tenta evitar que o vate termine suas predições, mas já era tarde, pois Rumor já fizera espalharem-se por Tebas as palavras de Tirésias. Meneceu lutava em uma das torres de Tebas, matando vários inimigos em sequência, quando a própria Virtude veio dos céus e revelou ao jovem seu destino: sua morte salvaria a cidade. Sem temer, então, Meneceu de pronto obedece e se atira do alto da torre, transformando-se em nome sagrado para os tebanos. Seu corpo é trocado por outro com os argivos e, enquanto a cidade se ocupa das honras ao novo herói, Capaneu encosta uma escada em uma das partes da muralha tebanas e, resistindo aos ataques contra ele, avança em direção ao alto.

Convencido do sucesso de sua empreitada, Capaneu desdenha dos inimigos e, não satisfeito, impreca contra os próprios deuses, especialmente contra Júpiter. O deus maior, então, é cobrado pelos outros deuses, que o circundavam, a tomar uma atitude contra Capaneu, não permitindo a um humano tamanha ousadia. Convencido, Júpiter faz com que uma tempestade se forme em torno da torre atacada por Capaneu, que, sem temer o deus, retoma suas ofensas contra os céus e contra os tebanos. Jove, então, lança, com toda a sua força, um raio sobre Capaneu, que, mesmo atingido, ainda se segura nas estruturas da torre, quase demandando um segundo raio do deus para que viesse finalmente ao chão. Tomba, porém, e com isso o canto se encerra.

Canto Décimo Primeiro

Apavorados com o fado de Capaneu, os argivos se apressam em direção a seu acampamento, deixando para trás o campo de batalha. Tisífone, então, satisfeita, decide dar um fim à guerra e convoca, desde o Hades, uma de suas irmãs, Megera, para que ambas as Fúrias dividam as tarefas finais do combate. Megera fica encarregada de inflamar em Polinices o anseio por dar logo um fim à guerra enfrentando seu irmão em um duelo; Tisífone, por sua

vez, encarregou-se de cumprir o mesmo objetivo, mas instando Etéocles em Tebas. A narrativa acompanha primeiro Megera, que encontra Polinices aflito com seu fado: se deveria fugir ou enfrentar seu irmão diretamente para impedir novas mortes no campo de batalha. Disfarçada como o espectro de Argia, Megera surge-lhe como se sua esposa estivesse de luto por sua morte; Polinices fica em dúvida diante do sinal recebido, mas depois de ser tocado pelo facho da Fúria, se decide pelo duelo e corre em direção a Adrasto para contar-lhe sobre sua sentença. Adrasto tenta dissuadi-lo, mas é impedido por novo rompante de Polinices, que se apresta para a partida.

Em Tebas, Etéocles realizava um ritual em honra a Júpiter, crendo um sinal prodigioso a morte de Capaneu fulminado por um raio. Em seus altares, contudo, não estava o deus, mas Tisífone, que provoca uma série de presságios apavorantes diante do rei. Tirésias ordena que os rituais sejam refeitos, mas antes disso Épito surge diante de Etéocles dizendo-lhe que Polinices, armado, circunda os muros de Tebas, lançando desafios a Etéocles e planejando uma luta entre os dois pelo poder sobre a cidade. Enquanto Etéocles titubeava diante das atitudes que poderia tomar, Creonte, que acompanhava o ritual, atormentado pela imagem de seu filho morto, diz a Etéocles ser o seu dever aceitar o desafio, enfrentar o irmão e dar a vitória aos tebanos como uma forma de compensação por tamanhas perdas provocadas pela guerra. Após ouvi-lo, Etéocles finalmente decide enfrentar Polinices e ordena aos servos que lhe tragam suas armas.

Ao saber dos planos de seus filhos, Jocasta tenta novamente dissuadi-los; para isso, corre em direção a Etéocles, buscando convencê-lo a desistir do desafio, mas seus esforços resultam inúteis. De outro lado, Antígone, do alto de uma das torres de Tebas, tenta convencer Polinices a desistir da ideia dizendo que Etéocles não aceitou seu chamado. Quando estava quase conseguindo, porém, Tisífone faz com que Etéocles se lance pelas portas da cidade, dizendo-se presente para a disputa com seu irmão. Vendo-os já preparados e dispostos, Adrasto busca intervir, cedendo seu poder sobre Argos e Lerna a Polinices; mas, sem obter qualquer resposta de seu genro, desiste e abandona seus homens no campo de batalha, retornando derrotado para Argos. Até mesmo a Fortuna, diante do embate, recua, tornando inócuos os primeiros avanços de um contra o outro, atrasando assim o início da luta nefasta. Aproveitando a chance, a Piedade (*Pietas*) desce dos céus e se põe entre ambos, que são tomados de um súbito horror pela situação em que se encontram. Sem perder o controle sobre a situação, contudo, Tisífone expulsa Pietas, e faz com que o combate reinicie rapidamente.

Tomados por um ódio ainda maior, Polinices e Etéocles desferem golpes um contra o outro, e por conta do furor com que empreendem seus ataques, caem ambos no chão. Já ferido, Etéocles finge sua morte ao irmão, que, crente em sua vitória, demanda que lhe tragam o cetro e a coroa para que o irmão o veja sendo coroado. No entanto, ao distrair-se, Etéocles o atinge com sua espada, e ambos morrem um por sobre o outro. Após breve apóstrofe do narrador às sombras de Polinices e Etéocles, Édipo deixa o quarto recluso onde se encerrara logo após amaldiçoar seus filhos e pede que Antígone o conduza até os corpos de seus dois filhos. Depois de muito lamentar-se diante de ambos, pede que lhe entreguem uma espada para que então possa unir-se aos dois, mesmo que depois de morto; mas Antígone evita que seu objetivo seja cumprido, afastando dali as armas. Jocasta, por sua vez, antes mesmo de seus filhos matarem um ao outro, trancou-se em seu quarto com a espada que pertencera a Laio e tirou a própria vida.

Uma vez mortos os irmãos, Creonte assume o cetro, e sua primeira ordem é proibir as honras fúnebres a qualquer um dos argivos mortos em batalha, e mesmo a Polinices. Na sequência, ordena a Édipo que deixe as fronteiras de Tebas; este, porém, irritado com as ordens do novo rei, ofende Creonte, e exige que o rei lhe forneça um guia para que possa deixar a cidade. Antígone intervém entre ambos, pedindo a Creonte que seja benevolente com seu pai, concedendo que ela possa cuidar dele e que os tebanos todos possam ser enterrados dentro dos muros da cidade, em uma tentativa de conseguir que Polinices fosse sepultado com as honras que merece. Creonte, porém, só concede que Édipo seja mantido nas proximidades de Tebas, mas sem infectar-lhe os muros com sua presença. O canto se encerra com os argivos deixando, derrotados, os acampamentos.

Canto Décimo Segundo

Os tebanos realizam os funerais de seus mortos, e Etéocles é cremado com as honras de um príncipe. Mais honrosa, porém, é a pira em que Creonte crema Meneceu, seu filho, composta pelos espólios de todos os argivos mortos durante a batalha: seus carros, suas armas e todos os objetos deixados para trás. Feito isso, reforça suas ordens para que os argivos não recebam honras fúnebres, e nem Polinices, que marchou contra sua própria cidade. Para garantir o cumprimento de sua ordem, delega guardas para que tomem conta dos corpos abandonados ao relento.

Enquanto isso, uma turba lutuosa de matronas argivas deixa Argos, sob o comando de Argia, em direção a Tebas, com o intuito de dar as exéquias a seus entes queridos que lá pereceram. Antes de chegarem a seu destino, encontram o argivo Órnito, que se distanciara de seus companheiros por causa de um ferimento que lhe retardava os passos. Órnito, então, revela às matronas as ordens de Creonte, afirmando-lhe a selvageria e as aconselhando para que retornassem e, em Argos, honrassem seus mortos com túmulos vazios; ou que, ao contrário, marchassem até Atenas para pedir a interseção de Teseu, que retornava vitorioso de uma batalha contra as amazonas. Após a fala de Órnito, as argivas divergem entre si: parte quer continuar rumo a Tebas, parte pretende pedir ajuda a Teseu, e parte já se convenceu de retornar, de mãos vazias, para Argos. Argia, então, assume o controle da situação e convence as mulheres a marcharem para Atenas com o intuito de pedir a ajuda de Teseu contra Creonte. Ela, contudo, acompanhada apenas por Menetes, decide continuar o caminho para Tebas, e se apressa na mesma direção pela qual Órnito se aproximou.

Argia e Menetes chegam ao local da batalha durante a noite, o que os impede de achar o corpo de Polinices. Juno, então, tomada de compaixão, pede à Lua que ilumine o campo e faz com que os guardas delegados por Creonte caiam no sono. Com o brilho da Lua, Argia distingue a clâmide de Polinices e toma o corpo de seu marido em seus braços. No mesmo momento, Antígone deixa os muros de Tebas escondida, com o mesmo intuito de conceder a seu irmão as merecidas exéquias. Quando vê Argia, que não conhecia, com o corpo de Polinices no colo, se assusta; e o mesmo ocorre com Argia, que também não a conhecia. Após o susto, se apresentam e, por fim, compartilham suas dores e lamentos. Menetes, então, se apressa, dizendo que a Aurora já se aproximava. Juntas, ambas conduzem o corpo de Polinices até o Ismeno para lavar-lhe os ferimentos e, feito isso, deitam-no sobre a única pira em que a brasa ainda ardia. Mas assim que depõem o corpo, duas línguas de fogo se erguem e reencenam a batalha entre os irmãos: era, pois, a pira de Etéocles, e nem a morte foi capaz de arrefecer-lhes o ódio. Como um agouro, a terra toda treme, e os guardas despertam de seu sono e descobrem Argia e Antígone; seguindo as ordens de Creonte, conduzem-nas até o rei para que sejam punidas.

Enquanto isso, guiadas por Juno, as matronas argivas chegam em Atenas. Após a deusa ensinar-lhes como deveriam portar-se, e distribuir-lhes ramos de oliveiras para que exibissem enquanto adentravam a cidade, bem como ordenar-lhes que levassem, diante de si, urnas funerárias vazias, as conduz até o altar de Misericórdia, onde elas, por fim, se pos-

tam. No mesmo momento, Teseu entrava pela cidade triunfante, logo após ter vencido a guerra contra as amazonas. Durante seu desfile de triunfo, percebe e estranha aquelas estrangeiras diante do altar de Misericórdia, e Evadne, a viúva de Capaneu, conta ao rei ateniense os motivos que para ali as levaram. Compadecido de sua dor e enfurecido pela postura de Creonte, ordena a Fegeu que se dirija imediatamente a Tebas e avise ao rei que, caso ele não devolva os corpos dos argivos a suas esposas, a guerra contra Tebas estaria decretada.

Fegeu parte e chega em Tebas no exato momento em que Argia e Antígone seriam punidas pelas exéquias prestadas a Polinices. Transmite, então, ao rei, as palavras de Teseu, e antes mesmo de ter sua resposta, o rei ateniense já era visto se aproximando da cidade. Os tebanos, então, se armam, mas, sem qualquer disposição para uma nova batalha, sucumbem facilmente diante de Teseu. O ateniense chama por Creonte, que se apresenta sozinho diante do rei estrangeiro, uma vez que seus homens resolvem abandoná-lo. Inflamado pela certeza da morte iminente, Creonte lança ataque contra Teseu, que ri do esforço inútil de seu oponente e o mata com sua lança. Os tebanos, passivos, aceitam o fado de seu recém-entronado rei e declaram Teseu como um visitante bem-vindo a Tebas. Chegam, nisso, as matronas e, percebendo a vitória de Teseu sobre Creonte, não sabem se correm em direção ao rei para agradecê-lo, ou se empreendem a busca pelos corpos dos seus.

Na sequência, o narrador diz não ser capaz de cantar tantos e tão variados funerais com justiça, e deixa de lado sua história para encerrar o canto e o poema com um epílogo direcionado à própria *Tebaida*, expressando seus desejos de vida longa à obra e ordenando-lhe, ainda, que siga os rastros da *Eneida* de Virgílio, mas sem alcançá-la.

1.3. A *Tebaida* e o maneirismo em questão

Estácio parece ter dedicado boa parte de sua vida à *Tebaida*. Nascido por volta do ano 50 e provavelmente falecido em 95 ou 96 (cf. seção 1.1.), empregou doze de seus cerca de 45 anos de vida na composição e na revisão de sua obra magna, como ele próprio declara: *durabisne procul dominoque legere superstes, / o mihi bisenos multum uigilata per annos / Thebai?* (*Theb.* 12.810-2 – “Vais chegar longe e, ao dono excedendo, ser lida, / ó, por doze anos muito por mim vigiada, / *Tebaida*?”); *quippe te fido monitore nostra / Thebais multa cruciata lima / temptat audaci fide Mantuanae / gaudia famae* (*Silv.* 4.7.25-8 – “por certo, contigo por fiel men-

tor, / nossa Tebaida, por lima assídua aflita, / com ousada confiança tenta do Mantuano / o gáudio da fama”). Quanto a seu período de composição, assim como à data de publicação, as afirmações são incertas, mas baseadas em evidências textuais encontradas na própria obra: uma vez que, em seu elogio a Domiciano (*Theb.* 1.17-32), Estácio refere-se às vitórias do imperador conquistadas durante a década de 80 (*Theb.* 1.18-20), mas não àquela contra os sármatas em 92-3⁸ – à qual se refere em *Silv.* 3.3.170-1: *quae modo Marcomanos post horrida bella uagosque, / Sauromatas Latio non est dignata triumpho* (“com a qual, há pouco, os Marcômanos, depois de horrenda guerra, e os nômades / sármatas não foram, de um triunfo Latino, considerados dignos”) –, costuma-se estabelecer o ano de 92 como o *terminus ante quem* para a publicação do poema⁹, levando-se a crer, portanto, que se tenha ocupado desde 80 com a elaboração e a revisão de seu épico.

No tocante à recepção que teve entre seus contemporâneos, porém, nenhuma menção direta a Estácio ou à *Tebaida* é feita por Quintiliano, Valério Flaco, Sílio Itálico ou mesmo Marcial. Há um único testemunho, deixado por Juvenal em uma de suas *Saturae* (7.82-6), no qual o poeta evoca de maneira bastante irônica as recitações feitas por Estácio¹⁰ como um indício da venalidade de seu talento. Para isso, como sugere E. Courtney (2013[1980], p. 314), nos versos do passo, Juvenal emprega termos cujos sentidos estão impregnados pelo uso que deles fizeram os elegíacos romanos, como Ovídio e Propércio¹¹:

⁸ De acordo com J. P. Sullivan (2004[1991], p. 135), a campanha contra os sármatas teria ocorrido entre maio de 92 e janeiro de 93.

⁹ Não que a data não possa ser contestada, levando-se em conta especialmente a referência aos doze anos durante os quais trabalhou sobre a obra (*Theb.* 12.810-2). Como aponta Gervais (2013, p. 9 n. 30), o período pode ter sido escolhido pela conveniência em fazer equivaler, a cada ano de trabalho, um dos cantos do poema, ou ainda em referência aos onze anos que Virgílio teria levado na composição de sua *Eneida* (cf. Suet. *Vita. Verg.* 25), ou, até mesmo, como uma forma de indicar a maturidade de sua criação, uma vez que a idade de doze anos era considerada o limite mínimo legal para que uma menina pudesse casar-se.

¹⁰ Às quais o próprio Estácio se refere (*Silv.* 5.2.163; 5.3.215).

¹¹ Assim, então, o *amicae* com que se refere à Tebaida (7.82) faz ecoar seu uso pelos elegíacos para referirem-se a suas amadas, como em Propércio (2.29b.31): *“quid tu matutinus,” ait “speculator amicae?”* (“Por que, madrugador, espionar a amiga?” – trad. Guilherme Flores); e Ovídio (*Am.* 2.9b.43): *me modo decipiant uoces fallacis amicae* (“a mim somente iluda a voz da falsa amiga”). O *promisitque diem* (7.84) de Juvenal poderia ser relacionado às promessas feitas aos amantes elegíacos, especialmente durante a noite, como em (*Prop.* 2.17.1): *mentiri noctem, promissis ducere amantem* (“Prometer noite em falso e atrair o amante” – trad. Guilherme Flores); e Ovídio (*Ars.* 2.523): *clausa tibi fuerit promissa ianua nocte* (“Fechada a ti, à noite prometida, a porta”); a *dulcedine* (7.84), às doçuras da amada ou da conjunção carnal, como em Propércio (2.5.17): *at tu per dominae Iunonis dulcia iura* (“mas pelas doces leis de Juno protetora” – trad. Guilherme Flores); e Ovídio (*Am.* 2.4.25): *haec quia dulce canit flectitque facillima uocem* (“Por que, a esta, doce canta e a voz modula fácil”). Por fim, a *libidine*, que em Juvenal se manifesta nos ouvintes de Estácio, também está presente entre os amantes de Propércio (2.16.14): *rumpat ut assiduis membra libidinibus* (“que em meio a tanto gozo ele se exploda!” – trad. Guilherme Flores); e de Ovídio (*Am.* 2.15.25): *sed, puto, te nuda mea membra libidine surgent* (“mas, creio, contigo nua, meus membros de prazer se erguerão”). Sobre o passo, cf. ainda Vincenzo Tandoi (1969) e *Theb.* 3.448-9n (Capítulo Quarto).

<p><i>curritur ad uocem iucundam et carmen amicae Thebaidos, laetam cum fecit Statius urbem promisitque diem: tanta dulcedine captos adficit ille animos tantaque libidine uolgi auditur...</i></p>	85	<p> siga-se à voz festiva e ao poema da amiga Tebaida, quando alegre fez Estácio à urbe e o dia prometeu: com tanto doce, pegos move os peitos, do povo com tanto prazer sendo ouvido...</p>
---	----	--

No entanto, independentemente da omissão de seus contemporâneos, a *Tebaida* se apresenta como obra da maturidade de um poeta já vencedor de prêmios em festivais da Itália (cf. seção 1.1.) e que, “com ousada confiança”, a imaginava buscando colher os frutos da fama de Virgílio (o “Mantuano” em *Silv.* 4.7.25-8 – *supra*). E nem poderia ser diferente. Embora não seja o responsável pela introdução da poesia épica em latim, Virgílio foi para a épica romana um *auctor* (“modelo”, “fonte do gênero”), ao lado de Hesíodo e Homero. Ao pensar sua *Tebaida*, portanto, como uma obra tentada a seguir os passos da *Eneida* (*Theb.* 12.816-7: *uiue, precor; nec tu diuinam Aeneida tempta, / sed longe sequere et uestigia semper adora* – “vive, eu peço; a divina *Eneida*, não pretende, / mas, longe, segue e os rastros seus p’ra sempre adora”), Estácio almeja, ao menos, o reconhecimento de seu lugar em uma tradição já consideravelmente explorada e com um modelo já bem estabelecido. Desde Lívio Andronico com sua tradução da *Odisseia* de Homero, que parece ter lançado as bases utilizadas por seu sucessor mais imediato, Névio¹², passando pelos *Anais* de Ênio, que estabelece o hexâmetro dátilico latino do qual se servem seus herdeiros, pela *Eneida*, pelas *Metamorfoses* de Ovídio e pela *Farsália* de Lucano, somando-se ainda os contemporâneos de Estácio, Valério Flaco com sua *Argonáutica* e Sílio Itálico com as *Púnicas*¹³, a poesia épica em Roma foi-se desenvolvendo de modo tanto a possibilitar o surgimento da *Tebaida*, como a acomodá-la em sua tradição.

É, pois, importante perceber como Estácio, consciente de seu lugar na história da literatura latina, usa para a composição de seu poema a própria tradição na qual se inscreve¹⁴. Laura Micozzi (2015, p. 325-42), por exemplo, realiza uma leitura interessante de como o poeta parece ter-se relacionado com seu passado literário incorporando a tradição não como

¹² Sobre isso, Sander Goldberg (1993, p. 19-36) afirma, em detalhada comparação, que Névio, em sua *Bel-lum Punicum*, seguiu o caminho aberto por Andronico, utilizando não só o mesmo verso, como outros dos traços marcantes de seu estilo: “Névio também empregou o metro saturnino e, com ele, características-chave do estilo de Andronico” (1993, p. 28).

¹³ As incertezas quanto aos períodos de composição das obras de Sílio e de Flaco também são grandes, talvez maiores do que as que se aplicam à *Tebaida*. O que comumente se afirma é que a obra de Valério Flaco foi escrita entre os anos de 79 e 90; e a de Sílio Itálico, entre 88 e 102. Para um resumo dos argumentos e para a bibliografia sobre o tema, cf. Gervais (2013, p. 43-6).

¹⁴ É fato mais do que sabido e explorado, contudo, que a incorporação da tradição literária não é um traço específico do trabalho poético de Estácio, mas um recurso do qual lançou mão a grande maioria dos autores latinos – se não todos eles. Sobre isso, cf. por exemplo: CONTE; BARCHIESI (2010[1989]); FANTHAM (2011); FOWLER (1997); PASQUALI (1968); WEST; WOODMAN (1979).

simples referência a ser aludida em seu texto, mas como ferramenta de construção de personagens e de escolha de imagens míticas. Pensando especialmente na relação entre Estácio e Ovídio, sem deixar de lado a influência de outros autores, a autora demarca três modos pelos quais Estácio incorporou o passado literário romano na estrutura de seu texto: a elaboração de personagens com uma “memória intertextual”; a recusa a certos lugares-comuns do gênero; e a escolha pela continuidade de alguns de seus modelos. Para Micozzi, por conta de seu lugar na história, Estácio, como outros autores latinos, não teve outro caminho que não compor seu poema a partir do que seus antecessores já haviam construído: “ele parece não ter tido qualquer outra escolha que não construir sua originalidade como poeta épico com base em sua dependência em relação à tradição e em seu maciço endividamento com seus predecessores” (2015, p. 325). Com isso, então, conclui:

[...] o elevado engajamento crítico de Estácio com a literatura anterior e sua ambição por uma inclusividade genérica é a principal estratégia para alcançar um novo e poderoso paradigma de originalidade. O conhecimento autoconsciente e autorreferencial de sua própria extemporaneidade torna-se, ele próprio, a base da tentativa de Estácio em revitalizar e reinventar a tradição épica. A apresentação da natureza literária do que o poeta está falando introduz no poema, por certo, uma dimensão crítica, uma distância que convida à reflexão e à ironia (2015, p. 329).

Assim, por exemplo, ao declarar-se cansado de lançar ao castigo os humanos (*Theb.* 1.214-7) e dizer exaustos os braços dos ciclopes por tantos raios fabricados (*Theb.* 1.217-8), Júpiter parece ter em mente todas as vezes em que, não só na tradição épica, mas em toda a literatura clássica, foi obrigado a intervir entre os homens – demonstrando, com isso, certa consciência do papel já exaustivamente desempenhado nas obras dos antecessores de Estácio (2015, p. 326). Micozzi aponta, ainda, outros personagens nos quais essa “consciência intertextual” se manifesta, como Vênus, que, sabendo de seu poder sedutor sobre Vulcano, o qual já fora descrito por Virgílio na *Eneida*¹⁵, tenta chantagear Marte para que o deus da guerra deixe em paz os tebanos, desafiando a ordem que o próprio Júpiter lhe dera¹⁶ (cf. *Theb.* 3.229-323 e comentários *ad loc.*). Um dos casos mais interessantes citados pela autora, contudo, diz respeito ao de Hipsípile, personagem que domina a maior parte do Canto Quin-

¹⁵ Em Virgílio, Vênus se insinua ao marido para que ele construa as armas de Eneias (*A.* 8.370-94 – sobre isso, cf. *Theb.* 3.281n, no Capítulo Quarto desta tese). Odisseia também

¹⁶ A despeito, então, de que a história contada em seu poema seja anterior àquelas contadas pelos outros poetas, com exceção de Apolônio de Rodes e de Valério Flaco, que se dedicam a cantar sobre os argonautas, Estácio faz com que se confundam o tempo das narrativas e o tempo histórico em que os poetas as cantaram, criando um emaranhado entre essas duas dimensões temporais.

to do poema de Estácio com uma narrativa sobre os eventos ocorridos em Lemno pouco antes da chegada, por lá, dos argonautas (cf. *Theb.* 5.48-498 e comentários *ad loc.*).

Para Micozzi, os diferentes momentos em que Hipsípila afirma ter-se entregado a Jasão sem, contudo, querê-lo (*Theb.* 5.455-6: *externas non sponte aut crimine taedas / attigerim – scit cura deum* – “o facho externo, por gana ou por crime / não tomei – sabe o deus” –; e 5.463-4: *nec non ipsa tamen, thalami monimenta coacti, / enitor geminos* – “Eu mesma, monumentos de um leito forçado, / dou à luz gêmeos”; cf. comentários *ad loc.*) constituem uma forma desesperada de tentar apagar sua imagem criada por Ovídio: “Uma tentativa [...] de exclusão de *eros* surge com a confissão de Hipsípila, preocupada em fazer seu próprio passado nas *Heroides* ser esquecido [...]”, já que, segundo o relato ovidiano, a jovem se mostrava “perdidamente apaixonada” por Jasão (2015, p. 335). Há, porém, na maneira pela qual Hipsípila se comporta no momento em que relata a despedida de Jasão e seus companheiros de Lemno, indícios de sua mágoa com relação ao herói. Quando, narrando, ela emprega o presente do indicativo como se reportasse a fala da Hipsípila personagem de sua própria narrativa (*Theb.* 5.457-8: *sua iura cruentum / Phasin habent, alios, Colchi, generatis amores* – “suas leis, cruento / tem o Fásis, e amores outros tramas, Cólquida”), além de fazer com que a narrativa se torne mais vívida, faz com que se confundam as consciências de ambas, de forma a contaminar a Hipsípila personagem com o rancor que toma conta da narradora.

Sendo assim, embora aja como se tentasse manter ilibada sua imagem diante dos generais argivos, buscando refazer-se da personagem cunhada por Ovídio em suas *Heroides*, Hipsípila acaba deixando transparecer a mesma animosidade que demonstrou com relação a Medeia em Ovídio (*Ep.* 6.19-20): *barbara narratur uenisse uenefica tecum / in mihi promissi parte recepta tori* (“forânea, diz-se, foi contigo, douta em tóxicos, / no lado dito meu do leito aceita”). Além disso, o momento em que expressa seu desgosto por ter conhecido o herói (*Theb.* 5.473-4: *o utinam iam tunc mea litora rectis / praeteruectus aquis, cui non sua pignora cordi, / non promissa fides* – “antes as minhas praias, por distantes / águas, cruzasse alguém sem amor pelos filhos, / sem palavra”) é bastante semelhante àquele de Eurípides em que uma nutriz, diante do palácio de Medeia, refere-se com mágoa à chegada dos argonautas a Colcos, o que aproxima Hipsípila da mulher que tomou por rival em seu amor por Jasão (*Med.* 1-6): *εἴθ' ὤφελ' Ἀργούς μὴ διαπτάσθαι σκάφος / Κόλχων ἐς αἶαν κυανέας Συμπληγάδας, / μηδ' ἐν νάπαισι Πηλίου πεσεῖν ποτε / τμηθεῖσα πεύκη, μηδ' ἐρετμῶσαι χέρας / ἀνδρῶν ἀριστέων οἱ τὸ πάγχρυσον δέρος / Πελῖαι μετῆλθον* (“Nunca houvesse voado o barco Argo / à Cólquida pelas negras Simplégades, / nunca pinho houvesse caído cortado / nos vales do Pélion, nem sido remo nas

mãos / de homens ótimos que levaram a Pélias / o velo de ouro” – trad. Jaa Torrano).

Também por causa da consciência de seu conhecimento das tradições épicas, bem como por pressupô-lo em seu público, Estácio se arrisca a, em determinados trechos do texto, romper com alguns lugares-comuns do gênero. Nessas passagens, diz a autora, “[...] Estácio, como Ovídio, decide enganar seu público, apenas apontando superficialmente para situações prescritas ou elegantemente as evitando de propósito” (2015, p. 337). Por esse motivo, por exemplo, momentos antes do início da batalha entre os argivos e os tebanos, Estácio resume todo o catálogo dos heróis inimigos, detalhadamente exposto durante o Canto Quarto do poema (*Theb.* 4.32-344), a uma única frase do mensageiro de Etéocles (*Theb.* 7.231): *qui stirpe refert, qui nomine et armis* (“quem na estirpe relata, quem de nome, e de armas”). Para Micozzi, “[...] repetir o longo catálogo dos argivos junto com a *teichoscopia* teria sido imperdoável” (2005, p. 337). Assim, então, “[...] o poeta deliberadamente pretende mostrar ao leitor que ele poderia ter seguido o modelo, mas escolheu não fazê-lo” (2015, p. 337).

Ao contrário dessa frustração de expectativas, na terceira forma de empregar a tradição clássica na construção de seu texto, a autora descreve como Estácio usa descrições específicas de cenas mitológicas realizadas por outros autores para retratá-las em seu poema. Esse seria o caso, por exemplo, da imagem do rio Aqueloo apresentada durante o catálogo dos heróis argivos (*Theb.* 4.106-9): *Herculea turpatus gymnade uultus / amnis; adhuc imis uix truncam attollere frontem / ausus aquis glaucoque caput summersus in antro / maeret, anhelantes aegrescunt puluere ripae* (“de inquietos traços por Hercúlea briga / o flume: a trunca face mal se atreve a de imas / águas erguer: imerso crânio em glauca gruta, / se aflige, arfando sofrem as margens com pó”). No passo, Estácio refere-se ao rio Aqueloo e à disputa que Hércules travou com ele pela mão de Dejanira (cf. *Theb.* 4.106-9n). A descrição do rio, contudo, é clara referência à forma pela qual Ovídio o retratou escondendo-se envergonhado nas águas após ter sido derrotado por Hércules (*Met.* 9.96-7): *uultus Achelous agrestes / et lacerum cornu mediis caput abdidit undis* (“Aqueloo afunda no meio das águas / sua rude face e a fronte a que fora arrancado o corno” – trad. Domingos Dias).

Da mesma forma, alega Micozzi (2005, p. 339-40), ao evocar a lenda sobre o rapto de Europa (cf. *Theb.* 1.5n) durante o cerco de Tebas, quando os tebanos contam uns aos outros as histórias de seu passado (esp. *Theb.* 8.229-30: *hi mare Sidonium manibusque attrita Tonantis / cornua* – “uns, [lembram] o mar Sídone e os por mãos polidos chifres / do Tonante”), Estácio teria em mente a imagem da jovem sequestrada ainda sobre o lombo do touro e agarrando-

lhe assustada os chifres, tal qual imaginada por Ovídio (*Met.* 2.873-4): *pauet haec litusque ablata relictum / respicit et dextra cornum tenet* (“A jovem apavora-se e olha, / enquanto é levada, para a praia deixada para trás. / Com a mão direita segura-se a um corno” – trad. Domingos Dias). Em uma passagem distinta, Estácio ainda se refere a outra descrição feita por Ovídio (*Met.* 6.105-7: *ipsa uidebatur terras spectare relictas / et comites clamare suas tactumque uereri / adsilientis aquae timidisque reducere plantas* – “Europa parecia que olhava as terras deixadas para trás, / que gritava pelas companheiras e receava o contato da água / que ondula, e que timidamente recolhia os pés”, trad. Domingos Dias), na qual Nasão retrata atentamente como Europa, receando o contato com as águas do mar, erguia timidamente seus pés para evitá-las. A partir dessa cena, Estácio, por sua vez, durante a écfrase do escudo de Creneu, como se retratasse uma cena vista após a de Ovídio mostra Europa um pouco mais confiante, já tocando com seus pés as águas do mar (*Theb.* 9.335-6): *iam segura maris, teneris iam cornua palmis / non tenet, extremis adludunt aequora plantis* (“já segura do mar, com as tenras palmas chifres / não preme, e toca as águas com o extremo das plantas”).

Micozzi mostra de maneira clara a forma pela qual Estácio se relaciona com a tradição literária na qual se insere. Consciente de seus antecessores e certamente conhecedor de seus textos, o poeta não hesita em retomar-lhes cenas, histórias e imagens de modo ativo, ou seja, não somente fazendo alusões em seu texto, mas as utilizando criticamente na construção de sentidos de seu poema. J. J. L. Smolenaars (1994, p. xxvi-xxxv), por sua vez, de modo mais sistemático trata as relações entre Estácio e seus antecessores como uma forma específica de *imitatio*¹⁷, pela qual o autor “[...] retrabalha e combina várias versões de uma dada ‘cena típica’, chamando a atenção para a multiplicidade de seus modelos e para os empréstimos adicionados de outras fontes que ele trabalhou em um material familiar” (1994, p. xxxii). Para ilustrar esse método de “imitação combinatória” (1994, p. xxvii), caracterizado então pela escolha de uma fonte primária, que fornece parte do conteúdo e da estrutura narrativa, e de uma ou mais fontes secundárias, que ofertam elementos estilísticos e conceituais específicos¹⁸ (1994, p. xxviii), Smolenaars analisa o primeiro episódio do Canto Sétimo

¹⁷ Novamente aqui cabe dizer que Estácio não é o único autor a lançar mão da *imitatio* na composição de seus poemas, um recurso empregado por diferentes autores ao longo da história da literatura latina. Nem se pode dizer, ainda, que a forma específica de *imitatio* da qual fala Smolenaars seja exclusiva de Estácio. Mais do que declará-lo como o inventor ou como o único a praticar esse tipo de imitação, o crítico parece preocupar-se em definir Estácio como um poeta que se preocupa, ao imitar, com a combinação de diferentes fontes em suas composições, em vez de tomar apenas uma delas como o motivo de seu exercício criativo.

¹⁸ Sobre isso, cf. por exemplo *Theb.* 2.1-133 e comentários *ad loc.*

(*Theb.* 7.1-89), em que Júpiter, preocupado com o atraso no início da guerra¹⁹, envia Mercúrio a Marte com ordens para que o deus beligerante novamente acenda nos argivos os anseios pela batalha. Para o autor, Estácio mescla aí elementos: do episódio em que Hermes, enviado por Zeus, encontra Calipso para ordenar-lhe que deixe Odisseu partir novamente em sua jornada, retratado por Homero (*Od.* 5.28-150); da retomada que Virgílio faz do episódio homérico, em que Júpiter envia Mercúrio até Eneias para apressá-lo rumo à Itália (A. 4.219-95); e, por fim, de diferentes passagens do Livro Quarto da *Argonáutica* de Valério Flaco.

Sem preocupar-se tanto com as diferentes fontes utilizadas por Estácio e detendo-se quase que exclusivamente nas relações entre a *Tebaida* e a *Eneida*, Randall Ganiban também se concentra na ressignificação que o poeta realiza quando retoma cenas e episódios diversos do texto de Virgílio. Em seu *Statius and Virgil: the Thebaid and the reinterpretation of the Aeneid* (2007), Ganiban defende a tese de que Estácio se utiliza de referências e alusões à *Eneida* virgiliana como uma forma de “[...] examinar a inadequação da sua [de Virgílio] apresentação de um governo autocrático [*one-man rule*], como a idealizada nas figuras de Eneias e Augusto, o primeiro príncipe de Roma” (2007, p. 2). Para isso, então, Ganiban estabelece e analisa diferentes relações entre os textos, como, por exemplo, entre o episódio de Lino e Corebo, relatado por Adrasto a Polinices e Tideu (*Theb.* 1.557-672 – cf. comentários *ad loc.*), e o de Hércules e Caco, que o rei Evandro conta a Eneias em Virgílio (A. 8.184-279); ou as semelhanças entre Édipo, ao amaldiçoar seus filhos (*Theb.* 1.46-87 – cf. comentários *ad loc.*), e Juno, que, na *Eneida*, desperta Alecto contra Turno (A. 7.331-40). Ao fim de todas as análises, então, Ganiban, submetendo o sentido da *Tebaida* à *Eneida*, conclui que:

A intertextualidade, portanto, forma a base da reavaliação política da realeza conforme idealizada na *Eneida* Augusta [*i.e.*, a voz otimista da *Eneida* em relação à realeza], e, portanto, não representa simplesmente um jogo erudito; nem é um sinal da reverência de Estácio por Virgílio. Antes, a intertextualidade gera o sentido da *Tebaida* (2007, p. 232).

Já David Vessey (1973, p. 1-14), referência importante na recepção crítica de Estácio no séc. XX, leva em conta outros fatores ao equacionar a relação da *Tebaida* com seu passado literário. Para o autor, há um importante vínculo entre a valorização da Era de Ouro da lite-

¹⁹ Desde o início da marcha dos argivos em direção a Tebas (*Theb.* 4.32), a seca provocada por Baco em Nêmea (*Theb.* 4.652-843 – cf. comentários *ad loc.*), a narrativa de Hipsípila (*Theb.* 5.1-498 – cf. comentários *ad loc.*) e a morte de Ofeltes (*Theb.* 5.499-753 – cf. comentários *ad loc.*) fizeram com que as tropas se demorassem no paço de Licurgo, uma vez que resolveram promover, ali, os jogos fúnebres em honra do jovem recém-morto – os quais são celebrados durante toda a extensão do Canto Sexto.

ratura romana e os valores literários cultivados durante a dinastia flaviana: alçados à categoria de clássicos, os autores da época de Augusto, dentre os quais destaca-se Virgílio, especialmente em relação à poesia épica, passaram a ser considerados “modelos”. Com isso, um perigoso culto a esses autores, que formaram então um cânone inquestionável, parece ter engendrado uma espécie de servilidade ao modelo que, inclusive, se oporia às leis da *imitatio* estabelecidas na própria Antiguidade (1973, p. 8). Nesse contexto marcado por certo gosto classicista, em que “[...] o reconhecimento de normas de perfeição artística daria, por si só, origem a tendências imitativas” pelas quais a “formalização de critérios” foi mudada em “convenção” (1973, p. 8), Vessey, baseando-se em Ernst R. Curtius (1886 – 1956), localiza o surgimento de uma forma de maneirismo o qual entende, por sua relação com o classicismo do período, como “uma doença ” engendrada pelos valores desse mesmo classicismo (1973, p. 8).

É de Curtius, porém, para quem Estácio é “o mestre do Maneirismo literário” (1979[1948], p. 96), essa forma de entender o maneirismo como uma contraparte do classicismo. Em seu *Literatura Europeia e Idade Média latina* (1979[1948], p. 281-312), ao buscar traçar as origens do maneirismo na literatura, afirma, antes, que o termo, para ser definido, deve primeiro ser destituído de qualquer traço histórico-artístico para que seu significado possa ser alargado e, então, entendido como “[...] denominador comum de todas as tendências literárias opostas ao classicismo, sejam elas pré-clássicas ou pós-clássicas ou contemporâneas de qualquer classicismo” (1979[1948], p. 281). Do ponto de vista de sua manifestação nos textos, entende Curtius que seu efeito se revela na forma pela qual são referidos os assuntos²⁰: por um lado, o que caracteriza o classicista é a habilidade de seguir uma dicção “[...] em forma natural, acomodada ao assunto” e de “[...] segundo a tradição retórica comprovada, não [...] [deixar] de ornar a oração” (1979[1948], p. 282); por outro, o maneirista será caracterizado pelas mesmas habilidades do classicista, mas por empregá-las de modo “[...] amontoado sem escolha e sem sentido” (1979[1948], p. 282). Em resumo: “O maneirista não pretende respeitar as formas normais de expressão. Prefere o artificioso e o rebuscado ao natural. Quer surpreender, assombrar, deslumbrar” (1979[1948], p. 292).

Além da definição de Curtius, Vessey também fundamenta sua concepção de maneirismo nas discussões de Quintiliano sobre a *imitatio* em *Institutio Oratoria*. Para o crítico, ao

²⁰ Não a ponto de se dizer, contudo, que o maneirismo afetaria somente a expressão: “O Maneirismo pode começar com a forma linguística ou com o conteúdo intelectual. Em seus períodos de florescimento, ele combina ambos” (2013[1948], p. 282).

definir as boas práticas de imitação, pelas quais seria possível dizer, a respeito dos oradores que as seguiram, “[...] que superaram os antecessores e se tornaram os mestres dos pósteros” (Quint. *Inst.* 10.2.28), Quintiliano acaba definindo também aquilo que hoje poder-se-ia chamar de maneirismo – embora a palavra seja estranha a seus escritos –, e que Vessey resume, a partir do rétor romano, da seguinte forma:

Escritores maneiristas estão plenamente conscientes, de fato muito conscientes, da grandeza de seus predecessores clássicos; mas eles são incapazes de distinguir temperança de excesso. Eles colocam a *ars* acima do *ingenium*; eles mudam virtudes em vícios e excelências de estilo em artifícios especiosos (1973, p. 9).

Decerto, a leitura que Vessey faz do maneirismo em Quintiliano parece correta caso se leve em conta o que o próprio Quintiliano fala sobre as obras de um orador já maduro:

Desse modo, as obras do orador serão grandes, mas não demasiadas, sublimes, mas não incessíveis, fortes e não ousadas, sérias e não tristes, severas, mas não rudes, alegres e não luxuriantes, agradáveis e não relaxadas, elevadas, mas não vaidosas (*Inst.* 12.10.80).

Não há dúvidas, então, de que, para Vessey, com base em Quintiliano e em Curtius, o maneirismo literário se manifesta como um traço negativo de estilo. Seu mecanismo de funcionamento seria caracterizado, nesse entendimento, como um descompasso entre o reconhecimento do valor de determinada estratégia ou elemento estilístico, como o uso de tropos e figuras de linguagem e pensamento, e seu uso imoderado: “A essência do maneirismo é a transição do *bien* [“bom”] para o *beaucoup* [“muito”]” (VESSEY, 1986, p. 2759). Esse desacordo, por sua vez, seria marca de alguns autores flavianos, entre os quais “Estácio deve[ria] ser reconhecido como um poeta maneirista, à luz da discussão contemporânea de Quintiliano e das modernas investigações de E. R. Curtius” (1973, p. 9-10). A manifestação dessa característica em Estácio, contudo, seria fruto, ainda segundo Vessey, tanto de sua relação com os padrões artísticos apreciados por Domiciano e sua corte – “Há, portanto, uma conexão real entre o estilo ornado, ‘sobrecarregado’ da *Tebaida* e tendências traçáveis das artes visuais do período flaviano tardio” (1973, p. 11) –, como uma consequência de autores regularmente imitados pelo autor: “Além disso, Estácio era um imitador frequente de tragédias de Sêneca, e um devoto declarado de Lucano [cf. *Silv.* 2.7]. Ambos foram figuras importantes na história

do maneirismo” (1973, p. 11)²¹. Sobre as influências de Estácio e a relação com a dimensão “amaneirada” de seu texto, Vessey ainda declara:

Não é impróprio dizer que Estácio tentou fundir duas tradições literárias opostas: de um lado, Virgílio; de outro, Ovídio, Sêneca e Lucano. O resultado é uma épica amaneirada em total contraste com o classicismo de Quintiliano, Valério e, em menor grau, Sílio. Não se deve esquecer que, na *Instituto*, Quintiliano foi crítico de Ovídio, antagônico a Sêneca e morno com relação a Lucano, enquanto Valério é mencionado com aprovação [*Inst.* 10.1.88; 10.1.125; 10.1.90 – respectivamente] (1973, p. 12).

Assim como Vessey e Curtius, outros autores apontam o aspecto negativo do maneirismo de Estácio. Shackleton Bailey, por exemplo, na introdução de sua tradução da *Tebaida*, declara que Estácio tem um estilo “repleto e denso”, dominado pela “presunção” e pela “hipérbole”, cuja linguagem é alargada “até o ponto do obscurecimento”, “[...] favorecendo extensos períodos intrinsecamente articulados; um banquete para os amantes do ornado, mas, para alguns, um desafio prontamente declinado” (ESTÁCIO, 2013, p. 4). Michael Dewar, sem, contudo, afirmar-lhe somente o aspecto negativo, é outro dos editores de Estácio que proclama sua tendência maneirista. Em sua leitura, defende que Estácio não é apenas um autor obscuro, com passagens “evasivas” e “hipérboles insuportáveis”, mas que às vezes pode ser “extremamente sutil”, fazendo com que seu texto “pareça difícil”; mas que “[...] produz uma textura rica e fascinante que recompensa bem o estudo e que, em sua estranha mistura de intensidade e delicadeza, é única na literatura latina” (ESTÁCIO, 1991, p. xxxi). Na introdução de sua edição comentada do Canto Nono da *Tebaida*, o autor destaca, ainda, algumas das mais eminentes características do estilo estaciano (1991, p. xxxii-iii), dentre as quais estão:

- **Paradoxo:** Estácio costuma aproximar conceitos e termos aparentemente contraditórios, criando imagens paradoxais. Por exemplo: *ofensum uirtute* (9.6: “ofendido pela virtude”); *letique animosa uoluntas* (9.80: “da morte o vívido desejo”); e *nimum nam cognita uirtus / Oenidae credi letum suadetque uetatque* (9.37-8: “muito o conhecido valor / do Enida, a crer-lhe a morte, persuade e dissuade”).
- **Hipérbole:** a que seria, para Dewar, a maior característica do estilo retórico de Estácio. Como no momento em que Hipomedonte mantém seu cavalo flutuando unica-

²¹ Esses mesmos condicionantes do amaneiramento estilístico de Estácio são apontados por Vessey em seu artigo “*Lucan, Statius and the Baroque Epic*” (1970b). Além desses motivos, porém, Vessey ainda trata de outro: “As tendências barrocas de Estácio podem ser plausivelmente relacionadas a seu profundo interesse nas artes plásticas” (1970b, p. 232), que o autor, seguindo principalmente Dulkan (1914), faz derivar de seu interesse pela éfrase de objetos arquitetônicos e de arte especialmente nas *Siluae*.

mente com a força de suas pernas: *mediisque in fluctibus heros / frena manu pariter, pariter regit arma, pedumque / remigio sustentat equum* (9.248-50: “em meio ao rio, o herói, / de freios à mão, junto armas brande e, dos pés / com a remada, sustenta o cavalo”); ou quando represa um rio inteiro somente com sua força e seu escudo: *non secus aequoreo iactat Teumesius amnis / Hippomedonta salo, semperque umbone sinistro / tollitur et clipeum nigrante superuenit aestu / spumeus adsultans fractaque refunditur unda / et cumulo maiore redit* (9.462-6: “Não de outra forma lança o rio Teumésio ao sal / marinho Hipomedonte e, por umbo à sinistra / é obstado, e ao clipeo sobrevém com negro ardor, / espúmeo instando, e, rotas as ondas, refunde-se, / e com crista maior retorna”).

- **Écfrase:** tanto de obras da arte, como da natureza; por exemplo, ao descrever o escudo de Creneu: *arma decent umeros, clipeusque insignis et auro / lucidus Aoniae caelatur origine gentis. / Sidonis hic blandi per candida terga iuuenci, / iam secura maris, teneris iam cornua palmis / non tenet, extremis adludunt aequora plantis; / ire putes clipeo fluctusque secare iuencum. / adiuvat unda fidem pelago, nec discolor amnis* (9.332-8: “armas ornaram seus ombros; nobre clipeo, em ouro / luzente, traz gravado o orto da gente Aônia. / Sobre o alvo dorso, ali, do brando touro Sídone, / já segura do mar, com as tenras palmas chifres / não preme, e toca as águas com o extremo das plantas; / que anda, pensas, no clipeo e corta o pego o touro. / Dá fé ao mar a vaga, e o rio não discolor”); ou uma árvore inclinada por sobre o rio: *stabat gramineae producta crepidine ripae / undarum ac terrae dubio, sed amicio undis, / fraxinus* (9.492-4: “Firme, da base vinha, na graminea margem, / se da água ou terra incerto, mas mais sócio da água, / o freixo”).
- **Concentração:** “Mas a mais típica dentre todas [as figuras] do discurso de Estácio é a concentração de muitas informações em poucas linhas” (1991, p. xxxiii), como em: *qualiter Isthmiaco nondum Nereida portu / Leucothean planxisse ferunt, dum pectore anheilo / frigidus in matrem saeuum mare respuit infans* (9.401-3: “qual, inda não Nereida, no Istmo porto, diz-se, / Leucoteia plangeu, enquanto, arfante o peito, / frio contra a mãe, o sevo mar golfou o infante”).

Para Dewar, esses seriam os principais aspectos do discurso de Estácio responsáveis por seu maneirismo, o qual, como Vessey, o autor credita à preferência do poeta, adversa ao classicismo de Valério Flaco e Sílio Itálico, “discípulos de Virgílio” (1991, p. xxxii). Ao contrário de Dewar, contudo, e de outros autores aqui citados, William Dominik, em seu *Speech*

and rhetoric in Statius' *Thebaid* (1994a – esp. p. 236-71), sequer se refere ao estilo de Estácio com termos como “maneirismo” ou “maneirista”. Ao analisar detalhadamente figuras e tropos empregados pelo autor em seu poema, Dominik, na verdade, chama a atenção para o cuidado que os críticos devem ter ao analisar o uso de “dispositivos estilísticos”²² por Estácio, especialmente no que diz respeito às circunstâncias em que são empregados e à frequência com que aparecem: “Simplesmente porque os manuais citam versos dos poetas como exemplos de figuras de linguagem, não significa que seu uso copioso na *Tebaida* seja intencionalmente retórico” (1994a, p. 236). Seguindo outra direção em sua análise, portanto, Dominik busca levar em conta menos a recorrência das figuras e dos tropos do que seu emprego na construção de sentidos no poema, concluindo que: “[...] Estácio usa tropos e figuras na *Tebaida* para amplificar, clarificar e comunicar os sentimentos e emoções de vários personagens em situações dramáticas específicas” (1994a, p. 237).

Assim, enquanto Dewar reputa “insuportáveis” as hipérboles do texto de Estácio (*supra*), Dominik, que também considera esse tropo como o mais recorrente no poeta (1994a, p. 259), propõe que elas sejam analisadas em relação a seu contexto, buscando-se descobrir quais contornos seu emprego torna mais aparentes. Embora Dominik não se detenha sobre as hipérboles empregadas por Estácio, é fácil pensar que, de acordo com uma análise pautada por sua proposta, a imagem de Hipomedonte sustendo seu cavalo somente com a força de suas pernas dentro do Ismeno (*Theb.* 9.248-50), bem como aquela em que ele obsta a passagem das águas do rio com seu escudo (*Theb.* 9.462-6), ambas citadas por Dewar (*supra*), a despeito de poderem ser consideradas exageradas, não fossem entendidas em função da caracterização do personagem no poema, cujas semelhanças com a força e o tamanho dos gigantes, por exemplo, são recorrentemente apontadas pelo poeta²³.

Outro dos mais marcantes aspectos de Estácio apontados por Dewar é o constante uso da *percursio* (“concentração”, *supra*) o que acaba por tornar-lhe a linguagem bastante densa. Essa figura é, por sua vez, particularmente evidente nos símiles presentes no poema. Veja-se, por exemplo, o símile em que Etéocles, logo após ter sido avisado pela sombra de seu avô a respeito dos movimentos de Polinices em Argos com relação ao trono tebano

²² Dominik (1994a, p. 236-71) analisa um total de vinte e quatro desses “dispositivos”, seguindo sua definição conforme Quintiliano (*Inst.*), e mais a possibilidade de misturar dois ou mais em um mesmo trecho. São eles: aliteração; onomatopeia; assonância; rima; homeoteleuto; repetição retórica; pergunta retórica; exclamação; apóstrofe; símile; metáfora; sinédoque; metonímia; antonomásia; perífrase; hipérbole; ironia verbal; antítese; elipse; aposiopese; personificação; deificação; estrutura métrica; ritmo; e, por fim, a mistura dos elementos.

²³ Sobre isso, cf. 1.44n; 3.544n; 3.594-7n; 4.116-44n; 4.128-9n; 4.129n; 4.139-44n (Capítulo Quarto).

(*Theb.* 2.1-133), é comparado a uma tigresa atormentada por caçadores, ou aquele em que o rei tebano é aproximado, logo após o catálogo dos heróis argivos (*Theb.* 4.32-344), a um lobo que, tendo sido flagrado depois de um ataque a um rebanho caprino, foge (respectivamente, *Theb.* 2.128-33; 4.363-8):

*qualis ubi audito uenantum murmure tigris
horruit in maculas somnosque excussit inertes,
bella cupit laxatque genas et temperat ungues, 130
mox ruit in turmas natisque alimenta cruentis
spirantem fert ore uirum: sic excitus ira
ductor in absentem consumit proelia fratrem.*

Como a tigre que, ouvindo voz de caçadores, encrespa as manchas e sacode o sono inerte, anseia a guerra, exhibe a presa, apura as garras e, então, vai sobre as tropas e aos feros filhotes o homem, morrendo, traz: assim – excita a ira – o chefe, contra o irmão ausente, lança a guerra.

*ille uelut pecoris lupus expugnator opimi,
pectora tabenti sanie grauis hirtaque saetis
ora cruentata deformis hiantia lana, 365
decedit stabulis huc illuc turbida uersans
lumina, si duri comperta clade sequantur
pastores, magnique fugit non inscius ausi.*

Como um lobo que expugna profuso rebanho, com sânie podre o peito duro, hirtos os pelos, hiante, boca disforme por lâ inda em sangue, deixa o curral, ao lá e ao cá movendo túrbido olhar quando os pastores firmes, vista a ceifa, vêm: da magna ousadia não íncio, o rei foge.

E, ainda, Hipsípila, em um dos muitos símiles que constrói durante sua narrativa aos chefes argivos (*Theb.* 5.48-498), quando compara as mulheres de Lemno, logo após a matança dos homens habitantes da ilha, a um rebanho de novilhas que se percebe sem o seu líder (*Theb.* 5.330-4):

*sic ubi ductorem trepidae stabulique maritum, 530
quem penes et saltus et adultae gloria gentis,
Massylo frangi stupuere sub hoste iuuencae,
it truncum sine honore pecus, regemque peremptum
ipse ager, ipsi amnes et muta armenta queruntur.*

Como, ansiosas, o noivo, o principal do estábulo, a quem pertencem pasto e glórias da grei feita, veem, sob o hostil Massílio, acabado as novilhas, e órfão segue sem honra o gado, e seu rei morto choram o próprio campo, os rios e mudas ervas.

Ora, nessas passagens, é possível considerar que o emprego da *percursoria* potencializa o efeito comparativo desejado pelo poeta, incluindo mais elementos pelos quais se possam colocar em relação os termos envolvidos no processo. Assim, no primeiro caso, por exemplo, o despertar de Etéocles após o sonho com Laio é aproximado a cada um dos movimentos que a tigresa, alertada pela voz dos caçadores, faz ao levantar-se para atacá-los – tal como Etéocles se levanta disposto a guerrear contra seu irmão. Vale destacar ainda que o uso da *percursoria* nos símiles não é algo de que somente Estácio lança mão; o próprio Virgílio emprega o recurso em alguns de seus símiles. Por exemplo, quando se inflamam os troianos após serem exortados por Eneias logo após verem que sua cidade está tomada pelos gregos (*A.* 2.355-360), ou quando o grego Androgeu, logo após ter confundido Eneias e outros troianos com seus aliados, reage a seu equívoco (*A.* 2.378-82):

... inde, lupi ceu
 raptores atra in nebula, quos improba uentris
 exegit caecos rabies catulique relictis
 faucibus exspectant siccis, per tela, per hostis
 uadimus haud dubiam in mortem mediaeque tenemus
 urbis iter; nox atra caua circumuolat umbra.

Como lobos vorazes que se arriscam,
 cegos de fome, em negra cerração
 (e a cria, goelas ávidas, espera),
 nós, entre os dardos, entre os inimigos,
 seguimos para a morte indubitável
 pela rua do centro da cidade
 – a noite escura envolve tudo em sombras.
 (Trad. Márcio Thamos)

obstipuit retroque pedem cum uoce repressit.
 improuisum aspris ueluti qui sentibus anguem
 pressit humi nitens trepidusque repente refugit
 attollentem iras et caerulea colla tumentem,
 haud secus Androgeos uisu tremefactus abibat.

Aturdido, reteve a voz e o passo.
 Como quem pisa em cobra inesperada
 quando abria caminho em moita espessa
 e de repente foge atarantado
 da fúria altiva que incha o colo escuro,
 Androgeu, assustado, então corria.
 (Trad. Márcio Thamos)

Da mesma forma, a perífrase que Curtius (1979[1948], p. 285) aponta em Estácio – “Se alguém tem de subir uma escada, ele dirá (*Theb.* 10.841-2): *innumerosque gradus gemina latus arbore clausos / aerium sibi portat iter*” (“degraus sem conta em fronde ocultos dos dois lados, / a trilha ao céu o leva”) – como uma simples afetação está, na verdade, a serviço da caracterização tanto de Capaneu, que, assim como Hipomedonte, é constantemente lembrado por seu gigantismo²⁴, bem como das próprias muralhas tebanas, um entrave ao avanço das tropas que intentam assaltar a cidade.

Novamente aqui, é certo que a imagem pode ser considerada excessiva, mas, tomada em função do contexto em que se insere, não se pode dizer que seja desmotivada, mero amaneiramento. O tratamento perifrástico que Estácio dedica de maneira bastante clara a fenômenos naturais como o nascer e o pôr do sol também são recorrentes no poema. No Canto Primeiro, o entardecer que apanha Polinices em sua viagem de exílio de Tebas para Argos e a tempestade que o acompanha são descritos com uma linguagem bastante intrincada e uma série de perífrases para cada um dos eventos retratados (*Theb.* 1.136-46):

²⁴ Sobre isso, cf. 1.45n; 3.539-40n; 3.594-7n; 3.598-605n; 4.165-86n; 4.166-77n (Capítulo Quarto).

iamque per emeriti surgens confinia Phoebi
Titanis late mundo subuecta silenti
rorifera gelidum tenuauerat aera biga;
iam pecudes uolucresque tacent, iam Somnus auaris
irrepsit curis pronusque ex aethere nutat, 140
grata laboratae referens obliuia uitae.
sed nec puniceo rediturum nubila caelo
promisere iubar, nec rarescentibus umbris
longa repercusso nituere crepuscula Phoebo:
densior a terris et nulli peruia flammae 145
subtexit nox atra polos

Pelos confins de Febo emérito mostrando-se,
 no amplo mundo silente surgindo, a Titânide
 transformara ar em gelo com a biga rorífera.
 Calam-se aves e ovelhas, e às futres angústias
 se arrasta o Sono e acena, inclinado, dos ares,
 trazendo o grato oblívio à tão árdua vivência.
 E nem com céu puníceo as nuvens afirmaram
 a volta da alva, nem com sombras rarescentes
 brilhou, Febo espelhando, o crepúsculo longo.
 Da terra, à luz impérvia, mais espessa, a noite
 vem, atra, e cobre o polo.

Nos versos de 1.136-8, Estácio descreve o surgir da Lua no céu (os “confins de Febo emérito”), e o conseqüente aumento da umidade e do frio. A isso, segue-se a ação do sono, “trazendo o grato oblívio à tão árdua vivência” (*Theb.* 1.139-41). Retomando, na sequência, a imagem do crepúsculo do anoitecer, o poeta sugere condições contrárias às esperadas, descrevendo o pôr do sol como uma previsão da chegada de um condição climática adversa (*Theb.* 1.142-4) – o que de fato se cumpre após o surgimento da atra noite no céu (cf. *Theb.* 1.346-63 e os comentários *ad loc.*). O ocaso ora descrito tem vez logo antes da chegada de Polinices a Argos, onde o herói se abriga para escapar da tempestade. Marca, então, uma mudança importante para o personagem: deixando sua terra natal, chega à cidade onde cumprirá seu exílio. Nesse contexto, o cair da noite, que frustra as expectativas de um “grato oblívio” ao anunciar a tempestade que se achega, acaba prenunciando, também, de certa forma, a própria estadia do herói em Argos, que, aparentemente tranquila, condicionará a marcha contra sua própria pátria: logo após a disputa com Tideu pelo local onde ambos pretendiam passar a noite (*Theb.* 1.401-30), Polinices e o herói calidônio são recebidos por Adrasto e, mais do que isso, reconhecidos pelo rei argivo como os homens que Apolo lhe predissera esposos de suas duas filhas (*Theb.* 1.431-509); tempos depois do casamento, tem início, então, a viagem dos exércitos argivos com destino a Tebas, onde os filhos de Édipo se enfrentarão em um duelo mortal para ambos²⁵.

O amanhecer do dia seguinte ao sonho de Etéocles com a sombra de seu avô (*Theb.* 2.1-133) pode ser entendido de modo semelhante (*Theb.* 2.134-40):

²⁵ Sobre os episódios, cf. *Theb.* 1.390-509; 2.148-200 e comentários *ad loc.* (Capítulo Quarto).

<p><i>et iam Mygdoniis elata cubilibus alto depulerat caelo gelidas Aurora tenebras,</i> 135 <i>rorantes excussa comas multumque sequenti sole rubens; illi roseus per nubila seras aduertit flammam alienumque aethera tardo Lucifer exit equo, donec pater igneus orbem impleat atque ipsi radios uetet esse sorori</i> 140</p>	<p>Dos quartos da Migdônia já se erguendo, do alto polo a Aurora expulsara as congelantes trevas, sacudidas do orvalho suas mechas, bem rubra do sol que surge; às nuvens, róseo, a ela tardas flamas envia e, alheio, em lento carro, do éter vem Lúçifer, enquanto ao mundo o pai ardente preenche e à própria irmã os seus raios proíbe</p>
---	--

A Aurora ora descrita marca uma mudança de cena: do palácio de Etéocles em Tebas, a narrativa retorna para o paço de Adrasto em Argos, onde, após uma longa noite (por isso diz do “lento carro” de Lúçifer)²⁶ de conversas com seus dois hóspedes, Polinices e Tideu, o rei acorda e com eles se encontra para uma outra conversa, na qual proporá que se casem com suas filhas (*Theb.* 2.148-200). A bela manhã que se apresenta, então, parece ser o prenúncio das boas notícias que Polinices, Tideu e Adrasto receberão durante seu colóquio matinal. A despeito disso, porém, a imagem do amanhecer se encerra com uma imagem familiar e, mais do que isso, fraternal: a éfrase da Aurora se encerra com a imagem do Sol, o “pai ardente”, vetando seus raios à Lua, a “própria irmã”. Uma vez que, na sequência do Canto, Etéocles se negará a entregar o cetro tebano a seu irmão, o gatilho que faltava para a declaração da guerra entre os edipônidas, a imagem que encerra o passo pode ser vista, tal qual a anterior (*supra*), como uma forma de adiantar os futuros acontecimentos da narrativa, cumprindo, portanto, embora ainda possa ser dita “exagerada”, uma função na narrativa. Dessa forma, mais do que simples desvio de uma norma estabelecida com base em autores específicos tomados como cânones, o emprego de tropos e figuras de linguagem e pensamento como a perífrase, como defende Dominik (*supra*), não deve ser considerado somente do ponto de vista de sua frequência, mas, sobretudo, daquele de sua função.

Gervais, na introdução à sua edição do Canto Segundo da *Tebaida* (2013), aponta uma série de passagens que podem ser atribuídas ao gosto estilístico “maneirista” de Estácio – o que, para o autor, “[...] não é menos desprezível do que um rótulo como ‘[Era de] Prata’ ou ‘decadente’” (2013, p. xxvii, n. 117). Há, dentre elas, uma série de paradoxos como os indicados por Dewar em sua introdução ao Canto Nono (1991, p. xxxii – cf. seção 1.3.): durante a descrição de Tênaros (*Theb.* 2.32-54), por onde Mercúrio e a sombra de Laio sairão em direção à terra vindos do submundo (*Theb.* 2.55-70), o narrador assim se refere a uma das localidades do promontório (*Theb.* 2.48-50): *hoc, ut fama, loco pallentes deuius umbras / trames agit nigrique Iouis uacua atria ditat / mortibus* (“Por lá, se diz, remota via às sombras pálidas / conduz, enri-

²⁶ Para mais detalhes sobre a cena, cf. os comentários *ad loc.* (Capítulo Quarto).

quecendo do atro Jove os átrios”). No passo, Gervais (comentário *ad loc.*) aponta a contradição sugerida por uma “remota via” (*deuius ... trames*) tão frequentada pelas “sombras pálidas” a ponto de enriquecer os salões de Hades (“do atro Jove”); da mesma forma, no momento em que Etéocles responde à investida de Tideu para que o trono tebano fosse repassado a Polinices (*Theb.* 2.410-51), diz o tirano sobre a clareza do ódio de seu irmão que se pode entrever nas palavras de Tideu (*Theb.* 2.415-6): *cognita si dubiis fratris mihi iurgia signis / ante forent nec clara odiorum arcana paterent* (“se, do irmão, em incerto signo o pleito cógnito / viesse, e o claro segredo do ódio não se abrisse”), em que se afirma a revelação de um “claro segredo”. Na mesma linha, aponta Gervais os oximoros em (*Theb.* 2.285): *hilari ... ueneno* (“com hilário veneno”); (*Theb.* 2.295): *decorum ... nefas* (“o nefas ... belo”); e (*Theb.* 2.716): *horrore decoro* (“com graça horrenda”).

Nesses casos, porém, é possível ver que, por meio da contradição, o poeta logra enfatizar aspectos específicos de cada situação. Sobre a “remota via” que leva manes ao mundo inferior pelo Tênaros, a ideia é a de sua inacessibilidade aos habitantes que atestam ali a sua existência: escondida, a via é acessada pelo sobrenatural, e não pelos moradores da região – tanto que, logo na sequência, a descrição do caminho segue a modalização indicada pelo emprego de “se diz” (*ut fama* – *Theb.* 2.48) ao colocar em questão a credibilidade dos agricultores que afirmam-lhe a existência: *Arcadii perhibent si uera coloni* (“Se a verdade pertence aos colonos da Arcádia”). Do mesmo modo, “o nefas ... belo” (*decorum ... nefas* – *Theb.* 2.295) refere-se ao colar de Harmonia, “belo” por ser uma obra magistral executada por Vulcano, mas um “nefas” pelo que causou àquelas que o carregaram²⁷; tal como a “graça horrenda” de Atena, deusa que, apesar da beleza (“graça”), torna-se assustadora (“horrenda”) ao manifestar-se em assuntos bélicos. Já o “claro segredo do ódio” (*clara odiorum arcana* – *Theb.* 2.416) de Polinices, que Etéocles diz ter-se tornado evidente por meio das palavras de Tideu, pode ser entendido em função do próprio Etéocles, que, quando da afirmação, já tinha pressuposto o ódio pela forma mesma com que Tideu se apresentou em seu paço (cf. *Theb.* 2.417-29): é “claro”, então, porque Etéocles já o percebera. Da mesma forma, o “veneno” que Vulcano depõe no colar de Harmonia é “hilário” de seu ponto de vista, pois possibilitará que o deus se regozije com sua vingança.

No momento em que Tideu enfrenta os cinquenta emboscados tebanos (*Theb.* 2.496-681), pelo menos duas passagens chamam a atenção por seu caráter hiperbólico: a primeira

²⁷ Sobre isso, confira *Theb.* 2.269-305 e comentários *ad loc.* (Capítulo Quarto).

delas, destacada por Gervais (2013, p. xxvii, n. 119), diz repeito ao momento em que o herói vê saírem os guerreiros de seus esconderijos (*Theb.* 2.549-50): *quos ubi plures / quam ratus innumeris uidet excursare latebris* (“mais / que pensou vê deixando os refúgios inúmeros”). Embora fossem cinquenta os emboscados, diz o narrador que eles deixavam, ao se revelarem, “refúgios inúmeros” – um exagero facilmente explicável se admitirmos que, aqui, o narrador pode ter acolhido o ponto de vista de Tideu, que não sabia serem exatos cinquenta homens, espantando-se, então, com a quantidade de inimigos destacados para a insídia. Mais adiante, buscando uma posição que o favorecesse no ataque, Tideu escala uma rocha até alcançar o local onde, antes da chegada de Édipo a Tebas, morava a Esfinge, o monstro que aterrorizava tebanos e viajantes desavisados (*Theb.* 2.554-76). Ali postado, então, o herói calidônio arranca à penha uma rocha enorme e a atira contra seus inimigos, atingindo mortalmente quatro deles. Assim descreve o narrador a rocha arrancada por Tideu (*Theb.* 2.559-62):

<p><i>saxum ingens, quod uix plena ceruice gementes uertere humo et muris ualeant inferre iuueni, rupibus auellit; dein toto sanguine nixus sustinet, immanem quaerens librare ruinam</i></p>	<p>560</p>	<p>pedra ingente que a custo, plena cerviz, touros, do chão puxando, aos muros gemendo trariam, arranca à penha; então, todo o sangue aplicado, sustém, buscando equilibrar a enorme queda.</p>
---	------------	---

Nesse caso, pode-se considerar que, ao subir à antiga morada da Esfinge para combater os tebanos, Tideu acaba por assumir a monstruosidade da antiga ultriz de Vênus, desenvolvendo uma força sobre-humana, a ponto de arrancar e arremessar uma pedra que mesmo touros só conseguiriam puxar com relativa dificuldade.

Dominik (1994a, p. 236-71) também descreve o uso de alguns tropos e figuras por Estácio. Dentre os listados pelo autor (cf. seção 1.3.) podem ser destacados, neste momento: o emprego de perguntas retóricas, cujo “[...] uso é uma questão importante na *Tebaida*, uma vez que elas figuram bastante frequentemente nos discursos” (1994a, p. 250). Entre os exemplos, o autor escolhe dois momentos de alta carga afetiva em que uma sequência de questões retóricas é empregada de modo a acentuar a ansiedade dos personagens que as realizam. Assim, no início do Canto Terceiro, Etéocles, preocupado com a demora no retorno de sua tropa de emboscados, enumera uma série de perguntas que deixam à mostra suas preocupações (*Theb.* 2.6-12):

... ‘ei mihi’ clamat,
 ‘unde morae?’- nam prona ratus facilemque tot armis
 Tydea, nec numero uirtutem animumque rependit -
 ‘num regio diuersa uiae? num missus ab Argis
 subsidio globus? an sceleris data fama per urbes 10
 finitimas? paucosne, pater Gradiue, manuue
 legimus indecores?’

... “Ai de mim!”, clama;
 “Por que a demora?” Certo e fácil crê, à tropa,
 Tideu: não libra força e virtude com o número;
 “Por outro curso foram? De Argos foi enviado
 bando em auxílio? Ou deu-se a fama da cilada?
 Acaso poucos, pai Gradivo, ou com essas mãos
 inglórios escolhemos?”

Mais adiante, também no Canto Terceiro, Anfiarau, temendo o futuro dos argivos na incur-
 são contra Tebas, uma vez que vira o destino funesto que os aguardava na cidade beócia
 (*Theb.* 3.456-565), declara a seus conterrâneos (*Theb.* 3.629-35):

quo, miseri, fatis superisque obstantibus arma,
 quo rapitis? quae uos Furiarum uerbera caecos 630
 exagitant? adeone animarum taedet? et Argos
 exosi? nil dulce domi? nulla omina curae?
 quid me Persei secreta ad culmina montis
 ire gradu trepido superumque irrumpere coetus
 egistis? 635

Aonde, ó vis, com Fado e céu vetando, as armas
 moveis, aonde? Cegos, das Fúrias, quais golpes
 vos perseguem? Cansai-vos das vidas? A Argos
 odiais? Em casa, nada é bom? Fugis de agouros?
 Por que, aos secretos cumes do monte Perseide
 com andar dúbio e irromper o divino conselho
 me instastes?

Da mesma forma, a exclamação e a apóstrofe, também destacadas por Dominik (1994a, p. 253-6), são empregadas em função de um objetivo narrativo; sobre a primeira, diz Dominik que se trata de uma “figura enérgica” que se comporta como um “lugar comum” nos discursos da *Tebaida* (1994a, p. 254), citando como exemplo o momento em que um cidadão tebano, reagindo à alternância imposta pelos filhos de Édipo ao trono da cidade (*Theb.* 171-96), mostra a intensidade de sua indignação com a situação de seus compatriotas (*Theb.* 1.195-6): *heu dubio suspensa metu tolerandaque nullis / aspera sors populis!* (“Suspenso em dúbio medo, por povo nenhum / o acaso é tolerável!”). Na sequência, como exemplo de apóstrofe, uma figura que, como a exclamação, visa à excitação afetiva naqueles que ouvem, ou leem, o discurso (1994a, p. 254), transcreve o momento em que o ancião Aletes, durante as exéquias aos emboscados tebanos (*Theb.* 3.179-217), se mostra subitamente inflamado diante da situação em que se encontrava (*Theb.* 3.210-3):

quantus equis quantusque uiris in puluere crasso
 sudor! io quanti crudele rubebitis amnes!
 uiderit haec bello uiridis manus: ast ego doner
 dum licet igne meo terraque insternar auita!”

De corcéis quanto, quanto de heróis no pó gordo
 o suor! Ah!, quantos rios vermelhados de sangue!
 Na guerra, as verdes tropas verão isso: eu ganho,
 pois, com chamas e em terra avita ser coberto!”

As marcas estilísticas de Estácio, porém, vão além do emprego constante de tropos e figuras de linguagem, manifestando-se também na forma pela qual o poeta retoma a produção de seus antecessores. Em seus comentários, Ruth Parkes (2012), por exemplo, defende que a necromancia realizada por Manto e Tirésias a mando de Etéocles no Canto Quarto

(4.406-645) pode ser caracterizada pela excessividade e pela redundância²⁸. Especialmente quando comparada aos ritos ctônicos envolvendo Odisseu, em Homero (*Od.* 11.13-640), Eneias, em Virgílio (*A.* 6.236-898), e Pompeu, em Lucano (*Luc.* 6.419-825), os excessos de Estácio surgiriam como resultado de um tratamento hiperbólico dedicado às diferentes partes do rito. Assim, por exemplo, a autora vê certo exagero nas libações e sacrifícios preparatórios para a necromancia (*Theb.* 4.443-72), principalmente quando o vate entorna nove libações em covas abertas no chão para oferecê-las aos numes do Hades (*theb.* 4.450-4), e uma redundância tanto na descrição das primeiras sombras que se aproximam assim que os infernos se abrem, uma vez que elas serão dispensadas por Tirésias já na sequência para que novas sombras surjam (*Theb.* 4.519-48), como na dupla afirmação sobre a derrota dos argivos: predita primeiro pelo vate a partir da postura dos manes dos guerreiros de Argos (*Theb.* 4.587-92), e reafirmada por Laio ao fim do episódio (*Theb.* 4.635-44).

Essas mesmas características serviram para Vessey afirmar a afetação do estilo de Estácio, que estaria exemplarmente presente no episódio: “O relato estaciano do ritual necromântico excede em complexidade todos os seus predecessores [...] Como um exemplo do maneirismo de Estácio dificilmente ele pode ser ultrapassado” (1973, p. 253). Nessa faceta de seu estilo, portanto, o que parece estar em questão é a busca por uma amplitude maior em seu texto, uma tentativa de aumentar-lhe a força explorando todo o potencial imagético e de sentidos de determinados episódios, beirando mesmo a tautologia²⁹. A partir disso, então, Vessey conclui que: “Estácio permitiu às partes constituintes de sua *neukía* se tornarem unidades mais independentes” (1973, p. 257), entendendo que essa forma de manipular as convenções advém de uma “[...] minuciosa atenção costumeiramente prestada pelo autor amaneirado aos detalhes e à não familiaridade [*Ungewohntheit*] em sua busca por variação e brilho em uma tradição valiosa e coercitiva” (1973, p. 257-8). A atenção às diferentes partes que compõem os ritos ctônicos na tradição clássica, assim como sua busca pela novidade e pelo brilho próprios de seu texto orientada pela “não familiaridade” – pelo estranhamento, poder-se-ia dizer – são, portanto, na visão de Vessey, os condicionantes do amaneiramento exemplar do poeta nesse episódio.

²⁸ Para uma análise mais profunda do episódio e das afirmações de Parkes, cf. os comentários *ad loc.* no Capítulo Quarto desta tese.

²⁹ De acordo com Beert Verstraete (1983, p. 196), Erich Burck (1971, p. 17-8) teria chamado a tendência maneirista que visa à grandeza, à amplitude e à força de “maneirismo de grandiloquência”.

O tratamento dispensado por Estácio ao ritual ctônico não é, contudo, o único passo em que as marcas de sua prática amplificadora se manifestam. Ainda que a sutileza em alusões mitológicas seja algo bastante comum na *Tebaida* – vejam-se, por exemplo, as referências aos diferentes eventos ocorridos em Tebas antes do estabelecimento da casa de Édipo elencados no início do poema (*Theb.* 1.4-14) e retomados, alguns deles, durante a necromancia mesma (*Theb.* 4.561-78) –, o episódio de Lino e Corebo narrado por Adrasto a Polinices e Tideu (*Theb.* 1.557-668) faz transparecer um esforço de desenvolvê-lo em todo seu potencial.

Logo após a intervenção do rei argivo na briga entre Polinices e Tideu (*Theb.* 1.408-81), e tão logo ele reconhece em ambos os futuros esposos de suas filhas preditos por Apolo (*Theb.* 1.482-510), Adrasto ordena a seus escravos que retomem as tarefas que ainda há pouco desempenhavam para que a celebração que havia tomado conta do palácio durante aquele dia fosse reiniciada. (*Theb.* 1.512-26). Credo necessário, então, contextualizar seus dois hóspedes sobre o rito, Adrasto procede à narrativa de como os argivos, em respeito a Apolo, passaram a celebrar o deus como uma forma de aplacar a ira que outrora manifestou contra a cidade. Assim, tem início a história de como Febo, depois de ter matado Píton em Delfos, chegou em Argos e foi recebido por Crotopo, que lá reinava naquela ocasião. De acordo com Adrasto, Apolo apaixonou-se por Psâmate, filha de Crotopo, e gerou com ela um filho, chamado Lino, que foi abandonado pela mãe logo após o nascimento, uma vez que a jovem temia a reação de seu pai por sua gravidez. Largado à própria sorte, Lino foi recolhido por um pastor, mas morto por cães de caça logo na sequência. Ao saber do falecimento de seu filho, Psâmate esclarece os fatos a seu pai, que ordena sua morte. Apolo, então, para vingar as perdas de sua amante e filho, envia a Argos um monstro que se alimentava de crianças de colo, chamado Pena. Em uma atitude altruísta, o jovem Corebo decide matar Pena, mas sua ação deixa Apolo ainda mais irritado, fazendo com que o deus exija o sacrifício do assassino de seu vingador. Corebo, sabendo do pedido, entrega-se a Apolo, que decide por poupar-lhe a vida e livrar Argos do mal que a assolava. Depois da história, uma evocação a Apolo feita por Adrasto encerra o Canto Primeiro do poema.

A história contada pelo rei argivo é comumente vista como uma retomada de outra, apresentada por Virgílio em sua *Eneida*. Para Legras (1985, p. 38), uma opinião ratificada por Vessey (1973, p. 101), o episódio da *Tebaida* é uma “réplica” (“*une réplique*”) daquele em que Evandro conta a Eneias e aos troianos a história de Caco e Hércules (*A.* 8.184-279). Recém-chegados a Palanteu, Eneias e seus homens adentram na cidade de Evandro no momento em

que o rei comandava uma celebração em agradecimento a Hércules. Preocupado, assim como Adrasto, em contextualizar seus recentes hóspedes com os motivos daquela celebração (A. 8.184-9), Evandro procede à narrativa de como Hércules, quando trazia sob seu controle o rebanho que havia roubado de Gerião como um de seus doze trabalhos, foi parar em Palanteu para descansar junto ao gado. Aos pés do monte Aventino, Hércules então adormeceu. Caco, um monstro filho de Vulcano que habitava uma caverna naquele monte e que aterrorizava a região, roubou oito dos animais que Hércules trazia e escondeu em sua caverna. Logo após perceber o roubo e ouvir o mugido dos bois de dentro da caverna de Caco, Hércules investe contra o ladrão e, depois de destruir-lhe a caverna, mata-o, recuperando o gado e livrando Palanteu e o Aventino das atrocidades do monstro.

Os dois episódios, então, surgem em momentos muito semelhantes da narrativa: em ambos os casos, são relatados pelos reis das respectivas cidades a estrangeiros que, recém-chegados, foram acolhidos pelos monarcas em seus palácios. Há também, em ambos os casos, uma função simbólica bastante relevante: em se tratando do episódio envolvendo Lino e Corebo, Vessey (1970c) e Ganiban (2007, p. 9-23) destacam, como já mencionado, a importância que o mito tem seja para a construção de uma imagem de *pietas* que contrastará fortemente com os eventos futuros no épico, seja para a execução de uma agenda de revisão da política idealizada na *Eneida*. No caso da narrativa de Evandro, em Virgílio, o episódio parece contribuir, como aponta Brunno Vieira (2007b, p. 62) evocando Friedrich Ahl (1976, p. 997), para a união de uma divindade local, o Hércules celebrado por aqueles que já habitavam o chão sobre o qual Roma seria fundada, e uma estrangeira, Vênus, a mãe de Eneias; e, ainda, como um prenúncio para a pacificação da Itália pelas mãos de Eneias, o estrangeiro, que derrotará o autóctone Turno.

A narrativa em Estácio, contudo, é trabalhada de maneira claramente mais complexa. Enquanto, em Virgílio, o mito de Caco e Hércules é relatado de modo bastante direto, apresentando apenas as informações principais para os novos hóspedes (cf. Quadro 1, *infra*), em Estácio a história de Corebo e Apolo, o cerne alegórico do episódio, é descrito desde as origens da relação de Apolo com Argos. Quanto a seus momentos, as duas narrativas podem ser divididas da seguinte forma:

Caco e Hércules (Verg. A. 8.184-279)		Lino e Corebo (Stat. Theb. 1.557-668)	
A. 8.18-9	Sobre a motivação do ritual	<i>Theb.</i> 1.557-61	Sobre a motivação do ritual
A. 8.190-7	Descrição da caverna de Caco	<i>Theb.</i> 1.562-71	Motivos que levaram Apolo a Tebas
A. 8.198-9	Origem e proceder de Caco	<i>Theb.</i> 1.571-4	Apresentação de Psâmate
A. 8.200-4	Chegada de Hércules	<i>Theb.</i> 1.574-8	Concepção e nascimento de Lino
A. 8.205-12	Caco rouba reses de Hércules	<i>Theb.</i> 1.578-81	O abandono de Lino
A. 8.213-8	Hércules percebe o roubo	<i>Theb.</i> 1.582	Apóstrofe a Lino
A. 8.219-32	Hércules tenta invadir o covil de Caco	<i>Theb.</i> 1.583-6	Lino é recolhido por um pastor
A. 8.233-42	Hércules estoura o covil de Caco	<i>Theb.</i> 1.586-90	A morte de Lino
A. 8.243-50	Primeiro ataque de Hércules	<i>Theb.</i> 1.590-4	Psâmate confessa ao pai a gravidez
A. 8.251-5	Caco tenta se defender	<i>Theb.</i> 1.594-5	Crotopo condena a filha à morte
A. 8.256-8	Hércules invade o covil de Caco	<i>Theb.</i> 1.596-7	Apóstrofe a Febo
A. 8.259-61	Morte de Caco	<i>Theb.</i> 1.597-604	Origem e proceder de Pena
A. 8.262-5	A caverna de Caco é revelada	<i>Theb.</i> 1.605-8	Corebo comanda a caça a Pena
A. 8.265-7	Reação do povo à morte de Caco	<i>Theb.</i> 1.608-11	Pena é flagrada com dois corpos ao colo
A. 8.268-79	Fim da narrativa e continuação do rito	<i>Theb.</i> 1.612-9	Morte de Pena
		<i>Theb.</i> 1.619-23	Reação do povo à morte de Pena
		<i>Theb.</i> 1.624-6	Apóstrofe aos animais carneiros
		<i>Theb.</i> 1.627-33	Apolo lança uma peste sobre Argos
		<i>Theb.</i> 1.634-7	Apolo exige o sacrifício do assassino de Pena
		<i>Theb.</i> 1.638-40	Apóstrofe a Corebo
		<i>Theb.</i> 1.640-2	Corebo se entrega a Apolo
		<i>Theb.</i> 1.643-61	Corebo fala a Apolo
		<i>Theb.</i> 1.661-6	Apolo perdoa Corebo e finda a peste
		<i>Theb.</i> 1.666-8	Fim da narrativa e continuação do rito

Quadro 1: Comparação entre os episódios de Caco e Hércules (Verg. A. 8.184-279) e Lino e Corebo (Stat. Theb. 1.557-668)

A amplificação realizada por Estácio não se dá, porém, somente pela inclusão de outras cenas em decorrência do maior tempo histórico que a narrativa abrange (desde o início da relação entre Apolo e Argos, quando o deus lá chegou buscando expiação para o assassinato de Píton), mas também pela forma com que o poeta trabalhou essas diferentes cenas.

Veja-se, por exemplo, como a parte inicial do relato de Adrasto é ampliada por um longo aposto de cerca de quatro versos em que o rei descreve o agir de Píton em Delfos (*Theb.* 1.563-6), ao qual se segue, ainda, a descrição de como foi morta a serpente (*Theb.* 1.567-9):

*postquam caerulei sinuosa uolumina monstri,
terrigenam Pythona, septem orbibus atris
amplexum Delphos squamisque annosa terentem
robora, Castaliis dum fontibus ore trisulco
fusus hiat nigro sitiens alimenta ueneno,
perculit, absumptis numerosa in uulnera telis,
Cirrhaeique dedit centum per iugera campi
uix tandem expulsum...*

Depois que o deus o serpear da besta cérula,
P ton terrígena – que em sete escuras voltas
abraçou Delfos e com a crosta velhos robles
565 moeu quando na Fonte Castália com língua 565
trífida, as provisões bebeu p’ra atra peçonha –
derrubou, nas feridas suas flechas cravadas,
largando-a por cem jeiras dos agros de Cirra
estendida...

Assim também, caso se leve em conta apenas os eventos essenciais para a compreensão da narrativa do rei argivo, poderiam ser classificadas como simples amplia es, por exemplo, as passagens em que se apresentam: Psâmate, a filha de Crotopo (*Theb.* 1.571-4); o local em que Lino foi deixado pelo pastor que o recolheu (*Theb.* 1.582-6); o comportamento da criança quando foi atacada pelos cães que a mataram (*Theb.* 1.587-8); a rea o de Psâmate   noticia (*Theb.* 1.590-4); os jovens que acompanham Corebo (*Theb.* 1.606-7); Pena matando duas crianças quando   cercada pela tropa de Corebo (*Theb.* 1.608-11); o ataque de Corebo ao monstro, um incremento por grada o³⁰ (*Theb.* 1.612-5); e a morte de Pena (*Theb.* 1.616-9). Há, ainda, um óbvio esforço por aumentar o apelo patético dos eventos, que o poeta logra ao apresentar algumas das cenas aqui enumeradas (como a descri o do comportamento de Lino no momento de sua morte, da rea o de Psâmate, de Pena quando cercada por Corebo e da morte do monstro), mas também ao ornar a narrativa com uma série de apóstrofes (cf. Quadro 1, *supra*) e uma exclama o durante a apresenta o de Psâmate (*Theb.* 1.573-4): *felix, si Delia numquam / furta nec occultum Phoebosociasset amorem!* (“feliz, se nunca as D lias faltas / nem o segredo amor com Febo compartisse!”).

O aumento na quantidade de eventos narrados no episódio, então, bem como o tratamento narrativo dispensado a essas partes parecem concorrer para uma amplifica o da força do episódio, potencializando principalmente o lado patético da história de Lino e Corebo, mas também acentuando seu vínculo com a narrativa como um todo, ainda que beirando a (ou incorrendo em?) redundância. A ira de Apolo contra a cidade que o acolheu na figura de seu rei contrasta com a imagem do jovem que não são arrisca sua vida para livrar seus conterrâneos do monstro que matava seus filhos, mas a entrega   vontade do deus ira-

³⁰ Quintiliano (*Inst.* 8.4.3ss) elenca diferentes tipos de amplifica o (*amplificatio*), dizendo que a grada o (*gradus*)   um dos meios pelos quais se faz a incrementa o (*incrementum*), umas das espécies de amplifica o.

do. Quanto maior a ira de Apolo, então, maior a *pietas* de Corebo e maior o embate entre ambas que Ganiban lê no passo (2007, p. 9-23) – o qual, ao fim, cumpre o papel de mostrar a irrelevância da *pietas* em um mundo dominado pelo *nefas* como o retratado na *Tebaida*³¹. Assim sendo, todo o apelo patético acrescido por Estácio ao episódio amplifica o *nefas* divino e a *pietas* humana reforçando em diferentes passagens do trecho seus contornos, como que por acumulação (*congeries*)³²: repetindo, sempre que possível, as qualidades de um e de outro.

Importante relacionar, nesse momento, a natureza formal do episódio de Lino e Corebo e o da consulta ao mundo dos mortos. Embora seja mais clara a caracterização de um ritual de consulta aos infernos como um lugar comum da poesia épica, dada a sua recorrência em diferentes autores, não se pode deixar de ver, na narrativa de Adrasto, como naquela de Evandro, a exploração de um *topos* épico. Basta levar em conta, por exemplo, que Lucano também evoca simbolicamente, em determinado momento de sua *Farsália*, um dos mitos envolvendo Hércules – a saber, sua luta contra Anteu –, o que, de acordo com Vieira (2007b, p. 61), pode ser visto como uma prévia da luta entre Curião e Juba que se desenrolará na sequência do poema. Assim, conclui o autor, “O episódio heróico-mítico relaciona-se com os eventos da guerra líbica em que o aliado de César seria derrotado com o uso dos ardis estratégicos de Juba” (2007, p. 61-2). Na esteira de seus antecessores, então, Estácio também evoca um mito para que lhe sirva de alegoria em seu épico, diferenciando-se deles, porém, por explorar de maneira mais detalhada cada uma das partes da história que escolhe. Dessa forma, portanto, se Vessey lê, no movimento de retomada e amplificação da tradição na necromancia de Tebas, um exemplo do maneirismo de Estácio justamente por conta da maior atenção às partes do episódio que narra, é possível considerar o episódio de Lino e Corebo como um dos exemplos dessa forma de composição estaciana – que, de acordo com o próprio Vessey, “[...] fornece uma valorosa ilustração da originalidade e do método épico de Estácio” (1970c, p. 316).

John Henderson, em seus artigos “*Statius’ Thebaid / form premade*” (1992) e “*Form remade / Statius’ Thebaid*” (1993), sugere uma compreensão do estilo de Estácio bastante pertinente, tendo-se em vista os argumentos até aqui elencados. Preocupado fundamentalmente em mostrar a relevância que o mito tebano teria para os leitores contemporâneos de Estácio

³¹ Sobre isso, cf. especialmente o comentário aos versos 1.605-66, no Capítulo Quarto desta tese.

³² Outra das espécies de amplificação (*amplificatio*) elencadas por Quintiliano (*Inst.* 8.4.26), pela qual se logra o reforço de um argumento ou ideia por meio de uma repetição insistente sem, contudo, criar uma série ascendente em força – o que caberia à gradação.

durante a dinastia flaviana³³, Henderson levanta a possibilidade de que o assunto da *Tebaida* e os aspectos formais do poema, incluindo-se aí o dito “estilo amaneirado” de Estácio, estejam intrinsecamente vinculados. Para o autor, por exemplo, a *Tebaida* não se configura como uma simples “reprodução mitológica exagerada” da *Farsália* de Lucano: “Em vez disso, ela se constrói como uma colagem confusa de uma peça central amaldiçoada de *Bruderkrieg* [“fratricídio”] suicida contra o pano de fundo de uma (histericamente primitiva) sangrenta fraternidade de armas” (1993, p. 170). Nessa “colagem confusa” de um assunto central – o mútuo fratricídio dos filhos de Édipo – feita sobre o pano de fundo da fraternidade que Polínicês constrói com Tideu e com os outros generais argivos, Estácio teria feito, então, mais do que uma releitura mitológica da guerra civil conforme retratada por Lucano, dedicando-se a um “empreendimento contrarreformador” levado a cabo após sua (de Lucano) “performance como um homem bomba” (1993, p. 162). Com isso, então, e a partir do anseio de Estácio para que a *Tebaida* sucedesse a *Eneida* virgiliana, o que o poeta deixa claro no epílogo de seu poema (*Theb.* 12.816-7 – *supra*), Henderson afirma:

Se nós “concluirmos” que Estácio performa seu trabalho como uma emulação, um desafio, uma re-produção [*sic*] da tradição clássica, nós podemos julgar que o discípulo reverente desfez o texto do mestre ao assumir o original, redirecionando-o para muitos outros fins. O texto de Estácio estava condenado desde o início a ficar debilmente aquém de seu quintessencialmente forte predecessor [...], mas, durante o processo, a *Tebaida* infiltrou as estruturas do épico virgiliano com o que se lê como uma substituição intencionalmente revisionista, até mesmo “subversiva” dos valores tradicionais (1993, p. 188).

Nesse intuito, pode-se dizer, contrarreformista da tradição épica em Roma, Estácio buscou mesclar, àquilo que se espera de uma épica homérico-virgiliana, elementos que possam ser entendidos como “intencionalmente revisionistas”, pelos quais o seu caminhar nos rastros de Virgílio não fosse uma empresa única e exclusivamente de admiração, mas principalmente de reconstrução. Nessa chave de leitura, o afamado estilo maneirista de Estácio, portanto, surge como uma outra possibilidade de linguagem épica que, sem descaracterizar o gênero, se mostra diferente do classicismo típico das obras do período augustano e de sua retomada no período flaviano. Além disso, como bem resume Kyle Gervais, compõe um quadro de elementos estilísticos que se adapta aos assuntos tratados no poema: “Estácio descre-

³³ “Os leitores de Estácio não podem evitar contemplar de perto o colapso de uma casa real, o fim de dinastias como a Júlio-Claudiana e ... de qualquer linhagem que a sucederá, a destruição em massa que a monarquia absolutista deve eventualmente significar para sua ordem cultural, de acordo com a antiga mitologia [*sic*] de Tebas épica” (1993, p. 166).

ve guerra civil, ultrajes morais, a ascensão do submundo à Terra, a confusão dos deuses e um horror cada vez maior; é apropriado que sua linguagem se esforce para refletir essas calamidades” (2013, p. xxviii). Assim, no que diz respeito à relação entre o empreendimento de Estácio e aquele de Lucano, diz Henderson:

Se a [epopeia] *Bellum Ciuile* de Lucano estava determinada a apresentar a última amplificação épica, *Bella ... plus quam ciuilia* (Luc. 1.1. [“Guerras ... mais que civis”]), nós descobriremos que Estácio atinge de maneira ressoante um ponto mais profundo triunfando sobre suas precursoras *cognatas ... acies* [“cognatas ... hostes”] com suas *fraternas acies* [“fraternas hostes”] tebanas. De forma simples: a ansiedade da influência enviou o retardatário para longe atrás da bola [*hell-for-leather*] em ex-centricidades lírico-fantásticas; na busca por tornar o trabalho realmente seu, para ser pai de seu Ego [*Self*], ele espalha seus versos: e perdida sua alma cívica ... ? O latim está condenado, nesse meio tempo, ao ócio [*idle*]. Desse jeito, exílio *Aônio*. Para estetizar, anestesiá-lo, beco sem saída [*cul de sac*]: ao “barroco”, ao “decadente” e (mais polido) ao “maneirismo” (1992, p. 47).

Nesta seção, delineou-se um panorama, ainda que breve, da recepção crítica contemporânea de Estácio que se ocupa, de diferentes formas, da investigação de suas relações com o passado literário no qual insere sua obra. Assim, então, falou-se de como Laura Micozzi (2015) vê, na retomada que Estácio faz da tradição, uma forma de compor seus personagens e as imagens míticas registradas no poema, principalmente – ou seja, como o poeta incorpora a tradição nas estruturas mesmas de sua obra. Na sequência, apresentou-se o mecanismo que J. J. L. Smolenaars (1994) vê agindo por trás da prática da *imitatio* por Estácio: uma dinâmica estabelecida entre uma fonte principal, de onde o poeta tira parte do conteúdo e da estrutura narrativa, e uma ou mais fontes secundárias, de onde virão elementos estilísticos e conceituais específicos. Randall Ganiban (2007), por sua vez, entende a relação de Estácio com a tradição, e fundamentalmente com Virgílio, como uma forma de revisão do cânone épico latino, especialmente no que se refere à sua agenda sobre a ideia de um governo autocrático. David Vessey (1973), mais preocupado com questões formais determinadas pela tradição literária romana, entende o período flaviano como marcado por duas tendências principais: uma classicista, representada por Quintiliano e Valério Flaco, especialmente, e uma maneirista, da qual Estácio seria o principal nome. Nesse cenário, então, que o autor recupera de Ernst R. Curtius (1979[1948]), a estética amaneirada de Estácio é entendida como uma prática dominada pelo exagero e a consequente corrupção de valores classicistas.

Na sequência, viu-se que alguns editores de Estácio, como Shackleton Bailey (ESTÁCIO, 2013) e Michael Dewar (ESTÁCIO, 1991), também levam em conta o uso exagerado que

Estácio faz de alguns elementos de estilo, como a hipérbole, os períodos com alta concentração de informações e as descrições de elementos naturais e de trabalhos de arte. Certamente um valor negativo na visão de Bailey, seu uso é visto por Dewar como uma consequência do período flaviano que, a despeito de obscurecer seu texto, não impede que, em determinados momentos, a sutileza do autor também se manifeste. William Dominik (1994a), por sua vez, ao deter-se na análise dos elementos de estilo empregados por Estácio na construção dos diferentes tipos de discurso presentes em seu poema, questiona as abordagens que pautam seus vereditos somente na frequência com que o poeta usa alguns desses elementos, deixando clara a sua preferência por um exercício crítico que leve em conta a função que desempenha cada um dos tropos e das figuras de linguagem e pensamento empregadas por Estácio. Com orientação semelhante, John Henderson (1992; 1993) também propõe uma leitura em que os aspectos do texto de Estácio, desde seu tema até o estilo com que trabalha a língua latina, sejam entendidos em função dos assuntos presentes no texto.

Entender, como sugere Henderson, que o trabalho de Estácio sobre a língua não se configura somente como reflexo de sua preferência ou da influência de poéticas dominantes de seu tempo, mas que pode ser uma escolha do poeta com vistas à adequação entre o texto e os assuntos tratados, tem a vantagem de torná-los valores da obra, e não somente características do autor: seu emprego seria, assim, estruturalmente motivado. É certo, porém, que esse estilo não se revela, em Estácio, somente na *Tebaida*, mas está presente também em seus outros poemas. Como afirma Vessey: “A fascinação e o encanto de Estácio pelo lúdico não se manifesta menos em um epicédio do que no tratamento de uma casa de banho ou de uma árvore de formas curiosas” (1986, p. 2758)³⁴. Ainda assim, não se deve pensar que essa fascinação pelos jogos de linguagem afeta as obras somente na medida em que é um atributo do estilo do autor. Em seu “*Transience preserved: style and theme in Statius’ Silvae*” (1986), com uma abordagem um pouco diferente daquela apresentada em *Statius’ and the Thebaid* (1973 – *supra*), Vessey alega que as marcas estilísticas de um autor também devem ser entendidas como traços de sua obra, como se fossem um “presente japonês”:

³⁴ Vessey diz “pelo lúdico” por tratar o maneirismo, no artigo em questão (VESSEY, 1986), como um culto aos jogos de linguagem: “Em latim, Ovídio é o exemplo principal de um poeta cuja linguagem está sempre em jogo [...] Ovídio, mais do que qualquer outro escritor, tornou inevitável o surgimento do maneirismo como o de Estácio: o que não significa designar Estácio como um poeta ovidiano em qualquer sentido formalizado. Mas nem em Ovídio, nem em Estácio podemos equiparar o lúdico ao puramente trivial, nem restringir sua operação a tipos de poesia que convencionalmente carecem de grandeza e gravidade” (1986, p. 2758).

Em tempos nos quais se preza por um ideal de contenção e economia linguística, nos quais se olha para a poesia em busca de uma iluminação intelectual e até mesmo moral, o texto maneirista, onde a astúcia, mais do que a pretensão à profundidade, domina, pode parecer com um presente japonês, cuja embalagem é mais elaborada e cara do que o conteúdo do pacote. Mas, se tais sonhos forem embora, logo se percebe que ninguém pode separar o conteúdo da embalagem. Mudando ligeiramente nosso terreno, deve ser lembrado que, para o poeta em relação a seu passado e para o leitor em face ao texto, o *donnée* [o “dado”] é sempre o *reçue* [o “recebido”] (1986, p. 2759).

A comparação feita por Vessey põe em destaque uma dimensão fundamental para a leitura da *Tebaida* que se buscou tornar evidente na tradução defendida nesta tese: o que diz respeito ao estilo de Estácio está indissociavelmente preso àquilo que se vê em suas obras. Ora, o que se pretende, então, não é negar seu maneirismo na construção de imagens, na caracterização de personagens ou na disposição morfossintática de seu latim, mas levá-lo em conta como um dos tantos componentes de sua obra, importante não apenas por ser a manifestação particular de uma tendência poética do período flaviano ou mesmo do autor, mas fundamentalmente por agir na obra criando sentidos assim como os paralelos estabelecidos entre personagens e episódios da *Tebaida* e de outros poemas valorizados, nas leituras ora resumidas, por Laura Micozzi e Randall Ganiban, por exemplo. O que se pretende aqui, em resumo, é afirmar o tratamento amaneirado dispensado com tropos e figuras de linguagem e pensamento por Estácio não como traço estilístico do poeta apenas, mas também e principalmente como um valor do poema; e, como afirma Dominik, “[...] no fim, não importa se eles foram empregados intencionalmente ou instintivamente, uma vez que o poeta [Estácio] estaria bem ciente dos efeitos auditivos e afetivos que eles produziram” (1994a, p. 237).

CAPÍTULO SEGUNDO

PROJETO PARA A TRADUÇÃO DA *TEBAIDA*

2.1. Antoine Berman: um projeto em cada tradução

A relevância dos pensamentos de Antoine Berman (1942 – 1991) para os Estudos da Tradução é inquestionável. Durante um período em que os Estudos da Tradução ainda buscavam se colocar e se manter sobre as suas próprias fundações como uma área de estudos autônoma¹, o empenho de Berman para que a tradução pudesse questionar a si própria e responder às suas próprias questões foi fundamental para o início da criação de um espaço em que isso fosse possível. Para tanto, então, em uma empreitada com grande relevância política, passou a defender o desenvolvimento de uma “teoria *moderna* da tradução” (2002[1984], p. 12) baseada em três pilares: uma “história da tradução”, uma vez que o “[...] movimento de retrospecção [...] é uma compreensão de si” (2002[1984], p. 12); uma “ética da tradução”, pela qual se deveria “[...] resgatar, afirmar e defender a pura visada da tradução como tal” (2002[1984], p. 17); e uma “analítica da tradução”, pela qual se analisaria a “[...] sistemática da deformação que opera no nível linguístico e literário e que condiciona o tradutor, quer ele queira ou não, quer ele saiba ou não” (2002[1984], p. 18). Propostas no breve prefácio intitulado “A tradução em manifesto”, publicado com sua tese de doutorado no volume *A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica*, essas três dimensões caracterizam sua reflexão sobre a tradução.

Cada um dos pilares de sua teoria “moderna” da tradução, por sua vez, está apoiado em um entendimento bastante categórico sobre a natureza da tradução: para o autor, ou “Ela é relação, ou não é *nada*” (2002[1984], p. 17). Essa relação, porém, defende Berman, não é qualquer relação, mas “[...] uma certa relação com o Outro” (2002[1984], p. 16), pela qual o Próprio deve ser fecundado pela mediação do Estrangeiro: ela deve ser, para isso, “[...] abertura, diálogo, mestiçagem, descentralização” (2002[1984], p. 17). O Estrangeiro, então, assume uma posição fundamental na construção daquilo que é o Próprio, e o seu apagamento acarreta na completa derrocada da tradução como ela deve ser². Por conta disso, uma tradu-

¹ Como o próprio autor declara (2002[1984], p. 11-2).

² Para uma abordagem mais detida da noção de relação em Antoine Berman, cf. Petry, 2011.

ção que não trabalhe de acordo com a lógica assumida por Berman como “a pura visada da tradução como tal” (2002[1984], p. 17), ou seja, que “geralmente sob o pretexto da transmissibilidade, opera uma negação sistemática da estranheza da obra estrangeira” (2002[1984], p. 18) – a tradução etnocêntrica, por definição –, será considerada pelo autor como uma má tradução, sob a qual deverá operar a *analítica da tradução*.

Sua compreensão da tradução, contudo, é fortemente devedora de um método de tradução específico defendido por Friedrich Schleiermacher (1768 – 1834) em seu ensaio “Sobre os diferentes métodos de tradução” (SCHLEIERMACHER, 2010[1813])³. Nesse trabalho, em que, de acordo com Berman (2002[1984], p. 259), realizou-se pela única vez, na Alemanha da época, uma abordagem sistemática e metódica da tradução, Schleiermacher procede a uma análise detalhada da atividade tradutória em suas particularidades com vistas a defender, ao final, o método de tradução pelo qual o estrangeiro fosse mantido em sua estranheza no texto traduzido, e não acomodado às expressões correntes e já formadas na língua de chegada. Preocupado fundamentalmente com o desenvolvimento de uma língua alemã até a plenitude de sua força⁴, o filósofo orienta sua discussão em função desse objetivo, vendo a tradução como a forma de proporcionar o enriquecimento da língua no nível da expressão e da representação. A partir de uma visada da tradução pela qual o seu “autêntico fim” seria o “gozo autêntico das obras estrangeiras” (2010[1813], p. 93), o autor propõe que existem apenas dois métodos entre os quais o “verdadeiro tradutor” deve escolher:

[...] por que caminhos deve enveredar o verdadeiro tradutor que queira efetivamente aproximar estas duas pessoas tão separadas, seu escritor e seu leitor, e propiciar a este último, sem obrigá-lo a sair do círculo de sua língua materna, uma compreensão correta e completa e o gozo do primeiro? No meu juízo, há apenas dois. Ou bem o tradutor deixa o escritor o mais tranquilo possível e faz com que o leitor vá a seu encontro, ou bem deixa o mais tranquilo possível o leitor e faz com que o escritor vá a seu encontro. Ambos os caminhos são tão completamente diferentes que um deles tem

³ Sistematizado por Schleiermacher, pode-se dizer, uma vez que próprio Berman defende que os princípios técnicos e éticos da tradução conforme defendidos por Schleiermacher dificilmente poderiam ser diferenciados daqueles pregados por Goethe ou por August Schlegel: “[...] mesma exigência de ‘fidelidade’, de restituição exata dos valores do texto estrangeiro, mesmo discurso humanista no qual se reafirmam o movimento da *Bildung* e a oposição às traduções ‘à francesa’. Mesma ênfase sobre a lei da *Bildung* que acredita que o acesso a si mesmo só seja possível pela experiência do outro. Foi Schleiermacher mesmo quem provavelmente soube formular essa lei da maneira mais exata, evocando ‘o estrangeiro e sua natureza mediadora’” (2002[1984], p. 258).

⁴ “Do mesmo modo que, por acaso tivesse sido preciso trazer e cultivar aqui muitas plantas estrangeiras para que nosso solo se fizesse mais rico e fecundo, e nosso clima mais agradável e suave, assim também sentimos que nossa língua, porque nós mesmos, em razão do pesadume nórdico, a movimentamos pouco, apenas pode florescer e desenvolver-se plenamente sua própria força por meio dos mais variados contatos com o estrangeiro” (2010[1813], p. 97).

que ser seguido com o maior rigor, pois, qualquer mistura produz necessariamente um resultado muito insatisfatório, e é de temer-se que o encontro do escritor e do leitor falhe inteiramente [...] Porque, no primeiro caso, o tradutor se esforça por substituir com seu trabalho o conhecimento da língua original, do qual carece o leitor [...] Mas, se a tradução quer fazer, por exemplo, que um autor latino fale como, se fosse alemão, haveria falado e escrito para alemães, então, não apenas o autor move-se até o lugar do tradutor, pois, tampouco para este o autor fala em alemão, senão latim; antes coloca-o diretamente no mundo dos leitores alemães e o faz semelhante a eles; e este é precisamente o outro caso (2010[1813], p. 57-9).

Tendo-se em vista os objetivos contextualmente almejados para a tradução em língua alemã, e dada a impossibilidade de que o tradutor que buscasse fazer o autor estrangeiro falar como se tivesse originalmente escrito na língua da tradução os atingisse, Schleiermacher defende, então, que o único método que pode ser empregado é aquele que faz recair sobre o leitor o ônus do deslocamento, pois que o conduz, por meios não costumeiros, ao autor que é traduzido⁵. A relação com a “pura visada da tradução como tal” defendida por Berman, agora, torna-se clara, uma vez que a compreensão que o francês tem da tradução como uma relação de abertura ao Estrangeiro com vistas a fecundar o Próprio soa, depois de consideradas as afirmações de Schleiermacher em seu ensaio, uma espécie de paráfrase moderna daquilo que o filósofo alemão defendia em seu texto – desconsiderando-se, porém, as relações entre a tradução e o enriquecimento da língua materna, traço fundamental da defesa que Schleiermacher fez pelo método anacronicamente chamado de “estrangeirizante”.

Também baseado nas propostas de Schleiermacher e na retomada que Berman dele fez⁶, Lawrence Venuti (1953 –), outro importante teórico dos Estudos da Tradução, defende o método pelo qual se propõe a manutenção dos traços estrangeiros de uma obra em sua tradução. E, assim como o alemão e o francês, Venuti tem uma agenda política na qual fundamenta sua defesa: enquanto Schleiermacher visa ao enriquecimento da língua alemã pelo

⁵ “[...] o fato de que nosso povo, por sua atenção ao estrangeiro e por sua natureza mediadora, parece estar destinado a reunir em sua língua, junto com os próprios, todos os tesouros da ciência e da arte alheios, como em um grande conjunto histórico que se guarda no centro e coração da Europa para que, com a ajuda de nossa língua, qualquer um possa gozar, com a pureza e perfeição possível a um estranho, a beleza produzida pelos tempos mais diversos. Esta parece ser, com efeito, a verdadeira finalidade histórica da tradução em grande escala, tal como se pratica entre nós. Mas, neste tipo de tradução apenas pode aplicar-se o método considerado no início [a saber, aquele pelo qual o leitor é deslocado até o autor]” (2010[1813], p. 97).

⁶ Destaque-se, porém, que a retomada de Schleiermacher e, em maior medida, dos autores do Romantismo alemão não são empreendimentos encetados por Berman; ao menos desde Walter Benjamin e sua tese de doutorado sobre o conceito de crítica de arte entre os românticos alemães (BENJAMIN, 2002[1920]), e, como aponta Petry (2016, p. 24), desde a retomada dessa obra na França em 1986, com sua tradução por Philippe Lacoue-Labarthe e Anne-Marie Lang, essas reflexões passaram a vigorar com mais frequência em trabalhos, especialmente sobre a crítica, no país.

contato com as línguas estrangeiras, e Berman busca o estabelecimento de um espaço onde a tradução possa ser pensada e praticada com base em suas próprias fundações, o estadunidense quer combater a situação de invisibilidade do tradutor e mudar as condições pelas quais “[...] a tradução é teorizada e praticada hoje, especialmente nos países anglófonos” (1995, p. 17)⁷. Em seu livro *The translator’s invisibility: a history of translation* (1995), Venuti localiza no *modus faciendi* ditado por editores, resenhistas e leitores as exigências por um tipo de tradução fluente, que apague qualquer indício de ser uma tradução, e que dê a impressão de que a obra, na verdade, foi originalmente escrita em inglês. De acordo com o autor:

Um texto traduzido, seja prosa ou poesia, ficção ou não ficção, é julgado aceitável pela maioria dos editores, resenhistas e leitores quando é lido fluentemente, quando a ausência de qualquer peculiaridade linguística ou estilística faz com pareça transparente, dando a impressão de que reflete a personalidade do escritor estrangeiro, sua intenção ou o sentido essencial do texto estrangeiro – a impressão, em outras palavras, que a tradução não é, na verdade, uma tradução, mas o “original”. A ilusão de transparência é um efeito do discurso da fluência, do esforço do tradutor para assegurar uma legibilidade fácil por aderir aos usos correntes, mantendo uma sintaxe contínua, fixando um sentido preciso (1995, p. 1).

Prejudicial, então, não só para as condições de trabalho dos tradutores, mas também para o próprio entendimento da tradução como um tipo de texto dotado de suas próprias especificidades, esse discurso da fluência deve ser combatido para que a tradução e o tradutor tornem-se visíveis. Para isso, o método de tradução que privilegia o estranhamento causado por valores estrangeiros no texto de partida, que Venuti chamará de “estrangeirizante”, deve ser preferido em relação à tradução etnocêntrica, que exige o apagamento de tudo o que não seja próprio – à qual chamará de “domesticadora”. Sobre essa escolha, conclui o autor: “A tradução estrangeirizante em inglês pode ser uma forma de resistência contra o etnocentrismo e o racismo, o narcisismo cultural e o imperialismo, no interesse de relações geopolíticas democráticas” (1995, p. 20).

Três importantes formas de pensar a tradução, cada qual com sua própria agenda: Schleiermacher via, na tradução praticada de um modo a respeitar-se a alteridade manifestada especialmente por valores linguísticos, a possibilidade de tornar a língua alemã mais rica, mais próxima de seu potencial; para Berman, a tradução não etnocêntrica, tratada pelo

⁷ As reflexões de Venuti, é forçoso que se diga, surgiram ainda na década de 1980 com a publicação do artigo *The translator’s invisibility* (1986), no qual o autor aponta, em uma abordagem assumidamente marxista, as ideologias responsáveis pela condição de tradutor e tradução no contexto anglo-americano – especialmente, nesse momento, aquelas ditadas pelas editoras.

autor como a própria visada ética da tradução, era a base sobre a qual uma teoria moderna da tradução deveria estabelecer-se para que a tradução pudesse “[...] definir-se e situar-se por si mesma e, por conseguinte, ser comunicada, partilhada e ensinada” (BERMAN, 2002[1984], p. 12); para Venuti, por fim, a tradução estrangeirizante é resistência, uma espécie de ferramenta pela qual o contexto anglo-americano envolvendo as traduções (seja do ponto de vista de sua prática, incluindo-se aí as questões mercadológicas, de sua recepção ou de seus efeitos político-sociais) pode ser combatido e, aos poucos, alterado. Nessas três abordagens, é interessante perceber como a tradução é tratada de um ponto de vista que transcende o meramente linguístico, ou o exclusivamente literário: além de um exercício de linguagem, além de um trabalho literário, a tradução da literatura (da qual tratam os três teóricos ora evocados) é vista como uma atividade com consequências políticas e sociais relevantes para si própria e para as comunidades em que é praticada.

Venuti, porém, nos últimos anos⁸, passou a questionar, do ponto de vista teórico⁹, os argumentos de Schleiermacher e Berman em relação ao seu “instrumentalismo”. Em *Translation changes everything: theory and practice* (2013), que reúne publicações feitas desde 2000, Venuti declara, já na “Introdução”, seu abandono do “modelo instrumental de tradução” que ele vê presente no modo de pensar tanto de Schleiermacher como de Berman:

No entanto, reconheci que a linha de pensamento Schleiermacher-Berman, embora aparentemente hermenêutica em sua abordagem, embora aparentemente considerando a tradução como uma interpretação, repousa desconfortavelmente em um modelo instrumental de tradução. Nele, a tradução é vista como reprodução ou transferência de um invariante contido no, ou provocado pelo texto fonte, seja em sua forma, seu sentido ou seu efeito. Para Schleiermacher e Berman, a alteridade do texto fonte é uma invariante inerente em seu léxico e sintaxe, estilo e gênero, tema e discurso, e é essa estranheza que o tradutor deve reproduzir ou manifestar aderindo inteiramente a essas características textuais (2013, p. 3).

⁸ Para um panorama mais geral do pensamento de Venuti a respeito da tradução, cf. França, 2014.

⁹ Importante ressaltar que a recusa de Venuti se dá por motivos relacionados à compreensão que o dois os autores têm sobre o que é a tradução e sobre o que se constitui como a alteridade do texto estrangeiro, uma vez que declara não abandonar sua preferência pelo modelo estrangeirizante de tradução: “Eu não tenho a intenção de abandonar a busca por efeitos estrangeirizantes, seja na pesquisa sobre tradução, seja nos meus projetos de tradução. A ideia de mobilizar tais efeitos para questionar os valores dominantes na situação de recepção continua sendo uma questão premente – ou, mais precisamente, tornou-se, para mim, a própria definição de tradução humanista, na medida em que transita em diferenças linguísticas e culturais e não se esforça por diminuí-las para manter um *status quo*, independentemente de a linguagem e a cultura tradutoras serem centrais ou periféricas, maiores ou menores” (2013, p. 2-3).

Para Venuti, então, o entendimento de que Schleiermacher e Berman compreendem a alteridade do texto estrangeiro como algo invariante e inerente em seus traços linguísticos e discursivos se tornou um incômodo, levando-o a buscar uma nova hermenêutica, mais interpretativa, pela qual a tradução passasse a ser considerada como “[...] um ato interpretativo, como a inscrição de uma possibilidade interpretativa entre outras” (2013, p. 4), destacando-se, assim, a força transformacional que a tradução exerce sobre o texto fonte por ser “[...] sempre mediada pelas inteligibilidades e interesses da situação de recepção” (2013, p. 3).

No entanto, parece possível dizer que, em suas críticas, Venuti desconsidera questões importantes do pensamento de Schleiermacher, as quais, pelo menos, poderiam amenizar suas cobranças por uma consciência da construção e da transitoriedade dos sentidos do texto que, na verdade, são concepções muito mais contemporâneas a Venuti do que a Schleiermacher; questões essas que assim o fariam porque contextualizam a reflexão do filósofo alemão sobre a tradução no escopo de suas ideias sobre a “compreensão” como a tarefa de hermenêutica, bem como daquelas sobre a relação entre o homem, a língua e o pensamento. Para Schleiermacher, por exemplo, a relação entre homem, pensamento e língua, especialmente nos domínios da arte e da filosofia, se desenvolve de uma maneira significativamente ambígua, caracterizada pela sujeição e pela liberdade: “Por um lado, cada homem está sob o poder da língua que ele fala; ele e seu pensamento são um produto dela”; “Por outro lado, porém, cada homem de livre pensar e espiritualmente espontâneo molda também a língua” (2010[1813], p. 49). Nesse espaço de inter-relação entre homem e língua, portanto, há um momento em que este não só se sujeita àquela, mas pode também sujeitá-la às suas vontades: se não fosse assim, pergunta-se Schleiermacher, “[...] como a língua teria se formado e crescido desde seu estado primitivo e rude até a formação completa na ciência e na arte?” (2010[1813], p. 49). A relação entre homem, língua e pensamento é, pois, tão intensa, que somente alguém capaz de compreender o todo em que o homem está inscrito seria capaz de traduzi-lo para aqueles que não têm essa compreensão:

Com certeza, então, quem adquiriu esta arte da compreensão por meio de esforços solícitos com a língua e por meio do *conhecimento rigoroso da vida histórica completa do povo*, e por meio da *re-atualização vivíssima de cada obra e de seu autor*, esse, com certeza, e também apenas esse, pode desejar abrir ao seu povo e contemporâneos a mesma *compreensão* [que ele próprio teve] das obras primas da arte e da ciência (2010[1813], p. 51-3 – grifos meus).

O que está em questão, portanto, é que a língua se revela como o *medium* no qual é possível buscar a expressão de um sujeito, motivo pelo qual a ideia de “compreensão” que caracteriza a hermenêutica defendida por Schleiermacher está centrada na materialidade do texto, entendido como “[...] o produto expressivo de um sujeito” e como “[...] um fenômeno de linguagem objetivo que se define menos por seu autor do que por sua situação na história da língua e da cultura” (BERMAN, 2002[1984], p. 255). A história da língua e da cultura, então, afetam o texto, o produto expressivo de um sujeito, mais do que a própria subjetividade daquele que o compõe; compreender esse texto, porém, e traduzi-lo são atividades diretamente afetadas pelos mesmos fatores que determinaram o fenômeno da linguagem em que se configura o texto, uma vez que se trata de práticas que se desenvolvem inescapavelmente no campo das línguas. Como aponta Berman:

Teoricamente, a compreensão move-se em todos os planos que podem se referir à inter-expressividade dos sujeitos. Mas descobre-se que seu espaço de ação fundamental é a *linguagem*. Primeiramente, este é o seu *medium* de explicação. Em seguida, a compreensão é geralmente centrada nas expressões linguísticas orais ou escritas (2002[1984], p. 255).

Sendo assim, a linguagem é o único meio que, no texto, torna possível a manifestação da subjetividade que lhe deu origem, e a materialidade do estrangeiro nas formas linguísticas e nos aspectos discursivos nele presentes é o efeito mais direto de uma identificação total entre língua e pensamento, que torna o texto a manifestação do sujeito como um fenômeno da linguagem, relegando a expressão da alteridade à sua materialidade linguística. Por conta da dinâmica entre a situação do homem, nas histórias da língua e da cultura, e o texto como expressão de sua subjetividade, que ora entendo como uma instância de qualquer atividade que se desenvolva por meio da língua, manifestando-se, dessa forma, tanto na escrita do texto a ser traduzido como da tradução, as críticas de Venuti tanto à invariância e à inerência da alteridade como ao instrumentalismo da tradução em Schleiermacher – termo pelo qual o autor parece entender a ausência de uma noção de tradução como interpretação – podem ser relativizadas, já que os fatores que agem diretamente sobre quem se dedica aos trabalhos na linguagem seriam condicionados por elementos nada estanques.

Certamente as preocupações de Venuti com tais questões ultrapassam em muito as de Schleiermacher, ao menos pelo que foi enunciado em seu discurso sobre os métodos de tradução; ainda assim, porém, a ideia da interpretação textual como um processo de “compreensão”, conforme se pode depreender de suas afirmações, demonstra que, em alguma

medida, a dimensão interpretativa do processo tradutório se faz presente. Por esse motivo, por exemplo, ao deter-se sobre o método pelo qual se buscaria trazer autores estrangeiros aos leitores da língua da tradução como se eles tivessem escrito originalmente nessa língua, Schleiermacher questiona a exequibilidade mesma de uma tal proposta, alegando, ainda que indiretamente, a impossibilidade de que o tradutor, dedicado a tal tarefa, pudesse expressar os mesmos “raciocínios” desenvolvidos em uma outra língua:

Quem está convicto de que, essencial e intimamente, o pensamento e a expressão se identificam, e nesta convicção se funda, certamente, toda a arte da compreensão do discurso e, por conseguinte, também toda tradução, poderia querer separar de sua língua nativa uma pessoa e pensar que esta, ou inclusive apenas um de seus raciocínios, pode chegar a ser exatamente igual em duas línguas? (2010[1813], p. 79).

E o mesmo ocorre com as críticas de Venuti em relação a Berman, construídas sem levar em conta uma série de reflexões do filósofo francês fundamentais para a caracterização de seu pensamento, a grande maioria delas trabalhadas pelo autor em seu *Pour une critique des traductions: John Donne* (1995), livro escrito durante seus últimos meses de vida e publicado postumamente por Isabelle Berman¹⁰. Dividida em duas grandes partes¹¹, a obra apresenta uma profunda reflexão sobre a crítica de tradução como uma forma específica de crítica, bem como uma aplicação das ideias ali defendidas. De acordo com Berman, na primeira das duas partes, uma “[...] propedêutica epistemológica da outra” (1995, p. 13), tratou-se “[...] da crítica de tradução, apresentada como um dos gêneros da Crítica, com C maiúsculo” (1995, p. 13); a segunda, por sua vez, “[...] a ‘aplicação’ da primeira” (1995, p. 21), foi dedicada à crítica de um conjunto de traduções do poema “*Going to bed*”, de John Donne. Interessante, pois, aqui, a primeira parte de seu livro, uma vez que Berman retoma, mesmo que indiretamente, algumas ideias importantes de suas obras anteriores para suprir aquilo que, nos exercícios críticos sobre traduções praticados em seu tempo, ele não encontrava:

¹⁰ Como ela mesma esclarece na “*Note de l’éditeur*” à obra (1995, p. 7-8).

¹¹ É possível afirmar, contudo, que a obra se divide, na verdade, em três partes: a primeira, onde se realizam as reflexões sobre a crítica de traduções; a segunda, na qual essas reflexões são levadas a cabo em um exercício crítico; e uma terceira, em que o autor se dedica à análise da recepção crítica das traduções de John Donne por ele consideradas – um movimento que, conforme destaca Cardozo (2004, p. 68), é fundamental para o tipo de panorama crítico das traduções de John Donne que Berman pretende traçar no livro. Ora, optou-se por seguir o próprio Berman, que, na “Introdução”, apresenta sua obra como dividida em duas partes – possivelmente, porque pensava apenas em uma distinção entre a reflexão sobre a crítica e a prática da crítica, seja ela com respeito às traduções, seja com respeito à recepção dessas mesmas traduções.

[...] se crítica quer dizer análise rigorosa de uma tradução, de seus traços fundamentais, do projeto que lhe deu origem, do horizonte a partir do qual ela surgiu, da posição do tradutor; se crítica quer dizer, fundamentalmente, *apuração da verdade de uma tradução*, então deve-se dizer que a crítica de traduções está apenas começando a existir (1995, p. 13-4).

Apesar de existirem manifestações críticas sobre os textos traduzidos, é a pluralidade e a falta de rigor nas análises que incomoda Berman, além do aspecto judicativo que tanto as avaliações de tendência mais negativa como as de tendência mais positiva possuem – uma característica que, segundo Berman, se baseia “[...] em dois traços fundamentais de todo texto traduzido” (1995, p. 41): a expectativa de que a tradução, entendida como um texto secundário, corresponda a seu original, o texto primário e, supostamente, autêntico e verdadeiro; e a defectividade (*défectivité*), termo com que Berman se refere “[...] a todas as formas possíveis de defeitos, falhas e erros que podem afetar *qualquer* tradução” (1995, p. 41). Por conta disso, a intenção de Berman em seu último livro visa ao estabelecimento de uma forma própria para a crítica de traduções, fundamentada em sua especificidade, pela qual ela possa ser considerada um gênero “da Crítica, com C maiúsculo” – ao que estaria pressuposto, pois, o rigor de análise cuja ausência é apontada pelo autor nas produções críticas mais abundantes –, e também um sentido pelo qual se busque um objetivo para a crítica que transcenda o mero julgamento, seja ele positivo ou negativo.

Em se tratando do objetivo dessa crítica, conforme ressalta Mauricio Cardozo, Berman parece entender uma das seis etapas que prevê em seu método analítico¹² – a saber, a última delas, chamada de “crítica produtiva” – como sendo, mais do que um dos passos da análise, a própria visada da crítica de traduções: “Mais do que uma última etapa de seu método, este parece mesmo ser o seu propósito final, o próprio *sentido ético* da crítica de tradução literária” (2004, p. 89-90). Novamente influenciado pelo Romantismo alemão, para estabelecer o sentido de sua proposta, Berman toma de Friedrich Schlegel a noção de “crítica produtiva”, com a qual, segundo ele, F. Schlegel “[...] define o que se poderia chamar a *revolução copernicana da crítica*: tornar-se a condição de possibilidade da literatura porvir” (2002[1984], p. 219). Para o alemão, então, a “crítica produtiva” caracterizar-se-ia como:

¹² São elas: 1. “leitura e releitura da tradução”; 2. “leituras do original”; 3. “a busca pelo tradutor” – dividida em três subetapas: 3.1. “a posição tradutória”; 3.2. “o projeto de tradução”; 3.3. “o horizonte tradutório”; 4. “análise da tradução” – dividida em quatro subetapas: 4.1. “formas de análise”; 4.2. “confrontação”; 4.3. “estilo da confrontação”; 4.4. “fundamento da avaliação”; 5. “recepção da tradução”; 6. “crítica produtiva”. Para uma análise de cada uma das etapas e subetapas, cf. Cardozo, 2004, p. 69-92.

[...] uma crítica que não seria tanto o comentário de uma literatura já existente, concluída e desbotada, mas o órgão de uma literatura ainda a ser completada, formada e até mesmo iniciada. Um órgão da literatura, portanto uma crítica que não seria somente explicativa e mantenedora, mas que seria ela mesma produtiva, ao menos indiretamente (SCHLEGEL, F. apud BERMAN, 1995, p. 96).

A partir disso, Berman propõe que a crítica de traduções assuma o traço produtivo almejado por F. Schlegel para a crítica literária, de modo a torná-la, a crítica de traduções, “[...] crítica no mais elevado sentido” (1995, p. 97). Com isso, quando aplicada a obras que demandassem uma retradução, seja por tratar-se de uma tradução já antiga ou mesmo problemática, ou insatisfatória, a crítica produtiva de traduções “[...] indicará, ou tentará articular, os *princípios* de uma retradução da obra em questão e, portanto, de novos projetos de tradução” (1995, p. 97)¹³; aplicada, porém, a traduções consideradas bem-sucedidas, o “[...] poder fecundante da análise reside, então, em mostrar, ou demonstrar, o *trabalho criativo do tradutor [faire-oeuvre positif]*, e a *exemplaridade* da tradução mesma” (1995, p. 97).

Produtiva por exigência do método, a crítica conforme pensada por Berman fundamenta seu “sentido ético” na própria condição múltipla da tradução – “[...] a *vida* mesma da tradução reside na pluralidade imprevisível de versões sucessivas ou simultâneas de uma mesma obra” (1995, p. 97) –, ou seja, na sua condição crítica – “[...] quer se alimente ou não de livros críticos para traduzir determinado livro estrangeiro, o tradutor age criticamente em todos os níveis” (1995, p. 40) –, o que torna a crítica de traduções, portanto, a crítica de um texto de natureza crítica: “[...] a crítica de uma tradução é, assim, a de um texto que, por si mesmo, resulta de um trabalho de ordem crítica” (1995, p. 41). Com isso, então, Berman define o propósito de seu método¹⁴ de análise de traduções, o “sentido ético” pelo qual defende a produtividade das críticas de traduções, bem como a especificidade dessa crítica, que toma por objeto um texto que, por si só, já resulta de um exercício crítico por parte do tradutor. Parece certo, então, que Venuti se equivoca ao considerar que a abordagem de Berman de-

¹³ O autor, porém, adverte: “[...] não há necessidade de propor *um* novo projeto (esse deve ser o trabalho dos próprios tradutores), nem de agir como conselheiro, mas de preparar, o mais rigorosamente possível, o espaço de jogo da retradução” (1995, p. 97).

¹⁴ A palavra método, segundo alerta Cardozo, conforme utilizada por Berman, carece de breve esclarecimento: “Contudo, cabe [...] destacar o cuidado com o qual o teórico se refere ao termo *méthode*, relativizando-o, por mais de uma vez, enquanto designação da abordagem que esboça ao longo de sua reflexão. Encontra-se um exemplo disso já na introdução à obra, onde Berman descreve o processo de surgimento de sua reflexão: ‘*Peu à peu, encore que de manière improvisée et embryonnaire, s’était ébauchée, sinon une ‘méthode’, du moins une forme d’approche des traductions*’ (BERMAN, 1995, p. 12). Entendemos, portanto, que o termo método aponte mais para o ‘rigor do procedimento analítico’ pretendido por Berman para a crítica, do que para um ‘conjunto de regras e princípios normativos que regulam’ (HOUAISS) essa prática” (CARDOZO, 2004, p. 75, n. 106).

monstra ser mais “instrumental” do que hermenêutica, mais preocupada com a materialidade da alteridade do texto estrangeiro do que com a condição interpretativa do processo tradutório; e nem mesmo pode-se dizer completamente ausente a noção de que a tradução transforma também o original, uma vez que ela é influenciada por diferentes condicionantes durante sua realização:

Analisar uma tradução sem referir-se ao sistema de normas que a modelou, e então “julgá-la” sobre essa base, é, pois, uma operação absurda e injusta, visto que ela não *podia* ser diferente, e visto que, como um ato de tradução, ela não faz *sentido* a não ser enquanto uma operação assujeitada a essas normas (1995, p. 53).¹⁵

A própria noção do aspecto crítico inerente ao trabalho do tradutor, assim como aquela da produtividade da crítica pressupõem uma diferença entre a tradução e seu original que, longe de ser apenas positiva ou negativa, determina a sobrevivência da obra estrangeira na cultura da tradução – ou seja, a ideia de que a tradução é responsável, em sua língua, pela condição de existência da obra estrangeira¹⁶.

Além disso, é justamente em função desse aspecto que Berman estabelece, como uma das etapas de seu método, a chamada “busca pelo tradutor” (*la recherche du traducteur*). Seguindo-se à “leitura e releitura da tradução” (primeira etapa) e às “leituras do original” (segunda etapa), cujos objetivos são identificar, respectivamente, as “áreas frágeis” e as “áreas fortes” do texto traduzido (1995, p. 72) e as “áreas significativas” do texto original (1995, p. 70), a busca pelo tradutor se faz necessária para que, antes da análise propriamente dita da tradução (quarta e quinta etapas), o crítico consiga esboçar os porquês da tradução e a sua lógica, a qual determina o sistema do texto traduzido (1995, p. 72). Essa busca, então, se configura como o movimento de análise por meio do qual Berman pretende delinear aspectos do exercício tradutório que tenham influenciado diretamente na construção do texto traduzido. Sobre ela, diz Cardozo:

¹⁵ Sobre essas normas que operam na tradução, diz, pois, Berman, pensando especialmente nos trabalhos dos Estudos Descritivistas da Tradução: “O ‘sistema de transformação’ apresentado por qualquer tradução é, pois, o resultado da internalização dessas normas, que, na verdade, o tradutor não aplica como se fossem diretrizes externas. Por sua vez, o conteúdo das normas de tradução pode variar de acordo com as demandas do polissistema cultural e literário do receptor” (1995, p. 53).

¹⁶ Berman afirma, referindo-se a nomes como Walter Benjamin, Ezra Pound, Gérard Genette, Octavio Paz e Roman Jakobson, dentre outros, que eles “[...] todos contribuíram para construir o grande edifício da Crítica, que está a serviço das obras, de sua sobrevivência e de sua ilustração, e dos leitores” (1995, p. 13).

[...] Berman reivindica, aqui, o reconhecimento de um espaço de ação do tradutor, pois parte do princípio de que a prática de tradução não é nem neutra, nem absolutamente aleatória e inconsciente: é, diferentemente, uma *prática crítica*, que envolve inúmeras tomadas de decisões no âmbito de um espaço dialógico instaurado a partir da relação entre as instâncias da criação e da prática tradutória (2004, p. 77).

Para que o espaço possa então ser demarcado, o método proposto prevê que a busca pelo tradutor se dê principalmente por três caminhos bastante relacionados entre si¹⁷: o estabelecimento (1) da “posição tradutória” (*position traductive*), uma espécie de ajuste entre “a forma pela qual o tradutor, como um sujeito tomado pelo *desejo de traduzir*, percebe a tarefa da tradução, e a maneira pela qual ele internalizou o discurso atual sobre o traduzir” (BERMAN, 1995, p. 74-5) – ou seja, o posicionamento que o tradutor faz de si próprio diante da tradução; (2) do “projeto de tradução” (*projet de traduction*), que define tanto “[...] a maneira pela qual o tradutor vai realizar a *translação literária*” como também “[...] assumir a própria tradução, escolher um *modo* de tradução, uma *maneira de traduzir*” (1995, p. 76); e (3) do “horizonte do tradutor” (*horizon du traducteur*), “[...] a totalidade dos parâmetros linguísticos, literários, culturais e históricos que ‘determinam’ o sentir, o agir e o pensar de um tradutor” (1995, p. 79) – ou seja, o “lugar” a partir do qual o tradutor realiza sua tarefa.

Entre esses três momentos da busca pelo tradutor, não haveria, porém, segundo Berman, uma sucessão linear: se, por um lado, o horizonte tradutório desponta como uma condição preliminar de análise, já que “Posição tradutória e projeto de tradução estão, por sua vez, presos em um *horizonte*” (1995, p. 79), dificilmente as abordagens da posição e do projeto se dariam separadamente, porquanto, na ausência de textos em que o tradutor se pronuncie sobre suas traduções em geral, ou sobre a tradução em questão, revelando assim suas posições, é possível reconstituí-las a partir das próprias traduções, “[...] que as dizem implicitamente” (1995, p. 75). Do mesmo modo, portanto, do que ocorre com o projeto de tradução, cuja abordagem pode-se dividir em duas partes: na leitura da tradução, que o faz surgir radiograficamente (*radiographiquement*), somada à de quaisquer outros tipos de texto em que o tradutor manifeste suas posições; e no trabalho comparativo da tradução, o cotejo entre ela e o texto original (1995, p. 83). Assim sendo, fica posto que tanto o horizonte, como a posição e o projeto do tradutor são as instâncias do modelo crítico de Berman pelas quais é

¹⁷ Berman admite que perguntas mais diretas que busquem o levantamento de alguns dados sobre o tradutor e sua prática, tais como sua nacionalidade, suas ocupações profissionais, quais as línguas de que traduz e que tipos de texto traduz, dentre outras, são importantes para essa etapa, mas correm o risco de “[...] ser apenas pura ‘informação’” (1995, p. 74).

possível estabelecer o espaço de ação do tradutor sobre o texto original, no intuito de compreender os motivos pelos quais a tradução foi realizada, ou, em outras palavras, as normas pelas quais ela foi modelada.

Ainda sobre o projeto de tradução, afirma Berman: “Toda tradução consistente é realizada por um projeto, ou visão articulada” (1995, p. 76). Esse projeto, contudo, conforme imaginado pelo autor, não se configura como uma metodologia, no sentido de um corpo de regras estabelecidas *a priori* com vistas a guiar o processo de tradução, realizado *a posteriori*: “[...] a tradução nunca é a realização do projeto: ela vai *para* onde o projeto a conduz e *até* onde o projeto a conduz” (1995, p. 77). Profundamente vinculado à posição tradutória, ele se conforma mais como a revelação de uma orientação crítica – o que Cardozo chama de “matriz crítica” (2009, p. 109) – que conduz o processo tradutório, do que, necessariamente, como a enumeração de uma série de procedimentos a serem adotados em situações específicas do texto e que, a princípio, sirvam como um manual para o tradutor e, depois, para o leitor da tradução. Como orientação crítica, portanto, o projeto de tradução surgiria, de acordo com Berman (1995, p. 76), a partir da articulação de dois fatores marcantes da presença do tradutor em sua tarefa: sua posição tradutória e as exigências específicas do texto que se pretende traduzir.

É, pois, a partir dessa forma de compreender e organizar o espaço “a partir do” e “no qual” age o tradutor, que esta tese se organizou. A tradução da *Tebaida* aqui proposta, portanto, foi concebida e realizada de acordo com a dinâmica entre os três momentos da “busca do tradutor” defendida por Berman. Assim, ora entende-se o exercício tradutório como uma prática que é realizada em um espaço que prevê: a compreensão dos principais parâmetros linguísticos, literários, culturais e históricos que o caracterizam e, em certa medida, condicionam o exercício tradutório – que prevê, portanto, o “horizonte” em que a tradução é realizada; a “posição” do tradutor diante das questões que o circundam nesse horizonte, especialmente daquelas relacionadas à tradução de um modo geral e à tradução em específico – neste caso, da *Tebaida* de Públio Papínio Estácio; e o “projeto”, em que as posições tradutórias assumidas são articuladas em função das especificidades da obra em questão. Uma dinâmica, portanto, que integra as questões mais gerais que podem influenciar o trabalho do tradutor, suas posturas em relação a tais questões e a proposta pela qual ele pretende coordenar, às características da obra que pretende traduzir, suas perspectivas sobre instâncias como a tradução, a poesia e a literatura, dentre outras.

No entanto, para isso, foi necessário realocar os momentos pensados por Berman para a busca do tradutor durante o movimento analítico por ele proposto: de um contexto crítico, então, uma vez que integram e, mesmo, caracterizam o método proposto pelo autor, tais momentos foram conduzidos para o de sistematização da concepção e da apresentação do projeto de tradução desta tese. A despeito dessa mudança, porém, a natureza das três dimensões pelas quais a ação do tradutor se mostra de maneira mais evidente não se altera, uma vez que elas continuam sendo indícios das instâncias que ajudam a conformar o sistema da obra traduzida. Pensar dessa forma o exercício tradutório que ora se apresenta foi o modo encontrado para tornar mais evidentes as condições em que a tradução foi pensada e realizada, bem como para tornar mais clara e sistemática a apresentação das diferentes concepções e posturas que fundamentaram o trabalho tradutório exercido sobre a *Tebaida* de Estácio. Ao que se pode dizer, utilizando uma tal forma de sistematizar seu pensamento, ganha o tradutor ao tornar-se mais consciente de sua prática e do horizonte “no qual” e “a partir do qual” ela se realiza, pelo que se torna mais evidente, assim, o aspecto crítico inerente a toda e qualquer prática de tradução de literatura.

2.2. Posição e Projeto: o horizonte de tradução da *Tebaida*

Embora a “posição” e o “projeto” não resumam o “horizonte tradutório” (ou “do tradutor”), ora preferiu-se a apresentação apenas dessas dimensões do trabalho de tradução, as quais, se não determinam completamente o horizonte a partir do qual o exercício se deu, ao menos apontam as posturas diante das questões mais imediatas de qualquer tradução: como essa prática é entendida pelo tradutor, e como essa postura é equacionada em relação ao texto que se pretende traduzir. Por esse motivo, então, esta seção se divide entre a discussão do conceito de tradução ora adotado (subseção 2.2.1.), pelo que se pretende a exposição da “posição tradutória”, portanto, e a definição do “projeto de tradução” que guiou a abordagem do texto de Estácio (subseção 2.2.2.). Com isso, o preâmbulo ao trabalho de tradução propriamente dito se completa, de modo a revelar as principais ideias que agiram durante a execução do projeto que se apresenta.

2.2.1. A posição tradutória

Como já vimos (cf. seção 2.1), a noção de “relação” é fundamental para a definição da dimensão ética da tradução em Berman. Conforme defende Cardozo, essa dimensão seria, por sua vez, caracterizada por dois sentidos fundamentais: um teleológico, orientado para a qualidade da tradução definida de acordo com a visada ética da tradução estabelecida pelo autor; e outro dialógico, pois que a tradução seria “[...] fundada ontologicamente na *relação*, no *diálogo* com o Outro” (2004, p. 66-7). Do ponto de vista da qualidade, a tradução é classificada por Berman como “boa” quando realizada de acordo com a “pura visada da tradução como tal” – quando “[...] é, na sua essência, animada pelo *desejo de abrir o Estrangeiro enquanto Estrangeiro ao seu próprio espaço de língua*” (BERMAN, 2007[1985], p. 69); como “má” tradução, quando, etnocêntrica, faz com que tudo aquilo que se encontra fora dela soe como se fosse de sua própria cultura e língua, em conformidade com os valores e as normas próprias, e toma o estranho “[...] como negativo ou, no máximo, bom para ser anexado, adaptado, para aumentar a riqueza desta cultura” (BERMAN, 2007[1985], p. 28).

Ao contrário do que possa parecer, porém, Berman não crê em um encontro total com o outro da tradução por meio dessa relação específica que funda a dimensão ética de seu conceito de tradução, uma vez que aponta para a impossibilidade de anulação da força etnocêntrica do ato de traduzir: “Colocar em discussão esses [...] modos de tradução não significa afirmar que a tradução não comporta nenhum elemento etnocêntrico” (2007[1985], p. 37). Para o autor, ao problematizar-se, então, a tradução dita etnocêntrica, o que se busca, mais do que estabelecer, a partir daquilo que se entende como negativo nessa prática, uma teoria do bem traduzir, é identificar “[...] o sistema de deformação dos textos [...] que opera em toda tradução, e impede-lhe de atingir seu verdadeiro objetivo” (2007[1985], p. 45). Manifestando-se em toda tradução, portanto, essa sistemática da deformação, o verdadeiro objeto a que se dedica a analítica da tradução prevista por Berman para a teoria da tradução¹⁸,

¹⁸ A analítica da tradução, assim sendo, agiria de modo a identificar as tendências deformadoras às quais todo tradutor está exposto em sua atividade, uma vez que são “[...] tanto a expressão interiorizada de uma longa tradição quanto da estrutura etnocêntrica de cada cultura e cada língua enquanto ‘língua culta’ [é dizer ‘língua que traduz]” (2007[1985], p. 45). Em seu *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* (2007[1985]), Berman se dedica à análise de treze das tendências que identifica como deformadoras: “racionalização”, “clarificação”, “alongamento”, “enobrecimento e vulgarização”, “empobrecimento qualitativo”, “empobrecimento quantitativo”, “homogeneização”, “destruição de ritmos”, “destruição de redes significantes subjacentes”, “destruição de sistematismos textuais”, “destruição ou exotização de redes de linguagens vernaculares”, “destruição de locuções e idiotismos”, “apagamento de superposições de línguas”.

age apagando a alteridade do texto estrangeiro para o benefício do “sentido” e da “bela forma” (2007[1985], p. 48). Conforme declara Berman, em resumo:

Questionar a tradução [...] etnocêntrica significa procurar situar a parte necessariamente etnocêntrica [...] de toda tradução. Significa situar a parte que ocupam a captação do sentido e a transformação literária. Significa mostrar que essa parte é *secundária*, que o essencial do traduzir está alhures (2007[1985], p. 39).

Mais do que isso, Berman ainda defende que não há como se passar, de maneira direta, da analítica do mau traduzir a uma analítica do bem traduzir, a qual, se assim fosse estabelecida, não seria mais do que uma série de “receitas” que caracterizariam, ao fim, uma metodologia dogmática do traduzir (2007[1985], p. 63). Em vez disso, é necessário que se defina o objetivo da tradução, fazendo com que as “receitas antideformadoras” sejam contextualizadas em função de “[...] princípios reguladores não metodológicos” (2007[1985], p. 63). É, pois, justamente com relação ao objetivo da tradução, que a ética se impõe como condição mesma de realização do ato tradutório. Como um “princípio regulador não metodológico”, o entendimento da tradução como um ato de abertura ao outro, e não de apagamento ou de apropriação, surge como uma escolha: “Acolher o Outro, o Estrangeiro, em vez de rejeitá-lo ou de tentar dominá-lo, não é um imperativo” (2007[1985], p. 68) – uma formulação que parece relativizar a condição de *nada* a que Berman relegou as traduções etnocêntricas (cf. seção 2.1.).

Pela lógica da ética da “abertura”, a tradução se revelaria como a “manifestação” de uma obra original. Dessa forma, “*abrir o Estrangeiro enquanto Estrangeiro ao seu próprio espaço de língua*” é fazer com que, no contexto da tradução, a obra surja como a “novidade” que foi em seu contexto de primeira recepção:

Ela [a tradução] é, no âmbito das obras (que aqui nos ocupam), a *manifestação de uma manifestação*. Por quê? Porque a única definição possível de uma obra só pode ser feita em termos de manifestação. Numa obra, é o “mundo” que, cada vez de uma maneira diferente, se manifesta na sua totalidade [...] A manifestação que a obra é concerne sempre a uma totalidade. Ademais, é manifestação de um *original*, de um texto que não é somente primeiro em relação aos seus derivados translíngüísticos, mas primeiro em seu próprio espaço de língua. Independentemente do fato que toda obra está ligada a obras anteriores no “polissistema” literário, ela é pura novidade, puro surgimento [...] O objetivo ético, poético e filosófico da tradução consiste em manifestar na *sua* língua esta pura novidade ao preservar sua carga de novidade. E até, como dizia Goethe, em lhe dar uma *nova* novidade quando seu efeito de novidade se esgotou em sua própria língua (2007[1985], p. 69).

Berman diz “de língua” – “[...] em seu próprio espaço de língua” – porque os textos são obras que só se manifestam “por meio da” e “na” língua: seu surgimento, assim como sua existência e sua permanência estão condicionados à língua, só ocorrem “com base” nela e “por causa” dela; nesse espaço, portanto, as obras se constituem como uma realização diferente daquelas que compartilham de seu contexto, independentemente das relações que estabeleçam com o “polissistema literário”: como “pura novidade” que é, deve ser mantida ou refeita, se o que se deseja é uma tradução de abertura ao estrangeiro. Somente assim, então, a tradução será manifestação da obra que, por si só, já se configura como manifestação.

Nesse sentido, então, a visada ética da tradução só poderá se ligar à “letra” da obra original, uma vez que “a obra é uma realidade carnal, tangível, viva no nível da língua” (2007[1985], p. 70); e quando Berman pensa a “forma do objetivo” da tradução como uma questão de “fidelidade”¹⁹, esta forma só poderá se manifestar em relação à letra: só a ela é possível ser fiel. É fundamental, então, entender ao que se refere Berman quando fala da “letra”, que não se identifica com o palavra por palavra, embora possa incluí-lo, famoso ao menos desde Cícero (*Opt. Gen. 14: non uerbum pro uerbo necesse habui reddere* – “não considerarei necessário render palavra por palavra”). Em vez disso, uma tradução “literal”, no sentido de que está voltada para a “letra”, é uma tradução atenta ao “jogo dos significantes”. Sobre isso, ao buscar uma tradução para o provérbio espanhol *a cada dia le basta su pena, a cada año su daño* (“a cada dia basta a própria pena, a cada ano, o próprio dano”), citado por Roa Bastos no romance *Eu, o supremo*, e propor uma versão em francês que recrie a sonoridade do original – *à chaque jour suffist sa peine, à chaque année sa déveine* (“a cada dia baste seu sofrimento, a cada ano o seu lamento”) –, Berman diz: “Tal me parece ser o trabalho sobre a letra: nem calco, nem (problemática) reprodução, mas atenção voltada para o jogo dos significantes” (2007[1985], p. 16).

Tem-se, portanto, que a letra não deve ser confundida com a palavra, nem com o sentido; mais do que isso, ela é aquilo que comporta palavra e sentido, mas também as mais diversas relações que podem estar contidas nas escolhas feitas pelo autor: no caso do provérbio traduzido por Berman, a sonoridade e a harmonia entre suas partes, por exemplo. Quando, porém, analisa a tradução da *Eneida* feita por Pierre Klossowski (1905 – 2001), Ber-

¹⁹ Berman acolhe o conceito de “fidelidade” dentro de sua proposta ética para a tradução. Dessa forma, então, ao evocá-lo, uma ideia já suficientemente questionada e discutida no âmbito dos Estudos da Tradução, Berman fala de uma questão de “postura”: “Fidelidade e exatidão se referem a uma certa postura do homem em relação a si mesmo, aos outros, ao mundo e à existência. E, do mesmo modo, certamente, em relação aos textos” (2007[1986], p. 67).

man deixa mais claro o que entende como a letra do texto – e, conseqüentemente, como tradução literal. Em resumo, a leitura que o autor faz da tradução de Klossowski destaca o equilíbrio da latinização do francês, que passa a expressar algo do aspecto, ao menos a nossos olhos, descontínuo da sintaxe latina sem, contudo, sofrer uma violência gratuita que caracterizasse o empenho do tradutor como um mero decalque servil dos aspectos linguísticos do original. A partir disso, então, Klossowski traduziu os três primeiros versos do épico virgiliano (A. 1.1-3: *arma uirumque cano, Troiae qui primus ab oris / Italiam fato profugus Lauiniaque uenit / litora*) por: *les armes je célèbre et l'homme qui le premier des Troyennes rives / em Italie, par la fatalité fugitif, est venu au Lavinien littoral* (“as armas eu celebro e o homem que primeiro das troianas ribas / à Itália, pela fatalidade fugitivo, veio até o laviniano litoral”) – de acordo com Berman, “[...] sem violentar gratuitamente (como a pura “palavra por palavra”) a nossa língua” (2007[1985], p. 121). E Berman continua:

De fato, trata-se de implantar em francês o caráter “fragmentado” da sintaxe latina, de introduzir as rejeições, as inversões, os deslocamentos etc. do latim que permitem o jogo de palavras no dizer épico, mas sem por isso reproduzir ingênua e servilmente rejeições, inversões, deslocamentos do original; sem copiá-los “tais quais”. A diferença é considerável: o que é “traduzido” é o sistema global das inversões, rejeições, deslocamentos, e não suas distribuições factuais ao longo dos versos da Eneida (2007[1985], p. 121).

É necessário voltar, neste momento, à noção de relação que funda a reflexão de Berman sobre a tradução, tão cara a este trabalho: “Ela [a tradução] é relação [de abertura ao estrangeiro em sua alteridade], ou não é *nada*” (2002[1984], p. 17). Sem que se abandone a defesa mesma da tradução como abertura ao estrangeiro, porém, é possível discutir a tradução como relação sem dimensioná-la em função de traços valorativos – o que Berman faz, por exemplo, ao diferenciar a “boa tradução” da “má tradução”, etnocêntrica. Com uma discussão que se faz anterior à do aspecto qualitativo da “relação”, ou que se configura, ao menos em um primeiro momento, como alheia a essa questão, ao concentrar-se na condição relacional do ato tradutório, Mauricio Cardozo passa a pensar a tradução como uma forma de estabelecer relações – e, por isso mesmo, como uma forma de circunscrever o outro dessa relação.

Também partindo do encadeamento entre a dimensão ética da tradução e sua natureza de relação, Cardozo (2007, p. 8-10) fala em uma “mecânica ética” que regeria a compreensão da tradução tanto quanto o seu acontecimento, no âmbito da qual a noção de “relação” ocupa um papel central – a ponto de o autor definir a tradução como, acima de tudo,

“*poiesis* da relação”, o seu trazer à existência:

[...] entender a tradução como *poiesis da relação* significaria entender a prática de tradução como um *modo de relacionar*, de construir uma relação, de pôr em relação e, portanto, também como um *modo de equacionar* uma determinada relação. E se, na linguagem, diferenças e semelhanças não se dão *a priori* – de modo essencial ou monolítico –, mas, antes, manifestam-se apenas *na relação, a partir da relação*, a prática da tradução surgiria, assim, como ocasião e modo de equacionar a própria dimensão de alteridade, em suas figuras da diferença e da identidade (CARDOZO, 2009, p. 106).

Nessas condições, continua Cardozo, a tradução passa a ser entendida como uma prática cujo objetivo é a construção de uma relação entre os diferentes termos e agentes envolvidos no processo, abrindo espaço para que a sua dimensão crítica passe a ser equacionada no cômputo geral do seu entendimento²⁰. Dessa forma:

Traduzir o outro, ao invés de um compromisso *mimético* com a totalidade e com a fidedignidade – horizonte muito distante da condição real em que a tradução (e qualquer outra prática discursiva) tem lugar enquanto prática de relação com o outro –, reorienta-se, portanto, como um compromisso *metético* com a atenção ao recorte que assina o outro (CARDOZO, 2013, p. 33).

É justamente nesse “compromisso *metético* com a atenção ao recorte que assina o outro” que reside a dimensão crítica da “ética da relação” em que o autor fundamenta sua reflexão: dada a impossibilidade de um compromisso “mimético” – imitativo – com a totalidade do outro a se traduzir, esse compromisso só pode se dar em termos de “participação”, de “colaboração” – donde diz, então, “metético”²¹; essa participação, por sua vez, deve-se realizar com a atenção voltada para o seu viés crítico – de “recorte”, portanto – que “assina o

²⁰ Sobre as consequências de se compreender a tradução em função de uma noção de relação, escreve Cardozo (2014, p. 243): “Assumir uma compreensão da tradução como prática relacional implicaria, portanto, em pensar que diferentes concepções de tradução se fundam em modos diferentes de compreender o que seja a *relação*, o que seja a *não relação* e o que *não seja relação*. Implicaria em pensar que diferentes compreensões de tradução se fundam em modos diferentes de compreender o que seja a ordem, a lógica e a dinâmica em que se instaura a *relação*. Enfim, assumir uma compreensão *relacional* da tradução implicaria em assumir que toda concepção de tradução se funda em (ou é fundante de) uma determinada *razão relacional* – *razão*, aqui, no sentido do conjunto de pressupostos que fundam a ordem, a lógica e a dinâmica em que se inscreve uma prática tradutória ou determinada compreensão de tradução. Portanto, entenda-se a noção de *razão relacional*, aqui, no sentido do conjunto de pressupostos (efetivos, mas não necessariamente delimitados; ativos, mas não necessariamente conscientes) que determina os limites e as possibilidades de uma prática de tradução ou de uma compreensão de tradução. Entenda-se a noção de *razão relacional* no sentido do conjunto de pressupostos que determina uma compreensão do que seja o eu e o outro da tradução, bem como do que seja e de como se dê a relação que aí se estabelece.”

²¹ O adjetivo é empregado por Cardozo a partir de Jean-Luc Nancy (2007[2002], p. 10), que o utiliza para indicar que o “sonoro” é algo “tendencialmente metético (ou seja, deve ser construído por meio da participação, da colaboração ou do contágio.”

outro”, que lhe confere uma identidade. Nessa lógica, em que o outro é sempre entendido a partir de sua condição de infinitude, “não há como se pensar a tradução senão como recorte” (2013, p. 33); e uma vez que é justamente esse recorte que faz as vezes do outro, assumindo para si o valor do outro-da-releção, “cabe ao tradutor, então, reconhecer a condição em que opera seus recortes” (2013, p. 33). Essa necessidade de consciência de sua dimensão redutora que Cardozo imprime à tradução é derivada da noção de “responsabilidade para o outro” de Emmanuel Lévinas, que pressupõe uma resposta ao outro que não seja indiferente nem à sua condição redutora, nem à infinitude desse outro que é recortado e assinado na relação (2013, p. 30). Sendo assim, essa responsabilidade – fator fundamental da noção de relação trabalhada por Cardozo²² – não está centrada somente no “dito”, naquilo que se diz ao/outro, mas também e em igual medida no trabalho de “escuta” dedicado a esse outro infinito e na “resposta”, que invariavelmente o recortam, tornando-o “descontínuo”. Assim:

Diante da condição de descontinuidade do outro, a relação tradutória não pode ser entendida simplesmente como via de acesso. Nem como via, nem como acesso. Antes, a tradução é a ocasião de um esforço relacional, é o acontecer de uma *poiesis* da relação com o outro, que, como tal, é sempre, em alguma medida, transformadora do outro e do eu: do outro apartado, recortado, transformado, assinado; e do eu, que ao apartar, recortar, transformar e assinar o outro, opera, também, em si e para si, uma transformação de seus valores. Tradução é *trabalho de relação* (2013, p. 32).

Essa é a condição fundamental pela qual a tradução é aqui entendida e assumida. “Trabalho de relação”, ela se configura como a construção de si própria e também do outro que colocará em tradução, de acordo com uma dinâmica que se assume transformadora de si e do outro. Consciente de sua natureza de recorte, a tradução ora considerada tem em vista aquilo que, na “letra” da *Tebaida* de Estácio – o outro que aqui é assinado como o outro-da-releção –, possa despertar, em português, ao menos um de seus aspectos de “novidade” com os quais foi costumeiramente assinada pela crítica. A partir disso, então, na próxima subseção (2.2.2.), será delineado o projeto de tradução que conduziu o processo de tradução da *Tebaida*, com especial atenção à discussão de suas características em função do conceito de tradução ora delimitado e adotado.

²² A noção de relação proposta por Cardozo (2007, p. 9) é dimensionada em três fundamentos: 1. em um “esforço relacional” que se pautar na abertura ao outro, mas não necessariamente na crença do alcance; 2. na “responsabilidade”, ou seja, no esforço de “ouvir” e “responder” ao outro; e 3. na “liminaridade”, já que, uma vez sendo ideal o encontro efetivo com o outro, esse movimento se desenvolve sempre em um limiar.

2.2.2. O projeto de tradução

... a responsabilidade não consiste apenas na apropriação mais ou menos respeitosa do outro (trazendo-o para nosso campo de conhecimento, para nosso “horizonte de expectativa”). A *responsabilidade* teria também algo de resposta, de atenção, ao chamado de um outro. Ela pode ser entendida como momento ético da tradução, como momento crítico no sentido de crise da escolha, assunto de fato pouco sublinhado e que tem consequências reais na prática da tradução (SISCAR, 2000, p. 68-9).

Um discurso de defesa do outro que não assuma a possibilidade de transformação de si mesmo não faz muito mais do que perpetuar uma ordem relacional transitiva e egótica, fundada numa ética da diferença que limita a diferença ao axioma do eu e que não dá ocasião para que reverberem, na relação, as surpresas e os assombros de um outro para além do espelho (CARDOZO, 2013, p. 32-3).

Em seu “*Naturalizing Statius*”, Susanna Braund (2015) investiga os discursos sobre a *Tebaida* feitos por alguns de seus tradutores para o inglês, bem como a relação entre esses discursos e os resultados que eles alcançaram em suas traduções²³. Dos aspectos do texto escatiano que elege como matrizes para seu exercício crítico, Braund chama a atenção especialmente para o recurso da percursão (*percursio* – o “rápido percorrer”²⁴), de que o poeta lança mão em diferentes momentos de seu canto. E, como exemplo, invoca o passo em que Cadmo, já no local onde deveria fundar sua cidade, a partir da qual desenvolver-se-ia Tebas, semeia no solo, depois de ter sido orientado por Atena, os dentes de uma serpente filha de Marte que ele matara momentos antes (*Theb.* 1.7-9)²⁵: *trepidum si Martis operti / agricolam infandis condentem proelia sulcis / expediam* (“se o colono, a Marte / temendo, o prélio em solo infando semeando, / eu mostrar”). Referindo-se sutilmente a uma série de eventos mitológicos relacionados com a fundação da cidadela de Tebas e com o porvir nefasto da cidade, em uma construção cuja densidade chama a atenção de Braund (2015, p. 586), Estácio alude: ao

²³ A autora analisa as traduções de: Thomas Stephen (1648); Alexander Pope (1712); William Lewis (1767); J. B. Poynton (1971); A. D. Melville (1992); Charles Ross (2004); e Jane Joyce (2008).

²⁴ Para Cícero (*de Orat.* 3.202): *et huic contraria saepe percursio est et plus ad intellegendum, quam dixeris, significatio et distincte concisa brevitatis et extenuatio et huic adiuncta inclusio* (“e, muitas vezes contrário a isso [explanatio], é o rápido percorrer [percursio] e, para dar a entender mais do que o que disseste, a sugestão e a distintamente concisa brevidade, e a atenuação e, a ela unida, a ilusão”).

²⁵ Sobre o episódio, cf. os comentários *ad loc.* no Capítulo Quarto desta tese.

assassinato da serpente mavórcia (“temendo Marte” – *trepidum ... Martis*); ao solo amaldiçoado de Tebas (“solo infando” – *infadis ... sulcis*), uma vez que várias desgraças e crimes nefastos seriam cometidos pelos nativos daquela terra; ao ato de plantar os dentes da serpente mavórcia nesse mesmo solo (“semeando” – *condentem*), motivo pelo qual se refere a Cadmo como “colono” (*agricolam*); e ao embate (o “prélio” – *prelia*) a ser travado pelos guerreiros que nascerão da semente feita por Cadmo – os Espartos.

Continuando sua leitura, Braund revela que, diante de uma linguagem a tal ponto trabalhada, o discurso dos tradutores, ao menos daqueles que o declararam diretamente, foi o de “naturalizar” Estácio com vistas a manter a legibilidade do texto para seus leitores, uma intenção fundamentada na “artificialidade” (*unnaturalness*) da linguagem do poeta, apontada por quase todos os tradutores considerados por Braund. A conclusão a que a autora chegará, porém, é a de que boa parte desses tradutores não consegue “naturalizar” Estácio de uma maneira efetiva, uma vez que certas estratégias por eles adotadas, como o uso de palavras incomuns da língua inglesa ou de neologismos, tendem a dificultar a compreensão do texto mais do que se esperaria de um texto “naturalizado”. Para este trabalho, contudo, mais importante do que a conclusão de Braund, é a pergunta que a autora se faz diante do desejo expresso de naturalização do texto estaciano, bem como da constatada e motivada²⁶ dificuldade desse mesmo texto: “Se a ‘artificialidade’ é uma característica tão proeminente do poema, eu me pergunto: por que os tradutores procuram apagar isso em favor de criar uma leitura fluida e fácil?” (2015, p. 584).

O projeto de tradução que ora se apresenta foi, pois, pensado a partir de uma pergunta análoga a essa. Se nossa tradução de Estácio pautou-se pela ideia de buscar, na letra da *Tebaida*, aquilo que a torna uma “novidade” em relação a seus antecessores, para que, então, essa “novidade” fosse manifestada na tradução (cf. subseção 2.2.1), sua comparação com as obras que a precederam se torna imperativa. Por esse motivo, neste momento, proceder-se-á a um estudo mais detido do trabalho de linguagem na *Tebaida*, de modo a percebê-lo em função de sua relação com o de seus precursores, buscando o seu “característico” – ou sua

²⁶ Braund, para resumir a ideia de que as características marcantes do estilo de Estácio estão profundamente vinculadas com os assuntos de seu poema, cita A. J. Boyle: “As características do poema foram, talvez, mais habilmente capturadas por Boyle em sua introdução à tradução do Canto 10 da *Tebaida* por Austin e Morse, comissionada para o volume *Roman poets of the Early Empire*: este ‘palimpsesto virgiliano’ tem um ‘estilo barroco, teatral, maneirista, abundante e às vezes hiperbólico (frequentemente desprezado) [que] entretece o pesadelo de seu mundo diferente’ [*i.e.*, daquele da *Eneida*]. Em outras palavras, dado o conteúdo extremamente autoconsciente e, às vezes, ‘grotesco’ e ‘horível’ do poema, é apropriado procurar ‘naturalizar’ a *Tebaida*?” (2015, p. 584-5).

“novidade”. Para isso, assumir-se-á, como o horizonte “a partir do” e “em relação ao” qual será realizado o exercício crítico sobre o texto de Estácio, a busca que Brunno Vieira empreende, em sua tese de doutorado (VIEIRA, 2007a), pelo “modo de expressão” de Lucano na *Farsália*. Tendo-se em vista que, como declara Vessey (1973, p. 12), Estácio era “devoto declarado” de Lucano, e considerando, mais do que isso, as relações que mantinha com a tradição poética romana (cf. seção 1.3.), parece lícito, então, ampliar o quadro comparativo estabelecido por Vieira com a abordagem de Estácio, dando-lhe, assim, continuidade.

Dessa forma, à comparação dos catálogos de portentos em Virgílio (*G.* 1.474-88)²⁷ e Ovídio (*Met.* 15.785-98), que descrevem os fenômenos sobrenaturais que se manifestaram logo após a morte de César, e em Lucano (*Luc.* 7.151-67), que se ocupa daqueles que surgiram aos exércitos antes da batalha de Fársalos, soma-se uma análise dos presságios que Estácio faz surgir às vésperas da guerra entre argivos e tebanos, à beira do rio Asopo, no Canto Sétimo da *Tebaida* (7.402-21). Embora um trecho tão exíguo de cada um dos poetas tenha sido levado em conta tanto aqui como em Vieira, sua representatividade, especialmente do ponto de vista da relação entre “modelos” e “imitações”, não se coloca como um empecilho às conclusões e generalizações que serão feitas, uma vez que os excertos concentram muitas das características do trabalho sobre a linguagem de todos os autores envolvidos. Por uma questão cronológica, então, visando a tornar mais claras as relações entre os autores já clássicos e seus sucessores, começaremos com as *Geórgicas* de Virgílio e seus portentos.

*armorum sonitum toto Germania caelo
audiit, insolitis tremuerunt motibus Alpes.* 475
*uox quoque per lucos uulgo exaudita silentis
ingens, et simulacra modis pallentia miris
uisa sub obscurum noctis, pecudesque locutae
(infandum!); sistunt amnes terraeque dehiscunt,
et maestum inlacrimat templis ebur aeraque sudant.
proluit insano contorquens uertice siluas
fluuiorum rex Eridanus camposque per omnis
cum stabulis armenta tulit. nec tempore eodem
tristibus aut extis fibrae apparere minaces
aut puteis manare cruor cessauit, et altae* 485
*per noctem resonare lupis ululantibus urbes.
non alias caelo ceciderunt plura sereno
fulgura nec diri totiens arsere cometae.*
(Verg. *G.* 1.474-88)

No ar Germania o rumor ouviu das armas
do ignoto abalo os Alpes trepidaram.
Mudos lucos percorre voz medonha,
feios vagando à bruma espectros baços;
Que assombro! rios param, falam brutos,
rebentam boqueirões, e até nos templos
mesto o marfim lagrima, os bronzes suam.
Rei das águas o Pado inunda as selvas,
e com doudo remoinho a contorcê-las,
gado leva a currais de campo em campo.
Já no debulho infausto ameaçam fibras,
Já cruor manam poços, e alto os lobos,
cidades estrugindo, à noite ululam.
Nunca assim fulgurou sereno o éter,
assim diros cometas nunca arderam.
(Tradução de Odorico Mendes)

²⁷ Embora as *Geórgicas* não sejam propriamente um poema épico, trata-se de um poema composto em hexâmetros datílicos, o mesmo utilizado nos poemas épicos em latim. Além disso, como defende Smolenaars (1994. *Theb.* 7.402-23n), esse passo em específico (*G.* 1.474-88) se constitui como o *locus classicus* que os outros poetas latinos imitam em suas descrições de portentos.

No que diz respeito à metrificação empregada pelo poeta, em especial no que tange às possibilidades de composição do hexâmetro datílico fornecida pelas possíveis substituições entre sílabas longas e breves em cada um dos pés que formam o verso²⁸, Vieira (2007a, p. 114-6) destaca que Virgílio, nos 15 versos do excerto, emprega 10 esquemas diferentes em relação aos quatro primeiros pés do metro²⁹. São eles: DSDS (4x); DSSS (3x); SDSS (1x); DDDS (1x); SDDS (1x); DSSD (1x); SSSS (1x); SDSD (1x); SSDS (1x); SDDD (1x). Como se pode ver, há preferência por um ritmo alternado (DSDS), como em 1.483; mas o segundo hexâmetro mais utilizado pelo mantuano quebra essa alternância, soando mais pesado, pois que nele predominam os espondeus (DSSS), como em (1.476). Há, a despeito das repetições, uma boa distribuição entre os esquemas utilizados, e somente nos dois últimos versos do passo o mesmo esquema se repete: SDSS, DDDS, DSSS, SDDS, DSSD, SSSS, SDSD, DSSS, SSDS, DSDS, DSSS, DSDS, SDDD, DSDS, DSDS. Além disso, destaca Vieira (2007a, p. 120), Virgílio explora as sequências de pés de seus versos em função do que eles expressam, como ocorre, por exemplo, em 1.479, em que o predomínio espondeico, somado à exploração assonântica de /i/ e /u/ e aliterativa de /n/ e /m/, se adéqua à expressão da monstruosidade dos portentos ali retratados: (*īnfāndūm!*) *sīstūnt āmnēs, tērraēquē dēhīscūnt*.

Ainda do ponto de vista prosódico, o autor menciona as aliterações em /u/ no “[...] momento noturno e fantasmagóricos dos presságios” (2007, p. 120), no verso 1.478, envolvidas pelas vogais “a” no começo e no fim do verso, e entrecortadas pelo “i” de *noctis: uisA sub obscurum noctis, pecudesque locutAe*. Haveria, além disso, uma “[...] euritmia entre conjuntos sintáticos-prosódicos” (2007, p. 122), evidenciada pelo uso de paralelismos sintáticos e prosódicos como forma de marcar o ritmo da narrativa. Veja-se, por exemplo, a paranomásia³⁰ nos versos 1.474-5 (*Germania caelo / audit*) e 1.476-7 (*uox ... exaudita ... / ingens*), que, para o autor, enfatizaria a pormenorização de cada um dos 10 portentos apresentados até o verso 1.480 (2007, p. 120-1). Junto a isso, considerem-se ainda o uso de topônimos (*Germania* e *Al-*

²⁸ O hexâmetro datílico é formado por cinco pés datílicos, seguidos por um sexto pé catalético – ou seja, incompleto. Cada um dos datílicos pode ser formado por 1 sílaba longa e 2 breves (dátilo puro [D]: — uu), ou por 2 sílabas longas (espondeu [S]: — —). Com raras exceções, o quinto pé costuma ser sempre um dátilo; e o último, catalético, é composto por 1 sílaba longa e 1 *anceps* – isto é, longa ou breve –, formando, então, ou um espondeu (— —), ou um troqueu (— u).

²⁹ Uma vez que o quinto pé costuma ser sempre datílico, e que o ritmo do sexto pé é pouco variável (cf. n. 31), ora levou-se em conta apenas os quatro primeiros pés do hexâmetro, mais maleáveis quanto à sequência rítmica que os compõe.

³⁰ *Rhet. Her.* 4.29: *adnominatio est cum ad idem uerbum et nomen acceditur commutatione uocum aut litterarum ut ad res dissimiles similia uerba adcommodentur* (“Há agnominiação [paronomásia] quando, a uma palavra ou nome se aproxima outra igual – a não ser pela alteração de algum som ou letra –, de modo que palavras semelhantes se acomodem a coisas diferentes.” – trad. Ana P. C. Faria e Adriana Seabra).

pes) como sujeitos nos dois primeiros versos do passo (1.474-5), “[...] numa espécie de parêntese de significação” (2007, p. 21); o paralelismo morfológico de verbos na forma passiva nos versos 1.476 e 1.478: *exaudita, uisa e locutae*; a anástrofe³¹ por adjunção³² do sintagma verbal em 1.479 (*sistunt amnes*), que cria uma espécie de quiasmo com o sintagma seguinte (*terraeque dehiscunt*); a percursão por conjunção³³ entre os versos 1.483-6, composto por três orações em que os infinitivos (*apparere, manare e ressonare*) estão subordinadas ao *cessavit*, expressado somente na oração central – elíptico na primeira e na terceira, portanto; e o paralelismo métrico que encerra o trecho, com a repetição da estrutura DSDS.

De maneira semelhante, alega Vieira (2007a, p. 122), procedeu Ovídio:

<p style="text-align: center;">... solis quoque tristis imago</p> <p><i>lurida sollicitis praebebat lumina terris;</i> <i>saepe faces uisae mediis ardere sub astris,</i> <i>saepe inter nimbos guttae cecidere cruentae;</i> <i>caerulus et uultum ferrugine Lucifer atra</i> <i>sparsus erat, sparsi lunares sanguine currus;</i> <i>tristia mille locis Stygius dedit omina bubo,</i> <i>mille locis lacrimauit ebur, cantusque feruntur</i> <i>auditi sanctis et uerba minantia lucis.</i> <i>uictima nulla litat, magnosque instare tumultus</i> <i>fibra monet, caesumque caput reperitur in extis,</i> <i>inque foro circumque domos et templa deorum</i> <i>nocturnos ululasse canes umbrasque silentum</i> <i>errauisse ferunt motamque tremoribus urbem.</i> (Ovid. <i>Met.</i> 15.785-98)</p>	<p>785</p> <p>790</p> <p>795</p>	<p>É fama que em fulmíneas, atras nuvens, tubas horrendas, armas estrondosas, duros clarins os polos atroaram, do negro parricídio anúncios dando; é voz geral também que o Sol tristonho um pálido clarão mandava à terra, que nos ares arder se viram fachos, e em chuveiros cair sanguíneas gotas; de ferrugíneo véu surgir a Aurora, de sangue o carro teu vir tinto, ó Lua. Com dolorosos sons o mocho esquerdo lugares mil entristeceu de agouros, noutros mil o marfim se viu chorando. Foram cantos, e vozes de ameaço sentidos nas florestas consagradas; aceita aos numes vítima não houve: feros tumultos, iminentes males vinham na rota fibra aparecendo; achou-se nas fatídicas entranhas decepada cabeça gotejante; no foro, em torno aos templos, ante os lares os cães soturnos pulular se ouviram, Roma tremeu, por ela andaram sombras. (Tradução M. M. D. du Bocage)</p>
---	----------------------------------	---

³¹ Conforme a define Lisardo Rúbio (1982, p. 208-9), a anástrofe, ou *inuersio* (“inversão”), diz respeito à inversão da ordem canônica das palavras de uma língua; em se tratando do latim, então, qualquer inversão na ordem “sujeito + predicado” e “determinante + determinado”.

³² *Rhet. Her.* 4.38: *adiunctio est cum uerbum quo res comprehenditur non interponimus, sed aut primum aut postremum conlocamus. Primum, hoc pacto: “Deflorescit formae dignitas aut morbo aut uetustate.” Postremum, sic: “Aut morbo aut uetustate formae dignitas deflorescit”* (“Na adjunção o verbo que une os membros não é posto no meio, mas no início ou no final. No início: “Murcha a beleza física tanto com a doença quanto com a velhice”. No final: “A beleza física, tanto com a doença, quanto com a velhice, murcha” – trad. Ana P. C. Faria e Adriana Seabra)

³³ *Rhet. Her.* 4.38: *coniunctio est cum interpositione uerbi et superiores partes orationis comprehenduntur et inferiores, hoc modo: “formae dignitas aut morbo deflorescit aut uetustate”* (“Na conjunção o membro anterior e o subsequente são ligados pela mediação de um verbo, desta maneira: ‘A beleza física, quer pela doença, murcha, quer pela velhice’” – trad. Ana P. C. Faria e Adriana Seabra).

Com respeito à métrica, Ovídio emprega ainda mais esquemas nos quatro primeiros pés do hexâmetro do que Virgílio: são 11 combinações em 16 versos; além disso, sua distribuição é muito mais equilibrada, uma vez que 5 delas são empregadas 2 vezes (DSSD, DDSD, DDSS, DSDS, SSSD), e as outras 6, uma única vez (DSSS, DDDD, DDDS, DSDD, SDDS, SDSD). Ademais, a progressão narrativa parece determinada por uma constante combinação entre figuras de aposição emparelhadas com recursos rítmicos (VIEIRA, 2007a, p. 122). Dessa forma, por exemplo, o paralelismo anafórico³⁴ de *saepe* em 15.787-8 (*saēpē fācēs vīsāē mēdītis ārdērē sūb āstrīs, / saēpe īntēr nīmōs gūttaē cēcīdērē crūēntaē*) parece ser reforçado por uma célula assonante que se repete no quinto pé de cada verso (*|ērē sūb|* e *|ērē crū|*), “[...] numa espécie de *homeoteleuto*³⁵” (2007, p. 122). Entre os versos 15.789-90, há uma anadiplose³⁶ (*caerulus et uultum ferrugine Lucifer atra / sparsus erat, sparsi lunares sanguine currus*) que parece manifestar-se também na dimensão sonora dos versos, dadas as assonâncias e aliterações que se podem encontrar: *caerulus et uultum ferrugine Lucifer atra / sparsus erat, sparsi lunares sanguine currus*.

³⁴ Referente à “anáfora”, ou “repetição” (Rhet. Her. 4.19): *repetitio est, cum continenter ab uno atque eodem uerbo in rebus similibus et diuersis principia sumuntur, hoc modo: 'uobis istuc adtribuendum est, uobis gratia est habenda, uobis ista res erit honori.' item: 'Scipio Numantiam sustulit, Scipio Kartaginem deleuit, Scipio pacem peperit, Scipio ciuitatem seruauit.' item: 'Tu in forum prodire, tu lucem conspicerere, tu in horum conspectum uenire conaris? audes uerbum facere? audes quicquam ab istis petere? audes supplicium deprecari? quid est, quod possis defendere? quid est, quod audeas postulare? quid est, quod tibi concedi putes oportere? non ius iurandum reliquisti? non amicos prodidisti? non parenti manus adtulisti? non denique in omni dedecore uolutatus es?' haec exornatio cum multum uenustatis habet tum grauitatis et acrimoniae plurimum. quare uidetur esse adhibenda et ad ornandam et ad exaugendam orationem.* (“Temos a repetição quando iniciamos com uma mesma palavra, sucessivamente, coisas iguais ou diversas, assim: ‘A vós, isso deve ser creditado; a vós, deve-se agradecer: a vós, isso será motivo de honra’. Ou assim: ‘Cipião subjugou a Numância, Cipião destruiu Cartago, Cipião promoveu a paz, Cipião salvou a cidade’. Ou ainda: ‘Queres adentrar o fórum? Queres vir à luz? Queres comparecer diante destes homens? Ousas tomar a palavra? Ousas pedir-lhes algo? Ousas implorar perdão? Que podes em tua defesa? Que ouusas postular? Que pensas que te deva ser concedido? Não quebras te o juramento? Não traíste os amigos? Não ergueste a mão contra teu pai? Não te envolveste, enfim, em todo tipo de infâmia?’ Esse ornamento tem muito de encanto e mais ainda de gravidade e acrimônia, por isso pode ser aplicado para ornar e ainda para elevar o discurso” – trad. Ana P. C. Faria e Adriana Seabra).

³⁵ De acordo com Cícero (*de Orat.* 3.206), o *homeoteleuto* (*similiter*) ocorre entre palavras “que recebem desinências similares ou que recebem sufixos similares” (*quae similiter desinunt aut quae cadunt similiter*).

³⁶ Ou “reduplicação” (*conduplicatio*); Rhet. Her. 4.38: *conduplicatio est cum ratione amplificationis aut commiserationis eiusdem unius aut plurium uerborum iteratio, hoc modo: 'tumultus, Gai Gracce, tumultus domesticos et intestinos conparas!' Item: 'commotus non es, cum tibi pedes mater amplexaretur, non es commotus?' Item: 'nunc audes etiam venire in horum conspectum, proditor patriae? proditor, inquam, patriae, venire audes in horum conspectum?' uehementer auditorem commouet eiusdem redintegratio uerbi et uulnus maius efficit in contrario causae, quasi aliquod telum saepius ueniat in eandem corporis partem* (“A reduplicação é a repetição de uma ou mais palavras tendo em vista amplificação ou comisseração, deste modo: ‘Desordem, Caio Graco, desordem civil e interna é o que promove!’ Ou ainda: ‘Não te comoveste quando a mãe te agarrou os joelhos? Não te comoveste?’ E também: ‘Agora ouusas até mesmo aparecer perante esses homens, traidor da pátria? Sim, traidor da pátria, ouusas aparecer perante esses homens?’ A reiteração da palavra comove fortemente os ouvintes e fere sobremaneira a parte contrária, como se um punhal perfurasse diversas vezes a mesma parte do corpo” – trad. Ana P. C. Faria e Adriana Seabra).

Vieira ainda aponta uma série de figuras nos versos 15.792-3 (*cantusque feruntur / auditi sanctis et uerba minantia lucis*), das quais destacam-se o hipérbato³⁷ dos sujeitos de *auditi* (*cantusque ... uerba minantia*), a anástrofe de *uerba minantia* e um outro hipérbato envolvendo a construção ablativa *sanctis ... lucis*, bem como a construção de um paralelismo assonante e aliterante entre os inícios dos versos 15.794-5: *uictima nulla* e *fibra monet*. Ao fim, chama a atenção para a estrutura de percursão semelhante à descrita no passo virgiliano (*supra*), em que os três infinitivos entre 15.797-8 (*ululasse, errauisse e motam [esse]*) ligam-se a um único verbo conjugado (*ferunt*), também expresso somente no elemento central – elíptico, portanto, com *ululasse* e *motam [esse]*. No verso 15.797, há ainda um padrão assonântico e aliterativo claramente perceptível: *nocturnos ululasse canes umbrasque silentum*. Lucano, por sua vez, parece trabalhar essa dinâmica de uma maneira diferente.

<p><i>non tamen abstinuit uenturos prodere casus per uarias Fortuna notas. nam, Thessala rura cum peterent, totus uenientibus obstitit aether</i> 153 <i>aduersasque faces immensoque igne columnas</i> 155 <i>et trabibus mixtis auidos typhonas aquarum detulit atque oculos ingesto fulgure clausit; excussit cristas galeis capulosque solutis perfudit gladiis ereptaque pila liquauit, aetherioque nocens fumauit sulphure ferrum;</i> 160 <i>uixque reuolsa solo maiori pondere pressum</i> 162 <i>signiferi mersere caput rorantia fletu usque ad Thessaliam Romana et publica signa. admotus superis discussa fugit ab ara</i> 165 <i>taurus et Emathios praeceps se iecit in agros, nullaque funestis inuenta est uictima sacris.</i> (Luc. 7.151-67)</p>	<p>Não se furtou a Sorte de, por sinais vários, desvelar o futuro. Pois, quando ao Tessálio chão passavam, opôs-se aos pelotões o céu e adversas luzes, e de fogo imensos postes, e tufões sorvedores d'água entre fagulhas atirou, e com tal fulgor ele os cegou, e destruiu as plumas do elmo, e derreteu os gládios na bainha, e os pilos liquefez, e ao ferro atroz com o ar sulfúrico ofuscou. O cabisbaixo porta-estandarte, arrastando-se curvado pelo peso maior das insígnias – públicas e Romanas e a gotejar lágrimas – a custo carregou-as até a Tessália. Movido pelos deuses, de um desfeito altar, fugiu infrene um touro e correu rumo a Emátia, e a sacrilégios não se achou vítima alguma. (Tradução Brunno Vieira)</p>
---	---

Nos 15 versos do passo, Lucano emprega oito estruturas diferentes nos quatro primeiros pés do hexâmetro (DDSS, DSDS, DSDD, SDSS, SSDD, DSSD, DSSS, SDSD). Do ponto de vista do equilíbrio na composição, assim como Virgílio, Lucano se distancia de Ovídio: emprega quatro vezes a estrutura DDSS, três vezes a formada por DSDS, e outras três a SDSS; as outras cinco variações são empregadas uma única vez. Contudo, embora utilize menos possibilidades em relação a Virgílio, por exemplo, e em um número igual de versos, a simples questão quantitativa, como bem ressalva Vieira (2007a, p. 115-7), não é suficiente para que

³⁷ Ou “transgressão” (*transgressio*); segundo a define Lisardo Rúbio (1982, p. 206), diz respeito à separação de termos morfossintaticamente correlacionados.

se julgue seu texto mais monótono do que o do mantuano: são apenas dois versos de diferença entre ambos. É, pois, na exploração do plano sonoro como “[...] uma exasperação no nível prosódico do que uma harmoniosa eufonia” (2007, p. 124), como fizeram Virgílio e Ovídio, que Lucano mais se diferencia de seus antecessores. Assim, por exemplo, emprega a aliteração de /t/ em 7.153 (*cum peterent, totus uenientibus obstitit aether*) como uma forma de ressaltar o impedimento provocado pelo céu; do mesmo modo, as assonâncias de /a/ e /e/ e a aliteração de /m/ e /n/ em 7.155 (*aduersasque faces inmensoque igne columnas*) performariam, segundo Vieira (2007a, p. 124), a variedade sonora da tempestade que o verso anuncia; assim como as repetições de /k/, /g/, /o/ e /u/ em 7.157-9, que refletem a ação do céu em chamas: *detulit atque oculos ingesto fulgure clausit; / excussit cristas galeis capulosque solutis / perfudit gladiis ereptaque pila liquauit.*

De acordo com a leitura de Vieira, então, pouco usando as figuras sonoras para o tratamento dos prodígios no nível da letra do texto, Lucano lança mão de outros expedientes: “[...] a projeção sintagmática dos efeitos celestes acontece pelo abuso das *figurae per transmutationem*, ‘figuras de alteração da ordem’ e pelo emprego da ‘percursão’” (2007, p. 124). Dessa forma, a apresentação dos prodígios se desdobra, entre 7.155-60, em duas percursões: na primeira delas (7.155-7), que se desenvolve em função do verbo *detulit*, Lucano procede à enumeração dos prodígios enviados pelo céu; na segunda (7.157-60), têm vez os efeitos dos prodígios sobre os armamentos dos guerreiros, “[...] uma forma elementar de percursão que recebe variações quanto à posição dos verbos no início e no fim de sintagma [...] e [também] no meio do sintagma” (2007, p. 125). A sequência de percursões se encerra, então, com um hipérbato encadeado em 7.160 (*aetheroque nocens fumauit sulphure ferrum*) – comumente chamado de *golden line*, ou “verso de ouro” –, em que os termos se distribuem em um esquema A’ B’ VERBO A B),

Com isso, então, Vieira conclui que Lucano prefere marcar o andamento de sua narrativa por meio de figuras como o hipérbato, seja por disjunção³⁸ ou inversão (“anástrofe”): como se dão, por exemplo, as relações entre o sujeito do tópico central da passagem, *aether* (7.153), e seu verbos: *detulit* (7.157); *clausit* (7.157); *excussit* (7.158); *perfudit* (7.159); *liquauit* (7.159); e *fumauit* (7.160). Destaque-se, por fim, a sínquise³⁹ que ocorre entre os versos 7.162-4: *uixque reuolsa solo maiori pondere pressum / signiferi mersere caput rorantia fletu / usque ad*

³⁸ Refere-se ao hipérbato como anteriormente definido (n. 39): “Por *transgressão (transiectio)*, entenda-se a separação de termos sintaticamente unidos” (RUBIO, 1982, p. 206).

³⁹ Que Quintiliano define como “mistura de palavras” (*mixtura uerborum* – Inst. 8.2.14).

Thessaliam Romana et publica signa. A partir disso, então, conclui Vieira:

Ora, a enumeração dos prodígios de Virgílio e Ovídio servem à “evidência”, enquanto as de Lucano à “brevidade” principalmente através da “percurso”, o que denota o confronto, se não de duas vertentes poéticas, pelo menos de dois modos de expressão [...] Como procuramos demonstrar, o distanciamento do estilo de Lucano em relação aos seus antecessores é bastante enfático. Se Virgílio é “mais claro”, como já tinha percebido Sulpitius Verulanus, comentador renascentista da *Farsália*, essa nuance determina uma diferença substantiva entre os dois autores. A *Farsália* propõe um diferente caminho para a poesia épica, não só pelo conteúdo da narrativa, não só pela postura do narrador frente ao assunto, mas principalmente por suas particularidades no nível dos arranjos sonoros, sintáticos e lexicais. Sobressai-se uma singular dança do intelecto entre as palavras, sendo essa logopeia única entre os poetas latinos (2007a, p. 132)⁴⁰.

A forma pela qual Estácio apresenta os prodígios que antecederam a travessia do rio Asopo pelas tropas argivas, às portas já de Tebas, é, como se verá, bastante afim à empregada por Lucano, mas também guarda semelhanças significativas às utilizadas por Virgílio e Ovídio.

(– uu | –) *nec monstra tenent, quae plurima nectit
prodigiale canens certi fors praeuia fati.
quippe serunt diros monitus uolucresque feraeque
sideraque auersique suis decursibus amnes, 405
infestumque tonat pater et mala fulgura lucent;
terrificaeque adytis uoces clausaeque deorum
sponte fores; nunc sanguineus, nunc saxeus imber,
et subiti manes flentumque occursum auorum.
tunc et Apollineae tacuere oracula Cirrhae, 410
et non adsuetis pernox ululauit Eleusin
mensibus, et templis Sparte praesaga reclusis
uidit Amyclaeos (facinus!) concurrere fratres.
Arcades insanas latrare Lycaonis umbras
nocte ferunt tacita, saeue decurrere campo 415
Oenomaum sua Pisa refert; Acheloon utroque
deformem cornu uagus infamabat Acarnan;
Perseos effigiem maestam exorantque Mycenae
confusum Iunonis ebur; mugire potentem
Inachon agricolae, gemini maris incola narrat 420
Thebanum toto planxisse Palaemona ponto.
(Stat. *Theb.* 7.402-21)*

Nem prodígios detêm, os que muitos tramou;
fértil canta, do certo fado, a sorte as prévias.
Pois que encadeiam diros sinais feras, e aves,
e estrelas, e, contrários aos seus cursos, rios,
e o infesto troa o pai, e maus fulgores luzem;
e hórridas vozes do ádito, e dos deuses portas
golpeadas; e ora sáxea, e ora sanguínea chuva,
e bruscos manes e chorando o grupo avoengo.
Então, calam da Cirra Apolínea os oráculos,
e em meses não comuns noturna Elêusis uiva,
e, aos templos já trancados, ominosa Esparta
observa os Amicleus (ó crime!) irmãos correr.
Arcádios, louca acuando de Licáon a sombra,
em calma noite dizem, e no atro agro aviando-se
Enômau a sua Pisa afirma; o Aqueloo, de ambos
chifres disforme, a errante Acarnânia difama;
de Perseu, mesta a imagem a que ora Micenas,
dúbio, de Juno, o mármore; que muge o Ínaco
forte o colono conta, do gêmeo ponto o íncola,
que, Tebano, por todo o mar, plange Palêmon.

⁴⁰ Vieira lança mão, em sua análise, dos conceitos críticos de melopeia e logopeia, principalmente, cunhados por Ezra Pound para referir-se a dois dos três meios pelos quais diz ser possível carregar a linguagem, um meio de comunicação, de significados; assim pela melopeia, pretende-se “Produzir correlações emocionais por intermédio do som e do ritmo da fala” (POUND, 2006[1934], p. 63); pela logopeia, “Produzir ambos os efeitos [projeção de objetos e correlações emocionais] estimulando as associações (intelectuais ou emocionais) que permaneceram na consciência do receptor em relação às palavras ou ao grupo de palavras efetivamente empregados” (2006[1934], p. 63).

O passo considerado de Estácio é maior do que os anteriormente analisados: são 20 os versos que o poeta ocupa na descrição dos prodígios funestos aos argivos. O número de estruturas empregadas nos quatro pés iniciais do hexâmetro, por sua vez, é igual ao de Virgílio: são 10 as variedades utilizadas por Estácio (DSDS, DDSS, DSSS, SSSD, DDDD, SSSD, DSDD, SDDD, DDDS, DSSD). Dessas, as mais empregadas são: DSDS e DDSS, quatro vezes cada; SSSD, três vezes; DSSS e DDDD, 2 vezes; e, por fim, SSSD, DSDD, SDDD, DDDS, DSSD, uma vez cada. Assim como Ovídio (15.160) e Lucano (7.160), Estácio também faz uso do chamado “verso de ouro” (um hipérbato encadeado), empregando a linha, porém, no fim de seu catálogo de portentos (7.421): *Thebanum toto planxisse Palaemona ponto*; porém, a estrutura do verso aqui utilizada (SSSD) difere da empregada por Ovídio e por Lucano (DDSS). Interessante perceber, também, que as duas estruturas que apresentam uma sequência de três dátilos (7.406: SDDD; e 7.410: DDDS), com exceção dos versos que têm a série DDDD (7.416; 7.420), referem-se a figuras divinas: respectivamente, Júpiter (*infestumque tonat pater et mala fulgura lucent*) e Apolo (*tunc et Apollineae tacuere oracula Cirrhae*).

No uso das assonâncias e aliterações, destaca-se o verso 7.402, em que a repetição de /n/, /m/, /t/ e /e/ marca a abertura do trecho que descreverá os presságios fazendo, de certa forma, com que os sons das palavras se misturem no primeiro sintagma do período (*nec monstra tenent*) e que se espaiem para o início do próximo sintagma, como que o contaminando (*quae plurima nectit*). No verso 7.408, uma série de figuras, associadas às repetições sonoras, chama bastante a atenção. Em primeiro lugar, destacam-se as assonâncias de /e/, /o/ e /u/ e a aliteração de /n/, criando um vínculo explícito entre as palavras que compõem os sintagmas, como que para tornar mais forte a imagem de uma chuva que cai ora como sangue, ora como pedra: *nunc sanguineus, nunc saxeus imber*. Perceba-se ainda que, além da anáfora de *nunc*, a cesura heptemímera se encarrega de dividir os lados do período (*spōntě fō|rēs; nūnc | sānguīnē|ūs, || nūnc | sǎxěūs | īmbēr*) criando uma paridade⁴¹ entre *nunc sanguineus* (5

⁴¹ Rhet. Her. 4.27-8: compar appellatur quod habet in se membra orationis [...] quae constant ex pari fere numero syllabarum [...] hoc modo: ‘in proelio mortem parens oppetebat, domi filius nuptias comparabat; haec omina grauis casus administrabant.’ Item: ‘alii fortuna dedit felicitatem, huic industria uirtutem comparauit.’ [28] in hoc genere saepe fieri potest ut non plane par numerus sit syllabarum et tamen esse uideatur, si una aut etiam altera syllaba est alterum breuius, aut si, cum in altero plures sunt, in altero longior aut longiores, plenior aut pleniores syllabae erunt, ut longitudo aut plenitudo harum multitu dinem alterius adsequatur et exaequet (“Na paridade, os membros do discurso [...] possuem um número aproximadamente igual de sílabas [...] Por exemplo: ‘Em combate, o pai enfrentava a morte; em casa, o filho preparava as bodas: presságios assim indicam má sorte’. Ou ainda: ‘Aquele a fortuna deu felicidade, este pelo empenho alcançou virtude’. [28] Pode, com frequência, acontecer de o número de sílabas não ser exatamente o mesmo, mas parecer igual se, por exemplo, um dos membros é mais curto que o outro em uma ou até duas sílabas, se um tem mais sílabas e o outro tem uma ou duas sílabas mais longas, ou mais sonoras, de modo que a quantidade ou a sonoridade de um

sílabas) e *nunc saxeus imber* (6 sílabas), que é reforçada, ainda, pela repetição das sequências /sa/ e /eus/ em ambos os determinantes de *imber*: *nunc sanguineus, nunc saxeus*. Por fim, no último verso do passo (7.421), para além do hipérbato encadeado, é possível vislumbrar um efeito assonântico e aliterativo que parece encenar a ação indicada pelo verbo *planxisse* (OLD: 2. to beat (the breast, etc., as a sign of sorrow, mourning, or sim.)): se, por um lado, as aliterações de /t/ e /p/ refazem o som dos golpes que Palêmon desfere, as de /m/ e /n/ parecem ecoar seus gemidos de lamento e tristeza (*Thebanum toto planxisse Palaemona ponto*). Perceba-se, ainda, a única ocorrência da vogal “i” (em *planxisse*), localizada exatamente na sétima sílaba de um verso de quatorze sílabas totais, funcionando como “falsa cesura” para indicar mudança de ritmo no verso: *Thēbā|nūm tō|tō plān|xīssē Pā|laēmōnā | pōntō*.

Com isso, é possível afirmar que, como Virgílio e Ovídio, Estácio parece se esforçar para criar uma unidade entre as estruturas rítmicas e prosódicas e as dimensões semânticas e sintáticas de seus versos, opondo-se, ao menos nisso, a Lucano. Na escolha e no uso das figuras de linguagem, contudo, a prática estaciana mais se aproxima daquela vista no trecho analisado por Vieira (2007a – *supra*) da *Farsália*. Sobre o passo da *Tebaida*, Smolenaars (1994, p. 180-1) defende a divisão da apresentação dos portentos em três sentenças: na primeira delas (7.404-9), o poeta descreveria tanto os agentes dos *diros monitus* como alguns dos sinais presenciados; na terceira (7.414-21), cidades e povos passam a ser os sujeitos das visões, presenciando outra série de portentos; a segunda sentença (7.410-3), para Smolenaars, serviria como uma transição entre a primeira e a última. Uma análise um pouco mais atenta revela, porém, que essa estrutura tripartida é problemática, uma vez que já na segunda sentença (*esp.* 7.411-3), duas cidades surgem como sujeitos da percepção de presságios: Elêusis e Esparta, respectivamente. Entretanto, não parece haver grandes perdas se, em vez de considerarem-se três sentenças dividindo o período, forem levadas em conta apenas duas partes: na primeira (7.404-9), revelam-se os sinais e seus agentes; na segunda (7.410-21), cidades e povos são expostos em função dos presságios que percebem. Uma leitura que se fundamenta em critérios formais do excerto.

Ambas as seções são construídas com base na percursão. A primeira delas (7.404-9) se abre com uma anástrofe por adjunção, com o verbo (*serunt*) surgindo antes de seus sujeitos, e a consequente inversão entre sujeito e predicado (*serunt diros monitus* + suj.); na sequência, a repetição da conjunção enclítica *-que* amplifica a relação do verbo com expansões

alcance e compense o maior número do outro” – trad. Ana P. C. Faria e Adriana Seabra).

nominais até o verso 7.409. Com exceção de 7.406 (*infestumque tonat pater et mala fulgura lucent*), em que se expõem prodígios relacionados a Jove – o trovão e o raio –, todos os outros sintagmas são nominais e se relacionam com o predicado em anástrofe em 7.404: *uolucresque e feraeque* (7.404); *sideraque e auersique suis decursibus amnes* (7.405); *terrificaeque adytis uoces* (7.407); *clausaeque deorum / sponte fores* (7.407-8); *nunc sanguineus, nunc saxeus imber* (7.408); *subiti manes e flentumque occursus auorum* (7.409). O advérbio *tunc* no início de 7.410 serve como limite para a primeira parte da descrição dos presságios, que se encerra com o hipérbato por disjunção em *fletumque ... auorum*. Perceba-se, ainda, como a abertura do trecho contrasta com a criada por Lucano para a apresentação do tema central de seu catálogo de portentos, as agressões cometidas pelo *aether* contra os guerreiros em Fársalos: em Lucano, destaca Vieira (2007a, p. 127), o trecho é “[...] constituído por uma considerável disjunção entre o sujeito *aether* ([Luc. 7.]153) e suas expansões verbais *detulit* e *clausit* ([Luc. 7.]157), *excussit* ([Luc. 7.]158), *perfudit* e *liquauit* ([Luc. 7.]159), *fumauit* ([Luc. 7.]160)”, enquanto, em Estácio, a anástrofe inverte a relação entre o verbo e seus sujeitos.

A segunda seção é, por sua vez, visivelmente diferente da primeira, embora também feita por percursão. Nela, o poeta descreve, em 9 períodos sintáticos distintos, como os povos envolvidos na guerra contra Tebas perceberam, em suas próprias cidades, os portentos que predisseram funesta a batalha – uma forma de, como defende Smolenaars (1994, p. 181), “[...] enfatizar que as muitas regiões da Grécia, tendo tomado partido, vão agora tomar parte na iminente luta fratricida”. Algumas figuras são comuns no passo, como os hipérbatos por disjunção em *Apollineae ... Cirrhae* (7.410), em *adsuetis ... mensis* (7.411-2), que força o cavalgamento entre os versos, em *Amyclaeos ... fratres* (7.413), em *insanas ... umbras* (7.414), em *nocte ... tacita* e *saeuo ... campo* (7.415), em *uagus ... Acarnam* (7.417) e em *confusum ... ebur* (7.419). Além de caracterizar o último verso da seção (7.421), note-se também o hipérbato encadeado pelo qual se arranjam as palavras entre a segunda parte do verso 7.416, separada pela cesura heptemímera, e a primeira de 7.417, que precede a cesura pentemímera do verso: *Oēnōmā|ūm sūā | Pīsā rē|fērt; || Āchē|lōōn ū|trōquē / dēfōr|mēm cō|rnū || uāgūs | īnfā|mābāt Ā|cār|nān*. Por fim, vale a pena citar a paridade criada pela cesura heptemímera em 7.415, reforçada pelo duplo hipérbato por disjunção que espalha dois sintagmas ablativos em torno de seus respectivos verbos: *nōctē fē|rūnt tāc|itā, || saē|uō dē|cūrrēřē | cāmpō* – percebam-se, ainda, as aliterações de /c/ e /t/ no primeiro sintagma ablativo (*nocte ... tacita*), e, no segundo, as assonâncias de /a/ e /o/ (*saeuo ... campo*); bem como o destaque que as cesuras pentemímera e heptemímera dão para a exclamação (*facinus!*) em 7.413, distinguindo-a dos outros termos

do verso: *uīdīt Ā|mŷclaē|ōs || (fāci|nūs!) || cōn|cūrrĕrĕ | frātrēs.*

Dessa forma, se, por um lado, como demonstra Vieira (2007a, p. 126), Lucano prefere concentrar “[...] seu andamento narrativo nos hipérbatos por disjunção [...] e inversão [...], desdenhando dos paralelismos nos esquemas rítmicos”, enquanto, por outro lado, Virgílio e Ovídio se esforçam por conjumar seus “construtos melopeicos” com uma “harmoniosa projeção sintática” (2007, p. 106), então Vessey (1973, p. 12) pode estar certo ao afirmar que Estácio parece ter tentado unir a tradição épica virgiliana àquela que, passando por Ovídio, foi radicalmente transformada por Lucano. Quanto à afirmação de que, como resultado, o poeta teria chegado a uma “[...] épica amaneirada, em total contraste com o classicismo de Quintiliano, Valério e, em menor grau, Sílio” (1973, p. 12), ora se prefere desconsiderar a dimensão qualitativa fatalmente impregnada no termo “maneirismo” e tratar o empenho de Estácio como um exercício contrarreformista, como cogitado por Henderson (1993, p. 162 – cf. seção 1.3.), que, embora às vezes soe exagerado na combinação de tropos, figuras de linguagem e pensamento e projeções sintáticas e semânticas, é feito com um objetivo específico, seja em função de sua relação com a tradição épica romana, dos assuntos e temas tratados no poema, ou de uma postura conciliadora diante dos elementos estilísticos empregados por seus antecessores.

Contudo, talvez seja forçoso que se diga, isso não significa que, aqui, a *Tebaida* é entendida como um poema épico que se resume a um emprego às vezes excessivo de tropos e figuras de linguagem e pensamento. É quase o oposto disso: ora, a *Tebaida* é lida como um poema épico em que o emprego de tropos e figuras de linguagem, mesmo que às vezes excessivo, deve ser levado em conta como “um” de seus traços mais marcantes. Concentrar as discussões, neste momento⁴², nesse aspecto em específico é, pois, deixar claro que, na tradução aqui apresentada por tese, o trabalho de linguagem de Estácio não foi sacrificado em favor de uma adequação a padrões de legibilidade que visassem a facilitar, para além do que o fato de ser uma tradução já facilita, o acesso a algum “conteúdo essencial” deturpado pelo “maneirismo” de Estácio. Veja-se, por exemplo, a escolha por recriar, na tradução, as duas sínquises, um tanto radicais em nossa língua, que Estácio emprega na descrição das portas do Olimpo durante o primeiro consílio dos deuses (*Theb.* 1.210: *arcano florentes lumine postes* – “de arcano as flóreas portas brilho”) e na descrição do colar de Harmonia, obra do estro de

⁴² Embora não sejam considerados, neste momento do trabalho, outros aspectos importantes do épico de Estácio, como a retomada e a incorporação de elementos da tradição épica, eles são apresentados e discutidos durante os Comentários aos cantos traduzidos, apresentados no Capítulo Quarto desta tese.

Vulcano (*Theb.* 2.276: *arcano florentes igne zmaragdus* – “com as flóreas de arcano fulgor esmeraldas”). É dizer, portanto, que, neste projeto de tradução, as peculiaridades da dicção estaciana fazem parte da orientação crítica com a qual ele se confunde, pautando, por isso, muitas das escolhas feitas durante a tradução e muitas das decisões tomadas para sua realização.

Veja-se, por exemplo, os primeiros 17 versos do poema, que compreendem apenas três períodos sintáticos, a maioria complexos, construídos com coordenações, subordinações e longos adjuntos – o que, segundo Braund, pode “[...] desconcertar o público moderno menos experiente e, portanto, exigir difíceis decisões dos tradutores quanto à clareza e à explicação” (2015, p. 585). Na tradução que ora se apresenta, porém, optou-se por “esclarecer” e “explicar” o mínimo possível, vertendo o latim de Estácio em um português que compartilhasse o máximo possível das mesmas características encontradas no texto latino. Por certo, o leitor de língua portuguesa pode sentir mais dificuldade diante do texto que se lhe apresentará do que sentiu o leitor romano diante do texto de Estácio; ainda assim, contudo, tendo por base que facilitar a sintaxe, simplificando a relação entre as diferentes orações, e explicar, no texto, algumas das referências mitológicas com o intuito de torná-las mais claras afastaria ainda mais o leitor da tradução do texto original ao entregar-lhe um texto escrito em uma linguagem que se constrói de acordo com premissas contrárias àquelas lidas no texto em latim. Ocorre, portanto, o que ocorre em toda e qualquer tradução: perdas e ganhos são equilibrados de acordo com um princípio mais geral que rege o exercício tradutório como um todo (*Theb.* 1.1-17):

*fraternas acies alternaque regna profanis
decertata odiis sontesque euoluere Thebas
Pierius menti calor incidit. unde iubetis
ire, deae? gentisne canam primordia dirae,
Sidonios raptus et inexorabile pactum 5
legis Agenoreae scrutantemque aequora Cadmum?
longa retro series, trepidum si Martis operti
agricolam infandis condentem proelia sulcis
expediam penitusque sequar, quo carmine muris
iusserit Amphion Tyriis accedere montes, 10
unde graues irae cognata in moenia Baccho,
quod saevae Iunonis opus, cui sumpserit arcus
infelix Athamas, cur non expauerit ingens
Ionium socio casura Palaemone mater.
atque adeo iam nunc gemitus et prospera Cadmi 15
praeteriisse sinam: limes mihi carminis esto
Oedipodae confusa domus...*

Fraternas hostes, reino alterno, por profano ódio pleiteado, e Tebas culposa a expressar o ardor Piério induz a mente. Donde, deias, devo partir? Da gente atroz a origem canto, dos Sidônios o rapto, as ordens implacáveis de Agenor e de Cadmo a busca pelos mares? P’ra trás é longa a série se ao colono, a Marte temendo, o prélio em solo infando semeando, eu mostrar, ou de perto seguir; ou que carne de Anfíon transpôs montes a Tírias muralhas; contra os muros irmãos, donde a ira de Baco e o agir da seva Juno; a quem impôs seu arco Átamas, o infeliz; por que não temeu o amplo Jônio, ao cair, a mãe com Palêmon por sócio. Mas agora a fortuna e os gemidos de Cadmo deixo ao passado: seja o termo do meu carne a ambígua casa de Édipo...

“P’ra trás é longa a série” sem dúvidas soa muito pouco como uma expressão do português. Uma escolha como “É longa a história prévia”, ou simplesmente “Longa será a história” por certo agride menos ao leitor de língua portuguesa, mas simplesmente invertem a direção da violência da tradução: se, assim, mais rápido o leitor apura o que se afirma por meio dessas palavras, também se torna menos consciente de que lê, em português, um texto que não foi originalmente escrito nessa língua; naturaliza, então, Estácio. Por outro lado, certamente aquele que lê “P’ra trás é longa a série” percebe, nesse sintagma, um estranhamento maior do que o leitor romano percebeu no *longa retro series* de Estácio. Com isso, então, o estranhamento é ampliado, mas Estácio continua sendo um estrangeiro para o público leitor de português. Uma das questões levantadas por Braund em seu já citado artigo diz respeito à existência de um “idioma épico” contemporâneo – com John Milton, por exemplo – em que puderam se inspirar tradutores como Alexander Pope, traduzindo Estácio, e John Dryden, traduzindo Virgílio. Isso, porém, não ocorreu com os tradutores mais contemporâneos, uma vez que as épicas nacionais compõem uma tradição que pertence ao passado (2015, p. 579). Inspirar-se nesse “idioma épico”, porém, faz com que se corra o sério e provável risco de fazer com que os antigos soem como soam os herdeiros de sua tradição – Estácio soando como o *Paraíso Perdido* de Milton –, e não o contrário. Em se tratando especificamente de Estácio, ainda, deve-se levar em conta nessa balança que a sua *Tebaida*, em relação ao cânone épico romano, é bastante peculiar.

Outra opção diz respeito ao léxico empregado na tradução. Não se evitou, por exemplo, o uso de palavras em sentidos, geralmente etimológicos, diversos daqueles com que elas são utilizadas atualmente. No passo supracitado, note-se o emprego de “colono”, que ali refere-se a Cadmo; traduzindo o latino *agricolam*, o termo é empregado com o sentido de “lavrador, agricultor”⁴³, e não de “habitante de uma colônia” – que pode ser o primeiro ao menos para os leitores mais ao sul do Brasil, que o usam corriqueiramente para referirem-se a imigrantes e seus descendentes que vivem no interior e geralmente se ocupam de atividades agropecuárias⁴⁴. Da mesma forma, foram utilizadas palavras como “aula”, no sentido de “palácio” ou “trono” – (*Theb.* 2.397-8): *ut uagus ille diu passusque haud digna per urbes / ignotas*

⁴³ Que estão incluídos no mesmo campo semântico do primeiro sentido apontado pelo *OLD* para o termo (“1. a cultivator, farmer”), que abona sua leitura em autores como Horácio (*Carm.* 1.35.5-6: *te pauper ... colonus* – “pobre ... colono”) e Virgílio (*Ecl.* 9.4: *ueteres migrate coloni* – “migrai, velhos colonos”).

⁴⁴ Um sentido que, mesmo bastante específico, não é de todo prejudicial, uma vez que mantém a ideia de “agricultor” e, ainda, ressalta em Cadmo sua condição de imigrante, uma vez que chaga à Beócia vindo da Tíria, sua terra natal.

pactae tandem succederet aulae (“p’ra o errante, que ofensas sofreu em cidades / não sabidas, enfim chegasse à aula do acordo); e (3.347-8): *improvisus adest, iam illinc a postibus aulae / uociferans* (“se achega inesperado e, à entrada da aula, brada”); e também “gêmeo”, utilizado para indicar duplicidade (“dois, par”) mais do que irmãos nascidos de um mesmo parto – como em (*Theb.* 3.466): *hoc gemini uates* (“Ao morro os gêmeos vates”), referindo-se a Anfiarau e Melampo; e em (4.653-4): *ibi armiferos geminae iam sidera brumae / orgia ferre* (“por gêmeo inverno, os Márcios Getas a, lá, terem / as orgias”), em que a expressão “gêmeo inverno” (*geminae ... brumae*) indica a passagem de dois invernos – ou seja, de dois anos.

Nesse caso, novamente, o uso de “gêmeo” em português destituído de seu sentido fraternal causará mais estranhamento no leitor da tradução do que no leitor do texto em latim, uma vez que *geminus* é constantemente empregado, ao menos na poesia épica, para indicar duplicidade – como, por exemplo, em Virgílio (*A.* 2.203-5): *ecce autem gemini a Tenedo tranquilla per alta / (horresco referens) immensis orbibus angues / incumbunt* (“eis, então, gêmeas, no alto tranquilo de Tênedos, / – me horrorizo ao contar – com imensas voltas, serpes / insurgem”); e (*A.* 6.203): *gemina super arbore sidunt* (“sobre gêmea árvore pousam”); em Ovídio (*Met.* 2.195-6): *est locus, in geminos ubi bracchia concavat arcus / Scorpius* (“há um lugar, onde em gêmeos arcos curva os braços / Escorpião”); e (*Met.* 4.774-5): *cuius in introitu geminas habitasse sorores / Phorcidas* (“do qual, à entrada, estavam as gêmeas irmãs / Fórcides”); e Lucano (*Luc.* 1.101): *et geminum gracilis mare separat Isthmos* (“e o gêmeo mar divide o estreito Istmo”); e (*Luc.* 2.355): *infulaque in geminos discurrit candida postes* (“cândidas ífulas, dos gêmeos postes, pendiam”). Com seu uso, porém, assim como com o de “colono” e “aula”, é possível fazer ecoar, no português, algo que, de latim, ainda exista nele. Se a tradução é um trabalho de relação que, sem dúvidas, transforma o texto que traduz, mas que também transforma a si própria, então fazer soar o latim que ainda resta no português é uma forma de utilizá-la, também, com o intuito de expor as semelhanças entre essas duas línguas, e não somente suas diferenças. Ao forçarem-se, aqui, alguns etimologismos, é possível apontar outro aspecto pelo qual a relação de tradução que esta tese estabelece possa ser pensada: o da “semelhança” entre as línguas nela envolvidas.

Resta falar sobre a escolha do metro para a tradução, e a opção pelos dodecassílabos portugueses se fundamenta em princípios semelhantes aos já expostos. Há, inegavelmente, uma tradição de poesia épica em português, cujo cânone foi estabelecido por Luís de Camões com *Os Lusíadas* (1572) e seguido, mais ou menos de perto, por diferentes autores – por

exemplo, Basílio da Gama (*O Uruguai* – 1769); José Agostinho de Macedo (*O Oriente* – 1814); Gonçalves de Magalhães (*A confederação dos Tamoios* – 1856); e Gonçalves Dias (*Os Timbiras*). Dessa tradição iniciada por Camões, o traço mais marcante é, sem dúvidas, o uso do verso decassílabo como o metro da épica em língua portuguesa, adotado, junto com a oitava rima, até mesmo por José Agostinho de Macedo, seu crítico ferrenho, em *O Oriente*. Na esteira dessa tradição, então, diferentes tradutores acabaram empregando o decassílabo para trazerem, ao português, autores como Homero⁴⁵, Apolônio de Rodes⁴⁶, Virgílio⁴⁷, Ovídio⁴⁸, Lucano⁴⁹, Estácio⁵⁰ e Sílio Itálico⁵¹. Assim sendo, tanto a épica originalmente composta em português foi escrita em decassílabos, como também uma longa tradição de tradução da poesia épica clássica.

Paralelamente a essa tradição decassilábica de tradução, contudo, uma outra, que emprega o dodecassílabo – em suas diferentes configurações – para a tradução da poesia épica em língua portuguesa, vem se firmando cada vez mais. Desde que, durante a década de 1990, Haroldo de Campos publicou trechos da *Iliada* (1992) das *Metamorfoses* (1994) em tradução dodecassilábica, abriu-se, então, aos tradutores de língua portuguesa, um novo horizonte para a tradução dos poemas épicos à nossa língua, até então inexplorado. Leve-se em conta, contudo, e é forçoso que se diga, que o emprego do metro dodecassilábico – especificamente, nesse caso, o alexandrino clássico – para a tradução do hexâmetro datílico já havia sido explorado por Antônio Feliciano de Castilho ao traduzir ao português as *Geórgicas*, de Virgílio (1867), e a *Arte de Amar*, de Ovídio (1862). Com esse metro, então, Haroldo de Campos traduziu a *Iliada*, de Homero (2002); Raimundo Carvalho, as *Metamorfoses*, de Ovídio (2010); Márcio Meirelles, os *Cantos Argonáuticos*, de Valério Flaco (2010); Brunno Vieira, a *Farsália*, de Lucano (2011); Trajano Vieira, a *Odisseia*, de Homero (2011); e Vinicius Barth, a *Argonáutica*, de Apolônio de Rodes (2013). Há, portanto, o que se comprova pelo número de traduções publicadas, uma tradição alternativa à decassilábica para a tradução da poesia épica clássica, e

⁴⁵ Por Odorico Mendes, a *Iliada* em 1874 e a *Odisseia* em 1928.

⁴⁶ Por José Maria da Costa e Silva, em 1852.

⁴⁷ Por João Franco Barreto, em 1664 (livros I a VI) e 1670 (livros VII a XII); por Cândido Lusitano, em 1769-1770; por José Victorino Barreto Feio e José Maria da Costa e Silva, em 1845-1857; por Manuel Odorico Mendes, em 1854 (1ª ed.) e 1858 (2ª ed.); e por Márcio Thamos, em 2011.

⁴⁸ As *Metamorfoses*, por Francisco José Freire, o Cândido Lusitano, em 1771; por Manuel Maria Barbosa du Bocage, em 1800; e Antônio Feliciano de Castilho, em 1841.

⁴⁹ Por Manuel Maria Barbosa du Bocage, sem data; por Filinto Elísio, em 1819; e por José Feliciano de Castilho, em 1864.

⁵⁰ Por José Agostinho de Macedo, em 1797 (manuscrito perdido pelo próprio autor).

⁵¹ Por Filinto Elísio, em 1817.

que se fundamentou, num primeiro momento, em critérios formais para a escolha do verso.

H. de Campos, aqui considerado o iniciador dessa tradição, declara ter escolhido o dodecassílabo (com acentos na 6^a e na 12^a sílabas, ou na 4^a, 8^a e 12^a) como uma forma de evitar o “[...] decassílabo de molde camoniano, que mais de uma vez obrigou Odorico a prodígios de compressão semântica e contorção sintática” (CAMPOS, 1992, p. 144), bem como “[...] o risco do prosaísmo, decorrente de um verso mais alongado” (1992, p. 144-5). O emprego do verso dodecassilábico, então, o meio-termo encontrado por H. de Campos entre o compressivo decassílabo e um verso amplificador, como o de Carlos Alberto Nunes⁵², visava a possibilitar “[...] recriar, em nossa língua, quanto possível, a *forma da expressão* (no plano fônico e rítmico-prosódico) e a *forma do conteúdo* (a ‘logopeia’, o desenho sintático, a ‘poesia da gramática’)” de Homero, desejando o tradutor, “[...] tão somente, constituir um modelo intensivo, um paradigma atual e atuante, de ‘transcrição’ homérica” (1992, p. 145). Preocupado com a acomodação, em português, da “forma da expressão” e da “forma do conteúdo” homéricas, H. de Campos repetia, na épica, o mesmo exercício praticado por Antônio Feliciano de Castilho em relação ao hexâmetro datílico latino da poesia didática de Virgílio e Ovídio.

Brunno Vieira, por sua vez, na tradução de Lucano, atribui a escolha pelo verso de doze sílabas “[...] à procura de uma expressão vernácula que conservasse o sabor do original” (VIEIRA, 2011, p. 57). Assumindo, em sua argumentação, o conceito de “idioma estilístico” conforme trabalhado Joseph Brodsky (1994), Vieira se propõe a uma tradução a que seja inerente “[...] a busca de um idioma estilístico, na tradição literária vernácula, que ecoe [...] minimamente um determinado autor estrangeiro” (2011, p. 59). Dessa forma, portanto, encontra a possibilidade de verter Lucano ao português, de modo a recriar as principais características de sua poética, no dodecassílabo e no “[...] tom parnasiano-simbolista do alexandrino” (2011, p. 57), mas, como Haroldo de Campos, sem obrigar-se à manutenção das idiosincrasias do alexandrino clássico. Assim, então, Vieira define os principais objetivos de sua tradução:

Na presente tradução da *Farsália*, a eleição do dodecassílabo e a perspectiva literalizante adotada, que tem afinidades com o modo de traduzir de um Odorico Mendes, contribuem para o estabelecimento de um modo de expressão vernáculo que julgamos capaz de recharacterizar elementos cruciais

⁵² Em suas traduções da poesia épica greco-latina, Carlos Alberto Nunes opta por verter os hexâmetros datílicos em versos de 16 sílabas que buscam emular, forçando a equivalência de sílabas longas e breves com tônicas e átonas, respectivamente, um ritmo datílico em português. Seu verso, então, seria composto por cinco sequências de tônica-átona-átona, mais um sexta de tônica-átona.

da poética lucaniana, quais sejam, a predileção, no nível das ideias (*sententiae*), pela *percursão*, figura que consiste na “acumulação de muitos pensamentos em um breve tempo”, e, no nível das palavras (*uerba*), o gosto pela mistura dos sentidos e das correlações verbais, desprezando a harmonia sonora e rítmica presente nos seus antecessores épicos romanos, tudo isso contribuindo para a obscuridade (*obscurum*) em oposição à clareza (*dilucidum*) tão cara àquilo que entendemos por classicismo romano (2011, p. 59).

Uma forma de pensar a tradução que poderia se encaixar quase que completamente neste trabalho, uma vez que, como afirma Vessey, “As sementes do maneirismo na literatura latina foram semeadas por Ovídio. Elas germinaram com Sêneca e Lucano e floresceram com Estácio” (1973, p. 10). Ora, porém, sem tanto pautar-se por seu “tom parnasiano-simbolista”, o exercício tradutório aqui levado a cabo buscou, no dodecassílabo, o *medium* pelo qual o poema de Estácio pudesse ser acomodado em português, filiando-se, dessa forma, a uma outra tradição de tradução da poesia épica clássica ao português que não a construída sobre as bases de Camões. Nesse ponto, contudo, a justificativa da escolha se distancia daquela apresentada por Vieira, mas sem deixá-la de lado completamente: enquanto Vieira busca, na literatura vernácula, um “idioma estilístico” que “ecoe minimamente” o autor estrangeiro, a razão pela qual optou-se, nesta tese, pelo dodecassílabo foi a inserção do texto traduzido em uma tradição outra de tradução da épica clássica que não se fundamente, pois, na ideia da equivalência entre a épica latina e a épica de língua portuguesa.

Por sua vez, a ideia sobre a qual se estabelece este trabalho é a de que, como anteriormente já se apresentou (cf. seção 2.1. e subseção 2.2.1), a tradução deve esforçar-se o máximo possível para mostrar o estrangeiro “como um estrangeiro”; no caso de Estácio, por exemplo, fazê-lo soar conforme a tradição épica da língua portuguesa teria, entre suas vantagens, a de colocá-lo em relação a essa tradição – como uma de suas origens, por exemplo, ou como um autor que dela se distancia: a relação de Estácio com a tradição épica, portanto, seria equacionada em função da relação da tradução com a tradição decassilábica de tradução da poesia épica – e, conseqüentemente, com a tradição lusófona da poesia épica. A desvantagem mais imediata, por outro lado, é que a tradição da cultura da tradução com a qual se coloca o estrangeiro em relação ao traduzi-lo conforme suas práticas, não é a tradição em que, na cultura da língua original, o poeta se colocou como uma *novidade* – nos termos de Berman. Ao tratar como equivalentes, portanto, a tradição épica latina e a tradição épica lusófona, embora esta descenda diretamente daquela e guarde com ela muitas correlações, corre-se o risco de, mais do que mostrar essa relação de hereditariedade entre as tradições, invertê-la, fazendo o poeta estrangeiro ser lido em função de Camões, por exemplo, ou de

Gonçalves Dias. Fazê-lo destoar dessa tradição, porém, se tem o prejuízo de torná-lo alheio à tradição doméstica, alegadamente dificultando sua identidade como “poema épico”, tem sua vantagem justamente no mesmo fato, pois que ressalta sua condição de estrangeiro, de pertencente a uma tradição literária que, a despeito de semelhanças, só é aparentada àquela original.

Dessa forma, então, buscando a recriação do trabalho de Estácio sobre a linguagem, dimensão bastante representativa de seu texto e da relação que ele estabelece com a tradição mais imediata em que se insere, bem como optando pelo dodecassílabo como a forma mais adequada de manifestar Estácio em português como um autor estrangeiro, pertencente a uma tradição épica estrangeira e que escreveu em uma língua também estrangeira, mas aparentada com o português, esperamos ter agido da maneira mais “responsável” possível em relação ao apelo desse texto que, aqui, foi assinado como a *Tebaida* de Estácio, dando chance para que reverberem, em nossa língua, as surpresas e os assombros de uma épica que surge e, traduzida, se impõe para além do nosso próprio espelho. No próximo capítulo (Capítulo Terceiro), a tradução dos cinco primeiros cantos do poema de Estácio será apresentada lado a lado com o texto seguido durante o trabalho tradutório, sendo precedida por uma nota sobre a edição utilizada e sucedida pelo Capítulo Quarto, onde se apresentam os comentários ao texto (sobre eles, cf. a “Introdução aos comentários”).

CAPÍTULO TERCEIRO

A TRADUÇÃO DA *TEBAIDA*, DE PÚBLIO PAPÍLIO ESTÁCIO (CANTOS I-V)

3.1. Nota sobre o texto

A tradição textual da obra de Estácio conta com mais de cem manuscritos. O mais antigo, o *codex Parisinus* (P), também chamado de Puteanus por causa de um de seus proprietários, data dos séc. IX e X e constitui-se, sozinho, como uma das, tradicionalmente consideradas, duas famílias de seus manuscritos. A outra (ω), coletiva, reúne os manuscritos que não são P – desconsiderados os posteriores ao século XII¹. Klotz (ESTÁCIO, 1973, p. xlii), que atribui a divisão dos manuscritos em duas famílias a Otto Mueller (ESTÁCIO, 1870, p. vii), afirma que os códices e fragmentos que compõem ω podem ser considerados como os textos que propagaram Estácio durante a idade média. Ambas as famílias, porém, apesar de suas diferenças, derivariam de um mesmo arquétipo, cuja origem e datação são desconhecidas.

A investigação dos manuscritos não foi parte dos objetivos deste trabalho. Ainda assim, um texto próprio foi estabelecido para a tradução e os comentários da *Tebaida*. Como base, tomamos a edição de D. R. Shackleton Bailey (2003), mas outras edições foram constantemente consultadas e, às vezes, preferidas. São elas: Barthius (1664); Amar-Lemaire (1825); Mueller (1870); Klotz (1973); Lesueur (2003[1990]); e Hall (2007). Sempre que uma leitura diferente da registrada por Bailey foi reproduzida no texto desta tese, as variantes e explicações para a preferência foram abordadas em comentários *ad loc.* (Capítulo Quarto). Optou-se, ainda, por não incluir aparato crítico em relação ao texto editado, uma vez que, dentro do escopo deste trabalho, nada do que se pudesse fazer seria diferente do que os editores consultados já realizaram em suas respectivas edições, cabendo ao leitor consultá-las em casos de dúvidas que não sejam sanadas nos comentários *ad loc.* que se seguem a este Capítulo.

¹ Klotz (ESTÁCIO, 1973, p. lxxvii-viii), entre fragmentos e códices, cita 19, os quais utilizou em sua edição: W = *fragmentum Worcesteriense saec. IX*; D = *codex Cantabrigiensis (Douoriensis) saec. X*; N = *codex Cheltoniensis saec. X uel XI*; S = *codex Parisinus 13046 (Sangermaniensis) saec. X*; r = *codex Roffensis saec. XI*; A = *fragmentum Lipsiense I 12a saec. XI*; B = *codex Bambergensis N IV 11 saec. XI*; L = *codex Lipsiensis I 12 saec. XI*; Q = *codex Parisinus 10317 saec. X*; K = *codex Guelferbytanus (Gudianus 54) saec. XI*; M = *codex Mediceus Pult. 38,6 saec. XI*; f = *codex Monacensis 6396 (Frisingensis) saec. XI*; b = *codex Bernensis 156 (Danielis) saec. XI*; C = *codex Cassellanus 164 saec. XI*; μ = *codex Monacensis 312 (Scedeli) saec. XII*; v = *codex Monacensis 19481 (Tegernseensis) saec. XII*; g = *codex Leidensis 374 (Gronouianus) saec. XI*; *frg. Monast.* = *fragmenta Monasteriensia Deycksii saec. XII (?)*; *frg. Werd.* = *fragmenta Werdensia saec. XI*.

P. PAPINII STATII
THEBAIS (LIBRI I-V)



TEBAIDA (CANTOS I-V)
DE P. PAPÍNIO ESTÁCIO

EPISÓDIOS DO CANTO I

1. Proêmio da Tebaida. 4. Definição dos limites do canto. 17. *Recusatio* e elogio a Domiciano. 33. Programa detalhado do poema. 46. Início da narrativa: Édipo, já cego, se prepara para amaldiçoar seus filhos. 56. Édipo amaldiçoa Etéocles e Polinices e lança contra eles as Fúrias. 88. Tisífone deixa as profundezas do Tártaro e irrompe em direção palácio tebano. 97. Reações à partida da Fúria e descrição de seu aspecto. 114. Tisífone chega a Tebas. 123. Tisífone infecta a família de Cadmo. 152. Sobre a situação política de Tebas com o pacto entre os irmãos. 171. Um cidadão tebano se revolta com a situação política da cidade. 197. Júpiter convoca os deuses para um consílio. 214. Júpiter fala aos outros deuses. 248. Juno pede ao deus que poupe Argos de sua vingança. 283. Júpiter responde a Juno e ordena que Mercúrio busque Laio no Hades. 303. Mercúrio parte do céu ao Hades em busca de Laio. 312. As errâncias de Polinices, exilado, e sua chegada a Argos. 390. As angústias do rei Adrasto e o estranho prodígio de Apolo. 401. Chegada de Tideu, exilado da Calidônia, a Argos. 408. Encontro e luta entre Tideu e Polinices. 431. Adrasto acorda e promove a conciliação dos dois heróis. 482. em paz, os três adentram o palácio, e Adrasto vê, em ambos, o prodígio de Apolo. 510. Adrasto ordena a preparação de um banquete. 529. O rei ordena que suas filhas sejam trazidas ao banquete. Primeiro encontro entre os futuros noivos. 552. Adrasto evoca Apolo. É contada a história de Corebo, origem da relação entre Apolo e Argos. 673. Polinices revela sua identidade e sua origem. 696. Adrasto entoia um hino a Apolo.

Liber I

fraternas acies alternaque regna profanis
 decertata odiis sontesque euoluere Thebas
 Pierius menti calor incidit. unde iubetis
 ire, deae? gentisne canam primordia dirae,
 Sidonios raptus et inexorabile pactum 5
 legis Agenoreae scrutantemque aequora Cadmum?
 longa retro series, trepidum si Martis operti
 agricolam infandis condentem proelia sulcis
 expediam penitusque sequar, quo carmine muris
 iusserit Amphion Tyriis accedere montes, 10
 unde graues irae cognata in moenia Baccho,
 quod saeuae Iunonis opus, cui sumpserit arcus
 infelix Athamas, cur non expauerit ingens
 Ionium socio casura Palaemone mater.
 atque adeo iam nunc gemitus et prospera Cadmi 15
 praeteriisse sinam: limes mihi carminis esto
 Oedipodae confusa domus, quando Itala nondum
 signa nec Arctos ausim spirare triumphos
 bisque iugo Rhenum, bis adactum legibus Histrum
 et coniurato deiectos uertice Dacos 20
 aut defensa prius uix pubescentibus annis
 bella Iouis. tuque, o Latiae decus addite famae
 quem noua maturi subeuntem exorsa parentis
 aeternum sibi Roma cupit, licet artior omnes
 limes agat stellas et te plaga lucida caeli, 25
 Pleiadum Boreaeque et hiulci fulminis expers,
 sollicitet, licet ignipedum frenator equorum
 ipse tuis alte radiantem crinibus arcum
 imprimat aut magni cedat tibi Iuppiter aequa
 parte poli, maneat hominum contentus habenis, 30
 undarum terraeque potens, et sidera dones.

Canto I

Fraternas hostes, reino alterno, por profano
 ódio pleiteado, e Tebas culposa a expressar
 o ardor Piério induz a mente. Donde, deias,
 devo partir? Da gente atroz a origem canto,
 dos Sidônios o rapto, as ordens implacáveis 5
 de Agenor e de Cadmo a busca pelos mares?
 P'ra trás é longa a série se ao colono, a Marte
 temendo, o prélio em solo infando semeando,
 eu mostrar, ou de perto seguir; ou que carne
 de Anfíon transpôs montes a Tírias muralhas; 10
 contra os muros irmãos, donde a ira de Baco
 e o agir da seva Juno; a quem impôs seu arco
 Átamas, o infeliz; por que não temeu o amplo
 Jônio, ao cair, a mãe com Palêmon por sócio.
 Mas agora a fortuna e os gemidos de Cadmo 15
 deixo ao passado: seja o termo do meu carne
 a ambígua casa de Édipo, pois que as Itálicas
 insígnias eu não ousou, ou os triunfos Arturos:
 dois jugos sobre o Reno, dois pactos no Ístrio;
 nem os Dácios do monte conjurado expulsos, 20
 e antes, mal pubescente, em defesa de Júpiter
 a guerra. E tu, decoro à Lácia fama incluído,
 quem, mantendo do velho pai as novas obras,
 p'ra sempre anseia Roma: embora breve via
 traga os astros e, a ti, brilhante plaga etérea, 25
 imune a Bóreas, e às Plêiades, e aos raios,
 perturbe, e o frenador de ignípedes cavalos,
 o próprio, ao teu cabelo o seu arco fulgente
 transponha, e Jove a ti conceda igual porção
 do polo, as rédeas puxa dos homens, atento; 30
 e, com poder em terra e mar, os astros deixa.

tempus erit, cum Pierio tua fortior oestro
 facta canam: nunc tendo chelyn; satis arma referre
 Aonia et geminis sceptrum exitiale tyrannis
 nec furiis post fata modum flammisque rebelles 35
 seditione rogi tumulisque carentia regum
 funera et egestas alternis mortibus urbes,
 caerula cum rubuit Lernaeo sanguine Dirce
 et Thetis arentes adsuetum stringere ripas
 horruit ingenti uenientem Ismenon aceruo. 40
 quem prius heroum, Clio, dabis? immodicum irae
 Tydea? laurigeri subitos an uatis hiatus?
 urguet et hostilem propellens caedibus amnem
 turbidus Hippomedon, plorandaque bella proterui
 Arcados atque alio Capaneus horrore canendus. 45
 impia iam merita scrutatus lumina dextra
 merserat aeterna damnatum nocte pudorem
 Oedipodes longaque animam sub morte trahebat.
 illum indulgentem tenebris imaeque recessu
 sedis inaspectos caelo radiisque penates 50
 seruantem tamen assiduis circumuolat alis
 saeua dies animi, scelerumque in pectore Dirae.
 tunc uacuos orbes, crudum ac miserabile uitae
 supplicium, ostentat caelo manibusque cruentis
 pulsat inane solum saeuaque ita uoce precatur: 55
 “di, sontes animas angustaque Tartara poenis
 qui regitis, tuque umbrifero Styx liuida fundo,
 quam uideo, multumque mihi consueta uocari
 annue, Tisiphone, peruersaque uota secunda:
 si bene quid merui, si me de matre cadentem 60
 fouisti gremio et traiectum uulnere plantas
 firmasti, si stagna peti Cirrhaea bicorni
 interfusa iugo, possem cum degere falso
 contentus Polybo, trifidaeque in Phocidos arto

Com mais forte estro Píero, um dia te canto:
 vibro, ora, a lira, assaz p'ra recontar Aônias
 armas e o mortal cetro dos irmãos tiranos,
 fúrias sem fim pós morte, flamas rebeladas 35
 na dissenção da pira e régias tumbas faltas
 de exéquias; urbes findas por alterna ceifa,
 cerúlea Dirce rubra com sangue da Lerna,
 e Tétis, que temeu o Ismeno, outrora dado
 a margens secas, vindo com leito copioso. 40
 Que herói dás antes, Clío? Imódico na ira,
 Tideu? Do láureo vate o abismo repentino?
 Urge, o inimigo rio com corpos represando,
 Hipomedonte, atroz; a triste guerra do atro
 Arcádio e Capaneu, com outro horror cantarei. 45
 Ímpios, devida já sondara a destra os olhos,
 e imergira o maldito pejo em noite eterna
 Édipo, por extensa morte a alma arrastando.
 A ele, entregue às trevas, no abrigo recluso
 da casa, a céus e sóis seus penates esconsos 50
 mantendo, com asas firmes circunvoa, seva,
 a luz da alma; no peito, dos crimes as Diras.
 Então, as orbes ocas, pena horrenda e triste
 de vida, ao céu ostenta e com cruentas mãos
 esmurra a terra inane e roga em voz ferina: 55
 “Deuses que o duro Tártaro e as almas culpadas
 regeis e tu, Estige negro, que em umbrosa
 fundura vejo, e a sempre chamada por mim
 Tisífone: os perversos votos proporciona;
 se eu mereci e, a mim, ao cair do materno 60
 seio acolheste e os pés feridos no caminho
 tu firmaste; e se as águas da Cirra bicorne
 eu procurei, embora pudesse, com Pólipo
 falso, estar, e no estreito da trífida Fócida

longaeuum implicui regem secuique trementis 65
 ora senis, dum quaero patrem, si Sphingos iniquae
 callidus ambages te praemonstrante resolui,
 si dulces furias et lamentabile matris
 conubium gauisus ini noctemque nefandam
 saepe tuli natosque tibi, scis ipsa, parauit, 70
 mox auidus poenae digitis caedentibus ultro
 incubui miseraque oculos in matre reliqui:
 exaudi, si digna precor quaeque ipsa furenti
 subiceres. orbum uisu regnisque carentem
 non regere aut dictis maerentem flectere adorti, 75
 quos genui quocumque toro; quin ecce superbi
 – pro dolor! – et nostro iamdudum funere reges
 insultant tenebris gemitusque odere paternos.
 hisne etiam funestus ego? et uidet ista deorum
 ignauus genitor? tu saltem debita uindex 80
 huc ades et totos in poenam ordire nepotes.
 indue quod madidum tabo diadema cruentis
 unguibus abripui, uotisque instincta paternis
 i media in fratres, generis consortia ferro
 dissiliant. da, Tartarei regina barathri, 85
 quod cupiam uidisse nefas, nec tarda sequetur
 mens iuuenum: modo digna ueni, mea pignora nosces.”
 talia dicenti crudelis diua seueros
 aduertit uultus. inamoenum forte sedebat
 Cocyton iuxta, resolutaque uertice crines 90
 lambere sulphureas permiserat anguibus undas.
 ilicet igne Iouis lapsisque citatior astris
 tristibus exiluit ripis: discedit inane
 uulgi et occursus dominae pauet. illa per umbras
 et caligantes animarum examine campos 95
 Taenariae limen petit inremeabile portae.
 sensit adesse Dies, piceo Nox obuia nimbo

topei o rei longevo e cortei-lhe a hesitante 65
 cabeça, o pai instando; se da iníqua Esfinge
 astuto, resolvi – tu me ensinando – o enigma;
 se, com a mãe, doces fúrias e bodas horríveis,
 me aprazendo, encetei, e se as noites nefastas,
 tantas, mantive – filhos p’ra ti, sabeis, dando; 70
 se, querendo castigo, com os dedos rasgando
 arranquei e entreguei à pobre mãe os olhos:
 ouve, se peço coisas dignas que ao furioso
 mostraste. Órfão dos olhos, carente do trono,
 não vieram guiar-me ou conter-me a tristeza 75
 os que, qual seja o leito, gerei; mas, soberbos,
 nas recentes exéquias – quanta dor! – os reis
 insultaram-me as trevas e as queixas paternas.
 Sou a eles nefasto? Isso não vê dos deuses
 o ignavo pai? Ao menos tu, devida ultora, 80
 vem aqui e ao castigo lança a prole inteira.
 Veste a coroa infusa em pus, por dedos feros
 arrancada, e instigada com os votos paternos
 entre os irmãos te põe: da família a harmonia
 com ferro fendam. Cede, ó rainha do Tártaro, 85
 o nefas que eu cobiço ver; sem tardar, segue
 dos jovens a razão. Sabeis meus filhos, vem.”

Tais coisas disse, e a deusa cruel um severo
 vulto assumiu. Sentava-se, pois, do inameno
 Cocito à beira e, livre das mechas do crânio, 90
 dera às cobras lamberem as águas sulfúreas.
 Mais lesta do que o raio de Jove e os cadentes
 astros, das tristes ripas salta; e marcha a inane
 turba e teme a senhora encontrar. Por sombras
 e calígenos campos, com um exame das almas 95
 se assoma irretratável aos portões de Tênaros.

O Dia a sente, e em nuvem píceia a Noite a vê

lucentes turbauit equos; procul arduus Atlans
 horruit et dubia caelum ceruice remisit.
 arripit extemplo Maleae de ualle resurgens 100
 notum iter ad Thebas; neque enim uelocior ulla
 itque reditque uias cognataue Tartara mauult.
 centum illi stantes umbrabant ora cerastae,
 turba minor diri capitis; sedet intus abactis
 ferrea lux oculis, qualis per nubila Phoebes 105
 Atracia rubet arte labor; suffusa ueneno
 tenditur ac sanie gliscit cutis; igneus atro
 ore uapor, quo longa sitis morbique famesque
 et populis mors una uenit; riget horrida tergo
 palla, et caerulei redeunt in pectora nodi: 110
 Atropos hos atque ipsa nouat Proserpina cultus.
 tum geminas quatit ira manus: haec igne rogali
 fulgurat, haec uiuo manus aera uerberat hydro.
 ut stetit, abrupta qua plurimus arce Cithaeron
 occurrit caelo, fera sibila crine uirenti 115
 congeminat, signum terris, unde omnis Achaei
 ora maris late Pelopeaque regna resultant.
 audiit et medius caeli Parnasos et asper
 Eurotas, dubiamque iugo fragor impulit Oeten
 in latus, et geminis uix fluctibus obstitit Isthmos. 120
 ipsa suum genetrix curuo delphine uagantem
 abripuit frenis gremioque Palaemona pressit.
 atque ea Cadmeo praeceps ubi culmine primum
 constitit assuetaque infecit nube penates,
 protinus attoniti fratrum sub pectore motus, 125
 gentilisque animos subiit furor aegraque laetis
 inuidia atque parens odii metus, inde regendi
 saeuus amor, ruptaeque uices iurisque secundi
 ambitus impatiens, et summo dulcius unum
 stare loco, sociisque comes discordia regnis. 130

e atija seus corcéis luzentes. O altivo Atlas
 estremeceu e o céu deslocou em seus ombros.
 Pegou de pronto, ao Máleo val tornando, a via 100
 nota a Tebas: por outros caminhos mais célere
 não vai ou volta e o Tártaro irmão não prefere.
 Cem cerastas sombreiam-lhe erguidas a face,
 do crânio a menor turba; nos olhos profundos,
 férrea luz qual, com nuvens das artes Atrácias, 105
 Febe corasse. Infusa em peçonha distende-se
 e com pus incha a pele. Ardente, à torva boca
 um vapor com qual longa sede, doença, fome
 e morte ao povo vêm; no dorso, dura, horrível
 mantilha, sobre o peito caindo os nós cérulos: 110
 refaz-lhe as vestes Átropo, também Prosérpina.
 Irada, agita as mãos irmãs: e um fogo fúnebre
 luz nesta, e aquela fere o céu com viva serpe.
 Detém-se onde o Citéron com alto e agudo pico
 insurge ao céu, com a crina verde sevos silvos 115
 redobra, um aviso à terra: dos mares Aqueus
 a costa inteira e os reinos Pelopeus ressoam;
 e ouve o Parnaso, o centro do céu, e o rochoso
 Eurota; e o som nos cimos lançou o Eta dúbio
 ao lado, e mal obstou as ondas duplas o Istmo. 120
 A própria mãe, vagando o filho em curvo boto,
 tirou da rédea e ao peito apertou seu Palêmon.
 Quando no alto Cadmeio, primeiro, precípite
 veio e com a afeita nuvem tingiu os penates,
 no peito dos irmãos moveu-se abalo súbito: 125
 enche o furor da casa as almas, a atra inveja
 do riso, o medo, servo do ódio, e de mandar
 o sevo amor; o turno roto e a espera ansiosa
 do jus do outro, o tão doce sozinho no sumo
 posto estar e a discórdia afim a reinos sócios. 130

sic ubi delectos per torua armenta iuuenos
 agricola imposito sociare affectat aratro,
 illi indignantes, quis nondum uomere multo
 ardua nodosos ceruix descendit in armos,
 in diuersa trahunt atque aequis uincula laxant 135
 uiribus et uario confundunt limite sulcos:
 haud secus indomitos praeceps discordia fratres
 asperat. alterni placuit sub legibus anni
 exilio mutare ducem. sic iure maligno
 Fortunam transire iubent, ut scepra tenentem 140
 foedere praecipiti semper nouus angeret heres.
 haec inter fratres pietas erat, haec mora pugnae
 sola nec in regem perduratura secundum.
 et nondum crasso laquearia fulua metallo,
 montibus aut alte Graeis effulta nitebant 145
 atria, congestos satis explicitura clientes;
 non impacatis regum aduigilantia somnis
 pila, nec alterna ferri statione gementes
 excubiae, nec cura mero committere gemmas
 atque aurum uiolare cibis: sed nuda potestas 150
 armauit fratres, pugna est de paupere regno.
 dumque uter angustae squalentia iugera Dirces
 uerteret aut Tyrii solio non altus ouaret
 exulis ambigitur, periit ius fasque bonumque
 et uitae mortisque pudor. quo tenditis iras, 155
 a, miseri? quid si peteretur crimine tanto
 limes uterque poli, quem Sol emissus Eoo
 cardine, quem porta uergens prospectat Hibera,
 quasque procul terras obliquo sidere tangit
 auius aut Borea gelidas madidiue tepentes 160
 igne Noti? quid si Phrygiae Tyriaeque sub unum
 conuectentur opes? loca dira arcesque nefandae
 suffecere odio, furiisque immanibus emptum

Como quando novilhos pegos de grei torva
 um camponês com arado imposto quer unir,
 e eles, irados – porque nunca soube a relha,
 nobre a cerviz afunda nos nodosos ombros –,
 puxam se opondo, folgam os laços com força 135
 igual e os sulcos fundem com traçado vário,
 de outra forma a discórdia nos feros irmãos
 não se agrava: pactuam trocar anualmente
 o trono pelo exílio. E, assim, por jus maligno
 fazem virar a Sorte, e a quem detém o cetro 140
 sempre, no fim do trato, o herdeiro afligirá:
 essa a piedade entre os irmãos; essa, da luta,
 a pausa, que ao seguinte rei nem vai chegar.
 Nem com crassos metais os fulvos artesões
 brilhavam, nem em pedras gregas apoiadas 145
 salas que recebessem, aos montes, clientes;
 nem guardavam o sono intranquilo dos reis
 os pilos, ou do ferro o som no posto alterno;
 nem o esforço de ao vinho confiar as joias,
 ou de sujar com ceias o ouro; um poder nu 150
 equipou os irmãos: por reino pobre lutam.
 Quem, da árdua Dirce, inculta terra lavraria
 e quem, do êxule Tírio, fruiria o húmil trono,
 discutem; nisso, o fás, o jus e o certo findam,
 de morte e vida o pejo. Aonde a ira vos leva, 155
 ó infames? E se o crime irromper aos limites
 do polo, os quais o Sol, do Oriente remetido,
 às portas se curvando da Ibéria, contempla,
 e às terras que de longe com raios oblíquos
 ele tange, ou às frias de Bóreas e às quentes 160
 de Noto? Se os tesouros da Frígia e da Tíria
 se juntassem? Nefandas urbes e áreas torvas
 o ódio geraram; paga-se com imanes fúrias

Oedipodae sedisse loco. iam sorte carebat
 dilatus Polynicis honos. quis tunc tibi, saeue, 165
 quis fuit ille dies, uacua cum solus in aula
 respiceres ius omne tuum cunctosque minores,
 et nusquam par stare caput! iam murmura serpunt
 plebis Echioniae, tacitumque a principe uulgus
 dissidet, et, qui mos populis, uenturus amatur. 170
 atque aliquis, cui mens humili laeuisse ueneno
 summa nec impositos umquam ceruice uolenti
 ferre duces, “hancne Ogygiis,” ait, “aspera rebus
 fata tulere uicem, totiens mutare timendos
 alternoque iugo dubitantia subdere colla? 175
 partiti uersant populorum fata manuque
 Fortunam fecere leuem. semperne uicissim
 exulibus seruire dabor? tibi, summe deorum
 terrarumque sator, sociis hanc addere mentem
 sedit? an inde uetus Thebis extenditur omen, 180
 ex quo Sidonii nequiquam blanda iuueni
 pondera Carpathio iussus sale quaerere Cadmus
 exul Hyanteos inuenit regna per agros,
 fraternasque acies fetae telluris hiatu
 augurium seros dimisit ad usque nepotes? 185
 cernis ut erecta toruum sub fronte minetur
 saeuior assurgens dempto consorte potestas.
 quas gerit ore minas, quanto premit omnia fastu!
 hicne umquam priuatus erit? tamen ille precanti
 mitis et affatu bonus et patientior aequi. 190
 quid mirum? non solus erat. nos uilis in omnes
 prompta manus casus, domino cuicumque parati,
 qualiter hinc gelidus Boreas, hinc nubifer Eurus
 uela trahunt, nutat mediae fortuna carinae.
 heu dubio suspensa metu tolerandaque nullis 195
 aspera sors populis! hic imperat, ille minatur.”

sentar-se ao trono de Édipo. Falha na sorte
 a honra de Polinices, posposta. Ah!, que dia, 165
 ó fero, em que, sozinho no paço, teus olhos
 voltaste aos teus menores juntos e a teu jus:
 e em parte alguma há par! E já rasteja a voz
 do povo Equíon; tácito o vulgo, do príncipe
 discorda e ama o seguinte, como sói à plebe. 170
 Alguém, a quem a mente lesou com veneno
 e reis impostos nunca permitiu nos ombros,
 disse então: “os severos Fados para a Ogígia
 a sucessão trouxeram; temendo a mudança,
 ao jugo alterno a nuca incerta sujeitamos? 175
 Ambos volvem os fados do povo e a Fortuna
 fazem fútil. Eu sempre e de novo a exilados
 vou servir? Sumo pai de terra e céus, em ti,
 a sócios ministrar esse arbítrio se assenta?
 Ou se estendeu o antigo presságio de Tebas 180
 por qual, do touro Sídone a tão tenra carga
 em vão no mar Carpátio buscando, exilado
 Cadmo o reino nos agros Hianteus deparou,
 fraternas hostes em vazios de fértil campo
 semeando como agouro a seus netos tardios? 185
 Vê como ao torvo aterra, sob a erguida face
 mais sevo e sem consorte surgindo, o poder.
 Que ameaças diz, com que altivez oprime tudo!
 Este nunca será civil? Mas o outro, a súplices
 gentil na fala, é bom, mais sujeito à equidade. 190
 Mas o quê? Não estava só. Nós, vis, p’ra todos
 os casos mãos dispostas, e a qualquer senhor:
 qual por cá Bóreas frio, e por lá o Euro turvo
 inflando a vela, a sorte da quilha jaz no entre.
 Suspenso em dúbio medo, por povo nenhum 195
 o acaso é tolerável! Um reina; outro ameaça.”

at Iouis imperiis rapidi super atria caeli
 lectus concilio diuum conuenerat ordo
 interiore polo. spatiis hinc omnia iuxta,
 primaeque occiduaeque domus et fusa sub omni 200
 terra atque unda die. mediis sese arduus infert
 ipse deis, placido quatiens tamen omnia uultu,
 stellantique locat solio; nec protinus ausi
 caelicolae, ueniam donec pater ipse sedendi
 tranquilla iubet esse manu. mox turba uagorum 205
 semideum et summis cognati Nubibus Amnes
 et compressa metu seruantes murmura Venti
 aurea tecta replent. mixta conuexa deorum
 maiestate tremunt, radiant maiore sereno
 culmina et arcano florentes lumine postes. 210
 postquam iussa quies siluitque exterritus orbis,
 incipit ex alto – graue et immutabile sanctis
 pondus adest uerbis, et uocem fata sequuntur:
 “terrarum delicta nec exaturabile Diris
 ingenium mortale queror. quonam usque nocentum 215
 exigar in poenas? taedet saeuire corusco
 fulmine, iam pridem Cyclopum operosa fatiscunt
 bracchia et Aeoliis desunt incudibus ignes.
 atque adeo tuleram falso rectore solutos
 Solis equos, caelumque rotis errantibus uri, 220
 et Phaethonthea mundum squalere fauilla.
 nil actum, neque tu ualida quod cuspide late
 ire per inlicitum pelago, germane, dedisti.
 nunc geminas punire domos, quis sanguinis auctor
 ipse ego, descendo. Perseos alter in Argos 225
 scinditur, Aonias fluit hic ab origine Thebas.
 mens cunctis imposta manet: quis funera Cadmi
 nesciat et totiens excitam a sedibus imis
 Eumenidum bellasse aciem, mala gaudia matrum

Ora, sobre o átrio etéreo, por ordem de Júpiter
 pôs-se em consílio a ordem eleita dos deuses
 no interno polo. Tudo daqui dista o mesmo:
 casas de orto e de ocaso e, dispersas sob todo 200
 o céu, a terra e as águas. Entre deuses segue
 altivo e, mesmo calmo, os redores inquieta;
 no estelar trono senta: os celestes não ousam
 dar curso, até que a vênua p'ra sentar seu pai
 com mão tranquila dê. Depois, turba de vagos 205
 semideuses, e Rios de altas Nuvens nascidos,
 e Ventos suprimindo os murmúrios por medo
 encham as áureas salas. Tremem as abóbadas
 com a nobreza celeste, e com vasta paz luzem
 os cimos e de arcano as flóreas portas brilho. 210
 Ordenado o silêncio, calou-se o orbe, pávido;
 do alto declara – um grave e inalterado peso
 aos santos verbos vem, e a voz os Fados seguem:
 “Os delitos da Terra que as Diras não fartam
 lastimo, e o gênio humano. Até quando culpados 215
 lançarei aos castigos? Cansei de enraivar-me
 com o raio; dos Ciclopes, ágeis se esgotaram
 os braços, e da forja Eólia os fogos foram-se.
 Decerto eu amarguei, por falso mestre soltos,
 os cavalos do Sol, o ardente céu com errante 220
 carro e o orbe coberto com cinzas de Fáeton:
 nada gerou; nem quando tu, com forte lança,
 pelo ilícito, irmão, que o mar corresse deste.
 P'ra, ora, punir duas casas, eu, que sou autor
 do sangue, desço. O outro à Argos de Perseu 225
 se fenda, e este da origem flua à Aônia Tebas.
 Persiste a mente imposta: quem ignora o fim
 de Cadmo, à guerra a tanto do imo requerida
 hoste das Fúrias, e das mães os maus deleites,

erroresque feros nemorum et reticenda deorum 230
 crimina? uix lucis spatio, uix noctis abactae
 enumerare queam mores gentemque profanam.
 scandere quin etiam thalamos hic impius heres
 patris et immeritae gremium incestare parentis
 appetiit, proprios – monstrum! – reuolutus in ortus. 235
 ille tamen superis aeterna piacula soluit
 proiecitque diem, nec iam amplius aethere nostro
 uescitur; at nati – facinus sine more! – cadentes
 calcauere oculos. iam iam rata uota tulisti,
 dire senex. meruere tuae, meruere tenebrae 240
 ultorem sperare Iouem. noua sontibus arma
 iniciam regnis, totumque a stirpe reuellam
 exitiale genus. belli mihi semina sunt
 Adrastus socer et superis adiuncta sinistris
 conubia. hanc etiam poenis incessere gentem 245
 decretum; neque enim arcano de pectore fallax
 Tantalus et saeuae periit iniuria mensae.”
 sic pater omnipotens. ast illi saucia dictis
 flammato uersans inopinum corde dolorem
 talia Iuno refert: “mene, o iustissime diuum, 250
 me bello certare iubes? scis, semper ut arces
 Cyclopum magnique Phoroneos incluta fama
 sceptris uiris opibusque iuuem, licet improbus illic
 custodem Phariae somno letoque iuuencae
 extinguas, saeptis et turribus aureus intres. 255
 mentitis ignosco toris: illam odimus urbem
 quam uultu confessus adis, ubi conscia magni
 signa tori tonitrus agis et mea fulmina torques.
 facta luant Thebae: cur hostes eligis Argos?
 quin age, si tanta est thalami discordia sancti, 260
 et Samon et ueteres armis excinde Mycenae,
 uerte solo Sparten. cur usquam sanguine festo

e atros erros de selva, e dos céus os calados 230
 crimes? Mal no durar da luz, na noite finda,
 posso apontar costumes e povos profanos.
 Subir este ímpio herdeiro, contudo, no leito
 pátrio e incestar o ventre da inocente mãe
 desejou, a seus ortos retornando – monstro! 235
 Mas aos deuses pagou penitência perpétua,
 prescindindo do dia, e não se nutre do éter.
 Os filhos, porém, crime imorall, os cadentes
 olhos calcaram. Já trouxeste os firmes votos,
 diro velho. Tuas trevas merecem, merecem 240
 a vingança de Jove. Armas novas aos reinos
 réus lançarei e, inteira, à estirpe arrancarei
 a raça atroz. Da guerra, sejam meus agentes
 Adrasto sogro e unidas bodas por sinistros
 deuses. Junto implicar nas penas essa gente 245
 optei, pois do imo peito nem o falaz Tântalo
 nem a injúria da mesa selvagem findaram.”

Disse o potente pai. Por seus verbos ferida,
 volvendo abrupta dor no seu peito inflamado,
 Juno responde: “a mim, ó deidade justíssima, 250
 ordenas ir à guerra? Sabes que às Ciclópeas
 urbes e ao cetro insigne de Foroneu magno
 com homens e bens ajudo, embora lá, cruel,
 com morte e sono o guarda da Fária novilha
 tenhas matado e à torre oclusa ido dourado. 255
 Se o leito infiel desculpo, a cidade eu detesto
 à qual vais revelado, onde os cõscios sinais
 do magno toro troas, e os meus raios lanças.
 Que Tebas pague o feito, mas Argos é hostil?
 Pois, se do santo leito é tamanha a discórdia, 260
 fende Samos e a velha Micenas com armas,
 destrói Esparta. Em sangue festivo, por quê

coniugis ara tuae, cumulo cur turis Eoi
 laeta calet? melius uotis Mareotica fumat
 Coptos et aerisoni lugentia flumina Nili. 265
 quod si prisca luunt auctorum crimina gentes
 subuenitque tuis sera haec sententia curis,
 percensere aeui senium, quo tempore tandem
 terrarum furias abolere et saecula retro
 emendare sat est? iamdudum ab sedibus illis 270
 incipe, fluctiuaga qua praeterlabitur unda
 Sicanios longe relegens Alpheos amores:
 Arcades hic tua (nec pudor est) delubra nefastis
 imponere locis, illic Mauortius axis
 Oenomai Geticoque pecus stabulare sub Haemo 275
 dignius, abruptis etiamnum inhumata procorum
 reliquiis trunca ora rigent; tamen hic tibi templi
 gratus honos; placet Ida nocens mentitaque manes
 Creta tuos. me Tantaleis consistere tectis
 quae tandem inuidia est? belli deflecte tumultus 280
 et generis miserescere tui. sunt impia late
 regna tibi, melius generos passura nocentes.”
 finierat precibus miscens conuicia Iuno.
 at non ille grauis dictis, quamquam aspera motu,
 reddidit haec: “equidem haud rebar te mente secunda 285
 laturam, quodcumque tuos, licet aequus, in Argos
 consulerem, neque me, detur si copia, fallit
 multa super Thebis Bacchum ausuramque Dionen
 dicere, sed nostri reuerentia ponderis obstat.
 horrendos etenim latices, Stygia aequora fratris, 290
 obtestor, mansurum et non reuocabile uerbum,
 nil fore quod dictis flectar. quare impiger alis
 portantes praecede Notos, Cyllenia proles,
 aera per liquidum regnisque inlapsus opacis
 dic patruo: superas senior se attollat ad auras 295

da esposa tua as aras, por que com Eoo fumo
 ardem ledas? Com votos, que Coptos Mareota
 enfume, e chore o fluxo do Nilo bronzíssono. 265
 Pois que, se expiam crimes antigos os povos,
 e essa tarda sentença acorre a teus cuidados,
 de eras rever o antigo e desde esse momento
 banir da terra as fúrias, e, às avessas, séculos
 emendar basta? Então, por aquelas moradas 270
 começa, de onde em águas tranquilas costeia
 Alfeu, longe tornando a ver amores Sícanos.
 Teus delubros, sem pejo, os Árcades em solo
 nefasto ergueram: lá estão o eixo Mavórcio
 de Enômau, a grei digna de acolher no Hemo 275
 Gético, onde, insepultos, cortados aos noivos,
 jazem esparsos crânios; e do templo a honra
 te é grata, e o Ida nóxio e, fingindo teu mane,
 Creta. Por que ter casas nas terras de Tântalo
 me envergonha? O tumulto da guerra desvia 280
 e dos teus te condói. Distantes reinos ímpios
 há que com os genros nóxios melhor sofrerão.”
 Findara Juno, às preces mesclando censuras.
 Com ditos nada graves, mas ásperos gestos,
 diz Jove: “eu não achei que mente favorável 285
 trarias ao que, mesmo justo, a teus Argivos
 eu quisesse; e sabia que, ao surgir a chance,
 muito, em nome de Tebas, Dione e Dionísio
 diriam, mas o acato a nosso peso impede-os.
 Por isso, do fraterno Estige as águas torvas 290
 invoco, um duradouro e irrevogável verbo:
 dito nenhum me abranda. Com céleres asas,
 Cilênia prole, o Noto, que impele, precede;
 pelo ar tranquilo aos reinos opacos desliza,
 e ao tio diz: que às alturas se eleve o vetusto 295

Laius, extinctum nati quem uulnere nondum
 ulterior Lethes accepit ripa profundi
 lege Erebi; ferat hic diro mea iussa nepoti:
 germanum exilio fretum Argolicisque tumentem
 hospitiis, quod sponte cupit, procul impius aula 300
 arceat, alternum regni infitatus honorem.
 hinc causae irarum, certo reliqua ordine ducam.”
 paret Atlantiades dictis genitoris et inde
 summa pedum propere plantaribus inligat alis
 obnubitque comas et temperat astra galero. 305
 tum dextrae uirgam inseruit, qua pellere dulces
 aut suadere iterum somnos, qua nigra subire
 Tartara et exangues animare assueuerat umbras.
 desiluit, tenuique exceptus inhorruit aura.
 nec mora, sublimes raptim per inane uolatus 310
 carpit et ingenti designat nubila gyro.
 interea patriis olim uagus exul ab oris
 Oedipodionides furto deserta pererrat
 Aoniae. iam iamque animis male debita regna
 concipit, et longum signis cunctantibus annum 315
 stare gemit. tenet una dies noctesque recursans
 cura uirum, si quando humilem decedere regno
 germanum et semet Thebis opibusque potitum
 cerneret; hac aeuum cupiat pro luce pacisci.
 nunc queritur ceu tarda fugae dispendia, sed mox 320
 attollit flatu ducis et sedisse superbus
 deiecto iam fratre putat: spes anxia mentem
 extrahit et longo consumit gaudia uoto.
 tunc sedet Inachias urbes Danaeiaeque arua
 et caligantes abrupto sole Mycenae 325
 ferre iter impavidum, seu praeuia ducit Erinys,
 seu fors illa uiae, siue hac immota uocabat
 Atropos. Ogygiis ululata furoribus antra

Laio, a quem, por seu filho finado, do Letes
 não aceitam as margens por lei do profundo
 Érebo; ao neto atroz, conduza minha ordem:
 o irmão êxule, ufano da Argiva hospedagem
 e ardendo, que ele, ímpio, distante do paço 300
 deixe, do cetro a honra alternante negando.
 Eis as causas da ira. Eu coordeno o restante.”

Obedece o Atlantíade aos mandos paternos,
 e, veloz, prende aos pés suas sandálias aladas,
 com o chapéu cobre a coma e os astros atenua. 305
 Seu caduceu à destra, com que expulsa o doce
 sono e de novo o inspira, se arroja no Tártaro
 negro, a sombras exangues afeito a dar ânimo.
 Atirou-se e apanhando aura tênue tremeu-se.
 Sem tardar voa e, abrupto, pelo inane os altos 310
 rompendo, com imensa volta as nuvens risca.

Nisso, das costas pátrias já um errante êxule,
 o Edipônida esconso os desertos percorre
 da Aônia. Doente a alma, já devido o reino
 concebe e o lento ano de hesitantes signos 315
 geme. Os dias e noites revolvendo a cisma
 gasta: quando ao irmão diminuído, o reino
 deixando, e a si, senhor de Tebas e de bens,
 verá? E anseia a vida escambar por tal dia.
 E, ora, reclama do ônus da fuga; mas rápido 320
 surge de chefe um sopro; sentado soberbo
 se vê, deposto o irmão: a agitada esperança
 toma o juízo e o prazer em lento voto sorve.
 Às cidades do Ínaco, aos campos de Dânao
 e a Micenas sombria, onde o sol é recuado, 325
 trilha caminho: a Erínia o levou, ou o acaso
 do trajeto? Chamava, ali, a imóvel Átropo?
 Antros em que os furores ululam na Ogígia

deserit et pingues Baccheo sanguine colles.
 inde plagam, qua molle sedens in plana Cithaeron 330
 porrigitur lassumque inclinat ad aequora montem,
 praeterit. hinc arte scopuloso in limite pendens
 infames Scirone petras Scyllaeaque rura
 purpureo regnata seni mitemque Corinthon
 linquit et in mediis audit duo litora campis. 335
 iamque per emeriti surgens confinia Phoebi
 Titanis late mundo subuecta silenti
 rorifera gelidum tenuauerat aera biga;
 iam pecudes uolucresque tacent, iam Somnus auaris
 irrepit curis pronusque ex aethere nutat, 340
 grata laboratae referens obliuia uitae.
 sed nec puniceo rediturum nubila caelo
 promiserere iubar, nec rarescentibus umbris
 longa repercusso nituere crepuscula Phoebos:
 densior a terris et nulli peruia flammae 345
 subtexit nox atra polos. iam claustra rigentis
 Aeoliae percussa sonant, uenturaque rauco
 ore minatur hiems, uenti transuersa frementes
 configunt axemque emoto cardine uellunt,
 dum caelum sibi quisque rapit; sed plurimus Auster 350
 inglomerat noctem, tenebrosa uolumina torquens,
 defunditque imbres sicco quos asper hiatu
 praesolidat Boreas; nec non abrupta tremescunt
 fulgura, et attritus subita face rumpitur aether.
 iam Nemea, iam Taenariis contermina lucis 355
 Arcadiae capita alta madent; ruit agmine magno
 Inachus et gelidas surgens Erasinus in undas.
 puluerulenta prius calcandaque flumina nullae
 aggeribus tenuere morae, stagnoque refusa est
 funditus et ueteri spumauit Lerna ueneno. 360
 frangitur omne nemus, rapiunt antiqua procellae

deixa, e montes untados de sangue Bacante.
 A plaga onde o gentil Citéron tende ao plano 330
 e inclina aos mares a cansada escarpa passa.
 De lá, em trilha estreita e pedrosa suspenso,
 aos rochedos de Círon e aos campos de Cila,
 reinos do tírio ancião, e à tranquila Corinto
 transpõe, ouvindo duas praias entre prados. 335

Pelos confins de Febo emérito mostrando-se,
 no amplo mundo silente surgindo, a Titânide
 transformara ar em gelo com a biga rorífera.
 Calam-se aves e ovelhas, e às futres angústias
 se arrasta o Sono, e acena inclinado dos ares, 340
 trazendo o grato oblívio à tão árdua vivência.
 E nem com céu puníceo as nuvens afirmaram
 a volta da alva, nem com sombras rarescentes
 brilhou, Febo espelhando, o crepúsculo longo.
 Da terra, à luz impérvia, mais espessa a noite 345
 vem, atra, e cobre o polo. Golpeadas, as portas
 soam da algente Eólia; vindo em voz ruidosa,
 ameaça um temporal, e os ventos retumbantes
 colidem de através, e o eixo ao polo arrancam
 enquanto o céu disputam. Abundante, o Austro 350
 engrossa a noite, um giro assustador volvendo,
 e no chão verte a rude chuva que num ímpeto
 Bóreas congela; e luzem tremendo relâmpagos,
 e o céu se rompe em facho súbito com o atrito.
 E Nêmea e os cimos Árcades, rentes aos lucos 355
 de Tênaros, se inundam; jorra em fluxo o Ínaco
 inchado, e em águas gélidas cresce o Erasino.
 Os diques não retém os rios, antes caminhos,
 em seus leitos; ressurge o pântano de Lerna
 por inteiro, e com o velho veneno borbulha. 360
 Caem bosques e das selvas a procela arranca

brachia siluarum, nullisque aspecta per aeuum
 solibus umbrosi patuere aestiua Lycaei.
 ille tamen, modo saxa iugis fugientia ruptis
 miratus, modo nubigenas e montibus amnes 365
 aure pauens passimque insano turbine raptas
 pastorum pecorumque domos, non segnius amens
 incertusque uiae per nigra silentia uastum
 haurit iter; pulsat metus undique et undique frater.
 ac uelut hiberno depensus nauita ponto, 370
 cui neque Temo piger neque amico sidere monstrat
 Luna uias, medio caeli pelagique tumultu
 stat rationis inops, iam iamque aut saxa malignis
 expectat summersa uadis aut uertice acuto
 spumantes scopulos erectae incurrere prorae: 375
 talis opaca legens nemorum Cadmeius heros
 accelerat, uasto metuenda umbone ferarum
 excutiens stabula, et prono uirgulta refringit
 pectore – dat stimulos animo uis maesta timoris –
 donec ab Inachiis uicta caligine tectis 380
 emicuit lucem deuexa in moenia fundens
 Larisaeus apex. illo spe concitus omni
 euolat, hinc celsae Iunonia templa Prosymnae
 laeuus habens, hinc Herculeo signata uapore
 Lernaei stagna atra uadi, tandemque reclusis 385
 infertur portis. actutum regia cernit
 uestibula; hic artus imbri uentoque rigentes
 proicit ignotaeque acclinis postibus aulae
 inuitat tenues ad dura cubilia somnos.
 rex ibi, tranquillae medio de limite uitae 390
 in senium uergens, populos Adrastus habebat,
 diues auis et utroque Iouem de sanguine ducens.
 hic sexus melioris inops sed prole uirebat
 feminea, gemino natarum pignore fultus.

velhos galhos; do umbroso Liceu, pelos sóis
nunca vistas outrora, as clareiras se abrem.

Mas ele, ora com as pedras rolando dos cimos
pasmado, ora com rios nubígenos no ouvido 365
assustado, ou currais e casas por um vórtice
carregados, nem lento ou confuso, inseguro
do rumo, em atra noite transpôs longo curso.
Em tudo pulsa o medo, e em tudo, seu irmão.
E tal um marinheiro ao mar de inverno preso, 370
a quem nem lento Carro ou Lua amiga mostra
o curso, em confusão em meio a céu e mar,
para sem rumo e pedra má no vau submersa
espera, ou numa crista elevada os espúmeos
recifes contra a proa a prumo prorrompendo: 375
o herói Cadmeio, sombras da selva seguindo,
acelera e, com vasta bossa antros horrentes
de bestas arrasando, brenhas com inclinado
peito fende – do medo a mesta força anima –,
té que, vencido o breu por moradas do Ínaco, 380
lançou, contra as declives muralhas, sua luz
o auge Larísseo. Aceso por toda a esperança,
corre, o templo de Juno na excelsa Prosimne
à sestra e, pelo Hercúleo fumo noto, à destra,
o atro charco do lago Lérneo. Enfim, é guiado 385
às pérvias portas, vendo, de súbito, os régios
adros. Por chuva e gelo encruados, os braços
abandona e, no estranho batente encostado,
sonhos macios invoca junto a um leito duro.

Ali, da vida já transposto o meio, ao término 390
vergando o rei Adrasto em paz guiava o povo.
Em avós rico, a Jove ambos os sangues levam.
Ausente o melhor sexo, em feminina estirpe
vingou, no penhor duplo das filhas baseado.

cui Phoebus generos – monstrum exitiabile dictu! 395
 mox adaperta fides – fato ducente canebat
 saetigerumque suem et fuluum aduentare leonem.
 id uoluens non ipse pater, non docte futuri
 Amphiarae uides, etenim uetat auctor Apollo.
 tantum in corde sedens aegrescit cura parenti. 400
 ecce autem antiquam fato Calydonia relinquens
 Olenius Tydeus – fraterni sanguinis illum
 conscius horror agit – eadem, sub nocte sopora,
 lustra terit, similesque Notos dequestus et imbres,
 infusam tergo glaciem et liquentia nimbis 405
 ora comasque gerens subit uno tegmine, cuius
 fusus humo gelida partem prior hospes habebat.
 hic uero ambobus rabiem Fortuna cruentam
 attulit: haud passi sociis defendere noctem
 culminibus; paulum alternis in uerba minasque 410
 cunctantur, mox ut iactis sermonibus irae
 intumuere satis, tum uero erectus uterque
 exertare umeros nudamque lacessere pugnam.
 celsior ille gradu procera in membra simulque
 integer annorum; sed non et uiribus infra 415
 Tydea fert animus, totosque infusa per artus
 maior in exiguo regnabat corpore uirtus.
 iam crebros ictus ora et caua tempora circum
 obnixi ingeminant, telorum aut grandinis instar
 Rhipaeae, flexoque genu uacua ilia tidunt. 420
 non aliter quam Pisaeo sua lustra Tonanti
 cum redeunt crudisque uirum sudoribus ardet
 puluis; at hinc teneros caueae dissensus ephebos
 concitat, exclusaeque expectant praemia matres:
 sic alacres odio nullaque cupidine laudis 425
 accensi incurrunt, scrutatur et intima uultus
 unca manus penitusque oculis cedentibus intrat.

Febo os genros – prodígio mortal ao dizê-lo, 395
 logo clara lealdade – cantou, guiando fados:
 porco cerdoso e um fulvo leão se acercavam.
 Isso volvendo, o pai nem tu, no porvir douto,
 Anfiarau, vês, pois veta Apolo, o inspirador.
 Só em peito de pai a angústia, fixa, enferma. 400

Mas eis, por fado a antiga Cálidon deixando,
 Olênio Tideu – cônscio horror do sangue irmão
 o impele – e os mesmos, nessa noite soporífera,
 bosques trilha; tomando chuva e Noto iguais, 405
 no dorso o gelo infuso, e molhados das nuvens
 trazendo o rosto e a coma, chega àquele abrigo
 do qual tomara o piso algente o primo hóspede.
 Aos dois, contudo, ali Fortuna a cruenta raiva
 trouxe: sócios de teto não querem guardar-se 410
 da noite, e trocam frases e ameaças, e hesitam
 um pouco e, discussão lançada, as iras, súbito,
 assaz turgescem; ambos de pé, então, despem
 seus ombros e disputam uma pugna a limpo.
 Mais alto aquele, membros longos e no auge 415
 dos anos; mas, com força não menor, arrojo
 tem Tideu, e infundida por seus ossos todos,
 maior num corpo exíguo, a virtude reinava.
 Crebros golpes na fronte e no lado do crânio
 redobram, firmes, feito flechas ou granizos
 Rifeus, os joelhos curvos moendo as costelas. 420
 Tal quando os lustros seus ao Tonante Piseu
 retornam e, com o sangue e suor dos varões,
 se acende o pó, e a briga do público os jovens
 empolga, e mães excluídas esperam espólios:
 assim, febris, sem ânsias de glória, acendidos 425
 por ódio atacam; busca o por dentro do rosto
 a mão curvada e em olhos cadentes penetra.

forsā et accinctos lateri – sic ira ferebat –
 nudassent enses, meliusque hostilibus armis
 lugendus fratri, iuuenis Thebane, iaceres, 430
 ni rex insolitum clamorem et pectore ab alto
 stridentes gemitus noctis miratus in umbris,
 mouisset gressus, magnis cui sobria curis
 pendebat somno iam deteriore senectus.
 isque ubi progrediens numerosa luce per alta 435
 atria dimotis aduerso limine claustris
 terribilem dictu faciem, lacera ora putresque
 sanguineo uidet imbre genas: “quae causa furoris,
 externi iuuenes – neque enim meus audeat istas
 cuius in usque manus –, quisnam implacabilis ardor 440
 exturbare odiis tranquilla silentia noctis?
 usque adeone angusta dies, et triste parumper
 pacem animo somnumque pati? sed prodite tandem
 unde orti, quo fertis iter, quae iurgia? nam uos
 haud humiles tanta ira docet, generisque superbi 445
 magna per effusum clarescunt signa cruorem.”
 uix ea, cum mixto clamore obliqua tuentes
 incipiunt una: “rex o mitissime Achium,
 quid uerbis opus? ipse undantes sanguine uultus
 aspicias.” haec passim turbatis uocis amarae 450
 confudere sonis; inde orsus in ordine Tydeus
 continuat: “maesti cupiens solacia casus
 monstriferae Calydonis opes Acheloiaque arua
 deserui; uestris haec me ecce in finibus ingens
 nox operit. tecto caelum prohibere quis iste 455
 arcuit? an quoniam prior haec ad limina forte
 molitus gressus? pariter stabulare bimembres
 Centauros unaque ferunt Cyclopas in Aetna
 compositos. sunt et rabidis iura insita monstris
 fasque suum: nobis sociare cubilia terrae— 460

Mesmo se à cinta presos – tal ira os movia –
 dos gládios livrar-se-iam: por armas hostis
 derrubado, Tebano, o irmão te prantearia 430
 se o rei, por raros gritos e agudos gemidos
 de imo peito na sombra da noite assustado,
 não andasse: a ilibada velhice com graves
 angústias sobre um sono já incerto pesava.
 Avança com uma tocha por altos e grandes 435
 átrios, e as portas abre e, voltado à entrada,
 horrenda face, e lesos lábios, e ébrios olhos
 cruentos vê: “qual a causa do furor, alheios
 jovens? Nenhum tal briga ousaria dos meus
 cidadãos; qual o ardor intransigente, então, 440
 estorva com ódio o calmo silêncio da noite?
 Quão curto é o dia, ou triste no peito sentir,
 por pouco, a paz do sono? Mas dizei, enfim,
 donde sois, aonde ireis e por que disputais.
 Tanta fúria não guia os humildes: de grande 445
 soberba dão-se as marcas no sangue vertido.”

A custo, o olhar oblíquo, em um misto clamor
 começam juntos: “rei Aqueu, ó nobilíssimo,
 o que dizer? Em sangue banhados, os rostos
 vês.” Isso com sons turvos de amargosa voz 450
 confundem, e Tideu, direito se expressando,
 segue: “querendo alívio para um triste caso,
 Cálidon, a monstífera, e os campos Etólios
 deixei; em vossas terras, eis que negra noite
 me cobre. Quem é este que dos céus o abrigo 455
 veta? Acaso, por antes aos portões, por sorte,
 ter chegado? Bimembres Centauros reunidos
 treinavam, e Ciclopes foram postos, no Etna,
 calmos. P’ra monstros rábidos, há justas leis
 e o seu fás: mas, p’ra nós, uma cama de terra... 460

sed quid ego? aut hodie spoliis gausus abibis,
 quisquis es, his, aut me, si non effetus oborto
 sanguis hebet luctu, magni de stirpe creatum
 Oeneos et Marti non degenerare paterno
 accipies.” “nec nos animi nec stirpis egentes” 465
 ille refert contra, sed mens sibi conscia fati
 cunctatur proferre patrem. tunc mitis Adrastus:
 “immo agite, et positis, quas nox inopinaque suasit
 aut uirtus aut ira, minis succedite tecto.
 iam pariter coeant animorum in pignora dextrae. 470
 non haec incassum diuisque absentibus acta;
 fors an et has uenturus amor praemiserit iras,
 ut meminisse iuuat.” nec uana uoce locutus
 fata senex, siquidem hanc perhibent post uulnera iunctis
 esse fidem, quanta partitum extrema proteruo 475
 Thesea Pirithoo, uel inanem mentis Oresten
 opposito rabidam Pylade uitasse Megaeram.
 tunc quoque mulcentem dictis corda aspera regem
 iam faciles – uentis ut decertata residunt
 aequora, laxatisque diu tamen aura superstes 480
 immoritur uelis – passi, subiere penates.
 hic primum lustrare oculis cultusque uirorum
 telaque magna uacat: tergo uidet huius inanem
 impexis utrimque iubis horrere leonem,
 illius in speciem quem per Teumesia tempe 485
 Amphitryoniades fractum iuuenalibus annis
 ante Cleonaei uestitus proelia monstri.
 terribiles contra saetis ac dente recuruo
 Tydea per latos umeros ambire laborant
 exuuiae, Calydonis honos. stupet omine tanto 490
 defixus senior, diuina oracula Phoebi
 agnoscens monitusque datos uocalibus antris.
 obtutu gelida ora premit, laetusque per artus

o que digo? Ou feliz hoje partes com espólios,
 quem sejas, ou, se o sangue não enfraqueceu
 com a dor crescente, cria da magna linhagem
 de Eneu, que não desonra seu Marte paterno,
 me saberás.” “De estirpe e brio não perecemos” 465
 respondeu, mas, do fado ciente, a mente hesita
 em proclamar seu pai. E Adrasto, então, gentil:
 “Chega: deixai ameaças que a noite imprevista,
 a fúria e o brio causaram, e adentrai meu paço.
 Juntai as vossas destras em penhor dos ânimos. 470
 Nem isso seja em vão nem, ausentes, os deuses.
 Quem sabe, o amor vindouro predispôs a raiva
 p’ra que lembrar agrade.” Com a voz, fados vãos
 não disse o velho: após as chagas, em lealdade
 se unirão: qual Teseu partilhando os extremos 475
 com Pirítoo impudente, ou qual insano Orestes
 obstava a irada Erínia com o interposto Pílates.
 Então, com o dito o rei tocando os duros peitos
 sentiram: como as águas, revoltas com o vento,
 calmam, e como a brisa inda restando às lassoas
 velas morre, eles passam, quietos, aos penates. 480

Com o olhar observa, enfim, a veste dos varões,
 e grandes dardos: vê, inane, às costas de um,
 sobre os ombros com a juba revolta, um leão
 com a figura daquele a que, no val Teumésio, 485
 venceu nos jovens anos seus o Anfitrióníada,
 o qual vestiu na luta com o monstro Cleoneu.
 No outro, de horríveis pelos e presa recurva,
 tentando de Tideu cobrir os largos ombros,
 o couro honra de Cálidon. O augúrio espanta 490
 o senhor, que de Febo os divinos presságios
 reconhece, e das vozes dos antros o anúncio.
 Aperta, pasmo, os lábios frios, e corre o corpo

horror iit; sensit manifesto numine ductos
 affore, quos nexis ambagibus augur Apollo 495
 portendi generos, uultu fallente ferarum,
 ediderat. tunc sic tendens ad sidera palmas:
 “Nox, quae terrarum caelique amplexa labores
 ignea multiuago transmittis sidera lapsu,
 indulgens reparare animum dum proximus aegris 500
 infundat Titan agiles animantibus ortus,
 tu mihi perplexis quaesitam erroribus ultro
 aduehis alma fidem ueterisque exordia fati
 detegis: assistas operi tuaque omina firmes.
 semper honoratam dimensis orbibus anni 505
 te domus ista colet; nigri tibi, diua, litabunt
 electa ceruice greges, lustraliaque exta
 lacte nouo perfusus edet Volcanius ignis.
 salue prisca fides tripodum obscurique recessus.
 deprensi, Fortuna, deos.” sic fatus, et ambos 510
 innectens manibus tecta interioris ad aulae
 progreditur. canis etiamnum altaribus ignes
 sopitum cinerem et tepidi libamina sacri
 seruabant; adolere focos epulasque recentes
 instaurare iubet. dictis parere ministri 515
 certatim accelerant; uario strepit icta tumultu
 regia: pars ostro tenues auroque sonantes
 emunire toros alteque inferre tapetas,
 pars teretes leuare manu ac disponere mensas.
 ast alii tenebras et opacam uincere noctem 520
 aggressi tendunt auratis uincula lychnis.
 his labor inserto torrere exanguia ferro
 uiscera caesarum pecudum, his cumulare canistris
 perdomitam saxo Cererem. laetatur Adrastus
 obsequio feruere domum, iamque ipse superbis 525
 fulgebat stratis solioque effultus eburno.

um abalo: por claro nune os sente guiados,
 os que o profeta Apolo com dúbio presságio 495
 genros predisse e ocultos em face de bestas
 anunciou. Então, erguendo ao céu as mãos:
 “Noite, que a faina abraças da terra e do céu,
 que em voo errante os astros ardentes envias,
 que, indulgente, repara a força enquanto Sol 500
 não infunde o ágil orto nos débeis viventes;
 buscada com enganos e erros, por si mesma
 a fé me envias e do antigo fado o exórdio
 expões: assiste às obras e valida o augúrio.
 Sempre honrada nos ciclos medidos do ano 505
 te fará esta casa; e armentos negros, deusa,
 de eleita nuca a ti daremos, lustrais vísceras
 terás, banhada em leite a Vulcânea fogueira.
 Salve, recesso obscuro, ó prisca fé da trípole!
 Soube, Fortuna, os deuses.” Falou e, pegando 510
 os dois com a mão, à parte interna do castelo
 passou. E às chamas, inda, nas cinzentas aras
 calmas brasas e as mornas libações sagradas
 mantinham: aumentar o fogo e pratos frescos
 refazer ele ordena. A seus mandos, os servos 515
 se apressam; o palácio, com o agito e o fragor,
 ecoa: alguns com ouro, sem barulhos, e ostro
 põem os leitos e ajeitam por cima os tapetes;
 outros carregam mesas redondas e montam.
 Mas outros, p’ra vencer opaca noite e trevas, 520
 avançam p’ra esticar de lustres áureos cordas.
 Seu trabalho era assar nos espetos as vísceras
 exangues das greis mortas e dispor em cestos
 Ceres, a pedras triturada. E Adrasto anima-se
 com a casa ardendo em sujeição, e refulgura 525
 sobre nobres alfombras em trono marmóreo.

parte alia iuuenes siccati uulnera lymphis
 discumbunt, simul ora notis foedata tuentur
 inque uicem ignoscunt. tunc rex longaeuus Acasten
 – natarum haec altrix eadem et fidissima custos 530
 lecta sacrum iustae Veneri occultare pudorem –
 imperat acciri tacitaque immurmurat aure.

nec mora praeceptis, cum protinus utraque uirgo
 arcano egressae thalamo: mirabile uisu,
 Pallados armisonae pharetrataeque ora Dianae 535
 aequa ferunt, terrore minus. noua deinde pudori
 uisa uirum facies: pariter pallorque ruborque
 purpureas hausere genas, oculique uerentes
 ad sanctum rediere patrem. postquam ordine mensae

uicta fames, signis perfectam auroque nitentem 540
 lasides pateram famulos ex more poposcit,
 qua Danaus libare deis seniorque Phoroneus
 adsueti. tenet haec operum caelata figuras:
 aureus anguicomam praesecto Gorgona collo
 ales habet, iam iamque uagas – ita uisus – in auras 545
 exilit; illa graues oculos languentiaque ora
 paene mouet uiuoque etiam pallescit in auro.

hinc Phrygius fuluis uenator tollitur alis,
 Gargara desidunt surgenti et Troia recedit;
 stant maesti comites frustra que sonantia lassant 550
 ora canes umbramque petunt et nubila latrant.
 hanc undante mero fundens uocat ordine cunctos
 caelicolas, Phoebum ante alios, Phoebum omnis ad aras
 laude ciet comitum famulumque euincta pudica
 fronde manus, cui festa dies largoque relecti 555
 ture uaporatis lucent altaribus ignes.

“forsitan, o iuuenes, quae sint ea sacra quibusque
 praecipuum causis Phoebi obtestemur honorem,”
 rex ait, “exquirant animi. non inscia suasit

Por linfa as chagas limpas, alhures os jovens
 se acomodam, os rostos lanhados observam
 e perdoam-se. Então, o rei longevo a Acasta
 – de suas filhas a ama e a guarda fidelíssima, 530
 dada a manter seu sacro pejo a justa Vênus –
 manda vir e em segredo ao ouvido murmura.

Sem demora informadas, logo ambas as virgens
 deixam o leito arcano: ó tão grande portento!
 Da armissonante Palas e de Diana, a armífera, 535
 têm os traços, menor o horror. As novas faces
 veem dos varões: o rubro e o pálido recobrem
 juntos a fronte, e os olhos voltam, reverentes,
 ao santo pai. Depois, com a sucessão da ceia
 vencida a fome, aurífera e clara, com acenos 540
 pediu a taça aos servos, tal seu uso, o Iáside,
 com a qual Dânao libava, e o senhor Foroneu.
 Esta, entalhada, mostra ilustrações de feitos:
 o áureo alado da anguícoma Górgona o colo
 cortado traz e – vê-se assim – a vagos ventos 545
 se lança: ela, olhos graves e lânguidos lábios
 pouco move: empalece mesmo de ouro vivo.
 Asas fulvas suspendem o arqueiro da Frígia,
 e ao subir Troia afasta-se, e Gárgaro afunda;
 detêm-se tristes sócios, cães em vão as bocas 550
 exaurem, mordem sombras e latem a nuvens.
 Deitando o vinho, na ordem ele evoca os célios,
 primeiro Febo; e, às aras, por Febo clamando,
 convidados e servos chamam, com erva casta
 as mãos unidas: dele o festim e, com incensos 555
 vários aceso, o fogo ardendo em ígneas aras.

“Talvez, jovens, qual seja o rito e por que causas
 imploramos de Febo a sua glória precípua,”
 disse o rei, “indagais. Não persuade um rito

religio, magnis exercita cladibus olim 560
 plebs Argiua litat; animos aduertite, pandam.
 postquam caerulei sinuosa uolumina monstri,
 terrigenam Pythona, deus, septem orbibus atris
 amplexum Delphos squamisque annosa terentem
 robora, Castaliis dum fontibus ore trisulco 565
 fusus hiat nigro sitiens alimenta ueneno,
 perculit, absumptis numerosa in uulnera telis,
 Cirrhaeique dedit centum per iugera campi
 uix tandem explicitum, noua deinde piacula caedis
 perquirens nostri tecta haud opulenta Crotopi 570
 attigit. huic primis et pubem ineuntibus annis
 mira decore pios seruabat nata penates
 intemerata toris. felix, si Delia numquam
 furta nec occultum Phoebosociasset amorem!
 namque ut passa deum Nemeaei ad fluminis undam, 575
 bis quinos plena cum fronte resumeret orbem
 Cynthia, sidereum Latonae feta nepotem
 edidit; ac poenae metuens – neque enim ille coactis
 donasset thalamis ueniam pater – auia rura
 eligit ac natum saepta inter ouilia furtim 580
 montiuago pecoris custodi mandat alendum.
 non tibi digna, puer, generis cunabula tanti
 gramineos dedit herba toros et uimine querno
 texta domus; clausa arbutei sub cortice libri
 membra tepent, suadetque leues caua fistula somnos, 585
 et pecori commune solum. sed fata nec illum
 concessere larem; uiridi nam caespite terrae
 proiectum temere et patulo caelum ore trahentem
 dira canum rabies morsu depasta cruento
 disicit. hic uero attonitas ut nuntius aures 590
 matris adit, pulsus ex animo genitorque pudorque
 et metus; ipsa ultro saeuus plangoribus amens

ignoto: aflita outrora por grandes matanças, 560
 a gente Argiva oferta. Atentai, eu vos conto.
 Depois que o deus o serpear da besta cérula,
 Píton terrígena – que em sete escuras voltas
 abraçou Delfos e com a crosta velhos robles
 moeu quando, na Fonte Castália, com língua 565
 trífida, as provisões bebeu p’ra atra peçonha –
 derrubou, nas feridas suas flechas cravadas,
 largando-a por cem jeiras dos agros de Cirra
 estendida, ao buscar seus piáculos insólitos
 do crime, aos não soberbos tetos de Crotopo 570
 chegou. E, ali, na prima puberdade entrando,
 bela filha com brio guardava os pios penates,
 inviolada – e feliz, se nunca as Délias faltas,
 nem o secreto amor com Febo compartisse!
 Mas, nas águas da Nêmea, recebeu ao deus, 575
 e quando, fronte plena, renovou dez cursos
 Cíntia, em parto o sidéreo neto de Latona
 deu à luz; mas, temendo pena, já que o pai
 a leite imposto a vênia não daria, um ermo
 agro escolhe e, furtiva, num aprisco o filho 580
 entrega a um montívago pastor de ovelhas.
 De tua origem berço não digno, ó menino:
 a relva deu gramínea cama e em vime feita
 a casa. Sob as cascas de arbusto se aquecem
 os membros, e oca flauta o leva a leve sono 585
 em chão comum ao gado. Os Fados esse lar
 não aprovam; a ele, em verde relva às cegas
 desprezado e de boca aberta haurindo o céu,
 a atra raiva dos cães com cruentas mordidas
 lacera. Quando a nova aos ouvidos atônitos 590
 chega da mãe, ao peito deixam pai, pudores
 e medo; insana, a própria com sevo plangor

tecta replet, uacuumque ferens uelamine pectus
 occurrit confessa patri; nec motus et atro
 imperat – infandum! – cupientem occumbere leto. 595
 sero memor thalami maestae solacia morti,
 Phoebe, paras monstrum infandis Acheronte sub imo
 conceptum Eumenidum thalamis, cui uirginis ora
 pectoraque; aeternum stridens a uertice surgit
 et ferrugineam frontem discriminat anguis. 600
 haec tum dira lues nocturno squalida passu
 illabi thalamis, animasque a stirpe recentes
 abripere altricum gremiis morsuque cruento
 deuesci et multum patrio pinguescere luctu.
 haud tulit armorum praestans animique Coroebus 605
 seque ultro lectis iuuenum, qui robore primi
 famam posthabita faciles extendere uita,
 obtulit. illa nouos ibat populata penates
 portarum in biuio; lateri duo corpora paruum
 dependent, et iam unca manus uitalibus haeret 610
 ferratique unguis tenero sub corde tepescunt:
 obuius huic, latus omne uirum stipante corona,
 fit iuuenis, ferrumque ingens sub pectore duro
 condidit, atque imas animae mucrone corusco
 scrutatus latebras tandem sua monstra profundo 615
 reddit habere Ioui. iuuat ire et uisere iuxta
 liuentes in morte oculos uterique nefandam
 proluuiem et crasso squalentia pectora tabo,
 qua nostrae cecidere animae. stupet Inacha pubes
 magnaque post lacrimas etiamnum gaudia pallent. 620
 hi trabibus duris – solacia uana dolori –
 proterere exanimos artus asprosque molares
 deculcare genis; nequit iram explere potestas.
 illam et nocturno circum stridore uolantes
 impastae fugistis aues, rabidamque canum uim 625

enche a casa e, trazendo o peito descoberto,
 corre p'ra confessar ao pai; hirto ele ordena,
 infando, que descubra o ansiado negro fim. 595
 Tarda lembrança desse leito, afago à morte,
 Febo, crias o monstro sob o imo Aqueronte,
 nos tálamos infandos das Fúrias. De virgem
 o peito e o rosto; um silvo eterno na cabeça
 e uma serpe a adornar-lhe a ferrugínea face. 600
 Feroz flagelo à noite se movendo, esquálido
 se arrasta até os quartos e as recentes almas
 toma ao colo, nutriz, e com cruenta mordida
 as destrói e com o pátrio luto muito engorda.
 Não aguenta Corebo, em armas e brio nobre, 605
 e a nomeados efebos, em força os primeiros,
 que a vida, exclusiva, fácil por fama exporiam,
 se une. Seguia a besta, outros lares ceifados,
 aos portões; dois pequenos corpos pelo lado
 pendiam, e a mão, curva, as vidas agarrava, 610
 as férreas unhas sob os tenros peitos mornas:
 exposto, à volta as tropas em arco ladeando,
 vinha o jovem, e em duro peito o iroso ferro
 escondeu, a estocadas o imo encerro da alma
 buscou e o monstro a Jove profundo remiu. 615
 A partida deleita, e ver seus olhos plúmbeos
 próximos já da morte, as secreções nefandas
 do ventre e com viscoso pus coberto o peito,
 onde as almas cessaram. Detêm-se os Inácios
 após o choro em grande alegria, mas pálidos. 620
 Estes com duras clavas – vão conforto à dor –
 moem os membros exânimes e duras pedras
 lançam à frente; e a força não abranda a ira.
 Com noturno estridor o cercando, vós, aves,
 voando em jejum, fugistes; a raiva dos cães, 625

oraque sicca ferunt trepidorum inhiasse luporum.
 saeuior in miseros fatis ultricis ademptae
 Delius insurgit, summaque biuerticis umbra
 Parnasi residens arcu crudelis iniquo
 pestifera arma iacit, camposque et celsa Cyclopum 630
 tecta superiecto nebularum incendit amictu.
 labuntur dulces animae, Mors fila Sororum
 ense metit captamque tenens fert manibus urbem.
 quaerenti quae causa duci, quis ab aethere laeuus
 ignis et in totum regnaret Sirius annum, 635
 idem auctor Paeon rursus iubet ire cruento
 inferias monstro iuuenes, qui caede potiti.
 fortunate animi longumque in saecula digne
 promeriture diem! non tu pia degener arma
 oculis aut certae trepidas occurrere morti. 640
 comminus ora ferens Cirrhaei in limine templi
 constitit et sacras ita uocibus asperat iras:
 “non missus, Thymbraee, tuos supplexue penates
 aduenio: mea me pietas et conscia uirtus
 has egere uias. ego sum qui caede subegi, 645
 Phoebe, tuum mortale nefas, quem nubibus atris
 et squalente die, nigra quem tabe sinistri
 quaeris, inique, poli. quod si monstra effera magnis
 cara adeo superis, iacturaque uilior orbi
 mors hominum, et saeuo tanta inclementia caelo est, 650
 quid meruere Argi? me, me, diuum optime, solum
 obiecisse caput Fatis praestabat. an illud
 lene magis cordi quod desolata domorum
 tecta uides, ignique datis cultoribus omnis
 lucet ager? sed quid fando tua tela manusque 655
 demoror? expectant matres, supremaque fiunt
 uota mihi. satis est: merui ne parcere uelles.
 proinde moue pharetras arcusque intende sonoros

e as bocas de nervosos lobos, vãs se hauriram.
 Pelo fado do findo ultor mais fero, aos míseros
 insurge o Délio, e à sombra imensa do bicorne
 Parnaso, com seu arco injusto, atroz sentado,
 aos agros dos Ciclopes lança armas pestíferas, 630
 e as nobres casas cobre com nevoenta manta.
 Perecem doces almas, e com a espada a Morte
 corta o fio das Irmãs, dando aos manes a urbe.
 Buscando a causa o rei, por que do céu o fogo
 sestro e por que reinou durante um ano Sírio, 635
 o mesmo Péan ordena que, ao monstro cruel,
 os jovens, do assassínio autores, sacrifiquem.
 Ah!, de alma afortunado, ó digno benemérito
 de longa vida! Infame, as tuas armas piedosas
 não escondes ou temes dar com morte certa. 640
 Entra de frente, e à porta do templo de Cirra
 para, e com estas palavras acirra iras sacras:
 “Nem mandado, ó Timbreu, ou súplice ao teu lar
 venho: a minha piedade e o cõnscio brio aqui
 me trouxeram. Fui eu quem submeteu à morte 645
 teu mortal nefas, Febo, que com atras nuvens
 e umbroso dia, que com negro pus do infausto
 polo, injusto buscaste. Se selvagens monstros
 são caros aos celestes, vis no mundo as mortes
 de homens, e se há no sevo céu rigor tamanho, 650
 o que Argos fez? Só eu, melhor dos deuses, eu
 tinha que a vida aos Fados dar. Ou, por acaso,
 mais contenta a teu peito os devastados tetos
 das casas ver e, com cultores sobre as chamas,
 agros luzindo? Os dardos teus e a mão por que 655
 detenho? As mães o esperam, e os votos finais
 foram feitos. Já basta: eu mereci, não poupes.
 Ajeita, então, a aljava e estende o arco sonoro,

insignemque animam leto demitte; sed illum,
 pallidus Inachiis qui desuper imminet Argis, 660
 dum morior, dispelle globum.”

sors aequa merentes

respicit. ardentem tenuit reuerentia caedis
 Letoiden, tristemque uiro summissus honorem
 largitur uitae; nostro mala nubila caelo
 diffugiunt, at tu stupefacti a limine Phoebi 665
 exoratus abis. inde haec stata sacra quotannis
 sollemnes recolunt epulae, Phoebeaque placat
 templa nouatus honos. has forte inuisitis aras
 uos quae progenies? quamquam Calydonius Oeneus
 et Porthaoniae, si dudum certus ad aures 670
 clamor iit, tibi iura domus. tu pande quis Argos
 aduenias, quando haec uariis sermonibus hora est.”

deiecit maestos extemplo Ismenius heros
 in terram uultus, taciteque ad Tydea laeuum
 obliquare oculos; tum longa silentia mouit: 675
 “non super hos diuum tibi sum quaerendus honores,
 unde genus, quae terra mihi, quis defluat ordo
 sanguinis antiqui: piget inter sacra fateri.

sed si praecipitant miserum cognoscere curae,
 Cadmus origo patrum, tellus Mauortia Thebe, 680
 est genetrix Iocasta mihi.” tum motus Adrastus

“hospitiis” – agnouit enim – “quid nota recondis?
 scimus”, ait, “nec sic auersum fama Mycenis
 uoluit iter. regnum et furias oculosque pudentes
 nouit et Arctois si quis de solibus horret 685
 quique bibit Gangen aut nigrum occasibus intrat
 Oceanum et si quos incerto litore Syrtes
 destituunt. ne perge queri casusque priorum
 adnumerare tibi: nostro quoque sanguine multum

e a alma notável lança à morte. Mas a massa,
que, nebulosa, no alto ameaça a Inácia Argos,
enquanto morro, cessa.” 660

Sorte igual os dignos
considera. O receio em matar detém, árdego,
o Latônio, e da vida a triste glória ao homem
cede, servil; as nuvens más dos nossos céus
foram-se, e tu, das portas do perplexo Febo, 665
suasivo sais. Por isso, anualmente, esse rito
nobres festins refazem, e, iterada, a Fêbeos
templos a honra mitiga. Aras vistas, talvez:
quais as vossas origens? O Eneu Calidônio
e a casa de Portáon, se o clamor ao ouvido 670
veio certo, diz teus. Tu, revela quem chega
em Argos, pois é hora de variar o assunto.”

O abatido semblante, o Ismênio herói deitou
ao solo e, quieto, os olhos a Tideu, na sestra,
torceu; e então rompeu o alongado silêncio: 675
“Nas sacras honras não devias perguntar-me
minha origem e pátria, de que antiga estirpe
flui o sangue: incomoda dizer entre os ritos.
Mas, se cuidados urgem de saber um mísero,
Cadmo é orto dos pais; a terra, Márcia Tebas; 680
Jocasta, minha mãe.” Nisso rompeu Adrasto:
“Por que o notório escondes na hospitalidade?
Sabemos”, disse, “e nem, ao largo de Micenas,
se move a Fama. As fúrias e os olhos pudentes
sabe o reino, se alguém ao sol Arcturo treme, 685
do Ganges bebe, ou entra ao poente no negro
Oceano e se, nas Sirtes de inconstantes praias,
encalha. Não se queixe, nem casos de antigos
numere teus: do nosso sangue, também muito

errauit pietas, nec culpa nepotibus obstat. 690
 tu modo dissimilis rebus mereare secundis
 excusare tuos. sed iam temone supino
 languet Hyperboreae glacialis portitor Vrsae.
 fundite uina focus, seruatoremq; parentum
 Letoiden uotis iterumque iterumque canamus. 695
 Phoebe parens, seu te Lyciae Pataraea niuosis
 exercent dumeta iugis, seu rore pudico
 Castaliae flauos amor est tibi mergere crines,
 seu Troiam Thymbraeus habes, ubi fama uolentem
 ingratu Phrygios umeris subiisse molares, 700
 seu iuuat Aegaeum feriens Latonius umbra
 Cynthus et assiduam pelago non quaerere Delon:
 tela tibi longeque feros lentandus in hostes
 arcus et aetherii dono cessere parentis
 aeternum florere genas; tu doctus iniquas 705
 Parcarum praenosse manus fatumque quod ultra est
 et summo placitura Ioui, quis letifer annus,
 bella quibus populis, quae mutent sceptru cometae;
 tu Phryga summittis citharae, tu matris honori
 terrigenam Tityon Stygiis extendis harenis; 710
 te uiridis Python Thebanaque mater ouantem
 horruit in pharetris, ultrix tibi torua Megaera
 ieiunum Phlegyan subter caua saxa iacentem
 aeterno premit accubitu dapibusque profanis
 instimulat, sed mixta famem fastidia uincunt: 715
 adsis o memor hospitii, Iunoniaque arua
 dexter ames, seu te roseum Titana uocari
 gentis Achaemeniae ritu, seu praestat Osirim
 frugiferum, seu Persei sub rupibus antri
 indignata sequi torquentem cornua Mithram.” 720

a piedade fugiu, mas poupa a culpa aos netos. 690
 Só tu, mudando, podes com coisas propícias
 livrar os teus; porém, já curvando seu leme
 prostra-se o frio carreiro da Hiperbórea Ursa.
 Ao fogo demos vinho, e ao guardião dos pais,
 o Latônio, com votos mais e mais cantemos. 695
 Ó pai Febo, ou na Lícia nevosa de Pátara
 jugo te põem os matos, ou com casto orvalho
 da Castália te agrada aguar as fulvas mechas,
 ou Troia tens, Timbreu, onde quiseste, é dito,
 Frígias rochas impor a teus ombros ingratos, 700
 ou, onde a sombra fere o Egeu, Latônio, fruis
 Cinto, e Delos não buscas, contínua no mar:
 teus os dardos que em feros rivais tu arrojas,
 teu o arco, dos celestes pais um dom cedido,
 e a face sempre em flor. Douto, tu as iníquas 705
 mãos das Parcas conheces, e o vindouro fado
 que apraz ao sumo Jove, qual o ano é mortal,
 a que povos a guerra, que astro cetros muda;
 com a lira a Frígia tomas e, por honra à mãe,
 na Estígia costa Tício estendes, o terrígeno; 710
 verde Píton e Ismênia mãe, da aljava ufano,
 temeram-te; e Megera horrenda, ultora tua,
 sob cava rocha, a Flégias, jazendo em jejum,
 preme em eterno acúbito, com ímpio festim
 provocando: mas misto fastio vence a fome. 715
 Ó grato da hospedagem, vem! Ama, propício,
 de Juno os campos, tu, chamado Titã Róseo
 nos ritos da Aquemênida, ou também Osíris
 frugífero ou, sob rochas das Pérsicas grutas,
 torcendo irados chifres relutantes, Mitras.” 720

EPISÓDIOS DO CANTO II

1. Mercúrio retorna com a sombra de Laio por Tênaro, um promontório da Lacônia. 62. A chegada da sombra a Tebas. 71. Descrição do festival em honra a Baco, que acontece em Tebas. 89. Chegada de ambos ao palácio de Édipo e sua descida ao quarto de Etéocles. 94. Laio assume as feições de Tirésias. 102. Laio-Tirésias dá o recado de Jove a Etéocles. 125. Etéocles desperta. 134. Descrição do sol nascente já em Argos. 148. Adrasto, Polinices e Tideu reúnem-se em um consílio. 151. Adrasto revela suas intenções de casar os heróis com suas filhas. 173. Tideu e Polinices se declaram felizes com a proposta. 201. Argos se prepara para a celebração das núpcias. 205. A Fama voa a Tebas revelando, por onde passa, o casamento iminente. 213. Celebração do casamento e descrição das noivas. 249. Prodígio do templo de Palas. 269. História do colar de Harmonia, usado por Argia. 306. Polinices se agita com o desejo pelo trono de Tebas e Argia teme as ações do seu recém-esposo. 363. Novo consílio entre Adrasto, Polinices e Tideu, que se prontifica a pedir, a Etéocles, o trono de Polinices. 375. Viagem de Tideu a Tebas. 384. Tideu encontra Etéocles. 389. Fala de Tideu a Etéocles. 410. Resposta de Etéocles. 451. Resposta e retirada de Tideu. 482. Prepara-se uma emboscada a Tideu. 496. Descrição do local da emboscada e da morada da Esfinge. 527. Monomaquia de Tideu: o herói é emboscado e trava, contra seus inimigos, uma batalha. 682. Palas interrompe a matança e convence Tideu a não retornar sozinho para Tebas. 690. Tideu manda um recado a Etéocles por Méon, que, por fado, sobrevivera ao extermínio. 704. Tideu erige, com os espólios, uma homenagem a Palas e promete, voltando da guerra, erigir à deusa um templo.

Liber II

interea gelidis Maia satus aliger umbris
 iussa gerens magni remeat Iouis; undique pigrae
 ire uetant nubes et turbidus implicat aer,
 nec Zephyri rapuere gradum, sed foeda silentis
 aura poli. Styx inde nouem circumflua campis, 5
 hinc obiecta uias torrentum incendia claudunt.
 pone senex trepida succedit Laius umbra
 uulnere tardus adhuc; capulo nam largius illi
 transabiit animam cognatis ictibus ensis
 impius et primas Furiarum pertulit iras; 10
 it tamen et medica firmat uestigia uirga.
 tum steriles luci possessaque manibus arua
 et ferrugineum nemus astupet, ipsaque Tellus
 miratur patuisse retro, nec liuida tabes
 inuidiae functis quamquam et iam lumine cassis 15
 defuit. unus ibi ante alios, cui laeua uoluntas
 semper et ad superos – hinc et grauis exitus aei –
 insultare malis rebusque aegrescere laetis,
 “uade,” ait, “o felix, quoscumque uocaris in usus,
 seu Iouis imperio, seu maior adegit Erinys 20
 ire diem contra, seu te furiata sacerdos
 Thessalis arcano iubet emigrare sepulcro,
 heu dulces uisure polos solemque relictum
 et uirides terras et puros fontibus amnes,
 tristior has iterum tamen intrature tenebras.” 25
 illos ut caeco recubans in limine sensit
 Cerberus, atque omnes capitum subrexit hiatus;
 saeuus et intranti populo, iam nigra tumebat
 colla minax, iam sparsa solo turbauerat ossa,
 ni deus horrentem Lethaeo uimine mulcens 30
 ferrea tergemino domuisset lumina somno.

Canto II

Nisso, o áleo fruto Maio, das sombras geladas
 cumprido o jus de Jove torna. À volta, lentas
 nuvens vetam o voo, e túrbido ar o impede;
 Zéfiros não empurram, mas sim brisas fétidas
 do polo quieto. O Estige a nove campos cerca, 5
 e torrentes de chama bloqueiam-lhe as trilhas.
 Por trás, sucede o velho Laio, sombra trépida
 que a ferida inda tarda: muito além dos copos,
 varou-lhe na alma a golpes cognatos o gládio
 ímpio e as primeiras fúrias das Erínias trouxe. 10
 Segue, porém, e o caduceu benigno o ampara.
 Então, bosques estéreis, campos assombrados
 e matas ferrugíneas pasmam; mesmo a Terra
 estranha ter-se aberto à volta. O vurmo lívido
 da inveja aos que findaram e aos vazios de luz 15
 não faltou: dentre todos um de mente sempre
 sestra para os celestes – por grave o seu fim –
 insultar com maldades e adoecer com o gozo,
 “Ide,” diz, “ó feliz, que qualquer um convoca;
 ordem Jôvea, ou Erínia mais grave te movem 20
 aos caminhos da luz; ou, em fúria, a ministra
 da Tessália que arcana tumba deixes manda.
 Ah!, logo os doces céus verás, e o sol deixado,
 as verdejantes terras, e à fonte os rios puros,
 e mais triste outra vez entrarás nestas trevas.” 25

No escuro umbral deitado, pode então senti-los,
 das cabeças abrindo as bocas todas, Cérbero;
 feroz aos que entram, negros inflaria os colos,
 minaz, no chão turbando os ossos espalhados,
 se com vime Leteu o deus, tocando o hirsuto, 30
 os olhos férreos não levasse a um sono triplo.

est locus – Inachiae dixerunt Taenara gentes –
 qua formidatum Maleae spumantis in auras
 it caput et nullos admittit culmine uisus.
 stat sublimis apex uentosque imbresque serenus 35
 despicit et tantum fessis insiditur astris.
 [illic exhausti posuere cubilia uenti,
 fulminibusque iter est; medium caua nubila montis
 insumpsere latus, summos nec praepetis alae
 plausus adit colles, nec rauca tonitrua pulsant.] 40
 ast ubi prona dies, longos super aequora fines
 exigit atque ingens medio natat umbra profundo.
 interiore sinu frangentia litora curuat
 Taenaros, expositos non audax scandere fluctus.
 illic Aegaeo Neptunus gurgite fessos 45
 in portum deducit equos, prior haurit harenas
 ungula, postremi soluuntur in aequora pisces.
 hoc, ut fama, loco pallentes deuius umbras
 trames agit nigrique Iouis uacua atria ditat
 mortibus. Arcadii perhibent si uera coloni, 50
 stridor ibi et gemitus poenarum, atroque tumultu
 feruet ager; saepe Eumenidum uocesque manusque
 in medium sonuere diem, Letique triformis
 ianitor agricolas campis auditus abegit.
 hac et tunc fusca uolucer deus obsitus umbra 55
 exilit ad superos, infernaque nubila uultu
 discutit et uiuis afflatibus ora serenat.
 inde per Arcturum mediaeque silentia Lunae
 arua super populosque meat. Sopor obuius illi
 Noctis agebat equos, trepidusque assurgit honori 60
 numinis et recto decedit limite caeli.
 inferior uolat umbra deo, praereptaque noscit
 sidera principiumque sui; iamque ardua Cirrhae
 pollutamque suo despectat Phocida busto.

Há um lugar – o chamam Tênaros os Inácios –
onde aos céus o espumante cabo assustador
da Málea sobe e olhar algum no topo admite.
Sublime, jaz o cimo e, manso, águas e ventos 35
desdenha, onde repousam só astros cansados.
[Ali, exaustos ventos fixaram suas camas,
e raios vêm. Ao meio, nuvens ocas cobrem
a montanha, os aplausos das asas das aves
não tomam a colina, nem pulsam trovões.] 40
Mas, prono o dia, longas linhas sobre as águas
a ingente sombra lança, nadando no abismo.
Em golfo interno, praias frangentes recurva
Tênaros e audaz se opõe às correntes abertas.
P’ra lá, o Egeu Netuno, exaustos dos oceanos, 45
leva ao porto os corcéis: à frente, cava a areia
o casco; atrás, os peixes dissolvem-se na água.
Por lá, se diz, remota via as sombras pálidas
conduz, enriquecendo do atro Jove os átrios.
Se a verdade pertence aos colonos da Arcádia, 50
há choro e sons de dor, e em um triste tumulto
arde o campo: de Erínias, mãos e vozes soam
durante o dia, e o guarda trifurcado do Hades,
quando ouvido, do campo afugenta os cultores.
De lá, o deus alado em fosca sombra oculto 55
assoma aos céus, do aspecto a nuvem infernal
dissipa e aplaca o rosto com sopros enérgicos.
Por Arturo, e na calma da Lua em seu clímax,
sobre altares e povos cruza. Encontra-o Sono,
guiando corcéis da Noite, e se levanta trépido 60
em honra ao nume, e deixa os limites do céu.
Voa abaixo do deus a sombra e sabe os raptos
astros e o seu princípio. De Cirra, as escarpas
contempla, e com seu túmulo poluta a Fócida.

uentum erat ad Thebas; gemit prope limina nati 65
 Laius et notos cunctatus inire penates.
 ut uero et celsis suamet iuga nixa columnis
 uidit et infectos etiamnum sanguine currus,
 paene retro turbatus abit: nec summa Tonantis
 iussa nec Arcadiae retinent spiramina uirgae. 70
 et tunc forte dies noto signata Tonantis
 fulmine, praerepti cum te, tener Euhie, partus
 transmisere patri. Tyriis ea causa colonis
 insomnem ludo certatim educere noctem
 suaserat; effusi passim per tecta, per agros, 75
 serta inter uacuosque mero crateras anhelum
 proflabant sub luce deum; tunc plurima buxus
 aeraque taurinos sonitu uincentia pulsus;
 ipse etiam gaudens nemorosa per auia sanas
 impulerat matres Baccho meliore Cithaeron: 80
 qualia per Rhodopen rabido conuiuia coetu
 Bistones aut mediae ponunt conuallibus Ossae;
 illis semianimum pecus excussaeque leonum
 ore dapes et lacte nouo domuisse cruorem
 luxus; at Ogygii si quando afflavit Iacchi 85
 saeuus odor, tunc saxa manu, tunc pocula pulchrum
 spargere et inmerito sociorum sanguine fuso
 instaurare diem festasque reponere mensas.
 nox ea cum tacita uolucer Cyllenius aura
 regis Echionii stratis allapsus, ubi ingens 90
 fuderat Assyriis extracta tapetibus alto
 membra toro. pro gnara nihil mortalia fati
 corda sui! capit ille dapes, habet ille soporem.
 tunc senior quae iussus agit; neu falsa uideri
 noctis imago queat, longaeui uatis opacos 95
 Tiresiae uultus uocemque et uellera nota
 induitur. mansere comae propexaque mento

Chegou em Tebas; geme ante às portas do filho 65
 Laio e, ante aos notos Lares, p'ra seguir vacila.
 Quando às celsas colunas seus arreios presos
 viu, os próprios, e o carro inda sujo de sangue,
 pasmo quase voltou: do Tonante ordens sumas
 não o detêm, nem giros do bastão da Arcádia. 70

Era a data em que o Jôveo raio egrégio deu-se,
 quando ao pai, Évio tenro, roubado do parto
 te entregaram: por isso, aos colonos da Tíria,
 a gastarem, porfiando em jogos, noite insone
 convenceu; e espalhados por campos e casas, 75
 sob a aurora entre jarros vazios e guirlandas,
 emanavam o deus arfante; e os muitos buxos
 então, e o bronze golpes de touro vencendo;
 por si, fausto o Citéron por suas ínvias selvas
 sãs conduzia as mães sob mais tratável Baco: 80
 qual festejo, reunião insana, que no Ródope
 ou nos vales do Ossa celebram os Bístones,
 p'ra quem rês moribunda à boca de um leão
 tirada é ceia, e cruor diluído em leite fresco,
 luxo; mas, quando inspira de Iaco da Ogígia 85
 o sevo odor, é nobre, então, pedras e copos
 lançar e, sangue insonte dos sócios asperso,
 de novo abrir o dia e encher as festas mesas.

Nesta noite, com calmo sopro, o áleo Cilênio
 ao leito voou do rei Equíon, onde o ingente 90
 estendera, em Assírias colchas sobre nobre
 leito, o corpo. Ínscio peito mortal no saber
 do fado: come a ceia e agora dorme o sono!
 Então, atua o velho: p'ra não lembrar falsa
 visão noturna, as baças feições de Tirésias, 95
 vate longo, a voz e o noto velo o vestem.
 Perduraram as mechas e barbas pependentes

canities pallorque suus, sed falsa cucurrit
 infula per crines, glaucaeque innexus oliuae
 uittarum prouenit honos; dehinc tangere ramo 100
 pectora et has uisus Fatorum expromere uoces:
 “non somni tibi tempus, iners qui nocte sub alta
 germani secure, iaces; ingentia dudum
 acta uocant rerumque graues, ignaue, paratus.
 tu, ueluti magnum si iam tollentibus Austris 105
 Ionium nigra iaceat sub nube magister
 immemor armorum uersantisque aequora clauis,
 cunctaris. iamque ille nouis – scit Fama – superbit
 conubiis uiresque parat, quis regna capessat,
 quis neget, inque tua senium sibi destinat aula. 110
 dant animos socer augurio fatalis Adrastus
 dotalesque Argi, nec non in foedera uitae
 pollutus placuit fraterno sanguine Tydeus.
 hinc tumor, et longus fratri promitteris exul.
 ipse deum genitor tibi me miseratus ab alto 115
 mittit: habe Thebas, caecumque cupidine regni,
 ausurumque eadem germanum expelle, nec ultra
 fraternos inhiantem obitus sine fidere coeptis
 fraudibus aut Cadmo dominas inferre Mycenae.”
 dixit, et abscedens – etenim iam pallida turbant 120
 sidera lucis equi – ramos ac uellera fronti
 deripuit, confessus auum, dirique nepotis
 incubuit stratis; iugulum mox caede patentem
 nudat et undanti perfundit uulnere somnum.
 illi rupta quies, attollit membra toroque 125
 erigitur plenus monstris, uanumque cruorem
 excutiens simul horret auum fratremque requirit.
 qualis ubi audito uenantum murmure tigris
 horruit in maculas somnosque excussit inertes,
 bella cupit laxatque genas et temperat ungues, 130

já brancas e a palência, mas com falsa ínfula
 corre os cabelos e, trançada em glauca oliva,
 das fitas surge a graça; com ramo, seu peito 100
 toca, e as vozes dos Fados parece expressar:
 “Tempo p’ra sono, tu, que inerte em alta noite
 jazes, salvo do irmão, enquanto grandes feitos
 e graves temas chamam, não tens, ó ignorante.
 Tu, como capitão que, o vasto Jônio ampliado 105
 pelo Austro, sob escuras nuvens jaz imêmore
 das armas e do leme que às águas transforma,
 tardas. Ele, com as novas bodas, sabe a Fama,
 se ufana e homens apresta p’ra tomar o reino
 e a ti negá-lo, ansiando em teu paço a velhice. 110
 Adrasto o anima, o sogro por sinais fadados,
 e Argos, seu dote; e ainda, Tideu, pelo sangue
 do irmão manchado, o declarou como aliado,
 donde o arrogo e jurar-te longo exílio o irmão.
 Piedoso, do alto, a ti, o próprio pai dos deuses 115
 me enviou: protege Tebas e, cego com a febre
 do cetro bane o irmão, ousado igual; não mais
 do mano anseie a morte, nem creia nos dolos
 feitos, nem leve a Cadmo senhoras Micênicas.”
 Diz e, afastando-se – a já claros astros turbam 120
 corcéis da luz –, os ramos e os velos da fronte
 arranca, avô confesso, e ao leito do atro neto
 se deita; nisso, aberto em sangue seu pescoço
 revela e o sono imerge com a chaga vertendo.
 A calma cessa: os membros levanta, da cama 125
 se ergue, tomado por presságios; sacudindo
 o sangue incerto, teme o avô e busca o irmão.
 Como a tigre que, ouvindo voz de caçadores,
 encrespa as manchas e sacode o sono inerte
 anseia a guerra, exhibe a presa, apura as garras 130

mox ruit in turmas natisque alimenta cruentis
spirantem fert ore uirum: sic excitus ira
ductor in absentem consumit proelia fratrem.

et iam Mygdoniis elata cubilibus alto
depulerat caelo gelidas Aurora tenebras, 135

rorantes excussa comas multumque sequenti
sole rubens; illi roseus per nubila seras
aduertit flammamque aethera tardo
Lucifer exit equo, donec pater igneus orbem
impleat atque ipsi radios uetet esse sorori, 140

cum senior Talaionides nec longa morati
Dircaeusque gradum pariterque Acheloius heros
corripuere toris. illos post uerbera fessos
exceptamque hiemem cornu perfuderat omni
Somnus; at Inachio tenuis sub pectore regi 145

tracta quies, dum mente deos inceptaque uersat
hospitia, et quae sint generis ascita repertis
fata mouet. postquam mediis in sedibus aulae
congressi inque uicem dextras iunxere locumque,
quo serere arcanas aptum atque euoluere curas, 150
insidunt, prior his dubios compellat Adrastus:

“egregii iuuenum, quos non sine numine regnis
inuenit Nox dextra meis, quibus ipse per imbres
fulminibus mixtos intempestumque Tonantem
has meus usque domos uestigia fecit Apollo, 155

non equidem obscurum uobis plebique Pelasgae
esse rear, quantis conubia nostra procorum
turba petant studiis; geminae mihi namque, nepotum
laeta fides, aequo pubescunt sidere natae.
quantus honos, quantusque pudor – ne credite patri – 160
et super hesternas licuit cognoscere mensas.

has tumidi solio et late dominantibus armis
optauere uiri – longum enumerare Pharaeos

e então vai sobre as tropas e aos feros filhotes
o homem morrendo traz: assim – excita a ira –
o chefe contra o irmão ausente lança a guerra.

Dos quartos da Migdônia já se erguendo, do alto
polo a Aurora expulsara as congelantes trevas, 135
sacudidas do orvalho suas mechas, bem rubra
do sol que surge; às nuvens, róseo, a ela tardas
flamas envia e, alheio, em lento carro, do éter
vem Lúcifer, enquanto ao mundo o pai ardente
preenche e à própria irmã os seus raios proíbe. 140
Sem muito se atrasar, então, o ancião Taláonide,
o Dírceo e, a par nos passos, o Aquelóide herói
foram-se aos leitos. Neles, lassos pós as chagas
e a chuva, inteiro o chifre seu derrama o Sono;
mas, sob o peito Inácio do rei, ténue estende-se 145
a calma, já que à mente deuses e hospedagem
volve e dos genros vistos, qual sejam, os fados
assumidos. Depois, nos centrais salões áulicos
reunidos, juntam todos suas destras e na área
apta a que arcanas curas dividam e explanem 150
se sentam; se dirige aos dois primeiro Adrasto:
“Egrégios jovens, que sem nume ao reino meu
não guiou a destra Noite, dos quais, misturados
aos raios, por tormenta e Tonante importuno,
à casa os passos de ambos trouxe o meu Apolo: 155
por certo que aos Pelasgos e a vós um segredo
não creio ser, dos noivos, a turba que as núbeis
nossas com afinco pede; as duas, pois, p’ra mim
de um neto a fé, pubescem sob a mesma estrela.
Tamanha a honra e o pejo – ao pai não creditai – 160
pudestes conhecer durante as mesas de ontem.
De um trono ufanos e armas ao longe regendo,
varões as querem – longo contar Fareus chefes

Oebaliosque duces – et Achaea per oppida matres
 spem generis, nec plura tuus despexerat Oeneus 165
 foedera Pisaeisque socer metuendus habenis.
 sed mihi nec Sparta genitos nec ab Elide missos
 iungere fas generos: uobis hic sanguis et aulae
 cura meae longo promittitur ordine fati.
 di bene, quod tales stirpemque animosque uenitis 170
 ut responsa iuuent: hic durae tempore noctis
 partus honos, haec illa uenit post uerbera merces.”
 audierant, fixosque oculos per mutua paulum
 ora tenent, uisique inter sese ordine fandi
 cedere. sed cunctis Tydeus audentior actis 175
 incipit: “o quam te parcum in praeconia famae
 mens agitat matura tuae, quantumque ferentem
 Fortunam uirtute domas! cui cedat Adrastus
 imperiis? quis te solio Sicyonis auitae
 excitum infrenos componere legibus Argos 180
 nesciat? atque utinam his manibus permittere gentes,
 Iuppiter aequae, uelis, quas Doricus alligat undis
 Isthmos et alterno quas margine summouet ultra,
 non fugeret diras lux intercisa Mycenae,
 saeua nec Eleae gemerent certamina ualles, 185
 Eumenidesque aliis aliae sub regibus, et quae
 tu potior, Thebane, queri. nos uero uolentes
 expositique animis.” sic interfatus, et alter
 subicit: “anne aliquis soceros accedere tales
 abnuat? exsulibus quamquam patriaque fugatis 190
 nondum laeta Venus, tamen omnis corde resedit
 tristitia, affixique animo cessere dolores.
 nec minus haec laeti trahimus solacia, quam si
 praecipiti conuulsa Noto prospectet amicam
 puppis humum. iuuat ingressos felicia regni 195
 omina quod superest fati uitaeque laborum

e os Ebálios – e as mães, pelas urbes da Acaia,
 crença de prole; o teu Eneu a encontros tantos 165
 não negou, ou de Pisa o pai temendo as rédeas.
 Mas nem filhos de Esparta ou legados da Élide
 tornou genros o fás: a vós, de sangue e reino
 meus jurou-se por longo andar do fado o zelo.
 Bons deuses! Tais de estirpe e espíritos viestes, 170
 que, respostas, agradam: e, ora, da árdua noite
 nascida, a honra; após a luta, as recompensas.”

Ouvem, os olhos fixos um no outro por pouco
 conservam e, entre si, da fala a vez semelham
 passar. Mas, mais ousado em toda ação, Tideu 175
 começa: “a ti, quão pouco a declarar tua fama
 move a mente madura, e quanto à sã Fortuna
 tu domas com virtude! A quem Adrasto o cetro
 rende? Que, ao trono do Siciônio avô chamado,
 com as leis tu controlaste a desregrada Argos, 180
 quem não sabe? A tal mão tivesses dado, justo
 Jove, os povos que prende com ondas o Dórico
 Istmo e os que longe deixa na margem oposta;
 nem se iria, suspensa, a luz da atroz Micenas,
 nem gemeriam sevos páreos os vals da Élide, 185
 nem, sob reis vários, haveria Erínias várias –
 o que melhor, Tebano, choras. Nós, ansiosos,
 de peito aberto...” Assim este falando, aquele
 expõe: “Alguém, a unir-se a sogro tal, acaso
 se nega? Embora, do orto expulsos, exilados 190
 Vênus não valha, inteira se acalma no peito
 a tristeza e, fixadas na alma, as dores cessam.
 E esses confortos temos nós, não menos ledos
 do que popa convulsa por Noto amplo a terra
 vendo amiga. Do reino, a nós o auspício fausto 195
 agrada, e o resto do ônus da vida e dos fados

fortuna transire tua.” nec plura morati
 consurgunt dictis, impensius aggerat omne
 promissum Inachus pater, auxilioque futurum
 et patriis spondet reduces inducere regnis. 200

ergo alacres Argi, fuso rumore per urbem
 aduenisse duci generos primisque hymenaeis
 egregiam Argian nec formae laude secundam
 Deipylen tumida iam uirginitate iugari,
 gaudia mente parant. socias it Fama per urbes 205
 finitimisque agitur agris procul usque Lycaeos
 Partheniosque super saltus Ephyraeaeque rura,
 nec minus Ogygias eadem dea turbida Thebas
 insilit: haec totis perfundit moenia pennis
 Labdadiumque ducem praemissae consona nocti 210
 territat; hospitia et thalamos et foedera regni
 permixtumque genus – quae tanta licentia monstro,
 quis furor? – et iam bella canit.

diffuderat Argos

expectata dies: laeto regalia coetu
 atria complentur, species est cernere auorum 215
 comminus et uiuis certantia uultibus aera.
 tantum ausae perferre manus! pater ipse bicornis
 in laeuum prona nixus sedet Inachus urna;
 hunc tegit Iasiusque senex placidusque Phoroneus
 et bellator Abas indignatusque Tonantem 220
 Acrisius nudoque ferens caput ense Coroebus
 toruaque iam Danai facinus meditantis imago;
 exin mille duces. foribus cum immissa superbis
 unda fremit uulgi, procerum manus omnis et alto
 quis propior de rege gradus stant ordine primi. 225
 interior sacris calet et sonat aula tumultu
 femineo; casta matrem cinxere corona
 Argolides, pars uirginibus circum undique fusae

passar sob tua fortuna.” Sem mais demorarem
se erguem; à larga, amplia com palavras cada
promessa o Inácio pai: que vem ao seu auxílio
garante e que, de volta, os leva ao pátrio reino. 200

Então, Argos febril – na urbe esparso o boato
de que os genros vieram, e em primo himeneu
a egrégia Argia e, em graça nada atrás, Deípile
se enlaçam, com as purezas já muito afamadas –
se ajeita em boa causa. Corre o entorno a Fama, 205
vai por agros fronteiros e, ao longe, nas selvas
do Liceu, do Partênio e pelos campos de Éfiro;
não menos turbulenta a deusa à Ogígia Tebas
assalta: os muros banha com suas penas todas,
à noite consonante, e ao chefe dos Labdácidas 210
assombra; hóspedes, núpcias e pactos de reino,
famílias mistas – tanta a liberdade ao monstro,
que insânia! – e a guerra canta.

Divertira Argos
o ansiado dia: os átrios régios com o encontro
feliz se encheram; viam-se, de avós, os ícones 215
de perto, o bronze em luta com vivas feições.
Mão tão ousada os fez! O próprio pai bicorne,
Ínaco, ao pé da urna prona, à sestra senta-se,
e o segue Iásio, o velho, e Foroneu, o plácido;
então, Abas guerreiro e, odiento ao Tonante, 220
Acrísio; com a cabeça em seu ferro eis Corebo,
e torva, o crime à mente já, de Dânao a imago.
Depois, mil chefes. Quando às portas enviado
o vulgo freme, filas de nobres, e os próximos,
na ordem, ao posto do alto rei restam à frente. 225
O imo ferve com o rito, o paço ecoa ao fêmeo
tumulto; à mãe, em casta coroa, as Argólides
cercam, e outras, à volta dispersas, as virgens

foedera conciliant noua solanturque timorem.
 ibant insignes uultuque habituque uerendo 230
 candida purpureum fusae super ora pudorem
 deiectaeque genas; tacite subit ille supremus
 uirginitatis amor, primaeque modestia culpae
 confundit uultus; tunc ora rigantur honestis
 imbribus, et teneros lacrimae iuuere parentes. 235
 non secus ac supero pariter si cardine lapsae
 Pallas et asperior Phoebi soror, utraque telis,
 utraque torua genis flauoque in uertice nodo,
 illa suas Cyntho comites agat, haec Aracyntho;
 tunc, si fas oculis, non umquam longa tuendo 240
 expedias, cui maior honos, cui gratior, aut plus
 de Ioue; mutatosque uelint transumere cultus,
 et Pallas deceat pharetras et Delia cristas.
 certant laetitia superosque in uota fatigant
 Inachidae, quae cuique domus sacrique facultas. 245
 hi fibris animaque litant, hi caespite nudo,
 nec minus auditi, si mens accepta, merentur
 ture deos, fractisque obtendunt limina siluis.
 ecce metu subito – Lachesis sic dura iubebat –
 impulsae mentes, excussaue gaudia patri, 250
 et turbata dies. innuptam limine adibant
 Pallada, Monychiis cui non Argiua per urbes
 posthabita est Larisa iugis; hic more parentum
 Iasides, thalamis ubi casta adolesceret aetas,
 uirgineas libare comas primosque solebant 255
 excussare toros. celsam subeuntibus arcem
 in gradibus summi delapsus culmine templi,
 Arcados Euhippi spoliū, cadit aereus orbis,
 praemissasque faces, festum nubentibus ignem,
 obruit, eque adytis simul exaudita remotis 260
 nondum ausos firmare gradum tuba terruit ingens.

a novos laços moldam e os medos consolam.
 Insignes vão, com roupas e feições verendas, 230
 o purpúreo pudor tomando o rosto cândido,
 e os olhos no chão; quieto, assoma da pureza
 o extremo amor; da culpa primeira o recato
 agita o aspecto, e as faces por honesta chuva
 são lavadas: alegre os tenros pais seu choro. 235
 Não de outra forma, juntas descem do alto céu
 Palas e a irmã mais rude de Febo, ambas torvas
 nas armas e no olhar, as comas com nós loiros:
 do Cinto uma traz sócias; a outra, do Aracinto;
 jamais, se é fás aos olhos, sem muito mirá-las 240
 dirás em qual mais honra e graça, qual de Jove
 mais tem; se ter mudadas as vestes quisessem,
 cabe a Palas a aljava, e a crista do elmo à Délia.
 Competem na alegria e o céu com votos cansam
 os Inácios, conforme a casa e as sacras posses. 245
 Com fibras e almas uns, e com aras nuas outros,
 mas ouvidos se aceito o fim, aos deuses pedem
 com incenso, pondo galhos rotos nos batentes.
 Eis um súbito medo – dura, o enviara Láquesis –
 persuade a mente, expulsa do pai seu contente 250
 e inquieta o dia. Às portas se acercam da inupta
 Palas, p’ra quem, das urbes, os Muníquios picos
 Larissa Argiva não pospõem. Aqui, de outrora,
 a casta idade às núpcias florescia, as Iásides
 virgens sagram as mechas e dos primos leitos 255
 se escusam. Quando dentro já da excelsa urbe,
 oblíquo, nos degraus, do alto do sumo templo,
 do Argivo Evipo espólio, cai o brônzeo clépeo:
 os fachos vindo à frente, fogo festo aos noivos,
 esmaga ao mesmo tempo que, do ádito ouvida, 260
 nem firme o passo, aguda uma trombeta aterra.

in regem conuersi omnes formidine prima,
 mox audisse negant; cunctos tamen omina rerum
 dira mouent, uariisque metum sermonibus augent.
 nec mirum: nam tu infaustos donante marito 265
 ornatus, Argia, geris dirumque monile
 Harmoniae. longa est series, sed nota malorum
 persequar, unde nouis tam saeua potentia donis.
 Lemnius hoc, ut prisca fides, Mauortia longum
 furta dolens, capto postquam nil obstat amori 270
 poena nec ultrices castigauere catenae,
 Harmoniae dotale decus sub luce iugali
 struxerat. hoc, docti quamquam maiora, laborant
 Cyclopes, notique operum Telchines amica
 certatim iuuere manu; sed plurimus ipsi 275
 sudor. ibi arcano florentes igne zmaragdos
 cingit et infaustas percussum adamanta figuras
 Gorgoneosque orbis Sriculaque incude relictos
 fulminis extremi cineres uiridumque draconum
 lucentes a fronte iubas; hic flebile germen 280
 Hesperidum et dirum Phrixiei uelleris aurum;
 tum uarias pestes raptumque interplicat atro
 Tisiphones de crine ducem, et quae pessima ceston
 uis probat; haec circum spumis lunaribus unguis
 callidus atque hilari perfundit cuncta ueneno. 285
 non hoc Pasithea blandarum prima sororum,
 non Decor Idaliusque puer, sed Luctus et Irae
 et Dolor et tota pressit Discordia dextra.
 prima fides operi, Cadmum comitata iacentem
 Harmonia uersis in sibila dira querelis 290
 Illyricos longo sulcauit pectore campos.
 improba mox Semele uix dona nocentia collo
 induit, et fallax intrauit limina Iuno.
 teque etiam, infelix, perhibent, Iocasta, decorum

Ao rei, no primo susto, as pessoas se voltam;
 depois, negam o ouvido. A todos, os agouros
 diros movem, e cresce o medo com rumores.
 Não admira, pois tu o infausto adorno, mimo 265
 do esposo, Argia, vestes: de Harmonia, o diro
 colar. É longa a série, mas os males cógnitos
 eu sigo, donde o atroz poder da nova prenda.
 Muito o Lêmnio, tal prisca fé, sofrendo o Márcio
 furto, após pena alguma obstar o amor flagrado, 270
 nem mesmo as vingadoras cordas castigarem,
 p'ra Harmonia o dotal enfeite, em jugal noite,
 fez. Embora a amplas moles dados, os Ciclopes
 agiram, e os Telquines de obras notas, ávidos
 em ajudar. Mais farto, porém, o suor próprio. 275
 E com as flóreas de arcano fulgor esmeraldas
 cinge, com infaustas formas a ferro gravadas,
 e olhos Gorgônios; e com cinzas do postremo
 raio de sobre a incude, e de verdes serpentes
 com lustres cristas; e com o fruto miserando 280
 das Hespérides, e o ouro atroz do Frixeu velo;
 trança, então, pestes várias, e das comas sevas
 de Tisífone a chefe, e as maldades que o cinto
 permite; com lunar espuma unge o contorno,
 astuto, inteiro o untando com hilário veneno. 285
 Nem Pasíteia, primeira entre as brandas irmãs,
 nem Decoro ou, do Idálio, o jovem: Ira e Luto,
 Dor e Discórdia o tocam com potente destra.
 O seu primeiro efeito: a Cadmo imoto unida,
 queixas mudando em sevos silvos, Harmonia, 290
 campos com o peito abriu rastejante na Ilíria.
 Mal Sêmele o nocente mimo ao colo, incauta,
 atou, e a enganadora Juno entrou nas portas.
 E tu também, ó infausta, eles contam, Jocasta,

possedisse nefas; uultus hac laude colebas, 295
 heu quibus, heu, placitura toris! post longior ordo.
 tunc donis Argia nitet uilesque sororis
 ornatus sacro praeculta superuenit auro.
 uiderat hoc coniunx perituri uatis, et aras
 ante omnes epulasque trucem secreta coquebat 300
 inuidiam, saeuis detur si quando potiri
 cultibus, heu nihil auguriis adiuta propinquis.
 quos optat gemitus, quantas cupit impia clades!
 digna quidem: sed quid miseri decepta mariti
 arma, quid insontes nati meruere furores? 305
 postquam regales epulas et gaudia uulgi
 bissemi clausere dies, Ismenius heros
 respicere ad Thebas iamque et sua quaerere regna.
 quippe animum subit illa dies qua, sorte benigna
 fratris, Echionia steterat priuatus in aula, 310
 respiciens descisse deos trepidoque tumultu
 dilapsos comites, nudum latus omne fugamque
 Fortunae. namque una soror producere tristes
 exulis ausa uias; etiam hanc in limine primo
 liquerat et magna lacrimas incluserat ira. 315
 tunc quos excedens hilares, quis cultus iniqui
 praecipuus ducis, et profugo quos ipse notarat
 ingemuisse sibi per noctem ac luce sub omni
 digerit; exedere animum dolor iraque demens
 et, qua non grauior mortalibus addita curis, 320
 spes, ubi longa uenit. talem sub pectore nubem
 consilii uoluens Dircen Cadmique negatas
 apparat ire domos. ueluti dux taurus amata
 ualle carens, pulsum solito quem gramine uictor
 iussit ab erepta longe mugire iuuenca, 325
 cum profugo placuere tori ceruixque recepto
 sanguine magna redit fractaeque in pectora quercus,

o nefas tinhas, belo; e a face ao gozo ornavas 295
 – em que leito o prazer! E depois longa série.
 Ora Argia com o mimo luz, e aos vis da irmã,
 em ouro sacro ornada, transpõe seu adorno.
 Do vate por morrer, a esposa o viu; nas ceias
 e ante às aras, cozia em segredo a selvagem 300
 inveja: ah! se a deixassem ter o atroz enfeite,
 nenhuma ajuda, então, dos vizinhos agouros.
 Que choro eleges, ímpia, que perdas desejas!
 Tu mereces, mas armas vãs por que ao pobre
 marido, e insontes fúrias aos filhos por quê? 305
 Depois que as régias ceias e as festas vulgares
 preencheram doze dias, seus olhos o Ismênio
 herói voltou a Tebas, buscando seus reinos.
 Sobe ao ânimo o dia em que, benigna a sorte
 do irmão, civil quedou-se no paço Equiônida, 310
 vendo partirem deuses e, em nervoso caos,
 sócios fugindo, e o flanco nu, toda a Fortuna
 em fuga. Só uma irmã, ousada, as tristes vias
 do exilado seguiu; mas nos portões centrais
 a deixou, e a ampla ira encerrou o seu choro. 315
 Os que ledos passavam, os que ao rei injusto
 rendiam vital culto, os que notou ao prófugo
 pranteando, a cada noite e por todos os dias
 listou; a dor e a ira insana à alma o corroem
 e, a mais pesada angústia ligada aos mortais, 320
 a alongada esperança. No peito essa nuvem
 de reflexão volvendo, a Dirce e à casa obstada
 de Cadmo se arma. Como o touro líder, órfão
 do vale, o que do pasto ordinário o triunfante
 expulsou p’ra que ao longe à novilha mugisse, 325
 quando se assume prófugo, e a cerviz, reposto
 o sangue, volta magna, ao peito rompe robles,

bella cupit pastusque et capta armenta reposcit
 iam pede, iam cornu melior; pauet ipse reuersum
 uictor, et attoniti uix agnouere magistri: 330
 non alias tacita iuuenis Teumesius iras
 mente acuit. sed fida uias arcanaque coniunx
 senserat; utque toris primo complexa iacebat
 aurorae pallore uirum, “quos, callide, motus
 quamue fugam moliris?” ait. “nil transit amantes. 335
 sentio, peruigiles acuunt suspiria questus,
 numquam in pace sopor. quotiens haec ora natare
 fletibus et magnas latrantia pectora curas
 admota deprendo manu! nil foedere rupto
 conubiisue super moueor uiduaque iuuenta, 340
 etsi crudus amor necdum post flammea toti
 intepuere tori: tua me, properabo fateri,
 angit, amate, salus. tune incommitatus, inermis
 regna petes? poterisque tuis decedere Thebis,
 si neget? atque illum sollers deprendere semper 345
 Fama duces tumidum narrat raptoque superbum
 difficilemque tibi: necdum consumpserat annum.
 me quoque nunc uates, nunc exta minantia diuos
 aut auium lapsus aut turbida noctis imago
 terret et – a, memini! – numquam mihi falsa per umbras 350
 Iuno uenit. quo tendis iter? ni conscius ardor
 ducit et ad Thebas melior socer.”

hic breue tandem

risit Echionius iuuenis tenerumque dolorem
 coniugis amplexu solatus et oscula maestis
 tempestiua genis posuit lacrimasque repressit: 355
 “solue metus animo, dabitur, mihi crede, merentum
 consiliis tranquilla dies; te fortior annis
 nondum cura decet. sciat haec Saturnius olim
 fata parens, oculosque polo demittere si quos

cobiça a guerra e pasto e grei roubada exige –
 melhor em casco e chifre, ao retornar o teme
 o triunfante, e os pastores mal o reconhecem: 330
 não de outra forma a ira na mente o Teumeso
 vibrou. A fiel esposa, pois, o enigma e o rumo
 sentiu. No leito envolta jazendo, ao primeiro
 alvor da Aurora disse: “que estorvos, astuto,
 que fuga enredas? Nada aos amantes escapa. 335
 Eu sinto, e insones queixas suspiros animam.
 Em paz não dormes. Muito, a face tua imersa
 no choro e magnas ânsias ladrando no peito
 com a mão descubro. Pacto rompido de bodas
 não me move, nem mesmo uma jovem viuvez, 340
 embora cru o amor, e a cama, após os flâmeos,
 nem quente esteja: o bem, apresso a confissão,
 teu, amado, me aflige. Inerme e sem parceiros
 vais ao reino atacar? Vais poder deixar Tebas
 se te a negarem? Sempre sábia em surpreender 345
 reis, do roubo orgulhoso a Fama narra o outro,
 e impérvio a ti – e o ano inda nem consumira.
 E os vates e as entranhas, ameaças dos deuses,
 e a ave que desce e a túrbida imagem da noite
 me aterram: pelas trevas, lembro, nunca falsa 350
 Juno me veio. Vais por quê? Nem ciente ardor
 ou melhor sogro a Tebas levam.”

Brevemente,
 riu-se o jovem Equiônida; da esposa as ânsias
 doces no abraço afaga, aos tristes olhos beijos
 propícios deita e as lágrimas então contendo: 355
 “Do medo livra o peito: ao que tem jus darão,
 crê, de paz uma data; a ti, maior que a idade
 a angústia não convém. Um dia os fados soube
 o pai Satúrnio; se dos céus baixar seus olhos

Iustitia et rectum terris defendere curat. 360
 fors aderit lux illa tibi, qua moenia cernes
 coniugis et geminas ibis regina per urbes.”
 sic ait, et caro raptim se limine profert.
 Tydea iam socium coeptis, iam pectore fido
 aequantem curas – tantus post iurgia mentes 365
 uinxit amor – socerumque affatur tristis Adrastum.
 fit mora consilio, cum multa mouentibus una
 iam potior cunctis sedit sententia, fratris
 pertemptare fidem tutosque in regna precando
 explorare aditus. audax ea munera Tydeus 370
 sponte subit; nec non et te, fortissime gentis
 Aetolum, multum lacrimis conata morari
 Deipyle, sed iussa patris tutique regressus
 legato iustaeque preces uicere sororis.
 iamque emensus iter siluis ac litore durum, 375
 qua Lernaea palus, ambustaque sontibus alte
 intepet Hydra uadis, et qua uix carmine raro
 longa sonat Nemea nondum pastoribus ausis,
 qua latus Eoos Ephyres quod uergit ad Euros
 Sisyphiique sedent portus irataque terrae 380
 curua Palaemonio secluditur unda Lechaeo.
 hinc praeteruectus Nisum et te, mitis Eleusin,
 laeuus abit, iamque arua gradu Teumesia et arces
 intrat Agenoreas. ibi durum Eteoclea cernit
 sublimem solio saeptumque horrentibus armis. 385
 iura ferus populo trans legem ac tempora regni
 iam fratris de parte dabat; sedet omne paratus
 in facinus queriturque fidem tam sero reposci.
 constitit in mediis – ramus manifestat oliuae
 legatum – causasque uiae nomenque rogatus 390
 edidit; utque rudis fandi pronusque calori
 semper erat, iustis miscens tamen aspera coepit:

quis, e o certo guardar sobre a terra, a Justiça, 360
talvez te chegue a luz em que os muros verás
do esposo, e em duas urbes marcharás rainha.”

Disse e das caras portas se lançou às pressas.
A Tideu, já parceiro de obras e a iguais ânsias
de peito certo – ao juízo, após a briga, grande 365
amor venceu – e ao sogro Adrasto falou triste.
Tardaram-se em consílio e, já várias volvidas,
na melhor sugestão se assentaram: do irmão
provar a jura, e salvos caminhos p’ra o reino
sondar rogando. Essa missão, o audaz Tideu 370
assumiu por si próprio. Ó mais forte da Etólia
gente, muito com lágrimas tentou tardar-te
Deípile, mas a ordem pátria e a volta a salvo
do emissário e da irmã os rogos a venceram.

Já entre a costa e as selvas cruza a dura trilha 375
onde o lago de Lerna está, e adusta em nóxios
vaus a Hidra se aquece, onde com raro carne
mal soa a longa Nêmea, e com fracos pastores;
e onde aos Euros Eoos seu flanco inclina Éfiro,
e o porto Sisifeu se firma, e à terra opondo-se 380
do Lequeu Palemônio se afasta a onda curva.
Então, transposta Niso, a ti, tranquila Elêusis,
sestro deixou; pisando agora o agro Teumeso,
às torres de Agenor adentra. O duro Etéocles
vê sumo ao trono, envolto por hórridas armas. 385
Fero, ao povo o direito – além de leis e tempo
de reino – dá na vez do irmão; disposto a todo
crime, objeta que tarde a palavra demandem.

Parou no meio, um ramo de oliva o mostrando
núncio; indagado, a causa da viagem e o nome 390
declarou. Rude no discurso e prono à ardência
sempre foi, mas, o justo ao duro unindo, disse:

“si tibi plana fides et dicti cura maneret
 foederis, ad fratrem completo iustius anno
 legatos hinc ire fuit teque ordine certo 395
 fortunam exuere et laetum descendere regno,
 ut uagus ille diu passusque haud digna per urbes
 ignotas pactae tandem succederet aulae.
 sed quia dulcis amor regni blandumque potestas,
 posceris: astriferum iam uelox circulus orbem 400
 torsit et amissae redierunt montibus umbrae
 ex quo frater inops ignota per oppida tristes
 exul agit casus; et te iam tempus aperto
 sub Ioue ferre dies terrenaque frigora membris
 ducere et externos summissum ambire penates. 405
 pone modum laetis; satis ostro diues et auro
 conspicuus tenuem germani pauperis annum
 risisti; moneo regnorum gaudia temet
 dedoceas patiensque fugae mereare reuerti.”
 dixerat. ast illi tacito sub pectore dudum 410
 ignea corda fremunt, iacto uelut aspera saxo
 comminus erigitur serpens, cui subter inanes
 longa sitis latebras totumque agitata per artus
 conuocat in fauces et squamea colla uenenum:
 “cognita si dubiis fratris mihi iurgia signis 415
 ante forent nec clara odiorum arcana paterent,
 sufficeret uel sola fides, qua toruus et illum
 mente gerens, ceu saepta nouus iam moenia laxet
 fossor et hostiles inimicent classica turmas,
 praefuris! in medios si comminus orsa tulisses 420
 Bistonas aut refugo pallentes sole Gelonos,
 parcioreloquio et medii reuerentior aequi
 inciperes. neque te furibundae crimine mentis
 arguerim: mandata refers. nunc omnia quando
 plena minis, nec sceptrafide nec pace sequestra 425

“Se em ti restasse igual a fé e o zelo aos termos
 do pacto, era mais justo ao irmão, findo o ano,
 ir daqui o emissário, e que tu, na ordem certa, 395
 fausto a sorte despisses e ao reino abdicasses
 p’ra o errante, que ofensas sofreu em cidades
 não sabidas, enfim chegasse à aula do acordo.
 Mas, porque é doce o reino e galante o poder,
 os requeres: ao orbe astrífero, o hábil círculo 400
 volveu, à serra as sombras perdidas voltaram
 dêz que o irmão por ignotas cidades tristezas
 sofreu, pobre êxule; é tua hora de, sob Júpiter
 limpo, passar os dias e o frio térreo ao corpo
 guiar e, a estranhos penates submisso, vagar. 405
 À alegria põe fim: bem rico de ostro, em ouro
 nobre, do ano carente do infausto irmão riste;
 advirto: por ti próprio, os prazeres de reinos
 esqueças e, paciente, em fuga a volta logres.”

Disse, mas, sob o calmo peito do outro, há muito 410
 freme ígneo o coração tal, por pedra atingida,
 fera serpe irrompesse da qual, no antro inane,
 longa e em todo seu corpo se agitando, a sede
 convoca à fauce e ao colo escamoso o veneno:
 “se do irmão em incerto signo o pleito cógnito 415
 viesse e o claro segredo do ódio não se abrisse,
 só me bastava a fé, ó torvo, com que, à mente
 o trazendo, qual fossa que aos muros cercados
 afrouxa, e trompa que indispõe turmas hostis,
 te enfureces! Se os termos diante de Bístones 420
 desses, ou aos Gelonos, do esquivo sol pálidos,
 mais sóbrio no discurso e obediente à equidade
 chegarias. Por crimes de uma mente em fúria
 não te culpo: mandado vens. Tudo de ameaças
 pleno, ao cetro com paz ou com fé mediadora 425

poscitis, et propior capulo manus, haec mea regi
 Argolico, nondum aequa tuis, uice dicta reporta:
 quae sors iusta mihi, quae non indebitus annis
 sceptrā dicauit honos, teneo longumque tenebo:
 te penes Inachiae dotalis regia dono 430
 coniugis, et Danae – quid enim maioribus actis
 inuideam? – cumulentur opes. felicibus Argos
 auspiciis Lernamque regas: nos horrida Dirces
 pascua et Euboicis artatas fluctibus oras,
 non indignati miserum dixisse parentem 435
 Oedipoden: tibi larga – Pelops et Tantalus auctor –
 nobilitas, propiorque fluat de sanguine iuncto
 Iuppiter. anne feret luxu consueta paterno
 hunc regina larem? nostrae cui iure sorores
 anxia pensa trahant, longo quam sordida luctu 440
 mater et ex imis auditus forte tenebris
 offendat sacer ille senex. iam pectora uulgi
 adsueuere iugo: pudet heu plebisque patrumque:
 ne totiens incerta ferant mutantque gementes
 imperia et dubio pigeat parere tyranno. 445
 non parcat populis regnum breue; respice quantus
 horror, ut attoniti nostro in discrimine ciues.
 hosne ego, quis certa est sub te duce poena, relinquam?
 iratus, germane, uenis. fac uelle: nec ipsi,
 si modo notus amor meritique est gratia, patres 450
 reddere regna sinent.”

non ultra passus, et orsa
 iniecit mediis sermonibus obuia: “reddes,”
 ingeminat “reddes; non si te ferreus agger
 ambiat aut triplices alio tibi carmine muros
 Amphion auditus agat, nil tela nec ignes 455
 obstiterint, quin ausa luas nostrisque sub armis
 captiuo moribundus humum diademate pulses.

não pedes, mas com mão no cabo; p'ra o Argivo
 rei reporta em resposta meu verbo, ao teu vário:
 este, que a sorte justa, honra de anos propícios,
 deu-me, este cetro eu tenho e por muito terei.
 Com posse sobre um reino dotal, dom da Inácia 430
 esposa, que os bens Dânaos – por que invejaria
 nobres feitos? – aumentes! Argos, com agouros
 faustos, e Lerna imperes; eu, os sevos campos
 de Dirce e a costa estreita por vagas da Eubeia,
 sem me indispor a pai chamar ao pobre Édipo: 435
 em ti é ampla – origem em Pélope e Tântalo –
 a nobreza, e mais perto eis, pelo sangue unido,
 Jove. E o lar nosso, ao luxo paterno habituada,
 serve à rainha, a quem, por jus, nossas irmãs,
 tensas, fusos trarão? E em longo luto sórdida 440
 a mãe e, ouvido às vezes de interiores trevas,
 o ancião maldito ofenderão? Ao jugo, o vulgo
 se acostumou: os ais de plebe e de pais pejam:
 o incerto não toleram, nem trocam gemendo
 de chefes, nem sujeitam-se a um dúbio tirano. 445
 Não poupa o povo o breve reino; vejas quanto
 horror, como os civis, em nossa crise, sofrem.
 Vou deixá-los, se a eles, sob ti, certa é a pena?
 Irado, irmão, tu vens. Consente: nem os pais,
 se ao mérito há mercê, se eu sei o amor, a ti 450
 deixam ceder o cetro.”

Tideu mais não deixa
 e em meio à fala arroja termos hostis: “cede,”
 repete, “cede! Mesmo que, a ti, férreo monte
 cerque e que muro tríplice com novo carne
 construa Anfíon, dardos nem flama obstarão 455
 que tuas audácias pagues e, sob nossas armas
 morrendo, o chão esmurres com tiara cativa:

tu merito; ast horum miseret, quos sanguine uiles
 coniugibus natisque infanda ad proelia raptos
 proicis excidio, bone rex. o quanta Cithaeron 460
 funera sanguineusque uadis, Ismene, rotabis!
 haec pietas, haec magna fides! nec crimina gentis
 mira equidem duco: sic primus sanguinis auctor
 incestique patrum thalami; sed fallit origo:
 Oedipodis tu solus eras, haec praemia morum 465
 ac sceleris, uiolente, feres. nos poscimus annum.
 sed moror.”

haec audax etiamnum in limine retro
 uociferans, iam tunc impulsa per agmina praeceps,
 euolat. Oeneae uindex sic ille Dianae
 erectus saetis et aduncae fulmine malae, 470
 cum premeret Pelopea phalanx, saxa obuia uoluens
 fractaque perfossis arbusta Acheloia ripis,
 iam Telamona solo, iam stratum Ixiona linquens
 te, Meleagre, subit: ibi demum cuspide lata
 haesit et obnixo ferrum laxauit in armo. 475
 talis adhuc trepidum linquit Calydonius heros
 concilium infrendens, ipsi ceu regna negentur,
 festinatque uias ramumque precantis oliuae
 abicit. attonitae tectorum e limine summo
 aspectant matres, saeuoque infanda precantur 480
 Oenidae tacitoque simul sub pectore regi.

nec piger ingenio scelerum fraudisque nefandae
 rector eget. iuuenum fidos, lectissima bello
 corpora, nunc pretio, nunc ille hortantibus ardens
 sollicitat dictis, nocturnaque proelia saeuus 485
 instruit, et – sanctum populis per saecula nomen –
 legatum insidiis tacitoque inuadere ferro
 – quid regnis non uile? – cupit. quas quaereret artes
 si fratrem, Fortuna, dares? o caeca nocentum

és digno; os vis de sangue, pois, por eles sinto,
 os que à atra guerra, a esposas e filhos tirados,
 bom rei, e à ruína lanças. Quantos, ah Citéron, 460
 funerais! Tu, no leito, ó Ismeno, cruento vais!
 Eis a piedade, a magna fé! Da gente os crimes
 não espantam, sabido o primo autor do sangue
 e dos pais o ímpio leito; mas o berço engana:
 de Édipo, só tu veio. Esse o preço dos hábitos 465
 e dos crimes, selvagem. Nós pleiteamos o ano.
 Mas demoro.”

Isso, audaz, da porta para trás
 bradou e, pelas tropas precípite, num ímpeto
 escapou. Qual, de Diana, o vingador de Eneu,
 brilhando as presas curvas, de cerdas eretas, 470
 quando a armada Pelópida premeu, volvendo
 às margens do Aqueloo pedras e troncos rotos,
 já Télamon deixado ao chão, prostrado Ixíon,
 te caçou, ó Meleagro, e ali, por lança extensa
 foi detido, abrandando o ferro no ombro duro: 475
 assim, raivoso, sai do tenso encontro o herói
 Calidônio, qual fosse a ele obstado o reino;
 se apressa à estrada e o ramo de oliva rogante
 roja. Do sumo umbral da cidade, assustadas,
 veem as mães, infortúnios pedindo p’ra o fero 480
 Enida e, em calmo peito, p’ra seu rei também.

Veloz no engenho, em crimes e dolos nefastos
 sobeja o chefe: jovens fieis, p’ra guerra exímios
 corpos, ora com paga e ora exortando, ardente,
 com palavras convoca e a um combate noturno 485
 instrui. Um nome há séculos sagrado aos povos,
 pegar o núncio, a ferro oculto, em uma insídia
 quer – o que não é vil ao rei? Que artes seriam
 se tu desses, Fortuna, o mano? Ó, de réus, cegos

consilia! o semper timidum scelus! exit in unum 490
 plebs ferro iurata caput: ceu castra subire
 apparet aut celsum crebris impulsibus urbis
 inclinare latus, densi sic agmine facto
 quinquaginta altis funduntur in ordine portis.
 macte animi, tantis dignus qui crederis armis! 495
 fert uia per dumos propior, qua calle latenti
 praecelerant densaeque legunt compendia siluae.
 lecta dolis sedes: gemini procul urbe malignis
 faucibus urguntur colles, quos umbra superne
 montis et incuruis claudunt iuga frondea siluis 500
 – insidias natura loco caecamque latendi
 struxit opem –, mediasque arte secat aspera rupes
 semita, quam subter campi deuexaque latis
 arua iacent spatiis. contra importuna crepido,
 Oedipodioniae domus alitis; hic fera quondam 505
 pallentes erecta genas suffusaque tabo
 lumina, concretis infando sanguine plumis
 reliquias amplexa uirum semesaque nudis
 pectoribus stetit ossa premens uisuque trementi
 collustrat campos, si quis concurrere dictis 510
 hospes inexplicitis aut comminus ire uiator
 audeat et dirae commercia iungere linguae;
 nec mora, quin acuens exertos protinus ungues
 liuentesque manus fractosque in uulnere dentes
 terribili applausu circum hospita surgeret ora; 515
 et latuere doli, donec de rupe cruenta
 – heu simili deprensa uiro! – cessantibus alis
 tristis inexpletam scopulis affligeret aluum.
 monstrat silua nefas: horrent uicina iuueni
 gramina, damnatis auidum pecus abstinet herbis. 520
 non Dryadum placet umbra choris non commoda sacris
 Faunorum, diraeque etiam fugere uolucres

planos! Ó crime sempre ignavo! Sai com ferro 490
 a plebe contra um só, tal a assomar-se a castros
 pronta e a, com vários golpes de aríete, o sumo
 flanco tombar da urbe: assim, qual densa tropa,
 cinquenta põem-se em ordem às altivas portas.
 Cresce o brio, que de tantas armas digno és dito! 495

Por silvas segue a rota onde por trilha esconsa
 se apressam e por densa selva o atalho tomam.
 Do ardil o sítio: ao longe, dois cerros por nóxias
 gargantas são premidos; a sombra de um monte
 os cobre, e as bastas copas dos troncos curvados, 500
 onde a Natura, insídias e áreas p'ra esconder-se,
 cegas, ergueu; as pedras corta ao meio, estreita,
 árdua trilha e, sob ela, o plaino e agros declives
 jazem por amplo espaço. À frente, o atroz local
 da casa da álea de Édipo, onde a fera, há muito, 505
 de opaco rosto, erguida, e seus olhos em vurmo
 embebidos, com infando sangue as penas duras,
 envolta em restos homens, e ao peito nu sobras
 de ossos premidas, com olhos ansiosos os agros
 perscruta, se um estranho com enigma confuso 510
 se arrisca a disputar, ou um viajante a próximo
 chegar e, com a atra língua, comércio encetar;
 sem pausa, unhas à mostra afiando sem parar,
 as mãos grises e os dentes constrictos na chaga,
 com hórrido aplauso, junto vem da face hostil; 515
 no arcano os dolos, té que, do cruento rochedo
 – por similar varão mostrada –, impede as asas,
 triste, e o ventre voraz impele contra as rochas.
 Mostra o nefas a selva: as greis temem o pasto
 vizinho, de ervas más abstém-se o ávido gado; 520
 ao coro Dríade não pasce a sombra, e aos ritos
 de Faunos; mesmo diras aves fogem do hórrido

prodigiale nemus. tacitis huc gressibus acti
 deueniunt peritura cohors, hostemque superbum
 annexi iaculis et humi posita arma tenentes 525
 expectant, densaque nemus statione coronant.
 coeperat umentis Phoebum subtexere palla
 Nox et caeruleam terris infuderat umbram.
 ille propinquabat siluis et ab aggere celso
 scuta uirum galeasque uidet rutilare comantes, 530
 qua laxant rami nemus aduersaque sub umbra
 flammeus aeratis lunae tremor errat in armis.
 obstipuit uisis, ibat tamen, horrida tantum
 spicula et inclusum capulo tenuis admouet ense,
 ac prior “unde, uiri, quidue occultatis in armis?” 535
 non humili terrore rogat. nec reddita contra
 uox, fidamque negant suspecta silentia pacem.
 ecce autem uasto Cthonii contorta lacerto,
 quo duce freta cohors, fuscas interuolat auras
 hasta; sed audenti deus et Fortuna recessit. 540
 per tamen Olenii tegimen suis atraque saetis
 terga super laeuos umeros uicina cruori
 effugit et uiduo iugulum ferit irrita ligno.
 tunc horrere comae sanguisque in corda gelari.
 huc ferus atque illuc animum pallentiaque ira 545
 ora ferens – nec tanta putat sibi bella parari:
 “ferte gradum contra campoque erumpite aperto!
 quis timor audendi, quae tanta ignauia? solus,
 solus in arma uoco.” neque in his mora; quos ubi plures
 quam ratus innumeris uidet excursare latebris, 550
 hos deire iugis, illos e uallibus imis
 crescere, nec paucos campo, totumque sub armis
 collucere iter, ut clausas indagine profert
 in medium uox prima feras, quae sola medendi
 turbata ratione uia est, petit ardua dirae 555

bosque. Com passos quietos marchando p'ra lá,
 à morte se desloca a coorte; e ao hostil soberbo,
 às hastes escorada, ao chão firmando as armas, 525
 aguarda e o bosque cerca com densa campana.

Com manto umente a Febo cobrindo, rompera
 a Noite, e a terra em cérula sombra infundira.
 Tideu chegava às selvas quando do alto monte
 viu brilharem escudos de heróis e hirtas gáleas 530
 por onde se abrem selva e ramos, e na sombra
 flâmeo vaga o tremor da Lua em êneas armas.

Ao ver pasmou-se, mas seguiu, só os horrendos
 dardos e o ferro preso, pego ao punho, tendo;
 “Donde sois? Ocultai-vos com armas por quê?” 535

sem húmil medo indaga. Não vem em retorno
 voz, e acordos de paz nega, suspeita, a calma.
 Mas eis, pelo amplo braço de Ctônio brandido,
 da coorte o chefe eleito, cruza as fuscas auras
 um dardo, mas desviam-no o deus e a Fortuna. 540

À couraça, porém, do cerdo Olênio e ao negro
 couro, sobre o ombro sestro, vizinho ao cruor,
 se escapa e, inútil, cabo viúvo, à fauce atinge.
 Nisso a coma se eriça, e no cor gela o sangue.

De um lado ao outro, fero, a branca face irada, 545
 leva a atenção – em muitos não crê contra si:

“De encontro vinde, ao campo saí descoberto!
 Por que ousar temem, por que tanta covardia?
 Só, às armas eu chamo, só!” Não tardam; mais
 que pensou vê deixando os refúgios inúmeros: 550

baixam dos montes esses, e outros do imo vale
 crescem, do agro não poucos; sob as armas luz
 a via, qual se ao centro guiasse as feras presas
 no cerco a voz primeira; p'ra se salvar o único
 meio em seu plano aluído, o alto ataca da dira 555

Sphingos et abscisis infringens cautibus uncas
 exsuperat iuga dura manus, scopuloque potitus,
 unde procul tergo metus et uia prona nocendi,
 saxum ingens, quod uix plena ceruice gementes
 uertere humo et muris ualeant inferre iuueni, 560
 rupibus auellit; dein toto sanguine nixus
 sustinet, immanem quaerens librare ruinam,
 qualis in aduersos Lapithas erexit inanem
 magnanimus cratera Pholus. stupet obuia leto
 turba superstantem atque emissi turbine montis 565
 obruitur; simul arma uirum, simul ora manusque
 fractaque commixto sederunt pectora ferro.
 quattuor hic adeo disiecti mole sub una
 congemuere; fuga tremefactum protinus agmen
 excutitur coeptis. neque enim temnenda iacebant 570
 funera: fulmineus Dorylas, quem regibus ardens
 aequabat uirtus, Martisque e semine Theron
 terrigenas confisus auos, nec uertere cuiquam
 frena secundus Halys – sed tunc pedes occubat aruis,
 Pentheumque trahens nondum te Phaedimus aequo, 575
 Bacche, genus. quorum ut subitis exterrita fatis
 agmina turbatam uidit laxare cateruam,
 quae duo sola manu gestans acclinia monti
 fixerat, intorquet iacula et fugientibus addit.
 mox in plana libens, nudo ne pectore tela 580
 inciderent, saltu praeceps defertur et orbem,
 quem procul oppresso uidit Therone uolutum,
 corripuit, tergoque et uertice tegmina nota
 saeptus et hostili propugnans pectora parma
 constitit. inde iterum densi glomerantur in unum 585
 Ogygidae firmantque gradum; trahit ocius ensem
 Bistonium Tydeus, Mauortia munera magni
 Oeneos, et partes pariter diuisus in omnes

Esfinge; em pedra incisa cortando a mão curva,
 excede o duro monte ao rochedo agarrando-se:
 das costas longe o medo, trilha própria ao dano,
 pedra ingente que a custo, plena cerviz, touros,
 do chão puxando, aos muros gemendo trariam, 560
 arranca à penha; então, todo o sangue aplicado,
 sustém, buscando equilibrar a enorme queda,
 como ergueu contra os Lápitas hostis a inane
 cratera magno Folo. À morte exposta, a turba
 com ele no alto se abala e pelo monte impulso 565
 é destruída: armas dos varões, rostos e mãos
 e os rotos peitos, mistos ao ferro acabaram-se.
 Quatro, ali, desmembrados sob uma só pedra,
 gemem pesado; em fuga o exército treme
 se excita. Desprezados que sejam, não restam 570
 corpos: fulmíneo Dórilas, que os reis ardente
 igualava em virtude, e Téron, Márcia origem,
 fiado em avós terrígenos; que ninguém vence
 nas rédeas, Hális – ora, infante, jaz no campo;
 de Penteu vindo a origem, por ti não deixado, 575
 ó Baco, Fédimo. Com os bruscos fados pasmas,
 viu as tropas perderem-se em bando confuso;
 então, os tinha à mão e no monte os plantara,
 lança dois dardos e aos que fogem os acresce.
 Depois, ao chão, p’ra que no peito nu as lanças 580
 não incidam, com salto à frente desce; o clipeo
 que, com Téron premido, longe viu correndo
 agarra e, a nuca e as costas por nota couraça
 cobertas, e o hostil parma o peito protegendo,
 se firma. Em denso corpo, os Ógiges de novo 585
 se unem e o passo firmam: ágil, saca a Bístone
 espada Tideu – Márcio mimo de Eneu magno –
 e, igualmente entre as partes todas dividido,

hos obit atque illos ferroque micantia tela
 decutit; impeditant numero seque ipsa uicissim 590
 arma premunt, nec uis conatibus ulla, sed ipsae
 in socios errare manus et corpora turba
 inuolui prolapsa sua; manet ille ruentes
 angustus telis et inexpugnabilis obstat.
 non aliter Getica, si fas est credere, Phlegra 595
 armatum immensus Briareus stetit aethera contra,
 hinc Phoebi pharetras, hinc toruae Pallados angues,
 inde Pelethroniam praefixa cuspide pinum
 Martis, at hinc lasso mutata Pyracmoni temnens
 fulmina, cum toto nequiquam obsessus Olympo 600
 tot queritur cessare manus: non segnior ardet
 huc illuc clipeum obiectans, seque ipse recedens
 circumit; interdum trepidis occurrit et instat
 spicula deuellens, clipeo quae plurima toto
 fixa tremunt armantque uirum; saepe aspera passus 605
 uulnera, sed nullum uitae in secreta receptum
 nec mortem sperare ualet. rotat ipse furentem
 Deilochum, comitemque illi iubet ire sub umbras
 Phegea sublata minitantem bella securi
 Dircaeumque Gyan et Echionium Lycophonten. 610
 iam trepidi sese quaerunt numerantque, nec idem
 caedis amor, tantamque dolent rarescere turbam.
 ecce Chromis Tyrii demissus origine Cadmi
 – hunc utero quondam Dryope Phoenissa grauato
 rapta repente choris onerisque oblita ferebat, 615
 dumque trahit prensis taurum tibi cornibus, Euhan,
 procidit impulsus nimiis conatibus infans –
 tunc audax iaculis et capti pelle leonis
 pinea nodosae quassabat robora clauae
 increpitans: “unusne, uiri, tot caedibus, unus 620
 ibit ouans Argos? uix credet fama reuerso.

um e outro encara e dardos trêmulos com ferro
 derruba; muitos, se obstam e com as armas suas 590
 se apertam, sem nenhuma força em seu esforço;
 nos sócios vagam mãos, e os corpos, pela turba
 dos seus, caídos rolam; e ele aguarda os golpes,
 de dardos alvo angusto, e inexpugnável obsta.
 De outro modo, se crer é fás, na Flegra Gética, 595
 armado, imenso não se impôs Briareu aos céus,
 tanto às flechas de Febo como às serpes da atra
 Palas, e ao Peletrônio pinho de ampla cúspide
 Mavórcio, e aos novos raios do lasso Pirácmon
 aviltando e, por todo o Olimpo em vão cercado, 600
 lamentando mãos livres: arde, não mais fraco,
 aqui e ali seu clípeo interpondo, e a si próprio
 cinge; nisso os persegue e aos trépidos avança,
 rompe ferrões que o clípeo agitam por inteiro
 e armam, fixos, o herói; sofrendo às vezes duras 605
 chagas, nenhuma, entanto, nos vitais mistérios,
 ou que ajude a matá-lo. Empurra então Deícola
 fero, e ordena que o siga, nas sombras, o amigo
 Fegeu, minaz em guerra com o machado em pé,
 e Gias junto, o Dírceo, e Licofonte, o Equiônida. 610
 Buscam-se e a si já contam, tensos, sem o amor
 da morte; por tão grande turba extinta sofrem.
 Eis Crômis, cuja origem vem do Tírio Cadmo –
 há muito, em ventre grávido, a Fenícia Dríope
 o tinha e, por um coro rapta e alheia ao fardo, 615
 quando te trouxe o touro pelos chifres, Évio,
 por nímio esforço impulsa, a criança nasceu –,
 com dardos vindo audaz, e a pele de um leão,
 e um pinho largo empunha por nodosa clava,
 incitando: “varões, um só, um!, mortes tantas 620
 a Argos volta exaltando? A Fama mal vai crer!

heu socii, nullaene manus, nulla arma ualebunt?
 haec regi promissa, Cydon, haec, Lampe, dabamus?"
 dum clamat, subit ore cauo Teumesia cornus,
 nec prohibent fauces; atque illi uoce repleta 625
 intercepta natat prorupto in sanguine lingua.
 stabat adhuc, donec transmissa morte per artus
 labitur immorsaque cadens obmutuit hasta.

uos quoque, Thespiadae, cur infitatus honora
 arcuerim fama? fratris moribunda leuabat 630
 membra solo Periphas – nil indole clarius illa
 nec pietate fuit –, laeua marcentia colla
 sustentans dextraque latus; singultibus artum
 exhaurit thoraca dolor, nec uincla coercent
 undantem fletu galeam, cum multa gementi 635
 pone grauis curuas perfringit lancea costas
 exit et in fratrem cognataque pectora telo
 conserit. ille oculos etiamnum in luce natantes
 sistit et aspecta germani morte resoluit.

at cui uita recens et adhuc in uulnere uires 640
 "hos tibi complexus, haec dent," ait, "oscula nati."
 procubuere pares fati, miserabile uotum
 mortis, et alterna clauserunt lumina dextra.

protinus idem ultro iaculo parmaque Menoeten
 proterrebat agens trepidis uestigia retro 645
 passibus urgentem, donec defecit iniqua
 lapsus humo, pariterque manus distractus in ambas
 orat et a iugulo nitentem sustinet hastam:
 "parce per has stellis interlabentibus umbras,
 per superos noctemque tuam; sine tristia Thebis 650
 nuntius acta feram uulgique per ora pauentis
 contempto te rege canam: sic inrita nobis
 tela cadant, nullique tuum penetrabile ferro
 pectus, et optanti uictor reueharis amico."

Ah, sócios, mão nenhuma vai valer, ou armas?
 Essa jura ao rei, Cídon, essa, ó Lampo, demos?”
 E enquanto clama, à boca vem Teumeso corno,
 e a garganta não obsta; então, voz completada, 625
 no sangue em profusão, extinta a língua nada.
 Assim persiste até que a morte pelos membros
 corre; ruindo, de lança entre os dentes se cala.

Tespíadas, e a vós, por que lhes nego a honrada
 fama e aparto? Do irmão, morrentes levantava 630
 do chão os membros Périfas – nada mais claro
 que a índole e a piedade –, a sestra o colo mole
 sustendo, a destra o flanco; com soluços, firme
 consome o peito a dor, e os laços não amarram
 o elmo lavado em pranto quando, forte o choro, 635
 por detrás, grave lança arromba o curvo dorso,
 atinge o mano e os peitos cognatos com a ponta
 interliga. O outro, os olhos inda em luz nadando
 firma e, tendo do irmão visto a morte, descansa.
 Mas fresca àquele é a vida e, ferido, inda é forte; 640
 diz: “o abraço te deem e esses beijos teus filhos.”
 Prostraram-se, no fado iguais, da morte mísero
 voto, e com alternas destros fecharam os olhos.

De pronto, então, com parma e dardos a Menetes
 assusta e impõe que, a passos trépidos, pegadas 645
 de retro apresse até que, em terra incerta prono,
 se renda; ambas as mãos em simultâneo abertas,
 clama e na fauce a lança brilhante interrompe:
 “Poupa, por essas sombras e astros dentre elas,
 pela noite e os supremos; deixa, a Tebas, tristes 650
 feitos, núncio, eu levar e ante o povo assustado
 te cantar em descaso ao rei: que as nossas setas
 desçam vãs, e a teu peito aberto nenhum ferro;
 que, triunfante, regresses qual rogou teu sócio”,

dixerat. ille nihil uultum mutatus “inanes 655
 perdis,” ait, “lacrimas; et tu, ni fallor, iniquo
 pollicitus mea colla duci: nunc arma diemque
 proice; quid timidae sequeris compendia uitae?
 bella manent.” simul haec et crassum sanguine telum
 iam redit. ille super dictis infensus amaris 660
 prosequitur uictos: “non haec trieterica uobis
 nox patrio de more uenit, non orgia Cadmi
 cernitis aut auidas Bacchum scelerare parentes.
 nebridas et fragiles thyrsos portare putastis
 imbellem ad sonitum maribusque incognita ueris 665
 foeda Celaenaea committere proelia buxo?
 hic aliae caedes, alius furor: ite sub umbras,
 o timidi paucique!” haec intonat; ast tamen illi
 membra negant, lassusque ferit praecordia sanguis.
 iam sublata manus cassos defertur in ictus, 670
 tardatique gradus, clipeum nec sustinet umbo
 nutantem spoliis; gelidus cadit imber anhelos
 pectore, tum crines ardentiaque ora cruentis
 roribus et taetra morientum aspergine manant:
 ut leo, qui campis longe custode fugato 675
 Massylas depastus oues, ubi sanguine multo
 luxuriata fames ceruixque et tabe grauatae
 consedere iubae, mediis in caedibus astat
 aeger, hians, uictusque cibus; nec iam amplius irae
 crudescunt: tantum uacuis ferit aera malis 680
 molliaque eiecta delambit uellera lingua.
 ille etiam Thebas spoliis et sanguine plenus
 isset et attonitis sese populoque ducique
 ostentasset ouans, ni tu, Tritonia uirgo,
 flagrantem multaque operis caligine plenum 685
 consilio dignata uirum: “sate gente superbi
 Oeneos, absentes cui dudum uincere Thebas

disse. Tideu, de rosto inalterado, “as lágrimas, 655
 inanes perdes” diz; “não me engano: meu colo
 juraste ao chefe iníquo. Agora o dia e as armas
 deixa; que ganhos tens com uma vida medrosa?
 A guerra espera.” E o crasso dardo com cruor
 já retorna. Com raiva p’ra além de acres ditos, 660
 segue os vencidos: “esta noite a vós não vem
 trienal, qual pátria praxe; de Cadmo, a orgia
 não vedes, nem mães ávidas manchando Baco.
 Pensais que os frágeis tirsos e couros traziam
 a imbele som, que, ignota por varões verazes, 665
 travavam com Celeno buxo horrível guerra?
 São outras mortes, outro furor: ide, ó poucos,
 ó covardes, às sombras!”. Os membros, porém,
 se recusam, e lasso sangue impele as vísceras.
 Já erguidas, as mãos desferem frustos golpes, 670
 e, passos tardos, não sustenta a tira ao clípeo,
 de espólios bambo; e fria chuva cai no arfante
 peito, mechas e ardente rosto com orvalhado
 sangue e torpe respingo dos mortos gotejam:
 como leão que, longe do agro expulso o guia, 675
 o ovil Massílio come, excedendo-se em muito
 sangue a fome, e ao pescoço, sórdida de sânie,
 se prende a juba, junto às mortes resta, lasso,
 hiante e pelo festim vencido; e amplas, as iras
 não torna: fere, apenas, o ar com a boca livre, 680
 e com a língua p’ra fora os moles velos lambe.

De sangue e espólios pleno, de novo ele a Tebas
 marcharia e, triunfante, ao rei e ao povo pasmos
 mostraria a si próprio, ó Tritônia, se ao homem,
 por seus feitos queimando e tomado por névoas, 685
 não fosses com um conselho: “gente do soberbo
 Eneu, a quem vencer, há pouco, a ausente Tebas

annuimus, iam pone modum nimiumque secundis
 parce deis: huic una fides optanda labori.
 Fortuna satis usus abi.”
 restabat acerbis 690
 funeribus socioque gregi non sponte superstes
 Haemonides – ille haec praeuiderat, omina doctus
 aeris et nulla deceptus ab alite – Maeon,
 nec ueritus prohibere ducem, sed fata monentem
 priuauere fide. uita miserandus inertis 695
 damnatur; trepido Tydeus immitia mandat:
 “quisquis es Aonidum, quem crastina munere nostro
 manibus exemptum mediis Aurora uidebit,
 haec iubeo perferre duci: cinge aggere portas,
 tela noua, fragiles aeuo circum inspice muros, 700
 praecipue stipare uiros densasque memento
 multiplicare acies. fumantem hunc aspice late
 ense meo campum: tales in bella uenimus.”
 haec ait, et merita pulchrum tibi, Pallas, honorem
 sanguinea de strage parat, praedamque iacentem 705
 comportat gaudens ingentiaque acta recenset.
 quercus erat tenerae iam longum oblita iuuentae
 aggere camporum medio, quam plurimus ambit
 frondibus incuruis et crudo robore cortex.
 huic leues galeas perfossaque uulnere crebro 710
 inserit arma ferens, huic truncos ictibus enses
 subligat et tractas membris spirantibus hastas.
 corpora tunc atque arma simul cumulata superstans
 incipit – oranti nox et iuga longa resultant:
 “diua ferox, magni decus ingeniumque parentis, 715
 bellipotens, cui torua genis horrore decoro
 cassis, et asperso crudescit sanguine Gorgon,
 nec magis ardentes Mauors hastataque pugnae
 impulerit Bellona tubas, huic annue sacro,

assentimos, põe fim agora e o nímio, aos deuses propícios, poupa: a fé só desta empresa escolha. Muito usaste a Fortuna, vai!”

Restava às fúnebres 690

ruínas do sócio grupo, não por própria escolha, o Hemonides – que vira assim, douto nos célios presságios, a quem aves não enganam – Méon; nem temia impedir o chefe: o anúncio os Fados de fé privaram. Triste, a uma existência inerte 695 foi danado. Tideu confia o opróbrio ao trépido: “Quem sejas dos Aônios, que, por nossa graça, à Aurora, amanhã, salvo vais te ver de manes, assim informa o rei: com terra as portas cinge, renova as armas, olha os frágeis muros velhos; 700 mormente, junta heróis e lembra de aumentar as densas filas. Longe vê, em fumo, os campos abertos por meu ferro: à guerra, tais, viremos.”

Diz assim e em teu culto, Palas, belas honras da cruenta ceifa apronta: os jazentes despojos 705 transporta ledos, e os feitos grandiosos revisa. Roble havia, esquecido, então, da tenra idade, em colina entre os campos; espessa, volteia-o com o lenho cru e frondes curvadas sua casca. Nele, elmos lustres e, por muitas chagas rotos, 710 broquéis depõe; espadas por golpes quebradas prende, e lanças tiradas de membros exânimes. E, então, nos corpos e armas pilhadas subindo, começa – a noite e o longo cimo o voto ecoam: “diva feroz, de magnos pais engenho e glória, 715 belipotente, à que com graça horrenda o rosto a gálea enraiva e a Górgona por sangue aspersa: mais ardentes, nem Marte ou, hastada p’ra luta, Belona as trompas movem; consente esse rito,

seu Pandionio nostras inuisere caedes 720
 monte uenis, siue Aonia deuertis Itone
 laeta choris, seu tu Libyco Tritone repexas
 lota comas, qua te biiugo temone frementem
 intemeratarum uolucer rapit axis equarum:
 nunc tibi fracta uirum spolia informesque dicamus 725
 exuuias. at si patriis Porthaonis aruis
 inferar et reduci pateat mihi Martia Pleuron,
 aurea tunc mediis urbis tibi templa dicabo
 collibus, Ionias qua despectare procellas
 dulce sit, et flauo tollens ubi uertice pontum 730
 turbidus obiectas Achelous Echinadas exit.
 hic ego maiorum pugnas uultusque tremendos
 magnanimum effingam regum, figamque superbis
 arma tholis, quaeque ipse meo quaesita reuexi
 sanguine, quaeque dabis captis, Tritonia, Thebis. 735
 centum ibi uirgineis uotae Calydonides aris
 Actaeas tibi rite faces et ab arbore casta
 nectent purpureas niueo discrimine uittas,
 peruigilemque focus ignem longaeua sacerdos
 nutriet, arcanum numquam inspectura pudorem. 740
 tu bellis, tu pace feres de more frequentes
 primitias operum, non indignante Diana.”
 dixerat, et dulces iter instaurabat ad Argos.

quer, p'ra nossos massacres ver, do Pandiônio 720
 monte venhas, da Aônia Itone quer te espalhes,
 gozando o coro, ou quer, no Líbio Tritão, laves
 as mechas, p'ra onde, alegre, em bÍjugo timão,
 te arrasta de éguas não violadas o eixo célere:
 a ti, ora, frangidas presas de heróis e hórridos 725
 saques sagro. Se aos pátrios agros de Portáon,
 porém, eu for e der-se a mim a Márcia Plêuron,
 áureo templo p'ra ti, junto aos montes da urbe,
 sagrarei, de onde espiar as tormentas do Jônio
 seja doce, onde vindo ao mar em louro vórtice 730
 túrbido o Aqueloo deixa as obstantes Equinas.
 As pugnas dos mais velhos e os vultos terríveis
 dos bravos reis, ali, vou moldar, firmar no alto
 domo as armas buscadas que com sangue meu
 trouxe – as que da tomada Tebas darás, Palas. 735
 Virgens dadas às aras, cem jovens de Cálidon,
 p'ra ti da árvore casta – é o rito – tochas Áticas
 vão tramar, e as purpúreas fitas de alvas listras;
 no altar, a chama sempre ardendo a sacerdote
 manterá, velha, o arcano pejo nunca olhando. 740
 Tu na guerra e na paz terás de regra as muitas
 primícias dos trabalhos, sem Diana indignar-se.”
 Disse e p'ra Argos querida retomou a estrada.

EPISÓDIOS DO CANTO III

1. No palácio, Etéocles se preocupa com os emboscados. 33. Méon se aproxima de Tebas. 53. As mães tebanas observam a chegada de Méon. 59. Méon encontra Etéocles. 81. Suicídio de Méon. 99. Epicédio a Méon. 114. A busca pelos corpos dos emboscados. 133. Ide procura por seus filhos, os tespíadas. 147. Descrição dos tespíadas mortos e o encontro da mãe. 169. Outras mães e esposas procuram seus mortos. 179. Discurso de Aletes. 218. Júpiter escuta o tumulto em Tebas e convoca novo consílio. 229. Júpiter fala a Marte. 253. Reação dos deuses às ordens de Jove. 260. Marte se apressa para cumprir sua missão. 269. Vênus interrompe Marte e pede sua ajuda. 295. Marte responde a Vênus e a acalma. 324. Tideu retorna para Argos. 345. Tideu chega ao palácio de Adrasto. 365. Polinices se pronuncia sobre o ocorrido. 381. Reação dos argivos às falas de Tideu e Polinices. 388. Adrasto se pronuncia e acalma os ânimos. 395. Tideu é recebido pelo resto do palácio. 420. Marte desce dos céus para cumprir sua missão. 440. Adrasto revolve na mente os acontecimentos. 451. Melampo e Anfiarau realizam um haruspício. 460. Melampo e Anfiarau dão início à ornitomancia. 471. Prece de Anfiarau. 499. Observação dos pássaros e interpretação do seu voo. 516. Anfiarau interpreta os sinais e declara os presságios. 551. Digressão sobre a natureza humana e a sua relação com as artes mânticas. 566. Os vates deixam o monte e retornam para suas casas. 575. Os homens se agitam para a guerra. 598. Cansado de esperar, Capaneu fala às portas da casa de Anfiarau. 618. Anfiarau responde as ofensas de Capaneu. 648. Capaneu volta a falar em tom ríspido com o vate. 678. Argia se dirige a seu pai para pedir-lhe que ajude Polinices. 711. Adrasto responde sua filha dizendo-lhe que não abandonará o genro.

Liber III

at non Aoniae moderator perfidus aulae
 nocte sub ancipiti, quamuis umentibus astris
 longus ad auroram superet labor, otia somni
 accipit; inuigilant animo scelerisque parati
 supplicium exercent curae; tum plurima uersat, 5
 pessimus in dubiis augur, timor. "ei mihi" clamat,
 "unde morae?" – nam prona ratus facilemque tot armis
 Tydea, nec numero uirtutem animumque repondit –
 "num regio diuersa uiae? num missus ab Argis
 subsidio globus? an sceleris data fama per urbes 10
 finitimas? paucosne, pater Gradiue, manuue
 legimus indecores? at enim fortissimus illic
 et Chromis et Dorylas et nostris turribus aequi
 Thespiadae; totos raperent mihi funditus Argos.
 nec tamen ille meis, reor, impenetrabilis armis 15
 aere gerens solidoque aptos adamante lacertos
 uenerat; heu segnes, quorum labor haeret in uno,
 si conserta manus." uario sic turbidus aestu
 angitur ac sese culpat super omnia, qui non
 orantem in mediis legatum coetibus ense 20
 perculerit foedasque palam satiauerit iras.
 iam pudet incepti, iam paenitet. ac uelut ille
 fluctibus Ioniis Calabriae datus arbiter alno
 – nec rudis undarum, portus sed linquere amicos
 purior Olenii frustra gradus impulit astri –, 25
 cum fragor hiberni subitus Iouis, omnia mundi
 claustra tonant multusque polos inclinat Orion,
 ipse quidem malit terras pugnatque reuerti,
 fert ingens a puppe Notus, tunc arte relictam
 ingemit et caecas sequitur iam nescius undas: 30
 talis Agenoreus ductor caeloque morantem

Canto III

Mas do paço da Aônia o governante pérfido,
 sob dúbia noite, ainda que aos astros umentes
 reste ampla faina até a Aurora, o ócio do sono
 não sabe; à mente insone, do crime arranjado
 nutrem a pena os zelos. Muito volve o medo, 5
 o pior vate nas dúvidas. “Ai de mim!”, clama;
 “Por que a demora?” Certo e fácil crê, à tropa,
 Tideu: não libra força e virtude com o número;
 “Por outro curso foram? De Argos foi enviado
 bando em auxílio? Ou deu-se a fama da cilada? 10
 Acaso poucos, pai Gradivo, ou com essas mãos
 inglórios escolhemos? Mas, por lá, fortíssimos,
 Crômis, e Dórilas, e os Téspios, tais aos muros
 nossos: com as fundações trariam toda a Argos.
 À minha tropa, pois, não é, eu penso, impérvio, 15
 e tendo em bronze e duro ferro os braços ágeis
 não veio: ah, torpes!, cujo afã finda ante um só
 se a luta se arma!” Ansioso, com vários fervor
 sofre e se culpa mais que a outros: ao mandado
 mensageiro, com a espada por quê, na reunião, 20
 não lacerou, fartando assim sua ira hedionda.
 Do feito já se peja e emenda; e como em Jônias
 águas dessem a um nauta um alno da Calábria
 – sem ser em mares rude, a deixar porto sócio,
 porém, claro o nascer incita do astro Olênio –; 25
 quando há ruído de Jove hibernal, e do mundo
 as portas troam, e Órion forte inclina os polos,
 mais a terra deseja, e p’ra voltar se empenha,
 e imane Noto à popa sopra; e, a arte deixando,
 lamenta, e as cegas ondas já néscio persegue: 30
 o Agenório piloto, assim, no céu tardando-se

Luciferum et seros maerentibus increpat ortus.
 ecce sub occiduas uersae iam Noctis habenas
 astrorumque obitus, ubi primum maxima Tethys
 impulit Eoo cunctantem Hyperiona ponto, 35
 ima flagellatis, signum lugubre malorum,
 ponderibus trepidauit humus, motusque Cithaeron
 antiquas dedit ire niues; tunc uisa leuari
 culmina septenaeque iugo concurrere portae.
 et prope sunt causae: gelido remeabat Eoo 40
 iratus Fatis et tristis morte negata
 Haemonides; necdum ora patent, dubiusque notari
 signa dabat magnae longe manifesta ruinae
 planctuque et gemitu; lacrimas nam protinus omnes
 fuderat. haud aliter saltu deuertitur orbus 45
 pastor ab agrestum nocturna strage luporum,
 cuius erile pecus siluis inopinus abegit
 imber et hibernae uentosa cacumina lunae.
 luce patent caedes; domino perferre recentes
 ipse timet casus, haustaque informis harena 50
 questibus implet agros, stabulique silentia magni
 odit et amissos longo ciet ordine tauros.
 illum congestae portarum ad limina matres
 ut solum uidere – nefas! –, nulla agmina circum
 magnanimosque duces, nil ausae quaerere tollunt 55
 clamorem, qualis bello supremus apertis
 urbibus, aut pelago iam descendente carina.
 ut primum inuisi cupido data copia regis:
 “hanc tibi de tanto donat ferus agmine Tydeus
 infelicem animam, siue haec sententia diuum, 60
 seu Fortuna fuit, seu, quod pudet ira fateri,
 uis inuicta uiri. uix credo et nuntius: omnes
 procubuere, omnes. noctis uaga lumina testor
 et socium manes et te, mala protinus ales

Lúcifer, com tristeza impreca, e os lentos ortos.

Sob as rédeas do ocaso, eis, já voltando a Noite
 e os astros já se pondo, quando a excelsa Tétis
 primo urgiu do Eoo mar o hesitante Hiperíon; 35
 no imo agitado – um sestro sinal de desgraça –,
 com o peso o chão tremeu, e vibrado o Citéron
 deu curso à velha neve: à vista, então, subiram
 tetos, as sete portas com o monte chocaram-se.
 E as causas estão perto: no algente Eoo vinha 40
 com os Fados bravo e triste da morte negada
 o Hemonides; de oculta face e à vista dúbio,
 de longe dava de amplo revés claras mostras
 com o luto e os ais; as lágrimas, já antes, todas
 verteu. Só, o pastor não deixa, de outro modo, 45
 o pasto ante o noturno estrago de atros lobos,
 de quem o heril rebanho à selva guiam bruscas
 tormentas e da hiberna Lua os plúvios cornos.
 A morte se abre à luz; levar ao senhor novas
 baixas teme e, com areia aspersa deformado, 50
 enche o agro com ais, a paz do magno estábulo
 detesta e em longa lista evoca os touros mortos.

Quando as mães, agrupadas nos umbrais das portas,
 o veem sozinho – nefas! –, nenhum praça junto
 ou bravos chefes, nada perguntam, mas erguem 55
 clamor, como o mais alto na guerra, com a urbe
 exposta, ou como um casco no mar naufragasse.
 Tão logo deu-se o ansiado acesso ao rei odioso:
 “Esta, de extensa tropa, atroz Tideu te entrega,
 esta alma infausta, tenha sido um juízo etéreo, 60
 a Fortuna, ou – a raiva acanha que se admita –
 o invicto brio do herói; mal creio, núncio: todos
 ruíram, todos! Da noite evoco as luzes prófugas,
 dos sócios meus os manes e a ti, mau presságio

qua redeo, non hanc lacrimis meruisse nec astu 65
 crudelem ueniam atque inhonoraē munera lucis;
 sed mihi iussa deum placitoque ignara moueri
 Atropos atque olim non haec data ianua leti
 eripuerē necem. iamque ut mihi prodiga uitae
 pectora et extremam nihil horrescentia mortem 70
 aspicias: bellum infandum ominibusque negatam
 mouisti, funeste, aciem, dum pellere leges
 et consanguineo gliscis regnare superbus
 exule; te series orbarum excisa domorum
 planctibus adsiduis, te diro horrore uolantes 75
 quinquaginta animae circum noctesque diesque
 assilient; neque enim ipse moror.” iam mouerat iras
 rex ferus, et tristes ignescunt sanguine uultus.
 inde ultro Phlegyas et non cunctator iniqui
 Labdacus – hos regni ferrum penes – ire manuque 80
 proturbare parant. sed iam nudauerat ensem
 magnanimus uates, et nunc trucis ora tyranni,
 nunc ferrum aspectans: “numquam tibi sanguinis huius
 ius erit aut magno feries imperdita Tydeo
 pectora; uado equidem exultans ereptaque fata 85
 insequor et comites feror expectatus ad umbras.
 te superis fratrique –” et iam media orsa loquentis
 absciderat plenum capulo latus; ille dolori
 pugnat et ingentem nisu duplicatus in ictum
 corruit, extremisque animae singultibus errans 90
 alternus nunc ore uenit, nunc uulnere sanguis.
 excussae procerum mentes, turbataque mussant
 concilia; ast illum coniunx fidique parentes
 seruantem uultus et toruum in morte peracta,
 non longum reducem laetati, in tecta ferebant. 95
 sed ducis infandi rabidae non hactenus irae
 stare queunt; uetat igne rapi, pacemque sepulcri

que me traz: nem por choro eu mereci, ou lábia, 65
 horrenda vênia e a prenda de uma luz inglória;
 mas lei divina e, inculta em trocar de sentença,
 Átropos, e do exício a porta há muito obstada,
 extirparam-me o fim. E agora, em vida pródigo
 o peito, e morte extrema não o amedrontando, 70
 percebe: a guerra infanda e o por sinais negado
 prélio, ó funesto, obraste enquanto a banir leis
 te ampliavas, e a reinar soberbo com teu mano
 no exílio; as gerações de extintas casas e órfãos
 com choro assíduo e, com atro terror, as aladas 75
 almas cinquenta em teu redor, por dia e noite,
 saltarão; mais, porém, não tardo.” As iras, fero
 movera o rei, e em sangue a triste face acende.
 Demais, Flégias e, nunca se opondo ao iníquo,
 Lábdaco – dois da régia guarda – se preparam 80
 p’ra expulsá-lo com força. Já despira a espada
 grandioso vate que, ora, o atro olhar do tirano
 olha, e ora o ferro: “nunca desse sangue o jus
 terás, nem rasgarás, por Tideu magno escuso,
 o peito; alegre parto, é certo, e os fados raptos 85
 sigo: esperado, às sócias sombras vou; ao mano
 tu, e aos deuses...” falou e as palavras ao meio
 cortou; pleno do punho o flanco, com a dor ele
 luta; curvado contra o fundo corte, nu’ ímpeto
 desaba e, com os soluços finais da alma errando, 90
 alterno, vem da chaga e vem da boca o sangue.
 Dos nobres vibra a mente e confusas conversas
 dissimulam; mas a ele, a esposa e os pais, leis,
 mantendo-se as feições e, finda a morte, torvo,
 sem muito aproveitar-lhe a volta a casa levam. 95
 Com isso, porém, do chefe infando as sevas iras
 não calmam; veta pô-lo à pira, e a paz da tumba,

impius ignaris nequiquam manibus arcet.

tu tamen egregius fati mentisque nec umquam
– sic dignum est – passure situm, qui comminus ausus 100

uadere contemptum reges, quaque ampla ueniret
libertas, sancire uiam: quo carmine dignam,
quo satis ore tuis famam uirtutibus addam,
augur amate deis? non te caelestia frustra
edocuit lauruque sua dignatus Apollo est, 105

et nemorum Dodona parens Cirrhaeaeque uirgo
audebit tacito populos suspendere Phoebus.
nunc quoque Tartareo multum diuisus Auerno
Elysias, i, carpe plagas, ubi manibus axis
inuius Ogygiis nec sontis iniqua tyranni 110

iussa ualent; durant habitus et membra cruentis
inuiolata feris, nudoque sub axe iacentem
et nemus et tristis uolucrum reuerentia seruat.

at nuptae exanimes puerique aegrique parentes
moenibus effusi per plana, per auia, passim 115

quisque suas auidi ad lacrimas, miserabile, currunt,
certamen, quos densa gradu comitantur euntes
milia solandi studio, pars uisere flagrant
unius acta uiri et tantos in nocte labores:
feruet iter gemitu et plangoribus arua reclamant. 120

ut uero infames scopulos siluamque nefandam
peruentum, ceu nulla prius lamenta nec atri
manassent imbres, sic ore miserrimus uno
exoritur fragor, aspectuque accensa cruento
turba furit: stat sanguineo discissus amictu 125

Luctus atrox caesoque inuitat pectore matres.
scrutantur galeas frigentum inuentaue monstrant
corpora, prociduae super externosque suosque.
hae pressant in tabe comas, hae lumina signant
uulneraque alta rigant lacrimis, pars spicula dextra 130

ímpio, aos não voluntários manes em vão nega.

Mas tu, egrégio em fado e brio, jamais o oblévio
 provarás, como é digno, pois que ousaste a reis 100
 face a face enjeitar e de onde a ampla revolta
 viria o curso abriste: com qual carme, a digna
 fama à virtude tua aumento, ou com qual voz,
 áugure aos deuses caro? Em vão, os céus Apolo
 não te mostrou, ou digno te viu de seus louros; 105
 Dodona, mãe dos bosques, e a virgem de Cirra,
 com Febo quieto, ousaram suspender os povos.
 E agora, então, do Averno Tartáreo bem longe,
 corre e as Elísias plagas frui, onde – ínvio polo
 a Ogígios manes – do infrator tirano, injustas, 110
 as leis não valem; duram os membros e o traje
 das cruentas bestas salvos; sob céu nu jazendo,
 o bosque e a triste estima das aves te guardam.

Noivas mortiças, filhos e pais e mães, lânguidos,
 dos muros fluem aos planos e campos, por tudo, 115
 a seus prantos correndo, inquietos – miserando
 embate –, aos quais, andando, junto se unem mil
 p’ra consolá-los; queimam uns por ver os feitos
 de um só homem e as vastas obras de uma noite:
 arde em gritos a estrada; o altar em plangor soa. 120
 Quando à selva nefanda e aos infames rochedos
 chegam, tal se nem prévios lamentos, nem atras
 chuvas vertessem, numa voz, assim, tristíssimo,
 surge o fragor; por cena horrenda acesa, a turba
 se ira: rasgado, em manta sangrenta mantém-se 125
 o Luto, atroz, e as mães, de peito inciso, chama;
 dos frios, sondam as gáleas e indicam os corpos
 vistos, sobre os estranhos e os seus propendidas.
 Em vurmo as mechas premem, e selam os olhos,
 com choro as fundas chagas lavam; lanças, essas 130

nequiquam parcente trahunt, pars molliter aptant
bracchia trunca loco et ceruicibus ora reponunt.

at uaga per dumos uacuique in puluere campi
magna parens iuuenum, gemini nunc funeris, Ide
squalentem sublata comam liuentiaque ora 135

ungue premens – nec iam infelix miserandaque, uerum
terror inest lacrimis –, per et arma et corpora passim
canitiem impexam dira tellure uolutans
quaerit inops natos omnique in corpore plangit.

Thessalis haud aliter bello gauisa recenti, 140

cui gentile nefas hominem renouare canendo,
multifida attollens antiqua lumina cedro
nocte subit campos uersatque in sanguine functum
uulgus et explorat manes, cui plurima busto
imperet ad superos: animarum maesta queruntur 145
concilia, et nigri pater indignatur Auerni.

illi in secessu pariter sub rupe iacebant
felices, quos una dies, manus abstulit una,
peruia uulneribus media trabe pectora nexi.
ut uidit lacrimisque oculi patuere profusis: 150

“hosne ego complexus genetrix, haec oscula, nati,
uestra tuor? sic uos extremo in fine ligauit
ingenium crudele necis? quae uulnera tractem,
quae prius ora premam? uosne illa potentia matris,
uos uteri fortuna mei, qua tangere diuos 155
rebar et Ogygias titulis anteire parentes?

at quanto melius dextraque in sorte iugatae,
quis steriles thalami nulloque ululata dolore
respexit Lucina domum! mihi quippe malorum
causa labor; sed nec bellorum in luce patenti 160

conspicui fatis aeternaque gentibus ausi
quaesistis miserae uulnus memorabile matri,
sed mortem obscuram numerandaque funera passi,

em vão, zelosas, puxam, e outras, gentis, juntam
membros aos corpos, crânios à cerviz devolvem.

Mas, por brenhas e poeiras de agros vácuos, vaga
a magna mãe dos jovens, Ide, ora irmãos mortos,
suja trazendo as mechas, premendo o seu lívido 135
rosto com a mão, nem triste ou lastimável: antes,
no pranto o horror; por armas e corpos, por tudo,
as desgrenhadas cãs volvendo em solo horrendo,
seus filhos busca, inerme, e a cada corpo plange.

Não de outro modo, leda com a guerra a Tessálide, 140
a quem cantando é nefas próprio evocar mortos,
em cedro antigo as chamas erguendo, multífidas,
à noite vai aos campos, cinge em sangue o vulgo
defunto e tenta os manes aos que muito aos céus
da tumba evoca: infaustos, protestam das almas 145
os conselhos, se indigna o pai do escuro Averno.

Ambos, juntos sob rocha, restavam à parte,
ledos, pois que um só dia e uma só mão levou-os,
por lança fixa ao peito em meio às chagas presos.
Vendo-os, com fartas lágrimas expõe seus olhos: 150

“Eu, a mãe, vossos beijos e abraços, meus filhos,
contemplo? Assim, no fim extremo, a vós juntou
da morte o cruel engenho? Quais chagas eu toco,
qual face à frente eu beijo? Sois, da mãe, a força,
do meu útero a sorte com que eu cria aos deuses 155
chegar e, em inscrições, vencer às mães Ogígias!

Ah! Quão mais bem afortunadas são as cônjuges
que infértil têm o leito e que, sem dor chamando
Lucina, à casa voltam! Por certo, a mim, lástimas
trouxe o parto; contudo, em guerra à plena luz, 160
nobres no fado e audazes entre os povos, chagas
p’ra que a mísera mãe lembrasse não buscastes,
mas morte obscura e exéquias miserandas foram.

heu quantus furto cruor et sine laude iacetis!
 quin ego non dextras miseris complexibus ausim 165
 diuidere et tanti consortia rumpere leti:
 ite diu fratres indiscretique supremis
 ignibus et caros urna confundite manes!”
 nec minus interea digesta strage suorum
 hic Cthonium coniunx, hic mater Penthea clamat 170
 Astyoche, puerique rudes, tua, Phaedime, proles,
 amissum didicere patrem, Marpessaque pactum
 Phyllea, sanguineumque lauant Acamanta sorores.
 tunc ferro retegunt siluas collisque propinqui
 annosum truncant apicem, qui conscius actis 175
 noctis et inspexit gemitus; ibi grandior aeuo
 ante rogos, dum quisque suo nequit igne reuelli,
 concilium infaustum dictis mulcebat Aletes:
 “saepe quidem infelix uarioque exercita ludo
 fatorum gens nostra fuit, Sidonius ex quo 180
 hospes in Aonios iecit sata ferrea sulcos,
 unde noui fetus et formidata colonis
 arua suis. sed nec ueteris cum regia Cadmi
 fulmineum in cinerem monitis Iunonis iniquae
 consedit, neque funerea cum laude potitus 185
 infelix Athamas trepido de monte ueniret,
 semianimem heu laeto referens clamore Learchum,
 hic gemitus Thebis, nec tempore clarius illo
 Phoenissae sonuere domus, cum lassa furorem
 uicit et ad comitum lacrimas expauit Agaue. 190
 una dies similis fato specieque malorum
 aequa fuit, qua magniloquos luit impia flatus
 Tantalus, innumeris cum circumfusa ruinis
 corpora tot raperet terra, tot quaereret ignes.
 talis erat uulgi status, et sic urbe relicta 195
 primaeuique senesque et longo examine matres

Ah, sem glórias restais, a furto, em tanto sangue!
 Pois que as destras em mísero abraço eu não ouse 165
 separar, nem romper da ampla morte o consórcio:
 ide, ó irmãos já há muito, e indistintos na extrema
 chama os seus caros manes misturai na urna!”

Não menos, nisso, aos restos dispostos dos seus,
 ora a esposa e ora a mãe Pentida, a Ctônio chama 170
 Astíoque, e os filhos rudes, tua a prole, ó Fédimo,
 vencido ao pai descobrem; Marpessa a seu noivo
 Fileu banha, e as irmãs o ensanguentado Ácamas.
 Então despem com ferro a selva e, ao monte, rente
 o anoso cimo encurtam que, cômico, os trabalhos 175
 da noite viu, e as queixas. Lá, mais velho, às piras,
 porque do fogo seu ninguém consegue abster-se,
 com palavras calmava o infausto encontro Aletes:

“Sempre acossada e infausta pelo jogo múltiplo
 dos Fados nossa gente, desde quando o estranho 180
 Sidônio em solo Aônio arrojou férreos gérmens,
 de onde os novos brotaram, e os agros medonhos
 aos colonos. Nem quando do pai Cadmo o paço
 ante as cinzas mortais, da iníqua Juno o anúncio,
 desabou e nem quando, possuindo honra fúnebre, 185
 chegou do irrequieto monte o infausto Átamas,
 ah! com ledor clamor trazendo Learco exânime,
 houve em Tebas um choro assim; e nem mais alto
 soaram casas Fenícias quando, exausta, às fúrias
 venceu e aos sócios prantos espantou-se Agave. 190
 No fado um dia afim e na expressão da angústia
 igual foi o em que expiou o grandíloquo orgulho
 a filha, envolta em mágoas sem conta, de Tântalo,
 corpos tomando à terra e ansiando chamas várias.
 Tal era o agir do vulgo, e, assim, deixando a urbe, 195
 jovens e velhos, mães, como um extenso enxame,

inuidiam planxere deis miseroque tumultu
 bina per ingentes stipabant funera portas.
 meque ipsum memini – necdum apta doloribus aetas –
 flesse tamen gemituque meos aequasse parentes. 200
 illa tamen superi. nec quod tibi, Delia, castos
 prolapsum fontes specula temerare profana
 heu dominum insani nihil agnouere Molossi,
 deflerim magis, aut uerso quod sanguine fluxit
 in subitos regina lacus: sic dura Sororum 205
 pensa dabant uisumque Ioui. nunc regis iniqui
 ob noxam inmeritos patriae tot culmina ciues
 exuimus, nec adhuc calcati foederis Argos
 fama subit, et iam bellorum extrema dolemus.
 quantus equis quantusque uiris in puluere crasso 210
 sudor! io quanti crudele rubebitis amnes!
 uiderit haec bello uiridis manus: ast ego doner
 dum licet igne meo terraque insternar auita!”
 haec senior, multumque nefas Eteoclis aceruat
 crudelem infandumque uocans poenasque daturum. 215
 unde ea libertas? iuxta illi finis et aetas
 tota retro, seraeque decus uelit addere morti.
 haec sator astrorum iamdudum e uertice mundi
 prospectans primoque imbutas sanguine gentes
 Graduum acciri propere iubet. ille furentes 220
 Bistonas et Geticas populatus caedibus urbes
 turbidus aetherias currus urguebat ad arces,
 fulmine cristatum galeae iubar armaque in auro
 tristia, terrificis monstrorum animata figuris,
 incutiens: tonat axe polus clipeique cruenta 225
 lux rubet, et solem longe ferit aemulus orbis.
 hunc ubi Sarmaticos etiamnum efflare labores
 Iuppiter et tota perfusum pectora belli
 tempestate uidet: "talis mihi, nate, per Argos,

o ódio aos deuses plangiam e em tumulto mísero,
em cada ingente porta, a dois corpos seguiam-se.
Recordei como eu mesmo – inda às dores inapto –
chorei, porém, e em pranto igualei os meus pais. 200
Coisas dos céus. Mais, Délia, após as castas águas
manchar ao se estirar de ímpio mirante, quando
loucos não conheceram seu dono os Molossos,
não choraria; ou quando a rainha, outro sangue,
p’ra brusca fonte fluiu: das Irmãs, duros vinham 205
os fios, com Jove acorde. Ora, por mal de injusto
rei, os sumos da pátria nós, sem dignos sermos,
perdemos; nem, do acordo depreciado, em Argos
chegou a fama e o extremo das guerras sofremos.
De corcéis quanto, quanto de heróis no pó gordo 210
o suor! Ah, quantos rios vermelhados de sangue!
Na guerra, as verdes tropas verão isso: eu ganhe,
pois, com chamas e em terra avita ser coberto!”.
Eis o ancião; muito ao nefas de Etéocles acresce,
cruel e infando o chamando e castigos prevendo. 215
Donde essa audácia? Junto ao fim, os anos todos
p’ra trás, pretende à tarda morte unir grandezas.
Tais coisas, do alto mundo o genitor dos astros
vendo, e o povo no sangue primeiro embebido,
manda que Marte evoquem logo: tendo os feros 220
Bístones devastado com morte, e urbes Géticas,
com raiva aos célios fortes seu carro avançava,
o plúmeo lume do elmo claro e as áureas armas
tristes, por atros vultos de monstros quais vivas,
brandindo: com eixo soa o polo, e a luz do clípeo, 225
sangrenta, cora e longe fere o sol, o orbe êmulo.
E quando arfando ainda com o labor Sarmático,
todo o peito em tormentos de guerra imergido,
o vendo Jove: “igual, por mim, filho, a Argos vai,

talis abi, sic ense madens, hac nubilus ira. 230
 exturbent resides frenos et cuncta perosi
 te cupiant, tibi praecipites animasque manusque
 deuouent; rape cunctantes et foedera turba,
 cui dedimus; tibi fas ipsos incendere bello
 caelicolas pacemque meam. iam semina pugnae 235
 ipse dedi: remeat portans inmania Tydeus
 ausa, ducis scelus et, turpis primordia belli,
 insidias fraudesque, suis quas ultus in armis.
 adde fidem. uos, o superi, meus ordine sanguis,
 ne pugnare odiis, neu me temptare precando 240
 certetis; sic Fata mihi nigraeque Sororum
 iurauere colus: manet haec ab origine mundi
 fixa dies bello, populique in proelia nati.
 quod ni me ueterum poenas sancire malorum
 gentibus et diros sinitis punire nepotes, 245
 arcem hanc aeternam mentisque sacraria nostrae
 testor et Elysios, etiam mihi numina, fontes:
 ipse manu Thebas correptaque moenia fundo
 excutiam uersasque solo super Inacha tecta
 effundam turres aut stagna in caerula uerram 250
 imbre superiecto, licet ipsa in turbine rerum
 Iuno suos colles templumque amplexa laboret."
 dixit, et attoniti iussis; mortalia credas
 pectora, sic cuncti uocemque animosque tenebant:
 non secus ac longa uentorum pace solutum 255
 aequor et imbelli recubant ubi litora somno,
 siluarumque comas et abacto flamine nubes
 mulcet iners aestas; tunc stagna lacusque sonori
 detumuere, tacent exusti solibus amnes.
 gaudet ouans iussis et adhuc temone calenti 260
 feruidus in laeuum torsit Gradius habenas.
 iamque iter extremum caelique abrupta tenebat,

com ferro assim umente, igual, sombrio por iras. 230
 Que inquietem os supressos freios, tudo odiando
 te anseiem e que as mãos a ti e almas precípites
 votem; que aos cautos varras e os acordos turbes
 acedemos; é fás que à guerra os próprios deuses
 e minha paz conflagres. Do combate os gérmens 235
 eu mesmo dei: Tideu retorna, a imensa audácia
 trazendo, os crimes régios e, orto vil p'ra guerra,
 fraudes e embustes, que vingou com suas armas.
 Tu soma a fé. Vós, deuses, ordem do meu sangue,
 nem a com ódio lutar, ou me assaltar com preces, 240
 contendei; pois que o Fado e das Irmãs as negras
 rocas deram-me: é o dia, desde o advir do mundo,
 certo p'ra guerra, e a gente p'ra o prélio nascida.
 Pois se, a mim, dar as penas das priscas maldades
 aos povos não deixais, nem diros punir pósteros, 245
 com os arcanos da nossa mente e este auge eterno
 juro e, a mim também numes, com as fontes Elísias:
 com a mão eu mesmo a Tebas e muros, das bases,
 puxo e, inversas, ao solo e sobre as casas de Ínaco
 derrubo as torres e as dissolvo com águas cérulas, 250
 lançando chuvas, mesmo que no caos a própria
 Juno aos montes e ao templo abraçada sucumba.”

Disse, e às ordens tremeram; mortais crês os peitos,
 e, assim, juntos as vozes e as mentes detinham:
 não diverge, tranquilo com ampla paz dos ventos, 255
 o mar plano ou, restando em sono imbele, a costa,
 e as folhagens dos bosques, e as nuvens sem brisa
 que mole o estio afaga; e, soantes, lamas e águas
 se abrandam, e por sol queimados os rios calam.

Folga ovante com o mando e, com o quente timão 260
 fervendo, à esquerda torce o Gradivo as correias.
 A estrada extrema e os íngremes dos céus tomava

cum Venus ante ipsos nulla formidine gressum
 figit equos; cessere retro iam iamque rigentes
 suppliciter posuere iubas. tunc pectora summo 265
 adclinata iugo uultumque obliqua madentem
 incipit – interea dominae uestigia iuxta
 spumantem proni mandunt adamanta iugales:
 “bella etiam in Thebas, socer o pulcherrime, bella
 ipse paras ferroque tuos abolere nepotes? 270
 nec genus Harmoniae nec te conubia caelo
 festa nec hae quicquam lacrimae, furibunde, morantur?
 criminis haec merces? hoc fama pudorque relictus,
 hoc mihi Lemniacae de te meruere catenae?
 perge libens; at non eadem Volcania nobis 275
 obsequia, et laesi seruit tamen ira mariti!
 illum ego perpetuis mihi desudare caminis
 si iubeam uigilesque operi transmittere noctes,
 gaudeat ornatusque novos ipsique laboret
 arma tibi; tu – sed scopulos et aëna precando 280
 flectere corda paro; solum hoc tamen anxia, solum
 obtestor, quid me Tyrio sociare marito
 progeniem caram infaustisque dabas hymenaeis,
 dum fore praeclaros armis et uiuida rebus
 pectora uipereo Tyrios de sanguine inactas 285
 demissumque Iouis serie genus? a! mea quanto
 Sithonia malle nupsisset uirgo sub Arcto
 trans Borean Thracasque tuos! indigna parumne
 pertulimus, diuae Veneris quod filia longum
 reptat et Illyricas deiectat uirus in herbas? 290
 nunc gentem inmeritam –” lacrimas non pertulit ultra
 Bellipotens; hastam laeua transumit et alto
 – haud mora – desiluit curru clipeoque receptam
 laedit in amplexu dictisque ita mulcet amicis:
 “o mihi bellorum requies et sacra uoluptas 295

quando Vênus sem medo algum firma os seus pés
 ante os corcéis: p'ra trás se voltam e, antes hirtas,
 servis suas crinas pousam. Então, peito ao sumo 265
 carro dobrado e oblíqua, o seu rosto encharcado,
 começa – enquanto, junto aos rastros da senhora,
 os corcéis, presos, mascam seus freios espúmeos:
 “A guerra, então, ó lindo sogro, a guerra, a Tebas
 tu preparas, tu próprio, e a ferro o fim dos netos? 270
 Nem de Harmonia a prole, nem no céu as festas
 conjugais, nem meu pranto, ó furioso, te atrasam?
 É mercê por meu crime? A fama e o pejo exposto
 vindo de ti merecem isso? E os grilhões Lêmnios?
 Ledo vai: nem por nós tens de Vulcano o mesmo 275
 obséquio, pois do esposo iluso a ira serve-me!
 Que ele por mim trabalhe em fornalha perpétua,
 se eu pedir, e que em lida as noites passe alerta,
 se alegre, e ornatos novos constrói e a ti mesmo
 armas! Tu... mas as rochas e corações brônzeos, 280
 rogando, arquear eu faço; isso, e só isso, ansiosa,
 suplico: por que a mim juntar a um Tírio esposo
 minha amada progênie em tristes núpcias destes,
 sabendo em armas nobres, e por glórias vívidos
 os peitos, de um vipéreo sangue oriundos, Tírios, 285
 gente de Jôvea casta? Ah!, quanto eu mais queria
 que essa virgem casasse ante a Ursa dos Sítones,
 p'ra além dos Trácios teus e Bóreas! Pouco, pois,
 nós sofremos com a filha – de Vênus, a deusa! –
 que se arrasta e a peçonha lança a ervas Ilíricas? 290
 E insonte a gente, então...” Mais, o Belipotente
 não suportou seu pranto; agarra à sestra a lança,
 sem vagar deixa o carro e, no clipeo acolhendo,
 com o abraço fere e assim com fala amiga afaga:
 “Ó das guerras meu ninho, ó meu sacro prazer, 295

unaque pax animo; soli cui tanta potestas
 diuorumque hominumque, meis occurrere telis
 impune et media quamuis in caede frementes
 hos adsistere equos, hunc ense auellere dextrae:
 nec mihi Sidonii genialia foedera Cadmi 300
 nec tua cara fides – ne falsa incessere gaude! –
 exciderunt: prius in patruis infera mergar
 stagna et pallentes agar exarmatus ad umbras.
 sed nunc fatorum monitus mentemque supremi
 iussus obire patris – neque enim Vulcania tali 305
 imperio manus apta legi –, quo pectore contra
 ire Iouem dictasque parem contemnere leges,
 cui modo – pro uires! – terras caelumque fretumque
 attremere oranti tantosque ex ordine uidi
 delituisse deos? sed ne mihi corde supremos 310
 concipe, cara, metus: quando haec mutare potestas
 nulla datur, cum iam Tyriis sub moenibus ambae
 bellabunt gentes, adero et socia arma iuuabo.
 tunc me sanguineo late deferuere campo
 res super Argolicas haud sic deiecta uidebis; 315
 hoc mihi ius, nec fata uetant.”

sic orsus aperto

flagrantem inmisit equos. non ocius alti
 in terras cadit ira Iouis, si quando niuaem
 Othryn et Arctoae gelidum caput institit Ossae
 armauitque in nube manum: uolat ignea moles 320
 saeua dei mandata ferens, caelumque trisulca
 territat omne coma iamdudum aut ditibus agris
 signa dare aut ponto miseros inuoluere nautas.
 iamque remensus iter fesso Danaeiae Tydeus
 arua gradu uiridisque legit deuexa Prosymnae 325
 terribilis uisu: stant fulti puluere crines,
 squalidus ex umeris cadit alta in uulnera sudor,

da alma paz rara! Em ti somente é grande a força
dentre varões e deuses p'ra obstar os meus dardos
impune, e, mesmo em meio à ceifa, entre furiosos
cavalos pôr-se e, então, tirar-me à destra o ferro:
nem a mim do Sidônio Cadmo os pactos festos, 300
nem tua fé certa – em falso prazer não incorras –
depõem: antes baixar – um deus! – ao lago ínfero
do tio paterno e inerme andar às sombras pálidas.
Ora, os Fados sabendo, enviado, a mente eu devo
do pai supremo ouvir: nem, pois, a mão Vulcânea 305
p'ra esse ofício se pode escolher; com que audácia
ir contra Jove eu posso, e esnoabar suas leis dadas,
de quem – tamanha força! – a terra, o céu e o mar,
somente a um rogo, eu vi tremer, e deuses tantos
se esconderem? No peito, porém, clamo, extremos 310
medos não pensa, ó cara; e que isso mude força
não há: quando às muralhas Tírias os dois povos
se enfrentarem eu desço e às armas sócias sirvo.
Então, por todo o campo cruento, a mim, gelando
verás a causa Argiva, e sem que assim te prostres. 315
Eis meu jus; não o vetam os Fados.”

Ao pérvio

leva os flâmeos corcéis. Nem, do alto, mais veloz,
de Jove em terra a ira cai, qual quando ao níveo
Ótris detém-se e ao pico algente do Ossa Arcturo,
e arma a sua mão na nuvem: desce a ígnea massa, 320
sevas ordens do deus trazendo, e o céu com a coma
trissulca, inteiro, alarma: e, então, aos ricos agros
traz sinais ou, no abismo, envolve nautas míseros.

Ora, Tideu repassa a trilha e os campos Dânaos,
lasso o andar, de Prosimne as verdes rampas nota, 325
terríveis à visão: com poeira as comas firmam-se,
e imundo cai dos ombros na ampla chaga o suor,

insomnesque oculos rubor excitat, oraque retro
 sorbet anhela sitis; mens altum spirat honorem
 conscia factorum. sic nota in pascua taurus 330
 bellator redit, aduerso cui colla suoque
 sanguine proscissisque natant palearibus armi;
 tunc quoque lassa tumet uirtus multumque superbit
 pectore despecto; uacua iacet hostis harena
 turpe gemens crudosque uetat sentire' dolores. 335
 talis erat; medias etiam non destitit urbes,
 quidquid et Asopon ueteresque interiacet Argos,
 inflammare odiis, multumque et ubique retexens
 legatum sese Graia de gente petendis
 isse super regnis profugi Polynicis, at inde 340
 uim, noctem, scelus, arma, dolos; ea foedera passum
 regis Echionii, fratri sua iura negari.
 prona fides populis; deus omnia credere suadet
 Armipotens, geminatque acceptos Fama pauores.
 utque introgressus portas – et forte uerendos 345
 concilio pater ipse duces cogebat Adrastus –,
 improuisus adest, iam illinc a postibus aulae
 uociferans: “arma, arma, uiri, tuque optime Lernaee
 ductor, magnanimum si quis tibi sanguis auorum,
 arma para! nusquam pietas, non gentibus aequum 350
 fas aut cura Iouis; melius legatus adissem
 Sauromatas rabidos seruatoremq;ue cruentum
 Bebrycii nemoris. nec iussa incuso pigetue
 officii: iuuat isse, iuuat, Thebasque nocentes
 explorasse manu; bello me, credite, bello, 355
 ceu turrem ualidam aut artam compagibus urbem,
 delecti insidiis instructique omnibus armis
 nocte doloque uiri nudum ignarumque locorum
 nequiquam clausere; iacent in sanguine mixti
 ante urbem uacuam. nunc o nunc tempus in hostes, 360

e um rubro inflama o insone olhar, e a boca seca
 sorve o alento; e a altas honras aspira sua mente,
 dos feitos cônica. Assim, em noto pasto o touro 330
 guerreiro volta, o colo em seu próprio e no alheio
 sangue dos papos lanhos, os membros molhados;
 e aumenta então a lassa força e muito orgulha-se,
 desdenhando seu peito; e o hostil, na arena vácuo,
 gemendo torpe impede que árduas sinta as dores: 335
 assim, Tideu não deixa de, em meio às cidades,
 a todos que entre Asopo e Argos velha estivessem
 co' o ódio atear, relatando sempre em toda parte:
 que ele, dos Graios núncio, a instar de Polinices
 prófugo o reino fora, e então, por consequência, 340
 a fúria, a noite, os crimes, dolos e armas: estes,
 do Tírio rei o acordo; e o jus negou-se ao mano.
 Disposta a fé do povo, a crer persuade o deus
 Armipotente, e a Fama expande ouvidos medos.
 Às portas adentrando – por sorte, aos verendos 345
 chefes reunira o pai Adrasto em um consílio –,
 se achega inesperado e à entrada da aula brada:
 “Armas, armas, varões! De Lerna o melhor líder,
 se de avós grandes vem teu sangue, vai às armas!
 A piedade é nenhuma e, entre os povos, nenhum 350
 fás justo ou zelo a Jove; núncio, antes aos rábidos
 Saurômatas marchasse ou ao guarda dos bosques,
 cruento, Bébrices. Ordens não culpo, ou desgosta
 o empenho: apraz ter ido, apraz, e a infesta Tebas
 na mão provar; com guerra, acreditai, com guerra, 355
 qual firme torre ou urbe em junções encerrada,
 a embuste eleitos e equipados com armas várias,
 à noite em dolo, heróis, em campo obscuro e nu,
 em vão, a mim cercaram; junto ao sangue jazem
 na urbe inane. Aos rivais agora é o tempo, agora, 360

dum trepidi exanguesque metu, dum funera portant,
 nunc, socer, haec dum non manus excidit; ipse ego fessus
 quinquaginta illis heroum inmanibus umbris
 uulneraque ista ferens putri insiccata cruore
 protinus ire peto!”

trepidi de sedibus astant 365

Inachidae, cunctisque prior Cadmeius heros
 accurrit uultum deiectus et “o ego diuis
 inuisus uitaeque nocens haec uulnera cerno
 integer? hosne mihi reditus, germane, parabas?
 in me haec tela dabas? pro uitae foeda cupido! 370

infelix, facinus fratri tam grande negaui.
 et nunc uestra quidem maneant in pace quieta
 moenia, nec uobis tanti sim causa tumultus
 hospes adhuc. scio – nec me adeo res dextra leuauit –
 quam durum natis, thalamo quam triste reuelli, 375

quam patria; non me ullius domus anxia culpet
 respectentue truces obliquo limine matres.
 ibo libens certusque mori, licet optima coniunx
 auditusque iterum reuocet socer; hunc ego Thebis,
 hunc, germane, tibi iugulum et tibi, maxime Tydeu, 380
 debeo.”

sic uariis pertemptat pectora dictis
 obliquatque preces. commotae questibus irae
 et mixtus lacrimis caluit dolor; omnibus ultro
 non iuuenum modo, sed gelidis et inertibus aeuo
 pectoribus mens una subit, uiduare penates, 385

finitimas adhibere manus, iamque ire. sed altus
 consiliis pater imperiique haud flectere molem
 inscius: “ista quidem superis curaeque medenda
 linquite, quaeso, meae: nec te germanus inulto
 scepra geret, neque nos auidi promittere bellum. 390
 at nunc egregium tantoque in sanguine ouantem

enquanto exangues tremem e velam seus mortos,
 sogro, enquanto essa mão não se olvida; cansado
 por cinquenta das vastas sombras de seus homens,
 e essa chaga trazendo umente em sangue pútrido,
 quero eu mesmo atacar!”

Inquietos, se levantam 365

os Inácios; e o herói Cadmeu, antes que os outros,
 se chega e, olhos ao chão: “ah! Eu, pelos celestes
 malvisto e infesto à vida, a essas chagas incólume
 miro? Essa volta, irmão, tramavas, pois, p’ra mim?
 P’ra mim os dardos? Que atro anseio meu de vida! 370
 Infausto, ao mano um crime tão grande eu neguei.
 Em paz, agora ao menos, fiquem quietos vossos
 muros e, hóspede, a vós eu não cause um tumulto
 tamanho. Eu sei – a sorte destra não me trouxe –
 quão duro à prole, ao leito quão ruim ser tirado, 375
 quão, à pátria. A mim, casa alguma culpe, ansiosa,
 ou da entrada me sigam com o olhar sevas mães.
 Eu vou contente à morte certa, embora a esposa
 chame e o sogro, de novo ouvido; a Tebas, mano,
 e a ti meu colo, e a ti também, Tideu magnânimo, 380
 eu devo.”

Assim, os peitos prova com as palavras
 e obsta rogos. Movendo-se a ira com as queixas,
 mista ao pranto se aquece a dor; aos peitos todos,
 e não só aos dos jovens, mas aos frios e eméritos,
 se assoma um pensamento: enviivar os penates, 385
 convocar mãos vizinhas e marchar. Mas, pródigo,
 o pai, aos homens, mestre em mudar do primado
 o peso, diz: “tais coisas aos céus e aos meus zelos
 deixai, vos peço; o irmão, contigo inulto, ao cetro
 não vai gerir, nem guerra inquietos proporemos. 390
 Agora, então, egrégio e em tanto sangue ovante,

excipite Oeniden, animosaque pectora laxet
sera quies: nobis dolor haud rationis egebit.”

turbati extemplo comites et pallida coniunx
Tydea circum omnes fessum bellique uiaequae 395

stipantur. laetus mediis in sedibus aulae
constitit, ingentique exceptus terga columna,
uulnera dum lymphis Epidaurius eluit Idmon
– nunc uelox ferro, nunc ille tepentibus herbis
mitior – , ipse alta seductus mente renarrat 400

principia irarum, quaeque orsus uterque uicissim,
quis locus insidiis, tacito quae tempora bello,
qui contra quantique duces, ubi maximus illi
sudor, et indicio seruatum Maeona tristi
exponit. cui fida manus proceresque socerque 405
astupet oranti, Tyriusque incenditur exul.

soluerat Hesperii deuexo margine ponti
flagrantes Sol pronus equos rutilamque lauabat
Oceani sub fonte comam, cui turba profundi
Nereos et rapidis accurrunt passibus Horae, 410

frenaque et auratae textum sublime coronae
deripiunt, laxant calidis umentia loris
pectora; pars meritos uertunt ad molle iugales
gramen et erecto currum temone supinant.
Nox subiit curasque hominum motusque ferarum 415

composuit nigroque polos inuoluit amictu,
illa quidem cunctis, sed non tibi mitis, Adraste,
Labdacioque duci: nam Tydea largus habebat
perfusum magna uirtutis imagine somnus.

et iam noctiuagas inter deus armifer umbras 420
desuper Arcadiae fines Nemeaeaque rura
Taenariumque cacumen Apollineasque Therapnas
armorum tonitru ferit et trepidantia corda
implet amore sui. comunt Furor Iraque cristas,

saudai o Enida; ao peito animoso, que a calma
tarda aquiete: razão, em nós, de dor não falta.”

Logo, os sócios inquietos e a esposa palente,
todos, junto a Tideu, de guerra e estrada exausto, 395
se apertam. Ledo, em meio aos salões do palácio
detém-se e, em um pilar imenso as costas firmes
enquanto as chagas Ídmon, o Epidáurio, enxágua
– ora veloz com o ferro, ora com as ervas tépidas
doce –, longe em lembranças fundas por si narra: 400
os princípios da ira e o que em ordem disseram;
qual da insídia o local, o tempo em guerra tácita;
quais rivais, quantos chefes, quando lhe foi sumo
o empenho; o absolto Méon com tristes notícias
proclama. As tropas certas, os grandes e o sogro 405
se aterram com o discurso e queima o Tírio êxule.

À oblíqua margem do Héspero mar já soltara
os corcéis ígneos, pronos, o Sol e aguava a rútila
coma à fonte do Oceano; o bando do profundo
Nereu, a ele, e as Horas de ágeis passos correm: 410
sublime, a trama da áurea coroa e as suas rédeas
tomam e os quentes loros afrouxam nos úmidos
peitos; das dignas juntas, parte aos tenros pastos
retorna e o carro, erguido o seu timão, inclinam.
Subiu a Noite, os medos dos homens e as feras 415
pacificou e os céus cobriu com o manto negro
– ela, com todos branda, Adrasto, e não contigo,
e nem com o herói Labdácida. Tideu, pois, tinha
submerso em magna imagem de virtude o sono.

E entre sombras notívagas, o deus armífero 420
do alto aos lindes Arcádios e campos Nemeus,
à Terapne de Apolo e aos extremos de Tênaros
com troço das armas fere e os trepidantes peitos
enche com amor por si. Furor e Ira nas cristas,

frena ministrat equis Pauor armiger. at uigil omni 425
 Fama sono uanos rerum succincta tumultus
 anteuolat currum flatuque impulsa gementum
 alipedum trepidas denso cum murmure plumas
 excutit: urguet enim stimulis auriga cruentis
 facta, infecta loqui, curruque infestus ab alto 430
 terga comasque deae Scythica pater increpat hasta.
 qualis ubi Aeolio dimissos carcere Ventos
 dux prae se Neptunus agit magnoque uolentes
 incitat Aegaeo; tristis comitatus eunti
 circum lora fremunt Nimbique Hiemesque profundae 435
 Nubilaque et uulso terrarum sordida fundo
 Tempestas: dubiae motis radicibus obstant
 Cyclades, ipsa tua Mycono Gyaroque reuelli,
 Dele, times magnique fidem testaris alumni.
 septima iam nitidum terris Aurora deisque 440
 purpureo uehit ore diem, Perseius heros
 cum primum arcana senior sese extulit aula,
 multa super bello generisque tumentibus amens
 incertusque animi, daret armis iura nouosque
 gentibus incuteret stimulos, an frena teneret 445
 irarum et motos capulis adstringeret enses.
 hinc pacis tranquilla mouent, atque inde pudori
 foeda quies, flectique noua dulcedine pugnae
 difficiles populi; dubio sententia tandem
 sera placet, uatum mentes ac prouida ueri 450
 sacra mouere deum. sollers, tibi cura futuri,
 Amphiarae, datur, iuxtaque Amythaone cretus
 – iam senior sed mente uiret Phoeboque – Melampus
 adsociat passus: dubium cui pronus Apollo
 oraque Cirrhaea satiarit largius unda. 455
 principio fibris pecudumque in sanguine diuos
 explorant; iam tum pauidis maculosa bidentum

Pavor guerreiro atende os freios. Aos sons todos 425
 viva, a Fama, por várias versões do ato envolta,
 supera o carro e, impulsa ao arfar dos alípedes
 gementes, com murmúrio denso penas trépidas
 sacode: impele o auriga com cruento aguilhão
 a expor o feito e o falso; infesto, do alto carro, 430
 a divo dorso e coma insta o pai com haste Cítia.
 Quais quando Ventos, livres do cárcere Eólio,
 leva ante si Netuno chefe e ao magno Egeu
 ávidos os impele; triste, em marcha o séquito,
 à volta os loros freme; Nimbos, fortes Chuvas, 435
 Nuvens e, da terrestre entranha vinda, a suja
 Tormenta: obstam, raízes volvidas, as dúbias
 Cíclades – e à tua Mícono, ó Delos!, e a Gíaro
 temes te extirpem: rogas do alto filho a ajuda.
 À terra e aos céus a sétima Aurora um já nítido 440
 dia com a face rubra entrega; o herói Perseide,
 primeiro, o paço arcano, mais velho, deixou,
 a guerra e os genros tímidos muito o agitando,
 incerta a mente: ou dava às armas jus e, novo,
 dava ao povo um impulso, ou as rédeas tomava 445
 da ira e, ao cabo, as espadas brandidas detinha.
 Ora o impele da paz a calma, e ora a vergonha
 da infame inércia, e de inclinar o povo à bélica
 doçura o esforço; enfim, ao hesitante um tardo
 arbítrio apraz: de vates a mente e os presságios 450
 que o deus dá, certos. Destro, o zelo do futuro,
 Anfiarau, te foi dado, e o Amitáonide – mesmo
 já velho, em senso e Febo floresce – Melampo
 teu rastro segue: incerto a qual Apolo é prono,
 na água Círria a que boca satisfaz mais pródigo. 455
 Nas entranhas, no sangue de reses, aos deuses
 tentam; temendo, os cárdia eivados de bidentes

corda negant diraque nefas minitanti uena.
 ire tamen uacuoque sedet petere omina caelo.
 mons erat audaci seductus in aethera dorso 460
 – nomine Lernaei memorant Aphasanta coloni –
 gentibus Argolicis olim sacer; inde ferebant
 nubila suspenso celerem temerasse uolatu
 Persea, cum raptos pueri perterrita mater
 prospexit de rupe gradus ac paene secuta est. 465
 hoc gemini uates sanctam canentis oliuae
 fronde comam et niueis ornati tempora uittis
 euadunt pariter, madidos ubi lucidus agros
 ortus et argentes laxauit sole pruinas.
 ac prior Oeclides solitum prece numen amicat: 470
 “Iuppiter omnipotens – nam te perniciousis alis
 addere consilium uolucresque implere futuri
 ominaque et causas caelo deferre latentes
 accipimus –, non Cirrha deum promiserit antro
 certius, aut frondes lucis quas fama Molossis 475
 Chaonias sonuisse tibi, licet aridus Hammon
 inuideat Lyciaeque parent contendere sortes
 Niliacumque pecus patrioque aequalis honori
 Branchus et undosae quem rusticus accola Pisae
 Pana Lycaonia nocturnum exaudit in umbra: 480
 ditior ille animi, cui tu, Dictaee, secundas
 impuleris manifestus aues. mirum unde, sed olim
 hic honor alitibus, superae seu conditor aulae
 sic dedit effusum chaos in noua semina texens,
 seu quia mutatae nostraque ab origine uersis 485
 corporibus subiere notos, seu purior axis
 amotumque nefas et rarum insistere terris
 uera docent: tibi, summe sator terraeque deumque,
 scire licet: nos Argolicae primordia pugnae
 uenturumque sinas caelo praenosse laborem. 490

recusam e, ameaçando um nefas diro, as veias.

Marchar, então, e ao céu vazio rogar decidem.

Um monte havia, audaz encosta ao céu erguida, 460
 – pelo nome Afesante o povo Lérneo o lembra –
 de outrora sacro a Argivos povos, donde, diz-se,
 as nuvens profanara em voo suspenso o célere
 Perseu quando assustada a mãe, do filho, fortes
 mirou, do cimo, os passos, quase o perseguindo. 465
 O morro os gêmeos vates, com alva e flórea oliva
 as santas mechas, fronde ornada em níveas fitas,
 transpõem assim que os agros umentes luzindo
 com o sol e a algente geadas o nascente amainou.
 Primeiro ao nune o Eclida com prece assegura: 470
 “Jove excelso! Que és tu quem a imparáveis asas
 os desígnios ministra, e enche as aves com fado
 e entrega aos céus presságios e causas latentes
 sabemos; nem que Cirra à gruta enviasse o deus,
 mais precisa, e nos bosques Molossos as Cáones 475
 frondes soassem por ti, e inda que, árido, Ámon
 te inveje e as sortes Lícias contender semelhem,
 ou que o touro do Nilo e, em honra igual ao pai,
 Branco, ou quem os rurais afins à ondeante Pisa
 escutam nas Licáones sombras – Pã noturno –: 480
 de alma rica, Dicteu, é aquele a quem, propícias,
 mandas patente as aves. Pasma, mas é de antes
 p’ra os áleos honra tal: o criador da aula súpera
 anuiu, tecendo o efuso caos em novos gérmens,
 ou distintas, com corpos de orto tal os nossos 485
 mudados, aos céus sobem, ou mais puro o polo,
 longe o nefas, e o raro que andem sobre a terra
 expõem as veras: sumo autor de terra e deuses,
 saibas: a nós, da guerra Argólida os primórdios
 deixa nos céus prevermos, e o vindouro esforço. 490

si datur et duris sedet haec sententia Parcis
 soluere Echionias Lernaeva cuspide portas,
 signa feras laeuusque tones; tunc omnis in astris
 consonet arcana uolucris bona murmura lingua.
 si prohibes, hic necte moras dextrisque profundum 495
 alitibus praetexe diem.” sic fatus et alto
 membra locat scopulo; tunc plura ignotaque iungit
 numina et inmensi fruitur caligine mundi.
 postquam rite diu partiti sidera cunctas
 perlegere animis oculisque sequacibus auras, 500
 tunc Amythaonius longo post tempore uates:
 “nonne sub excelso spirantis limite caeli,
 Amphiaräe, uides, cursus ut nulla serenos
 ales agat liquidoque polum complexa meatu
 pendeat aut fugiens placabile plauserit omen? 505
 non comes obscurus tripodum, non fulminis ardens
 uector adest, flauaeque sonans auis unca Mineruae
 non uenit auguriis melior; quin uultur et altis
 desuper accipitres exultauere rapinis.
 monstra uolant: dirae stridunt in nube uolucres, 510
 nocturnaeque gemunt striges et feralia bubo
 damna canens. quae prima deum portenta sequamur?
 hisne dari, Thymbraee, polum? simul ora recuruo
 ungue secant rabidae planctumque imitantibus alis
 exagitant zephyros et plumea pectora caedunt.” 515
 ille sub haec: “equidem uarii, pater, omina Phoebi
 saepe tuli: iam tum, prima cum pube uirentem
 semideos inter pinus me Thessala reges
 duceret, his casus terraeque marisque canentem
 obstipuere duces, nec me uentura locuto 520
 saepius in dubiis auditus Iasoni Mopsus.
 sed similes non ante metus aut astra notau
 prodigiosa magis; quamquam maiora parantur.

Se isso é dado, e assentou-se pelas duras Parcas
 fender com a lança Lérnea as portas Equiônidas,
 traze os sinais e à sestra troa; então, nos astros
 soem em língua arcana os bons silvos das aves.
 Se opões-te, entraves tece aqui e à destra, ao dia 495
 firme oculta com as aves.” Dizendo isso, no alto
 rochedo põe os membros; junta, ignotos, vários
 numes, fruindo do imenso universo a caligem.

Depois que, repartido o céu conforme os ritos,
 leram com olhar sequaz e mente as auras todas, 500
 disse após longo tempo o adivinho Amitáonide:
 “Do céu que espira, acaso, sob o excelso extremo,
 Anfiarau, tu não vês que ave alguma voos calmos
 cursa, ou cingindo o polo num mover-se líquido
 plana, ou voando mansa aplaude algum portento? 505

Da trípode o atro irmão, do raio o arauto ardente
 não chegam, ou, soando, de Atena a álea adunca
 vem com melhor agouro; mas abutres com altas
 rapinas e os falcões no em cima se assoberbam.
 Monstros voam: na nuvem guincham diras aves, 510
 geme noturna estrige, canta o bubo os fúnebres
 danos. Do deus, que eventos seguimos primeiro?
 Assim, Timbreu, se dá o polo? Com unhas curvas
 rasgam, feras, os rostos; com asas tal qual choros,
 aos Zéfiro perturbam, rompem peitos plúmeos.” 515

E aquele: “augúrios, pai, do vário Febo, é certo,
 sempre aguntei: já quando, em prima puberdade
 verde, o pinho Tessálio entre os reis semideuses
 levou-me, ao lhes cantar de terra e mar as sortes
 se aturdiram os chefes; do que eu, dito o póstero, 520
 por Jasão mais ouvido em cismas não foi Mopso.
 Mas, antes, medos quais não observei, ou astros
 mais prodigiosos – tramam, pois, coisas maiores.

huc aduerte animum: clara regione profundi
 aetheros innumeri statuerunt agmina cycni. 525
 siue hos Strymonia Boreas eiecit ab Arcto,
 seu fecunda refert placidi clementia Nili.
 fixerunt cursus: hac rere in imagine Thebas:
 nam sese inmoti gyro atque in pace silentes
 ceu muris ualloque tenent. sed fortior ecce 530
 aduentat per inane cohors; septem ordine fuluo
 armigeras summi Iouis exsultante caterua
 intuor: Inachii sint hi tibi, concipe, reges.
 inuasere globum niuei gregis uncaque pandunt
 caedibus ora nouis et strictis unguibus instant. 535
 cernis inexperto rorantes sanguine uentos,
 et plumis stillare diem? quae saeua repente
 uictores agitat leto Iouis ira sinistri?
 hic excelsa petens subita face solis inarsit
 summisitque animos, illum uestigia adortum 540
 maiorum uolucrum tenerae deponitis alae,
 hic hosti implicitus pariter ruit, hunc fuga retro
 uoluit agens sociae linquentem fata cateruae,
 hic nimbo glomeratus obit, hic praepete uiua
 pascitur inmoriens; spargit caua nubila sanguis. 545
 quid furtim illacrimas? illum, uenerande Melampu,
 qui cadit, agnosco." trepidos sic mole futuri
 cunctaque iam rerum certa sub imagine passos
 terror habet uates; piget irrupisse uolantum
 concilia et caelo mentem insertasse uetanti, 550
 auditique odere deos.

unde iste per orbem
 primus uenturi miseris animantibus aeger
 creuit amor? diuumne feras hoc munus, an ipsi,
 gens auida et parto non umquam stare quieti,

Volta a atenção p'ra cá: na clara plaga do íntimo
 do éter cisnes sem conta instauraram as tropas. 525
 Ou Bóreas do Estrimônio Arcturo os expulsou,
 ou do tranquilo Nilo o farto obséquio os trouxe.
 Seus rumos firmam: pensa Tebas nessa imagem,
 pois que, num giro, inertes e em paz silenciosos,
 tal muro ou fosso restam; eis, porém, mais forte, 530
 pelo ar se assoma a coorte; sete, em áurea série,
 das guerreiras do excelso Jove, altiva esquadra,
 contemplo: elas, concebe em ti, são reis Inácios.
 Cobrem do níveo grupo a roda e, curvos, abrem
 à nova ceifa os bicos, com hirtas garras instam. 535
 Vês por sangue inexperto orvalhados os ventos
 e, em plumas, escorrendo o dia? Atroz, qual ira
 de Jove sestro empurra à morte as vencedoras?
 Esta, o cimo buscando, ardeu com facho súbito
 e o brio calmou; àquela, que os rastros buscou 540
 de aves grandes, rendestes, vós, as tenras asas;
 esta, ao rival pegada tombou; a outra, em fuga
 volveu largando os fados da esquadra consócia.
 Presa ao nimbo uma finda; de ave viva nutre-se
 outra, morrendo; o sangue tinge a nuvem cava. 545
 Por que choras? Aquela, ó admirável Melampo,
 que cai eu sei." Com o fardo do futuro trépido,
 das coisas sob a exata imago e o todo às costas,
 o horror os vates toma. Turba a invasão do áleo
 consílio, a um céu vetante a elevação da mente, 550
 ter o ódio ouvido aos deuses.

Donde, pelo globo,
 primeiro aos tristes homens pelo fado o nóxio
 amor surgiu? Dom divo pensas ou nós mesmos,
 gente ávida que nunca está calma com o ganho,

eruimus quae prima dies, ubi terminus aevi, 555
 quid bonus ille deum genitor, quid ferrea Clotho
 cogitet? hinc fibrae et uolucrum per nubila sermo
 astrorumque uices numerataque semita lunae
 Thessalicumque nefas. at non prior aureus ille
 sanguis auum scopulisque satae uel robore gentes 560
 mentibus his usae; siluas amor unus humumque
 edomuisse manu; quid crastina uolueret aetas
 scire nefas homini. nos, prauum et flebile uulgus,
 scrutati penitus superos: hinc pallor et irae,
 hinc scelus insidiaeque et nulla modestia uoti. 565
 ergo manu uittas damnataque uertice certa
 deripit abiectaue inhonorus fronde sacerdos
 inuiso de monte redit; iam bella tubaeque
 comminus, absentesque fremunt sub pectore Thebae.
 ille nec aspectum uulgi, nec fida tyranni 570
 conloquia aut coetus procerum perferre, sed atra
 sede tegi, et superum clausus negat acta fateri
 – te pudor et curae retinent per rura, Melampu:
 bisenos premit ora dies populumque ducesque
 extrahit incertis. et iam suprema Tonantis 575
 iussa fremunt agrosque uiris annosaque uastant
 oppida; bellipotens prae se deus agmina passim
 mille rapit; liquere domos dilectaue laeti
 conubia et primo plorantes limine natos:
 tantus in attonitos cecidit deus. arma paternis 580
 postibus et fixos superum ad penetralia currus
 uellere amor; tunc fessa putri robigine pila
 haerentesque situ gladios in saeua recurant
 uulnera et attrito cogunt iuuenescere saxo.
 hi teretes galeas magnorumque aerea suta 585
 thoracum et tunicas Chalybum squalore crepantes
 pectoribus temptare, alii Gortynia lentant

buscamos qual o primo dia e quando o término, 555
 o que o bom pai dos deuses, o que a férrea Cloto
 pensa? Então, fibras, de aves a fala nas nuvens,
 da lua a exata estrada, o alternar-se dos astros
 e o nefas da Tessália. Mas o ancestral e áureo
 sangue avô, gente oriunda das rochas e robles, 560
 tais sentidos não usou; o amor: domar com a mão
 solo e selva; e o que a idade vindoura volvesse,
 saber nefasto aos homens. Povo pravo e flébil,
 a fundo os céus sondamos: então, febre e iras,
 então crimes e embustes, votos sem modéstia. 565

De pronto, ao rosto as fitas e os festões danados
 puxa e, excluídas as folhas, ministro sem honras
 volta do monte odioso; e a guerra já, de trompas
 na mão, a ausente Tebas sob seu peito estronda.
 Nem o aspecto do povo, nem com o rei a íntima 570
 palavra ou reunião com chefes cumpriu: na atra
 casa escuso, ínvio, opõe-se a dar os feitos célios
 – cura e pudor, Melampo, te detêm nos campos:
 por doze dias fecha a boca, ao povo e aos chefes
 na incerteza mantém. Do Tonante as supremas 575
 ordens fremem, afastam varões de agros e urbes
 priscas; diante de si, por tudo, o deus belígero
 mil tropas ergue; as casas deixam festos, caras
 esposas e chorando em frente à porta os natos:
 tamanho aos tensos foi o deus. Armas de pátrios 580
 umbrais e os carros fixos nos sacrários súperos
 querem; os lassos pilos, podres com a ferrugem,
 e os gládios, por descuido presos, à atroz chaga
 restauram e com o atrito da pedra os remoçam.
 Brilhantes gáleas, brônzeas tramas de couraças 585
 notas; roupas rangendo com escamas de Cálibe
 estes testam no peito, outros curvam Gortínios

cornua; iam falces auidis et aratra caminis
 rastraque et incurui saeuum rubuere ligones.
 caedere nec ualidas sanctis e stirpibus hastas, 590
 nec pudor emerito clipeum uestisse iuueno.
 irrupere Argos maestique ad limina regis
 bella animis, bella ore fremunt; it clamor ad auras,
 quantus Tyrrheni gemitus salis, aut ubi temptat
 Enceladus mutare latus; super igneus antris 595
 mons tonat: exundant apices, fluctusque Pelorus
 contrahit, et sperat tellus abrupta reuerti.
 atque hic ingenti Capaneus Mauortis amore
 excitus et longam pridem indignantia pacem
 corda tumens – huic ampla quidem de sanguine prisco 600
 nobilitas; sed enim ipse manu praegressus auorum
 facta –, diu tuto superum contemptor et aequi
 impatiens largusque animae, modo suaserit ira,
 unus ut e siluis Pholoes habitator opacae
 inter et Aetnaeos aequus consurgere fratres 605
 ante fores, ubi turba ducum uulgique frementis,
 Amphiarae, tuas “quae tanta ignauia” clamat,
 “Inachidae uosque o socio de sanguine Achiui?
 unius – heu pudeat! – plebeia ad limina ciuis
 tot ferro accinctae gentes animisque paratae 610
 pendemus? non si ipse cauo – sub uertice Cirrhae
 quisquis is est, timidis famaеque ita uisus – Apollo
 mugiat insano penitus seclusus in antro,
 expectare queam dum pallida uirgo tremendas
 nuntiet ambages. uirtus mihi numen et ensis 615
 quem teneo. iamque hic timida cum fraude sacerdos
 exeat, aut hodie, uolucrum quae tanta potestas,
 experiar.”

laetum fremit assensuque furentem
 implet Achaea manus. tandem prorumpere adactus

cornos; foices, em forjas queimantes, e arados
 rubescem, e os curvados enxadões e ancinhos.
 Nem de às sacras madeiras cortar fortes hastes, 590
 nem de forrar com velho boi o clípeo há pejo.
 Ganham Argos e, às portas do rei triste, freme
 guerra o vigor e, guerra, a voz. Ao céu o brado,
 tal do Tirreno sal o pranto, ou quando intenta
 mudar o lado Encélado: o ígneo, sobre a gruta, 595
 monte trona, o alto entorna, Peloro suas ondas
 modera e a terra aguarda, fendida, o regresso.

E, nisso, Capaneu, por grande amor Mavórcio
 chamado e, há muito, a longa paz o exasperado
 peito inchando – do prisco sangue, ali, é ampla 600
 a nobreza; com a mão, porém, avoengos feitos
 passou –, dos deuses salvo contemptor, inquieto
 com o igual e, caso o excite a ira, largo de alma:
 como um que habita as selvas opacas do Fóloe
 e com igualdade surge entre os irmãos Etneus, 605
 às portas, onde fremem nobre e vulgar chusma,
 Anfiarau, tuas, “donde a ignávia tanta,” clama,
 “ó Ináquidas, ó vós, sócios em sangue, Aquivos?
 De um só civil – ah pejo! – nos plebeus umbrais,
 tantos, de ferro em punho e de ânimo dispostos, 610
 paramos? Nem que o próprio – sob cimo Cirreu,
 quem seja, assim por Fama e fracos dito – Apolo
 exclame no antro insano, encerrado no abismo,
 aguardo enquanto a virgem pálida os horrendos
 mistérios mostra. O ferro e a virtude são numes 615
 que trago. Pois que o vate, aqui, com fraude vil
 venha; ou das aves, hoje, quão grande é o poder
 vou testar.”

Leda freme, e acorde nutre a fúria
 a Acaia tropa. Ao fim, prorrrompe constrangido

Oeclides: "alio curarum agitante tumultu 620
 non equidem effreno iuuenis clamore profani
 dictorumque metu, licet hic insana minetur,
 elicior tenebris; alio mihi debita fato
 summa dies, uetitumque dari mortalibus armis.
 sed me uester amor nimiusque arcana profari 625
 Phoebus agit; uobis uentura atque omne quod ultra est
 pandere maestus eo; nam te, uesane, moneri
 ante nefas, unique tacet tibi noster Apollo.
 quo, miseri, fatis superisque obstantibus arma,
 quo rapitis? quae uos Furiarum uerbera caecos 630
 exagitant? adeone animarum taedet? et Argos
 exosi? nil dulce domi? nulla omina curae?
 quid me Persei secreta ad culmina montis
 ire gradu trepido superumque irrumpere coetus
 egistis? potui pariter nescire quis armis 635
 casus, ubi atra dies, quae fati exordia cunctis,
 quae mihi. consulti testor penetralia mundi
 et uolucrum affatus et te, Thymbraee, uocanti
 non alias tam saeue mihi, quae signa futuri
 pertulerim: uidi ingentis portenta ruinae, 640
 uidi hominum diuumque metus hilaremque Megaeram
 et Lachesin putri uacuantem saecula penso.
 proicite arma manu: deus ecce furentibus obstat,
 ecce deus! miseri, quid pulchrum sanguine uicto
 Aoniam et diri saturare noualia Cadmi? 645
 sed quid uana cano, quid fixos arceo casus?
 ibimus." hic presso gemuit semel ore sacerdos.
 illum iterum Capaneus: "tuus o furor auguret uni
 ista tibi, ut serues uacuos inglorius annos
 et tua non umquam Tyrrhenus tempora circum 650
 clangor eat. quid uota uirum meliora moraris?
 scilicet ut uanis auibus natoque domoque

o Eclida: “um outro agito de angústia me turba; 620
 nem, é certo, por brado infrene de ímpio jovem,
 ou por medo do dito, embora o insano ameace,
 sou das trevas movido; a outro fado destina-se
 meu dia extremo, às armas dos homens vedado.
 Amor por vós, porém, a expor o arcano, e nímio 625
 Febo agitam-me; a vós, o porvir e o mais longe
 infausto eu mostro: é nefas te avisar primeiro,
 vesano; a ti, somente, o nosso Apolo omite-se.
 Aonde, ó vis, com Fado e céu vetando, as armas
 moveis, aonde? Cegos, das Fúrias quais golpes 630
 vos perseguem? Cansai-vos das vidas? A Argos
 odiais? Em casa nada é bom? Fugis de agouros?
 Por que aos secretos cumes do monte Perseide
 com andar dúbio e irromper o divino conselho
 me instastes? Não saber podia o fim das armas, 635
 o atro dia ou do fado a todos quais as gêneses,
 e as minhas. Do sondado mundo vejo enigmas,
 das aves o discurso e a ti, Timbreu: e a um rogo
 meu nada foi mais sevo que os sinais do póstero
 que eu suportei: de enorme queda vi presságios, 640
 de homens e deuses vi o horror; Megera alegre
 e, haurindo gerações com roca podre, Láquesis.
 Deponde as armas: eis, o deus obsta aos furentes,
 eis, o deus! De vencido sangue é belo, ó míseros,
 a Aônia e do atroz Cadmo assim fartar pousios? 645
 Mas por que canto em vão e afasto a sorte certa?
 Vamos.” Assim gemeu fechando a boca o vate.

E outra vez Capaneu: “que isso tua fúria augure
 somente a ti, e inglório os anos guardes vácuos;
 e que em torno às tuas fronteiras jamais o Tirreno 650
 canto vá. Por que tardas do herói os bons votos?
 Por certo, p’ra que as aves vãs, o herdeiro, a casa

et thalamis potiare iacens, sileamus inulti
 Tydeos egregii perfossum pectus et arma
 foederis abrupti? quodsi bella effera Graios 655
 ferre uetas, i Sidonios legatus ad hostes:
 haec pacem tibiserta dabunt. tua prorsus inani
 uerba polo causas abstrusaque semina rerum
 eliciunt? miseret superum, si carmina curae
 humanaeque preces. quid inertia pectora terres? 660
 primus in orbe deos fecit timor! et tibi tuto
 nunc eat iste furor; sed prima ad classica cum iam
 hostilem Ismenon galeis Dircenque bibemus,
 ne mihi tunc, moneo, lituos atque arma uolenti
 obuius ire pares uenisque aut alite uisa 665
 bellorum proferre diem: procul haec tibi mollis
 infula terrificique aberit dementia Phoebi:
 illic augur ego et mecum quicumque parati
 insanire manu.”

rursus fragor intonat ingens
 hortantum et uasto subter uolat astra tumultu. 670
 ut rapidus torrens, animos cui uerna ministrant
 flamina et exuti concreto frigore montes,
 cum uagus in campos frustra prohibentibus exit
 obicibus, resonant permixto turbine tecta,
 arua, armenta, uiri, donec stetit improbus alto 675
 colle minor magnoque inuenit in aggere ripas:
 haec alterna ducum nox interfusa diremit.

at gemitus Argia uiri non amplius aequo
 corde ferens sociumque animo miserata dolorem,
 sicut erat, laceris pridem turpata capillis, 680
 et fletu signata genas, ad celsa uerendi
 ibat tecta patris paruumque sub ubere caro
 Thessandrum portabat auo iam nocte suprema
 ante nouos ortus, ubi sola superstite Plaustro

e a cama ocioso obtenhas, calemos do inulto
 Tideu egrégio o peito transpassado e as armas
 do pacto roto? Aos Graios, se as ferozes guerras 655
 vetas que movam, núncio vá aos rivais Sídones:
 dar-te-ão paz teus festões. Sem rodeio, do inane
 polo as causas e abstrusos impulsos teus verbos
 invocam? Pobres súperos, se há zelo aos cantos
 e humanas preces. Peitos fracos por que aterras? 660
 No orbe, primeiro o medo fez os deuses! Salvo,
 ora o furor te vem; mas, quando a primos toques
 o hostil Ismeno e Dirce com as gáleas bebermos,
 quando os clarins, te aviso, e as armas eu ansiar,
 não tomes meu espaço ou, com álea vista e veias, 665
 da guerra a data dê: longe de ti que as ínfulas
 tão moles e do horrível Febo a insânia fiquem:
 por lá sou eu o haríolo, e meus todos os prestes
 a se enraivar na tropa.”

Troa ingente o estrondo

dos que exortam e voa aos céus com vasto agito. 670
 Tal lesto flume, a cujos brios proveem os sopros
 vernais e os montes, do compacto frio despídos,
 que, vago, cobre o campo, obstado por barreiras
 frustras, com turbilhão confuso soando os tetos,
 e agros, greis e homens té que, indômito, num alto 675
 cimo, menor que magna serra encontra margens;
 então, inserta, a noite as rusgas findou de ambos.

Não mais Argia os ais do esposo em peito calmo
 suporta e, compassiva com a dor sócia no ânimo,
 como estava – desfeita com as mechas rasgadas, 680
 e à face impresso o choro – às excelsas moradas
 do pai verendo avança e, ao seio, o seu pequeno
 Tessandro ao caro avô conduz; já noite extrema
 ante o orto novo, e só, com o subsistente Carro,

Arctos ad Oceanum fugientibus inuidet astris 685
 utque fores iniit magnoque affusa parenti est:
 “cur tua cum lacrimis maesto sine coniuge supplex
 limina nocte petam, cessem licet ipsa profari,
 scis genitor. sed iura deum genialia testor
 teque, pater, non ille iubet sed peruigil angor. 690
 ex quo primus Hymen mouitque infausta sinistram
 Iuno facem, semper lacrimis gemituque propinquo
 exturbata quies. non si mihi tigridis horror
 aequoreasque super rigeant praecordia cautes,
 ferre queam; tu solus opem, tu summa medendi 695
 iura tenes; da bella, pater, generique iacentis
 aspice res humiles, atque hanc, pater, aspice prolem
 exulis; huic olim generis pudor. o ubi prima
 hospitia et iunctae testato numine dextrae?
 hic certe est quem Fata dabant, quem dixit Apollo. 700
 non egomet tacitos Veneris furata calores
 culpatamue facem: tua iussa uerenda tuosque
 dilexi monitus. nunc qua feritate dolentis
 despiciam questus? nescis, pater optime, nescis
 quantus amor castae misero nupsisse marito. 705
 et nunc maesta quidem graue et inlaetabile munus,
 ut timeam doleamque, rogo; sed cum oscula rumpet
 maesta dies, cum rauca dabunt abeuntibus armis
 signa tubae saeuoque genas fulgebitis auro,
 ei mihi, care parens, iterum fortasse rogabo!” 710
 illius umentu carpens pater oscula uultu:
 “non equidem has umquam culparim, nata, querelas;
 pone metus, laudanda rogas nec digna negari.
 sed mihi multa dei – nec tu sperare quod urges
 desine –, multa metus regnique uolubile pondus 715
 subiciunt animo. ueniet qui debitus istis,
 nata, modus neque te incassum fleuisse quereris.

Arcto aos astros inveja que aos Oceanos fogem; 685
 e então, adentra o paço e ao magno pai se lança:
 “Porque em pranto, tua súplice, sem meu esposo
 ataco à noite a porta – inda eu tarde em falar –,
 sabes, senhor. Dos deuses chamo as jugais juras
 e a ti, pai: manda a angústia que vela, e não ele. 690
 Dês que, no Hímen, infausta, levantou o sestro
 facho Juno, por queixa e prantos a paz próxima
 findou. Nem se for meu de uma tigre o terror,
 ou um peito mais rijo que as rochas marinhas,
 posso aguentar; só tu, a força e o jus supremo 695
 tens da cura; dá guerra, ó pai, e ao genro triste
 assiste a sorte baixa, e assiste, ó pai, a um filho
 de êxule; do orto um dia se peja. Onde o primo
 refúgio e as destras juntas em penhor do nume?
 Deram-no, é certo, os Fados e Apolo o predisse. 700
 Pois não roubei de Vênus os queimores tácitos,
 nem seu facho culposo: as tuas ordens verendas
 honrei, e os juízos; ora, cruelmente, de um leso
 deixo as queixas? Ignoras, pai querido, ignoras
 quão grande o amor da casta ao mísero marido. 705
 E agora, triste, um grave e infausto favor peço
 p’ra temer e sofrer. Mas quando obstar os beijos
 o triste dia, e às tropas der da marcha o rouco
 alarme a tuba, e a face ornardes de ouro sevo –
 ah!, meu caro pai – torno, quem sabe, a rogar!” 710

E o pai, colhendo os beijos em sua face umentente:
 “Eu nunca me oporia, ó filha, a esses lamentos;
 deixa o medo: itens dignos rogas, não negáveis.
 Mas muito os deuses – de esperar o que suplicas
 não para – e o peso móbil do cetro amplo medo 715
 puseram em meu peito; o que é devido, ó filha,
 virá: não vais rogar, então, pranteando em vão.

tu solare uirum, neu sint dispendia iustae
dura morae: magnos cunctamur, nata, paratus.
proficitur bello.” dicentem talia nascens
lux monet ingentesque iubent assurgere curae.

720

Conforta o esposo; os custos não sejam de justo
vagar duros: tardando, ó nata, honras dispomos.
Avançamos com a guerra.” Assim falando, a luz
nascente adverte, e grandes zelos os dispersam.

720

EPISÓDIOS DO CANTO IV

1. Início dos preparativos para a guerra. 13. Sacrifícios e despedidas. 32. Catálogo dos heróis. 38. Adrasto e suas tropas. 75. Polinices e suas tropas. 93. Tideu e suas tropas. 116. Hipomedonte e as tropas dórias. 146. As tropas de Tirinte. 165. Capaneu e suas tropas. 187. Anfiarau e Erifile. 214. Anfiarau e suas tropas. 246. Partenopeu e suas tropas. 309. Atalanta descobre a participação de Partenopeu na guerra. 318. O apelo de Atalanta a Partenopeu e aos árcades. 345. As preparações para a guerra em Tebas. 369. A Fama aumenta os boatos sobre a guerra iminente. 377. Pronunciamento da sacerdotisa possuída. 406. Convocação de Tirésias e primeiras preparações para a necromancia. 419. Descrição do bosque. 443. O início da necromancia. 473. Tirésias solicita a abertura dos Infernos e o acesso às sombras dos mortos. 488. O temor e a ansiedade de Etéocles durante o ritual. 500. Tirésias exige que o mundo inferior se manifeste. 519. Manto descreve a Tirésias o que vê. 536. Tirésias ordena que Manto convoque as sombras tebanas e as argivas. 549. Manto descreve a Tirésias aquilo que observa. 579. Tirésias interpreta as imagens e revela o presságio a Etéocles. 604. Tirésias fala com a sombra de Laio. 624. Laio responde a Tirésias. 646. O avanço dos argivos rumo a Tebas. 652. Baco vê os argivos preparados e corre para apressar os tebanos. 680. Baco ordena às Ninfas que sequem os rios e as fontes de água do caminho para Tebas. 697. A seca chega aos rios e às fontes da região. 711. Em meio à seca, Langia mantém-se vertendo água. 723. O sofrimento das tropas argivas com a sede. 739. Adrasto pede ajuda a Hipsípile. 768. Hipsípile deixa Ofeltes sobre a grama para guiar os argivos. 786. Ofeltes resta sobre o campo, desacompanhado. 796. Os argivos chegam à fonte Langia. 824. Um, dentre os chefes argivos, agradece e louva Langia.

Liber IV

Tertius horrentem Zephyris laxauerat annum
 Phoebus et angusto cogebat limite uernum
 longius ire diem, cum fracta impulsaque Fatis
 consilia et tandem miseri data copia belli.
 prima manu rutilam de uertice Larisaeo 5
 ostendit Bellona facem dextraque trabalem
 hastam intorsit agens, liquido quae stridula caelo
 fugit et Aoniae celso stetit aggere Dirces.
 mox et castra subit ferroque auroque coruscis
 mixta uiris turmale fremit; dat euntibus enses, 10
 plaudit equos, uocat ad portas; hortamina fortes
 praeueniunt, timidisque etiam breuis addita uirtus.
 dicta dies aderat. cadit ingens rite Tonanti
 Gradiuoque pecus, nullisque secundus in extis
 pallet et armatis simulat sperare sacerdos. 15
 iamque suos circum pueri nuptaeque patresque
 funduntur mixti summisque a postibus obstant.
 nec modus est lacrimis: rorant clipeique iubaeque
 triste salutantum, et cunctis dependet ab armis
 suspiranda domus; galeis iuuat oscula clausis 20
 inserere amplexuque truces deducere conos.
 illi, quis ferrum modo, quis mors ipsa placebat,
 dant gemitus fractaeque labant singultibus irae.
 sic ubi forte uiris longum super aequor ituris,
 cum iam ad uela Noti et scisso redit ancora fundo, 25
 haeret amica manus: certant innectere collo
 bracchia, manantesque oculos hinc oscula turbant,
 hinc magni caligo maris, tandemque relict
 stant in rupe tamen; fugientia carbasa uisu
 dulce sequi, patriosque dolent crebrescere uentos. 30
 [stant tamen et nota puppim de rupe salutant.]

Canto IV

Por vez terceira, aos frios abrandara com Zéfiro
 Febo e, angusta, impelia em um verno caminho
 a luz mais longe quando, roto e extinto o fórum
 pelo Fado, da guerra deu-se ensejo aos míseros.
 Primeiro, à mão, do cimo de Larissa, um rúbeo 5
 facho Belona ostenta e com a destra uma lança
 traval agita urgindo, que em céu limpo zumbe,
 voa e aos excelsos muros de Dirce se encrava.
 Depois, no castro, a tropas luzindo ouro e ferro
 mesclada, irmã nas armas, freme; provê gládios, 10
 insta corcéis, convoca às portas: o que os fortes
 precedem e aos covardes leva um breve arrojio.
 Chega o dia firmado. Ao Tonante e ao Gradivo
 tomba ingente rebanho: nada bom nas vísceras,
 descora e às armas finge esperança o ministro. 15
 Os seus filhos, suas noivas e pais, que ao redor
 se aglomeram, dos sumos umbrais os entravam.
 Não há limite ao choro: escorrem crista e clípeo
 com triste adeus, e pendem, de cada armadura,
 casas gemendo; às gáleas fechadas, seus beijos 20
 depõem e num abraço aos feros elmos puxam.
 Eles, que o ferro só, que a própria morte apraz,
 lamentam e, frangida a raiva, arfando hesitam.
 Como quando, ao partirem varões p'ra alto mar,
 logo que, o Noto à vela, do vau erguem âncoras, 25
 detém-se a mão amiga: e enlace ao colo buscam
 os braços, e ora os lábios turbam olhos úmidos,
 e ora a névoa do vasto mar; por fim, deixados,
 nas rochas se mantêm: seguir o linho aos olhos
 fugindo é doce; pátrios ventos doem, propícios. 30
 [quedam inda, e de nota pedra à popa acenam.]

nunc mihi, Fama prior mundique arcana Vetustas,
 cui meminisse ducum uitasque extendere curae,
 pande uiros, tuque, o nemoris regina sonori,
 Calliope, quas ille manus, quae mouerit arma 35
 Gradius, quantas populis solauerit urbes,
 sublata molire lyra: neque enim altior ulli
 mens hausto de fonte uenit.

rex tristis et aeger
 pondere curarum propiorque abeuntibus annis
 inter adhortantes uix sponte incedit Adrastus, 40
 contentus ferro cingi latus; arma manipuli
 pone ferunt, uolucres portis auriga sub ipsis
 comit equos, et iam inde iugo luctatur Arion.
 huic armat Larisa uiros, huic celsa Prosymna,
 aptior armentis Midea pecorosaque Phlius, 45
 quaeque pauet longa spumantem ualle Charadron
 Neris, et ingenti turritae mole Cleonae
 et Lacedaemonium Thyrea lectura cruorem.
 iunguntur memores transmissi ab origine regis,
 qui Drepani scopulos et oliuiferae Sicyonis 50
 culta serunt, quos pigra uado †Strangila† tacenti
 lambit et anfractu riparum incuruus Elisson.
 saeuus honos fluuio: Stygias lustrare seueris
 Eumenidas perhibetur aquis; huc mergere suetas
 ora et anhelantes poto Phlegethonte cerastas, 55
 seu Thracum uertere domos, seu tecta Mycenes
 impia Cadmeumue larem; fugit ipse natantes
 amnis, et innumeris liuescunt stagna uenenis.
 it comes Inoas Ephyre solata querelas
 Cenchraeaeque manus, uatum qua conscius amnis 60
 Gorgoneo percussus equo, quaque obiacet alto
 Isthmos et a terris maria inclinata repellit.
 haec manus Adrastum numero ter mille secuti

Ora, a mim, prévia Fama, do orbe ima Velhice,
 a quem é cura chefes lembrar e ampliar vidas,
 expone os homens! Dama do bosque sonoro,
 tu, Calíope: quais forças, quais armas movera 35
 o Gradivo, e quais urbes deixou sem pessoas,
 trama na lira: o ardor mais sublime a ninguém
 de haurida fonte vem.

Um rei triste, doente
 pelo ônus de seu cargo, do fim rente à idade:
 entre exortantes marcha, relutante, Adrasto; 40
 o ferro à cinta basta, e as armas do manípulo
 logo atrás. Sob as portas, o auriga aos velozes
 corcéis prepara, e ao jugo inda se opõe Aríon.
 Larissa arma seus homens e a suma Prosimne,
 Mídea, mais apta ao gado, e a bovina Fliunte; 45
 que teme em longo vale o Cáradro espumante,
 Néris, e a de amplas torres e muitas, Cleonas,
 e, à leitura do cruor de Esparta eleita, a Tírea.
 Os lembrados do rei outrora enviado se unem,
 que a olivífera Sícion e as penhas de Drépano 50
 aram, aos que Estrangila, lenta, quieto o fluxo,
 lambe e, serpeando em ribas sinuosas, Helisso.
 Honra seva a do flume: às Estígias Eumênides,
 lavar-se ao grave curso é dado; a face banham,
 e serpentes arfando com os goles do Flégeton 55
 quer rompam casas Trácias, Micenenses tetos
 ímpios, ou lar Cadmeu; das natantes se evade
 o rio, turvam-se as águas com tanta peçonha.
 Vai, sócia, Efire, que consola de Ino o pranto,
 tropas de Cêncreas, onde a cônica fonte vática 60
 cavou o Górgone corcel, onde obsta o abismo
 o Istmo e os mares propensos afasta da terra.
 Seguindo Adrasto, a tropa que três mil contava

exsultant; pars gaesa manu, pars robora flammis
 indurata diu – non unus namque manipulis 65
 mos neque sanguis – habent, teretes pars uertere fundas
 assueti uacuumque diem praecingere gyro.
 ipse annis sceptrisque subit uenerabilis aequae:
 ut possessa diu taurus meat arduus inter
 pascua iam laxa ceruice et inanibus armis, 70
 dux tamen: haud illum bello attemptare iuuenis
 sunt animi; nam trunca uident de uulnere multo
 cornua et ingentes plagarum in pectore nodos.
 proxima longaeuo profert Dircaeus Adrasto
 signa gener, cui bella fauent, cui commodat iras 75
 cuncta cohors: huic et patria de sede uolentes
 aduenere uiri, seu quos mouet exul et haesit
 tristibus aucta fides, seu quis mutare potentes
 praecipuum, multi, melior quos causa querenti
 conciliat; dederat nec non socer ipse regendas 80
 Aegion Arenenque, et quas Theseia Troezen
 addit opes, ne rara mouens inglorius iret
 agmina, neu raptos patriae sentiret honores.
 idem habitus, eadem arma uiro quae debitus hospes
 hiberna sub nocte tulit: Teumesius implet 85
 terga leo et gemino lucent hastilia ferro,
 aspera uulnifico subter latus ense riget Sphinx.
 iam regnum matrisque sinus fidasque sorores
 spe uotisque tenet, tamen et de turre suprema
 attonitam totoque exstantem corpore longe 90
 respicit Argian; haec mentem oculosque reducit
 coniugis et dulces auertit pectore Thebas.
 ecce inter medios patriae ciet agmina gentis
 fulmineus Tydeus, iam laetus et integer artus,
 ut primae strepuere tubae: ceu lubricus alta 95
 anguis humo uerni blanda ad spiramina solis

exulta; alguns com dardos, outros, mocas rijas
 nas flamas – às milícias, pois, comum, nenhum 65
 costume ou sangue; trazem tersas fundas outros,
 afeitos, e o céu límpido riscam com um círculo.
 Verenda a idade e o cetro, o próprio rei avança
 tal como, em prisca posse, o touro cruza altivo
 os pastos, de ombros fracos e cerviz já frouxa, 70
 mas líder: p'ra com guerra o atacar os novilhos
 não têm peito, pois curtos veem de tantos golpes
 os chifres e no peito os grandes nós das chagas.

Próximo ao velho Adrasto, o Dírceo genro leva
 a insígnia à qual anuem o prélio e ajustam iras 75
 as coortes todas; prestes varões do chão pátrio
 vêm: uns o êxule trouxe, e os pegou a lealdade
 pelo infortúnio inflada; a alguns mudar o líder
 era precípua e, a muitos, mais certa, sua causa
 cooptou. O próprio sogro pôs sob seu comando 80
 Égio, e Arene, e a Tesida Trezena, que as forças
 aumentou, p'ra que inglório não movesse tropa
 pouca e as honras da pátria sentisse ultrajadas.
 Vestes e armas iguais a quando, hóspede certo,
 trouxe a noite hibernal: leão Teumeso encobre 85
 o dorso, o ferro gêmeo à ponta luz nos dardos;
 dura, no gládio algoz ao lado, enrija a Esfinge.
 Já traz seu reino, o mátrio seio e as fiéis irmãs
 no seu peito e nos votos; mas na extrema torre,
 confusa e o corpo todo afora exposto, ao longe 90
 contempla Argia: reconduz a mente e os olhos
 à esposa e de seu peito afasta a doce Tebas.

Eis entre os seus, as tropas movendo da pátria,
 Tideu fulmíneo, alegre já com o corpo íntegro,
 tão logo estronda a prima trompa: como a lisa 95
 cobra à brisa de um brando sol vernal do chão

erigitur liber senio et squalentibus annis
 exutus laetisque minax interuiret herbis:
 a miser, agrestum si quis per gramina hianti
 obuius et primo fraudauerit ora ueneno. 100
 huic quoque praesentes Aetolis urbibus adfert
 belli fama uiros: sensit scopulosa Pylene
 fletaque cognatis auibus Meleagria Pleuron
 et praeceps Calydon et quae Ioue prouocat Iden
 Olenos Ioniis et fluctibus hospita portu 105
 Chalcis et Herculea turpatus gymnade uultus
 amnis; adhuc imis uix truncam attollere frontem
 ausus aquis glaucoque caput summersus in antro
 maeret, anhelantes aegrescunt puluere ripae.
 omnibus aeratae propugnant pectora crates, 110
 pilaque saeua manu; patrius stat casside Mauors.
 undique magnanimum pubes delecta coronant
 Oeniden, hilarem bello notisque decorum
 uulneribus; non ille minis Polynicis et ira
 inferior, dubiumque adeo cui bella gerantur. 115
 maior at inde nouis it Doricus ordo sub armis,
 qui ripas, Lyrcee, tuas, tua litora multo
 uomere suspendunt, fluuiorum ductor Achium,
 Inache – Persea neque enim uiolentior exit
 amnis humo, cum Taurum aut Pliadas hausit aquosas 120
 spumeus et genero tumuit Ioue –, quos celer ambit
 Asterion Dryopumque trahens Erasinus aristas;
 et qui rura domant Epidauria – dexter Iaccho
 collis at Hennaee Cereri negat; auia Dyme
 mittit opem densasque Pylos Neleia turmas – 125
 nondum nota Pylos iuuenisque aetate secunda
 Nestor, et ire tamen peritura in castra negauit.
 hos agitat pulchraeque docet uirtutis amorem
 arduus Hippomedon; capiti tremit aerea cassis

erguendo-se, do velho livre e de anos pálidos
 despida e em férteis ervas minaz verdejando:
 ó pobre quem, em relvas campeiras, à hiante
 entregue, priva as presas da prima peçonha! 100
 Também da Etólia, a fama da guerra lhe traz
 prestes varões, e o sentem Pilene, a rochosa,
 Plêuron, por notas aves pranteada, Meléagra,
 Cálidon árdua; e, ao Ida enraivando com Jove,
 Óleno, e às ondas Jônias gentil com seu porto 105
 Cálcis; de inquietos traços por Hercúlea briga,
 o flume: a trunca face mal se atreve a de imas
 águas erguer: imerso crânio em glauca gruta,
 se aflige, arfando sofrem as margens com pó.
 Êneas, protegem todos seus peitos as vergas, 110
 sevos pilos à mão; no elmo o pátrio Mavorte.
 À volta, eleitos jovens cercam o magnânimo
 Enida, vivo à guerra e ornado com noturnas
 feridas; nem na ira é menor, nem na ameaça,
 que Polinices: dúbio, então, de qual a guerra. 115
 Maior, depois, com novas armas a ordem Dórica,
 os que tuas margens, Lírcio, com muitos arados
 volvem, e as praias tuas, de Acaios rios chefe,
 ó Ínaco – não sai mais forte ao chão Perseide,
 sorvendo Touro e aquosas Plêiades espúmeo, 120
 do genro Jove ufano; e os que o veloz Astérion
 banha e, aos Dríopes safras tirando, o Erasino;
 e os que agros de Epidauro domam: bom a Iaco
 o monte, a Ceres de Ena obstado; Dime, ínvia,
 manda forças, e a Pulos Nelida, amplas turmas 125
 – urbe inda ignota, e jovem, na idade segunda,
 Nestor, que a estar em castro danado negou-se.
 Vibra e ao amor da pulcra virtude os conduz
 Hipomedonte, o altivo; treme à brônzea gálea

ter niueum scandente iuba, latus omne sub armis 130
 ferrea suta terunt, umeros ac pectora late
 flammeus orbis habet, perfectaue uiuit in auro
 nox Danaï: sontes Furiarum lampade nigra
 quinquaginta ardent thalami; pater ipse cruentis
 in foribus laudatque nefas atque inspicit enses. 135
 illum Palladia sonipes Nemeaeus ab arce
 deuehit arma pauens umbraque inmane uolanti
 implet agros longoque attollit puluere campum.
 non aliter siluas umeris et utroque refringens
 pectore montano duplex Hylaeus ab antro 140
 praecipitat: pauet Ossa uias, pecudesque feraeque
 procubuere metu; non ipsis fratribus horror
 afuit, ingenti donec Peneia saltu
 stagna subit magnumque obiectus detinet amnem.
 quis numerum ferri gentesque et robora dictu 145
 aequarit mortale sonans? suus excit in arma
 antiquam Tiryntha deus; non fortibus illa
 infecunda uiris famaue immanis alumni
 degenerat, sed lapsa situ fortuna, neque addunt
 robur opes; rarus uacuis habitator in aruis 150
 monstrat Cyclopum ductas sudoribus arces.
 dat tamen haec iuuenum ter centum pectora, uulgu
 innumerum bello, quibus haud ammenta nec enses
 triste micant: flauae capiti tergoque leonum
 exuuiae, gentilis honos; et pineus armat 155
 stipes, inexhaustis artantur tela pharetris.
 Herculeum paeana canunt uastataque monstris
 omnia; frondosa longum deus audit ab Oeta.
 dat Nemea comites, et quas in proelia uires
 sacra Cleonaei cogunt uineta Molorchi. 160
 gloria nota casae, foribus simulata salignis
 hospitis arma dei, paruoque ostenditur aruo,

trinívea crista em riste; o corpo, sob as armas, 130
 a férrea trama roça; o peito e os ombros largo
 um orbe flâmeo encobre, no qual vive de ouro
 a noite Dânaa: nóxios, com atra luz das Fúrias,
 cinquenta leitos ardem e aos portões cruentos
 observando os punhais o seu pai louva o nefas. 135
 Do alto Paládio o trouxe um cavalo de Nêmea,
 das armas temeroso; com ampla sombra alada
 enche os agros e os campos deixa pulverosos.
 Sem diferença, as selvas rompendo nos ombros
 e ao peito, o duplo Hileu da gruta montanhosa 140
 se lançou: o Ossa as vias teme, o gado e as feras
 caem de medo; nos próprios irmãos os pavores
 não cessaram até que em salto ingente às águas
 Peneias foi-se e magno rio barrou com o corpo.
 De espadas a quantia, a gente e o vigor, quem 145
 de voz mortal empata? O deus levou às armas
 Tirinte antiga; em homens fortes nada infértil,
 do honrado descendente a fama não corrompe,
 mas, mingando a fortuna, não crescem brios
 as forças: no agro vácuo, um escasso habitante 150
 mostra as torres, por obras dos Ciclopes feitas.
 De jovens, dá também trezentos peitos, bando
 incontável à guerra, em quem dardos e ferros
 rudes não brilham: dorso e coma em flava pele
 de leão, honra pátria; e equipam-se com píneas 155
 clavas, se apertam flechas em infindas fáretras.
 Peãs de Hércules cantam, vastada por monstros
 a terra; do Eta frôndeo, ao longe, o deus escuta.
 Dá os sócios a Nêmea, e os vigores p'ra guerra
 reúnem, do Cleoneu Molorco, as sacras vinhas. 160
 Do rancho a glória é nota; estampadas na porta,
 armas do deus gentil e, em parvo campo, vê-se

robur ubi et laxos qua reclinauerit arcus
 ilice, qua cubiti sedeant uestigia terra.

at pedes et toto despectans uertice bellum 165
 quattuor indomitis Capaneus erepta iuuencis
 terga superque rigens iniectu molis aenae
 uersat onus; squallet triplici ramosa corona
 Hydra recens obitu: pars anguibus aspera uiuis
 argento caelata micat, pars arte reperta 170
 conditur et fuluo moriens nigrescit in auro;
 circum amnis torpens et ferro caerula Lerna.
 at laterum tractus spatiosaque pectora seruat
 nexilis innumero Chalybum subtemine thorax,
 horrendum, non matris, opus; galeaeque corusca 175
 prominet arce Gigans; atque uni missilis illi
 cuspide praefixa stat frondibus orba cupressus.
 huic parere dati quos fertilis Amphigenia
 planaque Messene montosaque nutrit Ithome,
 quos Thryon et summis ingestum montibus Aepy, 180
 quos Helos et Pteleon, Getico quos flebile uati
 Dorion; hic fretus doctas anteire canendo
 Aonidas mutos Thamyris damnatus in annos
 ore simul citharaque – quis obuia numina temnat? –
 conticuit praiceps, qui non certamina Phoebi 185
 nosset et inlustres Satyro pendente Celaenas.

iamque et fatidici mens expugnata fatiscit
 auguris; ille quidem casus et dira uidebat
 signa, sed ipsa manu cunctanti iniecerat arma
 Atropos obrueratque deum, nec coniugis absunt 190
 insidiae, uetitoque domus iam fulgurat auro.
 hoc aurum uati fata exitiale monebant
 Argolico; scit et ipsa – nefas! –, sed perfida coniunx
 dona uiro mutare uelit, spoliisque potentis
 imminet Argiae raptoque excellere cultu. 195

a azinheira em que havia posto clava e frouxo arco, terra onde restam as marcas dos cúbitos.

Mas, andando, com olhar altivo esnoba a guerra 165

Capaneu; de indomados touros, quatro, o couro no dorso e, de ênea massa por cima enrijando, o ônus revolve: em triplo anel ramosa, enruga a Hidra em fresco fim; com vivas serpes, parte fulge em prata entalhada; parte, a nu por arte, 170

se oculta: em ouro fulvo, morrente se anegra; em volta o imóvel rio e em ferro Lerna cérula. A extensão das ilhargas e o amplo peito guarda a armadura entrançada em tecido dos Cálibes, dom de horror, não de mãe; no claro topo do elmo 175

se ergue um Gigante e, míssil por ele somente, resta com ponta aguda um cipreste sem folhas. E obedecem-no aqueles que a Anfigênia fértil, Messene plana e Itome montanhosa nutrem; os de Trio e, oprimida em sumos montes, Épi, 180

os de Helos, Ptéleo e, o vate Gético chorando, Dórion: crendo no canto se antepor às doudas Musas, foi sujeitado a tempos mudos Tâmiris: cítara e voz – a claros numes quem desdenha? – calou quem nem o embate de Febo, por certo, 185

soube ou, nobre, a Celena do suspenso Sátiro. E, ora, a mente expugnada do áugure profético se estafa: ele, por certo, a queda viu, e os diros sinais, mas na hesitante mão plantara as armas Átropo, e obstara o deus; da cômjuge não falta 190

o embuste, e a casa brilha já com ouro vetado. Esse ouro, infesto os Fados mostravam ao vate Argivo; a esposa – nefas! – sabia, mas, pérfida, o esposo quer trocar por prenda e por espólios de Argia, com roubado ornato distinguindo-se. 195

illa libens – nam regum animos et pondera belli
 hac nutare uidet, pariter ni prouidus heros
 militet ipse – sacros gremio Polynicis amati
 exuerat cultus haud maesta atque insuper addit:
 “non haec apta mihi nitidis ornatibus,” inquit, 200
 “tempora, nec miserae placeant insignia formae
 te sine: sat dubium coetu solante timorem
 fallere et incultos aris aduerrere crines.
 scilicet – infandum! –, cum tu claudare minanti
 casside ferratusque sones, ego diuitis aurum 205
 Harmoniae dotale geram? dabit aptius isto
 Fors decus, Argolicasque habitu praestabo maritas,
 cum regis coniunx, cum te mihi sospite templa
 uotiuus implenda choris; nunc induat illa
 quae petit et bellante potest gaudere marito.” 210
 sic Eriphylaeos aurum fatale penates
 irrupit scelerumque ingentia semina mouit,
 et graue Tisiphone risit gauisa futuris.
 Taenariis hic celsus equis, quam dispare coetu
 Cyllarus ignaro generarat Castore prolem, 215
 quassat humum; uatem cultu Parnasia monstrant
 uellera: frondenti crinitur cassis oliua,
 albaque puniceas interplicat infula cristas.
 arma simul pressasque iugo moderatur habenas.
 hinc atque inde morae iaculis, et ferrea curru 220
 silua tremit; procul ipse graui metuendus in hasta
 eminent et clipeo uictum Pythona coruscat.
 huius Apollineae currum comitantur Amyclae,
 quos Pylos et dubiis Malea uitata carinis
 plaudentique habiles Caryae resonare Dianae, 225
 quos Pharis uolucrumque parens Cythereia Messe,
 Taygetique phalanx et oloriferi Eurotae
 dura manus. deus ipse uiros in puluere crudo

Por si – o ardor dos reis e os encargos da guerra
 soube incertos se o próprio herói profeta junto
 não fosse –, Argia, ao colo seu, do amado esposo
 despiu o sacro ornato e acrescentou sem mágoa:
 “Não me é certo o momento a luzentes enfeites, 200
 nem prêmios dão prazer a uma aparência mísera
 sem ti: basta em grupal conforto o incerto medo
 reprimir e varrer com as mechas soltas templos.
 Devo – infame! –, contigo preso em minaz elmo,
 em ferro ressoando, o ouro dotal da esplêndida 205
 Harmonia trazer? Mais faustas, vai dar glórias
 o Acaso, e eu vou vencer as consortes de Argos
 quando, esposa do rei, comigo, salvo, os templos
 com sacro canto encheres; que, ora, ela coloque
 o que pede e, na guerra o esposo, que se alegre.” 210
 E, então, aos deuses de Erifile, o ouro mortífero
 irrompeu, e sementes moveu de amplos crimes:
 com esfuziante prazer, do amanhã riu Tisífone.

Altivo em Tênares corcéis, de um coito díspar
 a progênie que ao íncio Cástor gerou Cílaro, 215
 pisa o chão; vate o dizem com Parnásia honra
 os velos: o elmo em crinas de oliveira frôndea,
 e alva ínfula às cristas purpúreas se entranha.
 Junto, as armas segura, e o freio atado ao jugo.
 Dardos de ambos os lados, no carro uma selva 220
 de ferro freme; longe, horrível com haste fera,
 se avulta e brande Píton vencida em seu clípeo.
 Acompanham seu carro Amiclas Apolínea,
 Pilo e, por dúbias quilhas evitada, a Málea;
 Cária, capaz de às palmas de Diana ecoar, 225
 Fáris e a Citereia Messe, afim aos pássaros;
 do Taígeto uma coorte e do Eurota cislífero
 dura tropa. Aos varões, no sevo pó o próprio

Arcas alit nudaeque modos uirtutis et iras
 ingenerat; uigor inde animis et mortis honorae 230
 dulce sacrum. gaudent natorum fata parentes
 hortanturque mori; deflent namque omnis ephebum
 turba, coronato contenta est funere mater.
 frena tenent duplexque inserto missile nodo,
 exerti ingentes umeros, chlamys horrida pendet, 235
 et cono Ledaes apex. non hi tibi solum,
 Amphiarae, merent: auget resupina maniplos
 Elis, depressae populus subit incola Pisae,
 qui te flauae natant terris Alpheae Sicani,
 aduena tam longo non umquam infecte profundo. 240
 curribus innumeris late putria arua lacesunt
 et bellis armenta domant: ea gloria genti
 infando de more et fractis durat ab usque
 axibus Oenomai; strident spumantia morsu
 uincola et effossas niueus rigat imber harenas. 245
 tu quoque Parrhasias ignara matre cateruas
 – a rudis armorum, tantum noua gloria suadet! –,
 Parthenopaeae, rapis; saltus tunc forte remotos
 torua parens – neque enim haec iuueni foret ire potestas –
 pacabat cornu gelidique auersa Lycae. 250
 pulchrior haud ulli triste ad discrimen ituro
 uultus et egregiae tanta indulgentia formae;
 nec desunt animi, ueniat modo fortior aetas.
 quas non ille duces nemorum fluuiisque dicata
 numina, quas magno non abstulit igne Napaeas? 255
 ipsam, Maenalia puerum cum uidit in umbra,
 Dianam, tenero signantem gramina passu,
 ignouisse ferunt comiti, Dictaeaeque tela
 ipsam et Amyclaeas umeris aptasse pharetras.
 prosilit audaci Martis percussus amore, 260
 arma, tubas audire calens et puluere belli

Arcas nutriu, e as leis formou, e iras, da nua
 virtude; disso, a força da alma e o doce custo 230
 da bela morte. Os fados seus pascem os pais,
 que os incitam à morte; a turba geme efebos,
 e se contenta a mãe com festões no cadáver.
 Regem freios e duplos dardos por fios presos;
 ingentes ombros nus, caída horrível clâmide, 235
 no elmo a crista de Leda. E a ti, Anfiarau, só
 não servem: recostada, provém de manípulos
 Élis, das depressões de Pisa ascende a gente,
 e os que nadam em ti, flavo Alfeu, na Sicília
 estrangeiro e intocado por águas profundas. 240
 Com infindos carros, longe ferem agros rudes
 e à guerra domam chucros: ao povo essa glória
 desde o infando costume resta, desde os rotos
 eixos de Enômau; rangem, à boca espumando,
 os freios e, alva, o chão cavado a chuva molha. 245
 Não sabe a mãe, mas tu também tropas Parrásias
 – a nova glória muito excita o rude em armas! –
 trazes, Partenopeu; no então, prados remotos
 – pois não terias outra chance – a seva madre
 calmava com arco, e os ermos do Liceu gelado. 250
 Ninguém mais belo à triste despedida andava,
 ou às formas egrégias com tanta indulgência;
 vigor não falta: venha então mais forte idade.
 De bosques que deidades e, as a rios sagradas,
 quais Napeias com árduas chamas não levou? 255
 Quando viu o menino nas sombras do Ménalo
 riscando a relva a passo tenro, a própria Diana
 dera à aliada as desculpas; e os dardos Dicteus,
 as aljavas de Amiclas no ombro a própria atou.
 Correu, golpeado pelo ousado amor de Marte, 260
 às armas e p’ra ouvir a tuba ardeu, e em bélico

flauentem sordere comam captoque referri
 hostis equo: taedet nemorum, titulumque nocentem
 sanguinis humani pudor est nescire sagittas.
 igneus ante omnes auro micat, igneus ostro, 265
 undantemque sinum nodis inrugat Hiberis,
 imbelli parma pictus Calydonia matris
 proelia; trux laeua sonat arcus, et aspera plumis
 terga Cydonea gorytos harundine pulsat
 electro pallens et iaspide clarus Eoa. 270
 cornipedem trepidos suetum praeuertere ceruos,
 uelatum geminae deiectu lyncis et arma
 mirantem grauioris heri, sublimis agebat,
 dulce rubens uiridique genas spectabilis aeuo.
 Arcades huic ueteres astris lunaque priores, 275
 agmina fida datis, nemorum quos stirpe rigenti
 fama satos, cum prima pedum uestigia tellus
 admirata tulit; nondum arua domusque nec urbes,
 conubiisue modus; quercus laurique ferebant
 cruda puerperia, ac populos umbrosa creauit 280
 fraxinus, et feta uiridis puer excidit orno.
 hi lucis stupuisse uices noctisque feruntur
 nubila et occiduum longe Titana secuti
 desperasse diem. rarescunt alta colonis
 Maenala, Parthenium fugitur nemus, agmina bello 285
 Rhipeque et Stratie uentosaque donat Enispe.
 non Tegea, non ipsa deo uacat alite felix
 Cyllene templumque Aleae nemorale Mineruae
 et rapidus Clitor et qui tibi, Pythie, Ladon
 paene socer candensque iugis Lampia niuosis 290
 et Pheneos nigro Styga mittere credita Diti.
 uenit et Idaeis ululatibus aemulus Azan
 Parrhasiique duces, et quae risistis, Amores,
 grata pharetrato Nonacria rura Tonanti,

pó sujar a áurea coma, e tornar num saqueado
 cavalo hostil; de bosques farto, que a ré glória
 do sangue humano as setas não sabem o peja.
 Refulge, avante, aceso de ouro, aceso de ostro, 265
 com Ibérios nós vincando seu ventre ondejante,
 no imbele parma ornando as Calidônias guerras
 da mãe; o arco ressoa à sestra; ao dorso, crespo
 de plumas, pulsa a aljava com flechas Cidones,
 branca com o eletro e clara das jades do Eoo. 270
 Em cornípede afeito a passar cervos trépidos,
 envolto em duplo escalpo de lince e admirado
 com as armas do amo onusto, cavalgava altivo,
 em verde e tenra idade o rubro rosto expondo.
 Velhos, prévios à lua e aos astros, a ele Árcades 275
 deram fiéis tropas; de hirtas árvores de bosques
 brotados, diz-se, quando a terra primos passos
 pasma sentiu: sem agros, inda, e casas e urbes,
 sem regras p'ra se unir geraram, roble e louro,
 firmes filhos, e umbroso a povos deu princípio 280
 o freixo, de onde flóreo os tenros jovens saem.
 Pasmos, dizem, com a volta da luz e a caligem
 da noite, olhando ao longe o pôr do Sol, do dia
 perderam a esperança. Escasseia o alto Ménalo
 em homens, seca o bosque Partênio, e milícias 285
 Rifeus e Estrácia mandam, e a ventosa Enispe.
 Nem Tégea folga e nem, devota ao deus alado,
 Cilene, nem frondoso o templo da Álea Atena;
 nem Clítor lesto, ó Pítio, e o Ládôn, que é de ti
 quase sogro, e Lampia, de auges níveos branca, 290
 e Féneo – crê-se, ao negro Dite envia o Estige.
 Vêm a Azânia, emulando do Ideu os aulidos,
 e homens Parrásios; do que ristes, ó Amores,
 grato ao Tonante arqueiro, o Nonácris rural;

diues et Orchomenos pecorum et Cynosura ferarum. 295
 Aepyrtios idem ardor agros Psophidaque celsam
 uastat et Herculeo uulgatos robore montes,
 monstriferumque Erymanthon et aerisonum Stymphalon.
 Arcades hi, gens una uiris, sed dissona cultu
 scinditur: hi Paphias myrtos a stirpe recuruant 300
 et pastorali meditantur proelia trunco,
 his arcus, his tela sudes, his casside crines
 integit, Arcadii morem tenet ille galeri,
 ille Lycaoniae rictu caput asperat ursae.
 hos belli coetus iurataque pectora Marti 305
 milite uicinae nullo iuuere Mycenae;
 funerea tunc namque dapes mediique recursus
 Solis, et hic alii miscebant proelia fratres.
 iamque Atalantaeas implerat nuntius aures
 ire ducem bello totamque impellere natum 310
 Arcadium: tremuere gradus, elapsaque iuxta
 tela; fugit siluas perniciosior alite uento
 saxa per et plenis obstantia flumina ripis,
 qualis erat, correpta sinus et uertice flauum
 crinem sparsa Noto; raptis uelut aspera natis 315
 praedatoris equi sequitur uestigia tigris.
 ut stetit aduersisque impegit pectora frenis
 – ille ad humum pallens: “unde haec furibunda cupido,
 nate, tibi, teneroque unde improba pectore uirtus?
 tu bellis aptare uiros, tu pondera ferre 320
 Martis et ensiferas inter potes ire cateruas?
 quamquam ubinam uires? nuper te pallida uidi,
 dum premis obnixo uenabula comminus apro,
 poplite succiduo resupinum ac paene ruentem;
 et ni curuato torsissem spicula cornu, 325
 nunc ubi bella tibi? nil te mea tela iuuabunt
 nec teretes arcus maculis nec discolor atris

ricas, em feras Cinosura e, em bois, Orcômeno. 295
 Um ardor igual, de Epito os agros e alta Psófis
 assola, e os montes ditos de Hercúlea virtude:
 Erimanto monstruoso e Estinfalo bronzísono.
 Una estirpe de heróis, eis os Árcades, díssonos
 nas armas: murtas Páfias na raiz uns curvam, 300
 outros ensaiam guerras com pastorais troncos,
 com arcos, dardos e varas; deste, crina à gálea
 cobre, aquele o costume tem do Arcádio gorro,
 outro ata ao crânio um ricto de urso Licaônide.
 A essa turma de guerra, a Marte peitos prontos, 305
 com homem nenhum valeu a contígua Micenas:
 ceias fatais, de um curso em meados o regresso
 do Sol e outros irmãos por lá tramando prélios.
 Já preencherá os ouvidos de Atalanta a última:
 chefe, seguia à guerra o filho e guiava a Arcádia 310
 toda; os passos tremeram, caíram-lhe os dardos
 ao chão; selvas cruzou mais ágil do que o vento,
 sobre pedras e rios obstantes de anchas margens
 como estava: estirada a roupa e, à face, as loiras
 mechas ao Noto – assim, atroz, filhos roubados, 315
 persegue a tigre os rastros de corcéis do bando.
 Quando parou, lançado o peito contra as rédeas
 (branco ele olhou ao chão): “donde furiosa ânsia,
 filho, em ti, e em teu tenro peito o audaz vigor?
 À guerra aprestar homens, tu, e aguentar fardos 320
 Márcios podes, e andar entre as filas ensíferas?
 Mas onde está tua força? Há pouco te vi, pálida,
 quando acerca premias lança em tenaz porco,
 curvado sobre o frouxo joelho, quase arriando;
 se flechas com o arco curvo não lançasse, onde, 325
 ora, a guerra? Os meus dardos não te auxiliarão,
 e o arco polido ou, discolor com atras manchas,

hic, cui fidis, equus; magnis conatibus instas,
 uix Dryadum thalamis Erymanthiadumque furori
 Nympharum mature puer. sunt omina uera: 330
 mirabar cur templa mihi tremuisse Dianae
 nuper et inferior uultu dea uisa, sacrisque
 exuuiæ cecidere tholis; hoc segnior arcus
 difficilesque manus et nullo in uulnere certae.
 expecta dum maior honos, dum firmitus aeuum, 335
 dum roseis uenit umbra genis uultusque recedunt
 ore mei; tunc bella tibi ferrumque, quod ardes,
 ipsa dabo et nullo matris reuocabere fletu.
 nunc refer arma domum! uos autem hunc ire sinetis,
 Arcades, o saxis nimirum et robore nati?" 340
 plura cupit; fusi circum natusque ducesque
 solantur minuuntque metus, et iam horrida clangunt
 signa tubae. nequit illa pio dimittere natum
 complexu multumque duci commendat Adrasto.
 at parte ex alia Cadmi Mauortia plebes, 345
 maesta ducis furiis nec molli territa fama,
 quando his uulgatum descendere uiribus Argos,
 tardius illa quidem regis causaeque pudore,
 uerum bella mouet. nulli destringere ferrum
 impetus aut umeros clipeo clausisse paterno 350
 dulce nec alipedum iuga comere, qualia belli
 gaudia; deiecti trepidas sine mente, sine ira
 promiserunt manus; hic aegra in sorte parentem
 unanimum, hic dulces primaeva coniugis annos
 ingemit et gremio miseros accrescere natos. 355
 bellator nulli caluit deus; ipsa uetusto
 moenia lapsa situ magnaëque Amphionis arces
 iam fessum senio nudant latus, et fide sacra
 aequatos caelo surdum atque ignobile muros
 firmat opus. tamen et Boeotis urbibus ultrix 360

o corcel em que crês; grandes fainas procuras,
mas aos leitos das Dríades e à ânsia das Ninfas
do Erimanto és pueril. São veros os portentos: 330
me espantava que o templo de Diana tremesse
recém, e ínfera a deusa semelhasse, e à cúpula
sacra as peles caíssem; disso, o arco mais lento
e as mãos rudes, com flecha nenhuma certa.
Aguarda honras maiores e os anos mais firmes, 335
chegar a sombra ao róseo rosto, os traços meus
te deixarem; então, a guerra e o ferro que ardes
darei eu mesma, e as queixas da mãe não verás.
Leva as armas p'ra casa! Vós deixais, ó Árcades,
que ele marche, ó de rochas e robles nascidos!" 340
Mais queria; ao redor, confortam filho e chefes,
e o medo calmam; vibram, porém, os horrentes
sons da trompa. Do abraço pio não pode o filho
soltar e muito, então, encarga o chefe Adrasto.

Mas de outra parte, a gente Mavórcia de Cadmo, 345
triste com a régia fúria, com a atra fama pávida,
pois que os homens desciam de Argos já sabiam,
mais lenta – a causa e o rei os inibem – à guerra
se move. Sem qualquer vigor p'ra afiar a espada,
nem de os ombros com clipeo paterno encobrir, 350
ou p'ra arrumar no alípede a rédea: eis da guerra
o gozo; frios, sem ira ou compromisso, trépidas
as mãos juraram; triste sorte aos pais concordes
esse lamenta, e um outro, da esposa tão jovem
a tenra idade e ao ventre os míseros herdeiros. 355
Nada ardeu o deus bélico. As próprias muralhas
ao tempo expostas e as de Anfíon magnas torres
despem já gasta e velha a face; alçados muros
por sacra lira aos céus, obras mudas e indignas
os firmam. Mas nas urbes Beócias um víndice 360

adspirat ferri rabies, nec regis iniqui
 subsidio quantum socia pro gente mouentur.
 ille uelut pecoris lupo expugnator opimi,
 pectora tabenti sanie grauis hirtaque saetis
 ora cruentata deformis hiantia lana, 365
 decedit stabulis huc illuc turbida uersans
 lumina, si duri comperta clade sequantur
 pastores, magnique fugit non inscius ausi.
 accumulatur crebros turbatrix Fama pauores:
 hic iam dispersos errare Asopide ripa 370
 Lernaeos equites, hic te, bacchate Cithaeron,
 ille rapi Teumeson ait noctisque per umbras
 nuntiat excubiis uigiles arsisse Plataeas.
 nam Tyrios sudare lares et sanguine Dircen
 irriguam fetusque nouos iterumque locutam 375
 Sphinga petris, cui non et scire licentia passim
 et uidisse fuit? nouus his super anxia turbat
 corda metus: sparsis subito correpta canistris
 siluestris regina chori decurrit in aequum
 uertice ab Ogygio trifidamque huc tristis et illuc 380
 lumine sanguineo pinum disiectat et ardens
 erectam attonitis implet clamoribus urbem:
 "omnipotens Nysae pater, cui gentis auitae
 pridem lapsus amor, tu nunc horrente sub Arcto
 bellica ferrato rapidus quatis Ismara thyrsos 385
 pampineumque iubet nemus inreptare Lycurgo,
 aut tumidum Gangen aut claustra nouissima Rubrae
 Tethyos Eoasque domos flagrante triumpho
 perfuris, aut Hermi de fontibus aureis exis:
 at tua progenies, positis gentilibus armis 390
 quae tibi festa litant, bellum lacrimasque metumque
 cognatumque nefas, iniusti munera regni,
 pendimus. aeternis potius me, Bacche, pruinis

furor por ferro sopra, não p'ra ajuda a iníquo
 rei: por causa da gente sócia, pois, se movem.
 Como um lobo que expugna profuso rebanho,
 com sânie podre o peito duro, hirtos os pelos,
 hiante, boca disforme por lâ inda em sangue, 365
 deixa o curral, ao lá e ao cá movendo túrbido
 olhar quando os pastores firmes, vista a ceifa,
 vêm: da magna ousadia não íncio, o rei foge.

E acresce a turbadora Fama amplos pavores:
 que já vagam dispersos às margens do Asopo 370
 os corcéis Lérneos, e que a ti, Citéron báquico,
 e o Teumeso já têm, e que às sombras da noite
 queima com a guarda a vígil Plateia anunciam.
 Que os lares Tírios suam, e que Dirce, cruenta,
 vaza, que novas proles vêm, que outra vez fala 375
 a Esfinge à pedra: a quem, ou p'ra saber ou ver,
 vênia não houve? E além, a peitos tensos turba
 um novo medo: os cestos largando e possuída,
 corre ao campo a rainha dos cantos silvestres
 do acume Ogígio e, triste, aqui e ali seu pinho 380
 trífido lança, ardente, com os olhos de sangue,
 e enche a cidade atenta com espantosos gritos:
 “Ó onipotente pai Niseu, que ao povo antigo
 há muito o amor negou; tu, sob o frio Arcturo,
 veloz com tirso férreo impeles bélico Ísmaro, 385
 fazes pampíneo bosque a Licurgo arrastar-se;
 ou no amplo Ganges, nos remotos fins de Tétis
 Rubra e em lares do Eoo, numa ardente vitória
 te enraivas, ou dourado à fonte do Herma sais;
 mas, teu ramo, prostradas das gentes as armas 390
 que no culto te ofertam, guerra, pranto, medo
 e nefas fraternal, de um reino injusto os dotes,
 sofremos. Pois melhor, ó Baco, à geada eterna,

trans et Amazoniis ululatum Caucason armis
 siste ferens, quam monstra ducum stirpemque profanam 395
 eloquar. en urgues – alium tibi, Bacche, furorem
 iuravi: similes uideo concurrere tauros;
 idem ambobus honos unusque ab origine sanguis;
 ardua collatis obnixa cornua miscent
 frontibus alternaque truces moriuntur in ira. 400
 tu peior, tu cede, nocens qui solus auita
 gramina communemque petis defendere montem.
 a miseri morum! bellastis sanguine tanto
 et saltum dux alter habet.” sic fata gelatis
 uultibus et Baccho iam demigrante quieuit. 405
 at trepidus monstro et uariis terroribus impar
 longaeui rex uatis opem tenebrasque sagaces
 Tiresiae, qui mos incerta pauentibus, aeger
 consulit. ille deos non larga caede iuencum,
 non alacri penna aut uerum salientibus extis, 410
 nec tripode implicito numerisque sequentibus astra,
 turea nec supra uolitante altaria fumo
 tam penitus, durae quam Mortis limite manes
 elicitos, patuisse refert; Lethaeaque sacra
 et mersum Ismeni subter confinia ponto 415
 miscentis parat ante ducem, circumque bidentum
 uisceribus laceris et odori sulphuris aura
 graminibusque nouis et longo murmure purgat.
 silua capax aeui ualidaque incurua senecta,
 aeternum intonsae frondis, stat peruia nullis 420
 solibus; haud illam brumae minuere, Notusue
 ius habet aut Getica Boreas impactus ab Vrsa.
 subter operta quies, uacuuque silentia seruat
 horror et exclusae pallet male lucis imago.
 nec caret umbra deo: nemori Latonia cultrix 425
 additur; hanc piceae cedrique et robore in omni

onde uivam Amazonas armas além-Cáucaso
 levar-me que as visões dos reis e a raça ímpia 395
 eu contar. Eis insistes – e outra insânia, ó Baco,
 te jurei: num combate eu vejo touros símiles,
 honra igual nos dois, único sangue na origem;
 obstinados, os firmes cornos tramam, fronte
 juntas, e em ira mútua eles morrem selvagens. 400
 Tu, pior, tu, desiste, ó réu que, só, aos campos
 ancestrais e à montanha comum quer guardar.
 Ó míseros, com tanto sangue vós guerreastes,
 e outro rei tem o prado!” Assim falou com fria
 expressão e aquietou-se, já Baco afastando-se. 405
 Tenso com o agouro e inapto pelos medos vários,
 o rei as artes e hábeis trevas do ancião vate
 Tirésias, a quem chamam os tementes, triste
 sonda. Que os deuses, por opimo gado morto,
 por penas de aves, vísceras que indicam fatos, 410
 trípole obscura e números que seguem astros,
 ou por fumos de incenso que sobre aras voam,
 qual por manes do fundo linde da atra Morte
 chamados, diz, não mostram. Os ritos do Letes,
 imerso nos confins do Ismeno ao ponto unido, 415
 diante do rei prepara; o redor com entranhas
 de bidentes, e essências de enxofre odorífero,
 e ervas frescas, e longos murmúrios expurga.
 Selva de longa idade à ação do tempo arqueada,
 com frondes sempre intonsas e nunca invadida 420
 pelos sóis; nem a arrasam invernos, nem Noto
 tem jus, nem Bóreas tem da Ursa Gética a força.
 Abaixo, oculta, a calma; a paz guarda um horror
 vácuo, e da exclusiva luz mal a imago empalece.
 Não falta o deus: Latônia, cultora dos bosques, 425
 é dada à umbra; e em cedro, pinho e cada roble

effictam sanctis occultat silua tenebris.
 huius inaspectae luco stridere sagittae
 nocturnique canum gemitus, ubi limina patruī
 effugit inque nouae melior redit ora Dianae; 430
 aut ubi fessa iugis, dulcesque altissima somnos
 lux mouet, hic late iaculis circum undique fixis
 effusam pharetra ceruicem excepta quiescit.
 extra inmane patent, tellus Mauortia, campi,
 fetus ager Cadmo, durus qui uomere primo 435
 post consanguineas acies sulcosque nocentes
 ausus humum uersare et putria sanguine prata
 eruit! ingentes infelix terra tumultus
 lucis adhuc medio solaque in nocte per umbras
 expirat, nigri cum uana in proelia surgunt 440
 terrigenae; fugit incepto tremibundus ab aruo
 agricola insanique domum rediere iuuenci.
 hic senior uates – Stygiis accommoda quippe
 terra sacris, uiuoque placent sola pinguia tabo –
 uelleris obscuri pecudes armentaque sisti 445
 atra monet, quaecumque gregum pulcherrima ceruix
 ducitur. ingemuit Dirce maestusque Cithaeron,
 et noua clamosae stupuere silentia ualles.
 tum fera caeruleis intexit cornua sertis
 ipse manu tractans, notaeque in limite siluae 450
 principio largos nouies tellure cauata
 inclinat Bacchi latices et munera uerni
 lactis et Actaeos imbres suadumque cruorem
 manibus; aggeritur quantum bibit arida tellus.
 trunca dehinc nemora aduoluunt, maestusque sacerdos 455
 tres Hecatae totidemque satis Acheronte nefasto
 uirginibus iubet esse focos; tibi, rector Auerni,
 quamquam infossus humo superat tamen agger in auras
 pineus; hunc iuxta cumulo minor ara profundae

retratada, a acoberta a selva em sacras trevas.
 Invisíveis, no bosque estridulam suas flechas
 e dos cães os noturnos uivos quando ao tio
 foge e, melhor, com face vem de nova Diana; 430
 ou quando, de altos lassa, ao doce sono a luz
 a prumo guia e, em torno fixadas as flechas,
 com nuca assente à aljava acolhedora folga.
 Além avançam, terras Mavórcias, os campos
 fecundados por Cadmo; frio o que primeiro, 435
 pós consanguíneas hostes e sulcos nocentes,
 ousou lavrar o chão e, podres de pus, prados
 sulcou! A terra infausta um ingente tumulto
 em meio à luz ou pelas sombras da erma noite
 exala quando a vãos combates surgem negros 440
 terrígenos; tremendo, foge ao campo incoado
 o agricultor e, insano, a casa torna o armento.
 O velho vate, ali – chão dado a Estígios cultos,
 pingue solo que em sangue fresco se deleita –,
 que ovelhas de atra lã e gado escuro venham 445
 manda e a mais bela rês da manada, qual seja,
 conduz. Dirce e o tristonho Citéron gemeram,
 sob silêncio incomum medrou o vale ecoante.
 Bordou festões cerúleos nos selvagens cornos,
 feitos às próprias mãos; nos fins da nota selva, 450
 de início, à terra em cova, vezes nove e à farta
 verte de Baco o sumo, e as oblações de verno
 leite, e da Ática as chuvas, e o sangue suasório
 aos manes: bebe a terra seca o quanto entorna.
 Rolam troncos do bosque, e o mesto sacerdote 455
 três a Hécate e o bastante às do fero Aqueronte
 virgens manda acender; a ti, reitor do Averno,
 embora adentre o chão, ao céu se eleva a pilha
 de pinho; junto, se ergue o altar menor a Ceres

erigitur Cereri; frontes atque omne cupressus 460
intexit plorata latus. iamque ardua ferro
signati capita et frugum libamine puro
in uulnus cecidere greges; tunc innuba Manto
exceptum pateris praelibat sanguen, et omnes
ter circum acta pyras sancti de more parentis 465
semineces fibras et adhuc spirantia reddit
uiscera, nec rapidas cunctatur frondibus atris
subiectare faces. atque ipse sonantia flammis
uirgulta et tristes crepuisse ut sensit acruos
Tiresias – illi nam plurimus ardor anhelat 470
ante genas impletque cauos uapor igneus orbes –
exclamat – tremuere rogi et uox terruit ignem:
“Tartareae sedes et formidabile regnum
Mortis inexpletae, tuque, o saeuissime fratrum,
cui seruire dati manes aeternaque sontum 475
supplicia atque imi famulatur regia mundi,
soluite pulsanti loca muta et inane seuerae
Persephones uulgusque caua sub nocte repostum
elicite, et plena redeat Styga portitor alno.
ferre simul gressus, nec simplex manibus esto 480
in lucem remeare modus; tu separe coetu
Elysios, Persei, pios, uirgaque potenti
nubilus Arcas agat; contra per crimina functis,
qui plures Erebo pluresque e sanguine Cadmi,
angue ter excusso et flagranti praeuia taxo, 485
Tisiphone, dux pande diem, nec lucis egentes
Cerberus occursum capitum detorqueat umbras.”
dixerat, et pariter senior Phoebeaque uirgo
erexere animos; illi formidine nulla,
quippe in corde deus, solum timor obruit ingens 490
Oedipodioniden, uatisque horrenda canentis

do abismo; com cipreste lamentado, as frentes 460
 trançou, e os lados todos. Já com ferro a altiva
 cerviz marcada, e com alvo libame dos grãos,
 tomba aos golpes a grei; a inúbil Manto, então,
 com a pátera primeiro liba o sangue, as chamas
 três vezes cinge, é assim que sói ao santo pai, 465
 e as semimortas fibras oferta, e as entranhas
 inda vivas; e às atras frondes, logo, as rápidas
 tochas atira. Quando em chamas os sonantes
 ramos sente, e as fogueiras tristes crepitando,
 Tirésias – porque emitem calor muito intenso 470
 ante a face, e enche as orbes ocas o ígneo ar –
 exclama – a pira treme, e a voz aterra o fogo:

“Ó moradas do Tártaro, e ó reino espantoso
 da ávida Morte, e tu, dos irmãos o mais sevo,
 a quem servem os manes, de réus o perpétuo 475
 castigo, ao qual acata do imo mundo a corte:
 abre a quem bate o sítio mudo e de Perséfone
 dura o vazio! Sob funda noite, o povo ausente
 evoca e que o barqueiro volte em lenho pleno!
 Vinde juntos; e aos manes dai meio não único 480
 de voltarem p’ra luz: tu, num grupo, os Elísios
 pios, ó Perseide, põe; que com o bastão potente
 Arcas brumoso traga; aos mortos pelos crimes,
 muitos do Érebo, muitos do sangue de Cadmo, 485
 com três golpes de serpe, avante o ígneo teixo,
 qual líder abre a luz, Tisífone; que, às sombras
 vindo ao dia, com as bocas não desvie Cérbero.”

Disse, e juntos, então, o velho e a virgem Fêbea
 o espírito dispõem: os dois sem nenhum medo,
 com deus no peito; vasto, o temor toma apenas 490
 o Edipônida e, ao vate entoando atos cantares,

nunc umeros nunc ille manus et uellera prensat
 anxius inceptisque uelit desistere sacris.
 qualis Gaetulae stabulantem ad confraga siluae
 uenator longo motum clamore leonem 495
 expectat firmans animum et sudantia nisu
 tela premens; gelat ora pauor gressusque tremescunt,
 quis ueniat quantusque, sed horrida signa frementis
 accipit et caeca metitur murmura cura.
 atque hic Tiresias nondum aduentantibus umbris: 500
 “testor,” ait, “diuae, quibus hunc saturauimus ignem
 laeuaque conuulsae dedimus carchesia terrae,
 iam nequeo tolerare moram. cassusne sacerdos
 audior? an, rabido iubeat si Thessala cantu,
 ibitis? et, Scythicis quotiens medicata uenenis 505
 Colchis aget, trepido pallebunt Tartara motu?
 nostri cura minor? si non attollere bustis
 corpora nec plenas antiquis ossibus urnas
 egerere et mixtos caelique Erebiue sub unum
 funestare deos libet aut exanguia ferro 510
 ora sequi atque aegras functorum carpere fibras,
 ne tenues annos nubemque hanc frontis opacae
 spernite, ne, moneo: et nobis saeuire facultas.
 scimus enim [et] quidquid dici noscique timetis
 et turbare Hecaten – ni te, Thymbraee, uererer – 515
 et triplicis mundi summum, quem scire nefastum.
 illum... sed taceo: prohibet tranquilla senectus.
 iamque ego uos...” auide subicit Phoebeia Manto:
 “audiris, genitor, uulgusque exangue propinquat.
 panditur Elysium chaos, et telluris opertae 520
 dissilit umbra capax, siluaeque et nigra patescunt
 flumina: liuentes Acheron eiecat harenas,
 fumidus atra uadis Phlegethon incendia uoluit,
 et Styx discretis interflua manibus obstat.

ora as mãos, ora os ombros e os velos agarra,
 inquieto, e anseia os ritos deixar já no início.
 Qual, da escassez da selva Getúlia habitante,
 caçador que a leão, por longo clamor vindo, 495
 aguarda, o brio mantém e suado do esforço
 aperta a lança: o rosto é frio; o andar, incerto
 do que vem e do porte; mas atro eco de urros
 ouve, e mede os grunhidos com cega aflição.

Então Tirésias, não chegando ainda as sombras, 500
 “intimo,” diz, “ ó deias a que o fogo enchemos
 e em terra aberta sestras vertemos as taças:
 não quero atrasos; sacerdote, eu sou p’ra nada
 ouvido? Se em irado carme ordena a Téssala,
 vós vindes? E se armada com venenos Cíticos 505
 vier a de Colcos, empalece e medra o Tártaro?
 Cuidais menos de nós, se levantar das tumbas
 os corpos, e os caixões de priscos ossos plenos
 haurir e, num só rito, deuses do céu, do Érebo
 profanar não se pode, e com ferro as exangues 510
 faces seguir e aos mortos cortar débeis fibras?
 A idade tênue e a nuvem sobre a fronte opaca
 não desprezai, advirto: em nós há crueldade.
 Eu sei o que temeis que seja expresso ou noto
 e agitar – nem a ti, Timbreu, temerei – Hécate 515
 e o mor do mundo triplo, a quem saber é nefas.
 Este ... mas calo: impede-me, calma, a velhice.
 Ora, vós eu ...” ansiosa, rompe a Fêbea Manto:
 “Escuta, ó pai: o vulgo exangue vem chegando.
 Do Elísio o caos se expõe, e das secretas terras 520
 a extensa sombra salta, e selvas, negros flumes
 se mostram: o Aqueronte lança plúmbea areia,
 fumoso volve aos vaus atrás flamas o Flégeton,
 e circunfuso o Estige impede exclusivos manes.

ipsum pallentem solio circumque ministras 525
 funestorum operum Eumenidas Stygiaeque seueros
 Iunonis thalamos et torua cubilia cerno.
 in speculis Mors atra sedet dominoque silentes
 annumerat populos; maior superimminet ordo.
 arbiter hos dura uersat Gortynius urna 530
 uera minis poscens adigitque expromere uitas
 usque retro et tandem poenarum lucra fateri.
 quid tibi monstra Erebi, Scyllas et inane furentes
 Centauros solidoque intorta adamante Gigantum
 uincola et angustam centeni Aegaeonis umbram?" 535
 "immo," ait, "o nostrae regimen uiresque senectae,
 ne uulgata mihi. quis enim remeabile saxum
 fallentesque lacus Tityonque alimenta uolucrum
 et caligantem longis Ixiona gyris
 nesciat? ipse etiam, melior cum sanguis, opertas 540
 inspexi sedes, Hecate ducente, priusquam
 obruit ora deus totamque in pectora lucem
 detulit. Argolicas magis huc appelle precando
 Thebanasque animas; alias auertere gressus
 lacte quater sparsas maestoque excedere luco, 545
 nata, iube; tum qui uultus habitusque, quis ardor
 sanguinis affusi, gens ultra superbior adsit,
 dic agedum nostramque mone per singula noctem."
 iussa facit carmenque serit, quo dissipat umbras,
 quo reciet sparsas; qualis, si crimina demas, 550
 Colchis et Aeaao simulatrix litore Circe.
 tunc his sacrificum dictis adfata parentem:
 "primus sanguineo summittit inertia Cadmus
 ora lacu, iuxtaque uirum Cythereia proles
 insequitur, geminusque bibit de uertice serpens. 555
 terrigenae comites illos, gens Martia, cingunt,
 quis aeui mensura dies; manus omnis in armis,

No trono o próprio, pálido, e à volta, serventes 525
de obras fatais, as Fúrias, e os terríveis tálamos
da Estígia Juno, e os sevos antros eu distinguo.
No alto atra Morte senta: ao senhor os silentes
povos numera, e espera a vez maior sequência.
Revolve-os na implacável urna o juiz Gortínio, 530
exigindo a verdade, e que exponham as vidas
desde o início e das penas as fugas confessem.
E sobre os monstros do Érebo, Cila, Centauros
bravos em vão, os grilhos dos Gigantes, torsos,
de ferro, a breve sombra de Egéon centímano?” 535
“Não,” disse, “ó guia, força de minha velhice,
não conte o noto. Quem, da rocha retornável,
de águas falsas, de Tício, o alimento das aves,
e de Ixíon, nauseado com seus longos giros,
não conhece? Com sangue melhor, as ocultas 540
sedes olhei, com Hécate me guiando, outrora,
antes que a face deus cobrisse, e luz ao peito
entregasse. As Argivas almas mais impreca,
e as Tebanas; não deixa outros virem. O leite
vaza em quadra: que deixem esse triste luco 545
ordena, filha; então, o vulto e o traje, o ardor
pelo sangue vertido e qual vem mais soberbo
diz e, ponto por ponto, aclara a nossa noite.”
Faz o mandado e o carme trama: afasta sombras,
e revoca as dispersas; qual, se o crime deixas, 550
a Cólquide ou de Eeias praias Circe, a mágica.
Nestes termos, então, narrou ao pai sacrífice:
“Primeiro, abaixa Cadmo a inerte boca ao lago
sanguíneo, e a filha, ao lado do esposo, Citéria
o segue; do alto, gêmeas, bebem as serpentes, 555
e, gente Márcia, os cercam os sócios terrígenos:
mede um dia sua vida; as mãos todas às armas,

omnis et in capulo; prohibent obstantque ruuntque
 spirantum rabie, nec tristi incumbere fossae
 cura, sed alternum sitis exhaurire cruorem. 560
 proxima natarum manus est fletique nepotes.
 hic orbam Autonoen, et anhelam cernimus Ino
 respectantem arcus et ad ubera dulce prementem
 pignus, et oppositis Semelen a uentre lacertis.
 Penthea iam fractis genetrix Cadmeia thyrsis 565
 iamque remissa deo pectusque adaperta cruentum
 insequitur planctu; fugit ille per auia Lethes
 et Stygios super usque lacus, ubi mitior illum
 flet pater et lacerum componit corpus Echion.
 tristem nosco Lycum dextramque in terga reflexum 570
 Aeoliden, umero iactantem funus onusto.
 necdum ille aut habitus aut uersae crimina formae
 mutat Aristaeo genitus: frons aspera cornu,
 tela manu, reicitque canes in uulnus hiantes.
 ecce autem magna subit inuidiosa caterua 575
 Tantalus et tumido percenset funera luctu,
 nil deiecta malis; iuuat effugisse deorum
 numina et insanae plus iam permittere linguae.”
 talia dum patri canit intemerata sacerdos,
 illius elatis tremefacta adsurgere uittis 580
 canities tenuisque impelli sanguine uultus.
 nec iam firmanti baculo nec uirgine fida
 nititur, erectusque solo, “desiste canendo,
 nata,” ait, “externae satis est mihi lucis, inertes
 discedunt nebulae, et uultum niger exuit aer. 585
 umbrisne an supero demissus Apolline complet
 spiritus? en uideo quaecumque audita. sed ecce
 maerent Argolici deiecto lumine manes!
 toruus Abas Proetusque nocens mitisque Phoroneus
 truncatusque Pelops et saeuo puluere sordens 590

todas aos punhos; barram, impedem, se lançam
com raiva de espirantes; pôr-se à infausta fossa
não cuidam, mas haurir entre si o seu sangue. 560

E um bando, então, de filhas e netos em pranto.
Autônoe distinguimos, carente, e Ino, arfando,
voltando ao arco os olhos, premendo nos seios
a cria; e, os braços ao redor do ventre, Sêmele.

A Penteu, a Cadmeia mãe, com os tirsos rotos, 565
já do deus abrandada, exposto o peito cruento,
em pranto encalça; foge, pois, pelo ínvio Letes
a além do lago Estígio, onde, mais doce, chora
seu pai, compondo um corpo lacerado, Equíon.

Triste Lícon eu vejo e, às costas pondo a destra, 570
um cadáver lançado no ombro onusto, o Eólida.

Nem ainda da nova forma o ultraje e os traços
muda o Aristida: a fronte espinhada por chifres,
o dardo à mão, afasta cães que o ferem hiantes.
Eis se assoma também, por grande turba invis, 575
com luto altivo exéquias contando, a Tantálida,
sem que a derrube o mal; apraz do nume divo
ter fugido e, ora, à insana língua assentir mais.”

Enquanto ao pai tais coisas canta a intacta pítia,
dele se erguem, as fitas já no alto, as medonhas 580
mechas cãs, impelido ao tênue rosto o sangue.

Nem mais com firme cetro ou a devota virgem
se sustém e, de pé sobre o chão: “cessa o canto,
filha,” diz, “já de externa luz me basta. Inertes
vão-se as nuvens, e a negra névoa deixa o olhar. 585

De sombras ou do altivo Apolo vindo, o espírito
me ocupa? Ah!, vejo tudo o que escuto. Mas eis
se enlutam, de olhos baixos, os Argivos manes!
Abas torvo, e o nocente Preto, e o complacente
Foroneu, Pélops troncho e com atra poeira sujo 590

Oenomaus largis umectant imbribus ora.
 auguror hinc Thebis belli meliora. quid autem
 hi grege condense – quantum arma et uulnera monstrant,
 pugnae animae – nobis in sanguine multo
 oraque pectoraque et falso clamore leuatas 595
 intendunt sine pace manus? rex, fallor? an hi sunt
 quinquaginta illi? cernis Cthoniumque Chrominque
 Phegeaque et nostra praesignem Maeona lauro.
 ne saeuite, duces, nihil hic mortalibus ausum,
 credite, consiliis: hos ferrea neuerat annos 600
 Atropos. existis casus: bella horrida nobis,
 atque iterum Tydeus.” dicit, uittaque ligatis
 frondibus instantes abigit monstratque cruorem.
 stabat inops comitum Cocyti in litore maesto
 Laius, immiti quem iam deus ales Auerno 605
 reddiderat, dirumque tuens obliqua nepotem
 – noscit enim uultu – non ille aut sanguinis haustus,
 cetera ceu plebes, aliumue accedit ad imbrem,
 immortale odium spirans. sed prolicit ultro
 Aonius uates: “Tyriae dux inclute Thebes, 610
 cuius ab interitu non ulla Amphionis arces
 uidit amica dies, o iam satis ulte cruentum
 exitium, et multum placata minoribus umbra,
 quos, miserande, fugis? iacet ille in funere longo,
 quem fremis, et iunctae sentit confinia mortis, 615
 obsitus exhaustos paedore et sanguine uultus
 eiectusque die: sors leto durior omni,
 crede mihi! quaenam immeritum uitare nepotem
 causa tibi? confer uultum et satiare litanti
 sanguine uenturasque uices et funera belli 620
 pande, uel infensus uel res miserate tuorum.
 tunc ego et optata uetitam transmittere Lethen
 puppe dabo placidumque pia tellure reponam

Enômau: com água à farta umedecem os rostos.
 Disso, eu prevejo a Tebas o melhor da guerra.
 Por que, ó densa grei, expondo armas e chagas,
 almas belazes, muito o sangue à face e ao peito,
 a nós, num falso apelo as mãos postas, sem paz, 595
 se dirigem? Acaso, ó rei, me engano? Ou, estes
 são aqueles cinquenta? Tu vês Ctônio, Crômis,
 Fegeu e Méon, marcado com os nossos louros?
 Chefes, não vos zangueis: por ação mortal nada,
 crede, se ousou; o agora trançou férrea Átropo. 600
 Vos livrastes do acaso: p'ra nós guerra horrível
 e outra vez Tideu." Diz e, com as folhas por fitas
 ligadas, aos instantes obsta, e mostra o sangue.

Sem par, estava às mestas margens do Cocito
 Laio, que o alado deus ao selvagem Averno 605
 já levava; de esquelha ao diro neto olhando –
 sabe os traços –, por goles de sangue não vem,
 tal o resto da plebe, ou por outros liquores:
 respira ódio imortal. Mas logo o vate Aônio
 o envolve: “ó egrégio chefe de Tebas, a Tíria, 610
 desde cujo final nunca aos muros de Anfíon
 viu, fausta, a luz; ó bem vingado já de atroz
 decesso, ó sombra assaz calmada pela prole,
 a quem, ó triste, foges? Tem longas exéquias
 quem te agita: da morte afim os lindes sente, 615
 coberto o olhar vazio com sangue e podridão,
 da luz excluso: é sorte mais dura que o óbito,
 crê! Qual, p'ra que o inocente neto tu evites,
 a causa? Mostra a face e te farta com sangue
 votado, as sucessões da guerra e o morticínio 620
 revela, por rancor ou por clemência aos teus.
 Assim, do obstado Letes a ansiada passagem
 no barco vou te dar, e em sacra terra a calma,

et Stygiis mandabo deis.”

mulcetur honoris
muneribus tingitque genas, dein talia reddit: 625

“cur tibi uersanti manes, aequaeue sacerdos,
lectus ego augurio tantisque potissimus umbris,
qui uentura loquar? satis est meminisse priorum.
nostrane praeclari – pudeat – consulta nepotes
poscitis? illum, illum sacris adhibete nefastis, 630
qui laeto fodit ense patrem, qui semet in ortus
uertit et indignae regerit sua pignora matri.

et nunc ille deos Furiarumque atra fatigat
concilia et nostros rogat haec in proelia manes.
quod si adeo placui deflenda in tempora uates, 635

dicam equidem, quo me Lachesis, quo torua Megaera
usque sinunt: bellum, innumero uenit undique bellum
agmine, Lernaesosque trahit fatalis alumnos
Gradius stimulus; hos terrae monstra deumque
tela manent pulchrique obitus et ab igne supremo 640
sontes lege morae. certa est uictoria Thebis,
ne trepida, nec regna ferox germanus habebit
sed Furiae; geminumque nefas miserosque per enses
– ei mihi! – crudelis uincit pater.” haec ubi fatus
labitur et flexa dubios ambage relinquit. 645

interea gelidam Nemeen et conscia laudis
Herculeae dumeta uaga legione tenebant
Inachidae; iam Sidonias auertere praedas,
sternere, ferre domos ardent instantque. quis iras
flexerit, unde morae, medius quis euntibus error, 650
Phoebe, doce: nos rara manent exordia fama.

marcidus edomito bellum referebat ab Haemo
Liber; ibi armiferos geminae iam sidera brumae
orgia ferre Getas canumque uirescere dorso
Othryn et Icaria Rhodopen assueuerat umbra, 655

e fiar-te a Estígios deuses.”

Por honrosas prendas

refreado, tinge a face e então responde assim: 625

“Por que, volvendo os manes, coevo sacerdote,
 p’ra augúrio fui eleito entre melhores sombras
 p’ra que fale o porvir? Lembrar o andado basta.
 Meus conselhos – ah, pejo! –, fantásticos netos,
 pedis? O outro chamai a sestros ritos, o outro, 630
 que ledo gládio enfiou no pai, que ao orto seu
 tornou e à mãe insonte lançou seus herdeiros.
 E ora ele cansa os deuses e os atros conselhos
 das Fúrias, e ao meu mane roga nesta guerra?
 Se vate, então, de tempos de pranto eu agrado, 635
 direi tudo que anuem Megera torva e Láquesis:
 guerra, de infindas tropas vem guerra; pupilos
 Lérneos move Gradivo com aguilhão dos fados;
 impedem-nos agouros da terra e armas súperas,
 as pulcras mortes, e da extrema chama o veto: 640
 na lei um crime. É certo então de Tebas o êxito;
 não tema, o irmão feroz não vai ganhar o reino:
 as Fúrias vão. Por nefas mútuo e ferros míseros
 – ai de mim! – vence o pai cruel.” Com isso dito,
 desliza e os deixa dúbios com o enigma tortuoso. 645

Nisso, a gelada Nêmea e, da honra Hercúlea cientes,
 os densos bosques tomam com esparsas legiões
 os Inácios; p’ra obter presas Sidônias queimam,
 e ameaçam já saquear suas casas. Quem as iras
 calmou e donde a mora e a curva dos que vêm, 650
 Febo, diz: são-nos poucos da fama os proêmios.

Langunte, do Hemo seu trazia as tropas Líber;
 por gêmeo inverno, aos Márcios Getas a fazerem
 orgias, e a esverdear-se a encosta ao níveo Ótris
 com a escuridão de Icário costumara, e o Ródope; 655

et iam pampineos materna ad moenia currus
 promouet; effrenae dextra laeuaque sequuntur
 lynces, et uda mero lambunt retinacula tigres.
 post exultantes spolia armentalia portant
 seminecesque lupos scissasque Mimallones ursas. 660
 nec comitatus iners: sunt illic Ira Furorque
 et Metus et Virtus et numquam sobrius Ardor
 succiduique gradus et castra simillima regi.
 isque ubi puluerea Nemeen efferuere nube
 conspicit et solem radiis ignescere ferri, 665
 necdum compositas belli in certamina Thebas,
 concussus uisis, quamquam ore et pectore marcet,
 aeraque tympanaque et biforem reticere tumultum
 imperat, attonitas qui circum plurimus aures,
 atque ita: "me globus iste meamque excindere gentem 670
 apparat; ex longo recalet furor; hoc mihi saeuum
 Argos et indomitae bellum ciet ira nouercae.
 usque adeone parum cineri data mater iniquo
 natalesque rogi quaeque ipse micantia sensi
 fulgura? reliquias etiam fusaeque sepulcrum 675
 paelicis et residem ferro petit improba Theben.
 nectam fraude moras; illum, illum tendite campum,
 tendite, io comites." Hyrcanae ad signa iugales
 intumuere iubas, dicto prius astitit Argis.
 tempus erat medii cum solem in culmina mundi 680
 tollit anhela dies, ubi tardus hiantibus aruis
 stat uapor atque omnes admittunt aethera luci.
 undarum uocat ille deas mediusque silentum
 incipit: "agrestes, fluuiorum numina, Nymphae,
 et nostri pars magna gregis, perferte laborem 685
 quem damus. Argolicos paulum mihi fontibus amnes
 stagnaque et errantes obducite puluere riuos.
 praecipuam Nemeen, qua nostra in moenia bellis

p'ra as muralhas maternas os pampíneos carros
 movia: à sestra e à destra infrenes linceos vinham,
 e o conjunto lambiam, fresco em vinho, os tigres.
 Por trás, faustas, traziam pilhagens de armentos,
 e expiantes lobos, e ursas truncas as Mimálones; 660
 vinham junto, uma escolta inquieta, Ira e Furor,
 Medo também, Virtude e o nunca sóbrio Ardor:
 de incerto andar, é tropa ao rei mui semelhante.

Quando a Nêmea fervendo em pulverosa nuvem
 ele enxerga e abrasado o sol com férreos raios, 665
 e aos certames da guerra inda não pronta Tebas,
 com o visto aflito, embora mole a boca e o peito,
 quietar bronzes, e tímpano, e a destoante bífore
 manda, pois junto ao pasmo ouvido alto soavam,
 e diz: “p'ra me arrasar, e a meu povo, essa turba 670
 se apresta; ferve há muito o furor: a mim, Argos
 seva e a ira da atroz madrasta a guerra invocam.
 Foi pouco a morte dada à mãe com iníqua cinza,
 e as chamas natais, fúnebres, e os raios rútilos
 que senti? Da ida amante até sepulcro e restos 675
 e a ociosa Tebas, ímproba com o ferro ameaça.
 Com farsa os tardo: àquele campo ide, àquele,
 amigos, ide!” E as juntas da Hircânia, ao sinal,
 inflam a juba, e aos agros chega antes do dito.

O sol, no auge do centro etéreo, o dia tórrido 680
 erguia quando, lento, sobre os hiantes campos
 para o mormaço, e os lucos admitem os lumes.
 As deusas d' água chama e em meio à calmaria
 começa: “agrestes Ninfas, ó deusas dos flumes,
 parte ampla do meu coro, concedei o empenho 685
 dado: breve, por mim, à fonte os rios Argólides,
 lagos e errantes riachos obstruí com a poeira.
 Das tropas rumo aos nossos muros, da precípua

nunc iter, ex alto fugiat liquor; adiuuat ipse
 Phoebus adhuc summo, cesset ni uestra uoluntas, 690
 limite; uim coeptis indulgent astra, meaeque
 aestifer Erigones spumat canis. ite uolentes,
 ite in operta soli; post uos ego gurgite pleno
 eliciam, et quae dona meis amplissima sacris
 uester habebit honos, nocturnaue furta licentum 695
 cornipedum et cupidas Faunorum arcebo rapinas.”
 dixerat; ast illis tenuior percurrere uisus
 ora situs, uiridisque comis exaruit umor.
 protinus Inachios haurit sitis ignea campos:
 diffugere undae, squalent fontesque lacusque, 700
 et caua feruenti durescunt flumina limo.
 aegra solo macies, tenerique in origine culmi
 inclinata seges, deceptum margine ripae
 stat pecus, atque amnes quaerunt armenta natatos.
 sic ubi se magnis refluxus suppressit in antris 705
 Nilus et Eoae liquentia pabula brumae
 ore premit, fumant desertae gurgite ualles
 et patris undosi sonitus expectat hiulca
 Aegyptos, donec Phariis alimenta rogatus
 donet agris magnumque inducat messibus annum. 710
 aret Lerna nocens, aret Lyrceus et ingens
 Inachus aduoluensque natantia saxa Charadrus
 et numquam in ripis audax Erasinus et aequus
 fluctibus Asterion, ille alta per auia notus
 audiri et longe pastorum rumpere somnos. 715
 una tamen tacitas, sed iussu numinis, undas,
 haec quoque, secreta nutrit Langia sub umbra.
 nondum illi raptus dederat lacrimabile nomen
 Archemorus, nec fama deae; tamen auia seruat
 et nemus et fluuium; manet ingens gloria Nympham, 720
 cum tristem Hypsipylen ducibus sudatus Achaeis

Nêmea que ao fundo fuja a água; e ajude Febo,
o próprio, a prumo agora, e que vossa vontade 690
não cesse; força a isso os astros dão, da Erígone
minha espumeja o ardente cão. Ide, querentes,
ide ao esconso chão; depois, com o fluxo pleno
vos trarei e as mais finas prendas do meu culto
tereis; noturnos furtos de obscenos cornípedes 695
vou banir, e as sequiosas pilhagens dos Faunos.”

Disse, e mais tênue pareceu-lhes vir ao rosto
o limo, e o verde humor da coma se esgotou.
De pronto, haure os Inácios agros ígnea sede:
com água fugindo secam as fontes e os lagos, 700
e com a lama fervente endurecem rios cavos.
Árido adoece o solo, e à base da haste tenra
curva-se o grão; à margem da beira, iludida
para a rês, e greis buscam os rios já nadados.
Assim, quando vazante desce a grutas vastas 705
Nilo e do inverno Eoo os liquefeitos pábulos
no leito guarda, evolam-se os vales desertos,
e, entreaberto, do undoso pai espera os sons
o Egito, até que a rogos o sustento aos Faros
agros leva e às colheitas um ano grandioso. 710

Seca a Lerna culpada, e seca o Lírcio, o Ínaco
amplo e, rochas natantes revolvendo, o Cáradro;
audaz, nunca às suas ribas o Erasino e, em água
igual, o Astério: em altos ermos sempre aquele
se ouve e à distância rompe dos pastos o sono. 715
Sozinha, águas silentes, pois, ordem do nume
também, nutre, sob sombras secretas, Langia.
Morto, ainda não lhe dera o lamentável nome
Arquêmoro, nem fama à deusa; alheia, guarda
luco e rio: vasta glória à Ninfa, quando a triste 720
Hipsípila, de Aqueus o intenso jogo e o lúgubre

ludus et atra sacrum recolet trieteris Ophelten.

ergo nec ardentem clipeos uectare nec artos
 thoracum nexus – tantum sitis horrida torret –
 sufficiunt; non ora modo angustisque perusti 725
 faucibus, interior sed uis quatit: aspera pulsu
 corda, gelant uenae et siccis cruor aeger adhaeret
 uisceribus; tunc sole putris, tunc puluere tellus
 exhalat calidam nubem. non spumeus imber
 manat equum: siccis inlidunt ora lupatis, 730
 ora catenatas procul exertantia linguas;
 nec legem dominosue pati, sed perfurit aruis
 flammatum pecus. huc illuc impellit Adrastus
 exploratores, si stagna Licymnia restent,
 si quis Amymones superet liquor: omnia caecis 735
 ignibus hausta sedent, nec spes umentis Olympi,
 ceu flauam Libyen desertaque pulueris Afri
 conlustrent nullaue umbratam nube Syenen.

tandem inter siluas – sic Euhius ipse pararat –
 errantes subitam pulchro in maerore tuentur 740
 Hypsipylen; illi quamuis et ad ubera Opheltes
 non suus, Inachii proles infausta Lycurgi.
 quamuis et neglecta comam nec diues amictu,
 regales tamen ore notae, nec mersus acerbis
 extat honos. tunc haec adeo stupefactus Adrastus: 745
 “diua potens nemorum – nam te uultusque pudorque
 mortali de stirpe negant –, quae laeta sub isto
 igne poli non quaeris aquas, succurre propinquis
 gentibus; Arquitenens seu te Latonia casto
 de grege transmisit thalamis, seu lapsus ab astris 750
 non humilis fecundat amor – neque enim ipse deorum
 arbiter Argolidum thalamis nouus –, aspice maesta
 agmina. nos ferro meritas excindere Thebas
 mens tulit, imbelli sed nunc sitis aspera fato

festim trienal lembrarem, e ao maldito Ofeltes.

Por isso, ardentes clípeos trazer, e armaduras
justas ao peito – tanto torra a sede horrenda –,
não podem; não se abrasam só bocas e oclusas 725
fauces, mas força interna abala: duro, o peito
bate, as veias congelam, cola o sangue espesso
nas entranhas; a terra, de poeira e sol pútrida,
exala quentes nuvens. Chuva espúmea os baios
não emanam: suas bocas mascam freios secos, 730
bocas que põem à frente as línguas atreladas;
não sofrem do amo a lei: nos campos enfurece
o armento adusto. Adrasto, aqui e ali, impele
espíões p’ra ver se restam os lagos Licímnios,
se em Amimone sobram águas: tudo haurido 735
por cego fogo jaz; e nem chuva há no Olimpo,
tal se a áurea Líbia, os ermos areosos da África
e Siene, nunca oculta por nuvens, cruzassem.

Entre selvas enfim – o próprio Évio arranjava –
passando, brusca, em bela tristeza percebem 740
Hipsípila e, pendendo em seus seios, Ofeltes,
não seu, mas prole infausta do Inácio Licurgo;
mesmo ignorada a coma e de trajes não ricos,
na face há marcas régias e, longe das mágoas,
subsiste a honra. Adrasto, então, perplexo diz: 745
“Dos bosques ó potente deusa – a face e o pejo
negam raça mortal – que alegre sob as chamas
do polo águas não buscas: socorre as vizinhas
gentes; talvez Latônia, a Arcífera, de um casto
coro te enviou ao tálamo ou, do céu baixando, 750
amor não humil te fecunda – o mor dos deuses
não é novo em Argivas camas; tu vês mestas
as coortes. Nós a ferro extinguir Tebas digna
queremos, mas a um fado imbele a dura sede

summittitque animos et inertia robora carpit. 755
da fessis in rebus opem, seu turbidus amnis,
seu tibi foeda palus; nihil hac in sorte pudendum,
nil humile est; tu nunc Ventis pluuioque rogaris
pro Ioue, tu refugas uires et pectora bellis
exanimata reple: sic hoc tibi sidere dextro 760
crescat onus. tantum reduces det flectere gressus
Iuppiter, o quanta belli donabere praeda!
Dircaeos tibi, diua, greges numerumque rependam
sanguinis et magna lucus signabitur ara.”
dixit, et orantis media inter anhelitus ardens 765
uerba rapit, cursuque animae labat arida lingua;
idem omnes pallorque uiros flatusque soluti
oris habet.
 reddit demisso Lemnia uultu:
“diua quidem uobis, etsi caelestis origo est,
unde ego? mortales utinam haud transgressa fuisset 770
luctibus! altricem mandati cernitis orbam
pignoris; at nostris an quis sinus, uberaque ulla,
scit deus; et nobis regnum tamen et pater ingens.
sed quid ego haec, fessosque optatis demoror undis?
mecum age nunc, si forte uado Langia perennes 775
seruat aquas; solet et rabidi sub limite Cancri
semper, et Icarii quamuis iuba fulguret astri,
ire tamen.” simul haerentem, ne tarda Pelasgis
dux foret, a! miserum uicino caespite alumnum
– sic Parcae uoluerunt – locat ponique negantis 780
floribus aggestis et amico murmure dulces
solatur lacrimas: qualis Berecyntia mater,
dum paruum circa iubet exultare Tonantem
Curetas trepidos; illi certantia plaudunt
orgia, sed magnis resonat uagibus Ide. 785
 at puer in gremio uernae telluris et alto

submete o arrojo e as forças exaustas consome. 755
 Aos cansados dá auxílio, quer seja rio túrbido
 ou charco obscuro a ti; nada peja em tal sorte,
 nem calca; és a buscada, e não Ventos ou Jove
 pluvioso: as forças idas tu, e os peitos langues
 p'ra guerra farta; então, que a ti de destro céu 760
 cresça o fardo. Provendo os passos do retorno
 Jove, ah!, quantos despojos de guerra daremos!
 Dírceas greis, deusa, a ti pagarei, e abundância
 de sangue; uma ara magna marcará o bosque.”
 Disse, e em meio aos pedidos um ardente bafo 765
 furta as palavras, trava a língua seca a arfada;
 todos o mesmo alvor e o suspirar das frouxas
 bocas têm.

Com o olhar no chão, a Lêmnia diz:
 “Como posso ser deusa inda que de orto etéreo?
 Que oxalá os mortais não vencesse em tristezas! 770
 Vedes, dos seus privada, a nutriz da incumbida
 prole; aos nossos, porém, qual colo e qual o seio
 sabe o deus; qual o reino e o forte pai também.
 Por que afasto os cansados da fonte almejada?
 Vinde, se ora Langia em seu leito as perpétuas 775
 águas mantém; do irado Câncer sob as sendas,
 sempre, embora fulgure a juba do astro Icário,
 corre.” Nisso, o pendente, p'ra guia a Pelasgos
 não ser lenta, na grama, ai!, o lactente mísero,
 – querem as Parcas – deita e, enjeitado o lugar, 780
 com flóreo monte e afáveis murmúrios o doce
 pranto conforta: assim como a mãe Berecência
 mandava em volta ao jovem Tonante dançarem
 os Curetes inquietos – que, em disputa, pulsam
 sons órgios, mas ressoa com amplo choro o Ida. 785

Mas o jovem, no grêmio de um solo vernante

gramine nunc faciles sternit procursibus herbas
 in uultum nitens, caram modo lactis egeno
 nutricem clangore ciens iterumque renidens
 et teneris meditans uerba inluctantia labris 790
 miratur nemorum strepitus aut obuia carpit
 aut patulo trahit ore diem nemorique malorum
 inscius et uitae multum securus inerrat.
 sic tener Odrysia Mauors niue, sic puer ales
 uertice Maenalia, talis per litora reptans 795
 improbus Ortygiae latus inclinabat Apollo.
 illi per dumos et opaca uirentibus umbris
 deuia, pars cingunt, pars arta plebe sequuntur
 praecelerantque ducem. medium subit illa per agmen
 non humili festina modo; iamque amne propinquo 800
 rauca sonat uallis, saxosumque impulit aures
 murmur: ibi exultans conclamat ab agmine primus,
 sicut erat leuibus tollens uexilla maniplis,
 Argus, "aquae?" longusque uirum super ora cucurrit
 clamor, "aquae!" sic Ambracii per litora ponti 805
 nauticus in remis iuuenum monstrante magistro
 fit sonus inque uicem contra percussa reclamat
 terra, salutatus cum Leucada pandit Apollo.
 incubuere uadis passim discrimine nullo
 turba simul primique, nequit discernere mixtos 810
 aequa sitis, frenata suis in curribus intrans
 armenta, et pleni dominis armisque feruntur
 quadripedes; hos turbo rapax, hos lubrica fallunt
 saxa, nec implicitos fluuio reuerentia reges
 proterere aut mersisse uado clamantis amici 815
 ora. fremunt undae, longusque a fontibus amnis
 diripitur; modo lene uirens et gurgite puro
 perspicuus, nunc sordet aquis egestus ab imis
 alueus; inde tori riparum et proruta turbant

de alta grama, ora deita a erva mole inclinando
 à frente a face e, o leite ansiando, ora a querida
 nutriz chamando a gritos e outra vez sorrindo,
 nos tenros lábios verbos buscando obstinados, 790
 ouve os ruídos do bosque, colhe o à mão, o dia
 com boca aberta traga e, os perigos do bosque
 ignorando, assaz crendo em sua vida vagueia.
 Tal tenro Marte à neve Odrísia, e o jovem áleo
 no auge Menálio, ou, se arrastando pela praia, 795
 o ímprobo Apolo um lado da Ortígia afundava.

Entre brenhas e extremos por sombras virentes
 obscuros, parte cerca, e parte segue em massa
 a guia, ou a precede. Entre a tropa ela avança
 veloz, mas nada indigna; e já próximo ao rio, 800
 ruidoso o vale soa, e instiga, pétreo, o ouvido
 um murmúrio; exultando conclama primeiro,
 trazendo, então, das tropas ligeiras a insígnia,
 Argos: “Água!”, e na boca dos varões se alonga
 o clamor: “Água!”. Assim, no litoral Ambrácio, 805
 instruindo o arrais, de jovens ao remo o naval
 grito ecoa, e, em resposta, retumba, atingida,
 a terra, quando Apolo saudado expõe Leucas.

Por toda parte, atiram-se ao curso sem ordem
 turba e chefes; não pode distingui-los, mistos, 810
 a mesma sede; aos carros presas entram greis,
 corcéis repletos de armas e varões se lançam;
 alguns, veloz remoinho; os outros pedras lisas
 logram; não peja aos reis, envoltos pelo flume,
 pisar ou submergir no vau, do sócio aos gritos, 815
 a boca. As águas fremem, e o rio de suas fontes
 é roubado; então verde suave e de águas puras,
 limpo, agora, agitadas do imo as águas, suja-se
 o álveo; rompem-se margens e são arrancadas

gramina; iam crassus caenoque et puluere torrens, 820
 quamquam expleta sitis, bibitur tamen. agmina bello
 decertare putes iustumque in gurgite Martem
 perfurere aut captam tolli uictoribus urbem.
 atque aliquis regum medio circumfluus amni:
 “siluarum, Nemea, longe regina uirentum, 825
 lecta Iouis sedes, quantum? non Herculis actis
 dura magis, rabidi cum colla comantia monstri
 angeret et tumidos animam angustaret in artus!
 hac saeuisse tenus populorum in coepta tuorum
 sufficiat; tuque o cunctis insuete domari 830
 solibus, aeternae largitor corniger undae,
 laetus eas, quacumque domo gelida ora resoluus
 immortale tumens; neque enim tibi cana repostas
 bruma niues raptasque alio de fonte refundit
 arcus aquas grauidiue indulgent nubila Cauri, 835
 sed tuus et nulli ruis expugnabilis astro.
 te nec Apollineus Ladon nec Xanthus uterque
 Spercheosque minax Centaureusque Lycormas
 praestiterint; tu pace mihi, tu nube sub ipsa
 armorum festasque super celebrabere mensas 840
 – a Ioue primus honos –, bellis modo laetus ouantes
 accipias fessisque libens iterum hospita pandas
 flumina defensasque uelis agnoscere turmas.”

as plantas; caudaloso, com lama e o pó túrbido 820
 bebem-no, embora farta a sede. Que guerreiam
 vais crer, ou que nas águas Marte com justiça
 se enraiva, ou que triunfantes pilham urbe ganha.

E algum dos reis, então, pelo rio circundado:
 “das verdes selvas, Nêmea, de longe a rainha, 825
 sede eleita por Jove, mais dura com Hércules
 tu não foste, que a nuca do monstro, comada,
 espremeu e nos braços estreitou-lhe o ânimo!
 Ter-se zangado contra os planos do teu povo
 basta; e tu, nada afeito a ser por qualquer sol 830
 domado, eternas águas cedendo, ó cornífero,
 segue fausto, onde quer que a fria boca abras,
 ó tímido imortal; o branco inverno as priscas
 neves não te devolve, de outra fonte as águas
 o íris não dá, nem nuvens grávidas do Cauro: 835
 por ti somente, os astros não te vencem, vais.
 Nem o Apolíneo Ládon, nem Xanto, o qual for,
 nem Esperqueu minaz ou Centáureo Licormas
 te excedem; eu, em paz, a ti, baixo essa nuvem
 de armas e sobre as festas mesas, vou gloriar – 840
 primeiro honras a Jove; fruída a guerra, fausto
 nos recebas, de novo aos lassos dê tuas águas
 cordiais e as salvas tropas queiras distinguir.”

EPISÓDIOS DO CANTO V

1. Resolvido o problema da sede, as tropas retomam sua formação para seguirem a marcha. 17. Adrasto interpela Hipsípila sobre a sua origem. 28. Hipsípila revela a sua origem e sua condição nos reinos de Licurgo. 40. Adrasto incita Hipsípila para que lhe conte os detalhes de sua história. 48. Hipsípila inicia a narrativa sobre a ilha de Lemno. 53. Hipsípila fala sobre a relação entre os lêmnios e os trácios. 58. A vingança de Vênus. 75. Cresce o desejo de guerra contra os trácios. 85. A fúria de Polixo. 104. Polixo fala ao concílio das lêmnicas. 129. Polixo vê a armada de Lemno no horizonte e incita as lêmnicas ao crime. 143. As lêmnicas dão início à matança de seus filhos. 170. Os homens chegam de volta à ilha. 190. As mulheres preparam-se para matar os lêmnicos. 206. Hipsípila descreve alguns dos assassinatos. 236. Hipsípila se apressa para salvar Toas, seu pai. 265. Hipsípila narra como Baco ajudou na fuga de seu pai. 296. O dia surge e as mulheres veem o resultado de seus crimes. 335. Os argonautas se aproximam da ilha de Lemno. 431. Os argonautas aportam na ilha. 459. Os argonautas detêm-se na ilha e, da sua relação com as lêmnicas, nascem novos filhos homens para Lemno. 468. Os argonautas retomam seu curso. 486. As lêmnicas descobrem o estratagemas de Hipsípila para salvar seu pai. 499. Esquecido por sua ama, Ofeltes adormece sobre a relva. 505. O narrador descreve a serpente que se aproxima do infante. 534. A serpente mata Ofeltes, e Hipsípila dispara em busca da criança. 554. Hipomedonte e Capaneu investem contra o monstro assassino. 588. Hipsípila encontra os restos mortais de Ofeltes. 605. Hipsípila lamenta o destino da criança. 638. A notícia da morte de Ofeltes chega à corte de Licurgo, seu pai. 650. No palácio, a chegada dos guerreiros argivos faz com que os ânimos aflorem. 699. Adrasto adentra o palácio com Hipsípila. 710. Os filhos de Hipsípila, por intermédio de Baco, chegam à Nêmea. 731. Anfiarau expõe os desígnios dos Fados e acalma os ânimos de todos.

Liber V

pulsa sitis fluuio, populataque gurgitis alueum
 agmina linquebant ripas amnemque minorem;
 acrior et campum sonipes rapit et pedes arua
 implet ouans, rediere uiris animique minaeque
 uotaque, sanguineis mixtum ceu fontibus ignem 5
 hausissent belli magnasque in proelia mentes.
 dispositi in turmas rursus legemque seueri
 ordinis, ut cuique ante locus ductorque, monentur
 instaurare uias. tellus iam puluere primo
 crescit, et armorum transmittunt fulgura siluae. 10
 qualia trans pontum Phariis defensa serenis
 rauca Paraetonio decedunt agmina Nilo,
 cum fera ponit hiems: illae clangore fugaci,
 umbra fretis aruisque, uolant, sonat auius aether.
 iam Borean imbresque pati, iam nare solutis 15
 amnibus et nudo iuuat aestiuare sub Haemo.
 hic rursus simili procerum uallante corona
 dux Talaionides, antiqua ut forte sub orno
 stabat et admoti nixus Polynicis in hastam:
 “at tamen, o quaecumque es,” ait, “cui gloria tanta, 20
 uenimus, innumeras Fato debere cohortes,
 quem non ipse deum sator aspernetur honorem,
 dic age, quando tuis alacres absistimus undis,
 quae domus aut tellus, animam quibus hauseris astris.
 dic quis et ille pater. neque enim tibi numina longe, 25
 transierit Fortuna licet, maiorque per ora
 sanguis, et afflicto spirat reuerentia uultu.”
 ingemit, et paulum fletu cunctata modesto
 Lemnias orsa refert: “immania uulnera, rector,
 integrare iubes, Furias et Lemnon et artis 30
 arma inserta toris debellatosque pudendo

Canto V

Expulsa à sede o rio e, estuído o fluvial curso,
 deixa o exército as margens, e o flume, menor;
 atroz assola o campo o pingo, o infante os agros
 toma alegre. Aos varões retornam brio, ameaças
 e votos tal se, às fontes misto, o ardor da cruenta 5
 guerra haurissem, e magnos do prélio os juízos.
 Em turmas outra vez dispostos, da ordem rígida
 na lei, ante a seu posto e a seu chefe, decreta-se
 que retomem a marcha. Então, com o pó a terra
 sobe, e as selvas transmitem o brilho das armas. 10
 Qual sobre o mar, guardadas pela amena Faros,
 roucas do Egípcio Nilo dispersam-se as coortes,
 vindo o inverno feroz: com clangor fátuo voam,
 a campos e águas sombra, e impérvio soa o éter.
 Sofrer com chuva e Bóreas, nadar em tranquilos 15
 riachos e no Hemo nu veraneiar já as contenta.

Por grupo igual de nobres outra vez rodeado,
 sob velho e forte freixo põe-se o rei Taláonide,
 na haste de Polinices ao seu lado esteando-se:
 “Quem quer que sejas,” diz, “a quem de tanta glória 20
 viemos, à que por Fado as várias coortes devem,
 honra que o próprio pai dos deuses não enjeita;
 diz, enquanto febris nós deixamos tuas águas,
 qual terra e lar, de que astros tragaste tua alma.
 E aquele pai? Os numes, pois, de ti não distam, 25
 mesmo ausente a Fortuna; é maior no teu rosto
 o sangue, e exala dignidade o aspecto lânguido.”

Lamenta e um pouco incertas, em pranto modesto,
 tais frases diz a Lêmnia: “imensas chagas, chefe,
 ordenas que eu reabra: Erínias, Lemno, a breve 30
 leito armas postas, homens por espadas ímpias

ense mares; redit ecce nefas et frigida cordi
 Eumenis. o miserae, quibus hic furor additus! o nox!
 o pater! illa ego nam, pudeat ne forte benignae
 hospitis, illa, duces, raptum quae sola parentem 35
 ocului. quid longa malis exordia necto?
 et uos arma uocant magnique in corde paratus.
 hoc memorasse sat est: claro generata Thoante
 seruitium Hypsipyle uestri fero capta Lycurgi.”
 aduertere animos, maiorque et honora uideri 40
 parque operi tanto; cunctis tunc noscere casus
 ortus amor, pater ante alios hortatur Adrastus:
 “immo age, dum primi longe edimus agmina uulgi
 – nec facilis Nemea latas euoluere uires,
 quippe obtenta comis et ineluctabilis umbra –, 45
 pande nefas laudesque tuas gemitusque tuorum,
 unde hos aduenias regno deiecta labores.”
 dulce loqui miseris ueteresque reducere questus.
 incipit: “Aegaeo premitur circumflua Nereo
 Lemnos, ubi ignifera fessus respirat ab Aetna 50
 Mulciber; ingenti tellurem proximus umbra
 uestit Athos nemorumque obscurat imagine pontum.
 Thraces arant contra, Thracum fatalia nobis
 litora, et inde nefas. florebat diues alumnis
 terra, nec illa Samo fama Deloue sonanti 55
 peior et innumeris quas spumifer assilit Aegon.
 dis uisum turbare domos, nec pectora culpa
 nostra uacant: nullos Veneri sacrauimus ignes,
 nulla deae sedes; mouet et caelestia quondam
 corda dolor lentoque inrepunt agmine Poenae. 60
 illa Paphon ueterem centumque altaria linquens,
 nec uultu nec crine prior, soluisse iugalem
 ceston et Idalias procul ablegasse uolucres
 fertur. erant certe media quae noctis in umbra

mortos; eis torna ao peito o nefas e a atroz Fúria.
 Ó infaustas, vós, às quais furor foi dado! Ó noite!
 Ó pai! Aquela eu sou – p’ra que a boa hospedeira
 não peje –, aquela, chefes, que a seu pai, a única, 35
 ocultou. Por que teço o mal em longo exórdio?
 Armas vos chamam, peito presto a grande ação.
 Que isto eu lembre já basta: o alto Toas Hipsípile
 fez-me, e, cativa, eu sirvo ao vosso rei Licurgo.”

Ouvem-na atentos e maior semelha, e honrada, 40
 par de amplo feito; neles, por saber-lhe a queda
 vindo o amor, por primeiro exorta o pai Adrasto:
 “Segue, enquanto as fileiras do vulgo expedimos,
 – não é fácil transpor a Nêmea com anchas forças,
 porquanto oculta em coma e inelutável sombra – 45
 e o nefas nos revela, e as glórias, e ais dos teus,
 pelos quais vieste ao reino entregue a lidas tais.”

Doce à mágoa é contar e volver velhas lástimas.
 Começa: “o Egeu Nereu pressiona a aquiçingida
 Lemno, onde, do Eta ignífero lasso, o Mulcíbero 50
 respira. Com ampla sombra, seu vizinho a terra
 Atos cobre e com imagem do luco ao mar tolda.
 Trácios aram no oposto, a nós fatais, da Trácia
 as praias, donde o nefas. Rica, a terra em filhos
 floria – a Samo ou Delos soante nada em fama 55
 menor, ou às que, várias, fere o espúmeo Egeu.
 Talar casas aos deuses deu-se, e culpa ao peito
 nosso não falta: a Vênus fogo algum sacramos,
 morada alguma à deusa; às vezes, move a célios
 imos a dor, e em lento flume as Penas correm. 60
 Deixa a deusa a anciã Pafos e o cento de altares,
 sem face ou mechas de antes; perdida sua cinta
 nupcial e ao longe enviadas suas aves da Idália
 se dizia. Umas há as quais, que em meio à noite

diuam alios ignes maioraque tela gerentem 65
 Tartareas inter thalamis uolitasse Sorores
 uulgarent, utque implicitis arcana domorum
 anguibus et saeua formidine nupta replisset
 limina nec fidi populum miserata mariti.
 protinus a Lemno teneri fugistis Amores: 70
 mutus Hymen uersaeque faces et frigida iusti
 cura tori. nullae redeunt in gaudia noctes,
 nullus in amplexu sopor est, Odia aspera ubique
 et Furor et medio recubat Discordia lecto.
 cura uiris tumidos aduersa Thracas in ora 75
 eruere et saeuam bellando frangere gentem.
 cumque domus contra stantesque in litore nati,
 dulcius Edonias hiemes Arctonque prementem
 excipere, aut tandem tacita post proelia nocte
 fractorum subitas torrentum audire ruinas. 80
 illae autem tristes – nam me tunc libera curis
 uirginitas annique tegunt – sub nocte dieque
 assiduis aegrae in lacrimis solantia miscent
 conloquia, aut saeuam spectant trans aequora Thracen.
 Sol operum medius summo librabat Olympo 85
 lucentes, ceu staret, equos; quater axe sereno
 intonuit, quater antra dei fumantis anhelos
 exerere apices, uentisque absentibus Aegon
 motus et ingenti percussit litora ponto:
 cum subito horrendas aeui matura Polyxo 90
 tollitur in furias thalamisque insueta relictis
 euolat. insano ueluti Teumesia Thyias
 rapta deo, cum sacra uocant Idaeaeque suadet
 buxus et a summis auditus montibus Euhan:
 sic, erecta genas aciemque offusa trementi 95
 sanguine, desertam rabidis clamoribus urbem
 exagitat clausasque domos et limina pulsans

a deusa, fogos outros tendo e armas maiores, 65
 já voara pelas camas com as Irmãs Tartáreas
 relatam, que os arcanos das casas com torsas
 serpes enchera, e a todas as portas com sevo
 medo, sem comovê-la a gente do fiel cônjuge.
 De Lemno, ó Amores tenros, logo vós fugistes: 70
 Hímen silente, inversas tochas, frios cuidados
 de leito justo. Ao gozo as noites não voltaram,
 ou sono houve no abraço: em tudo rude Ódio,
 Furor e, em meio ao leito se pondo, Discórdia.
 A ideia nos varões de à orla oposta os tímidos 75
 Trácios vastar e o povo atroz bater na guerra.
 Mesmo na praia os filhos e contra suas casas,
 mais doce os frios Edônios e premente Arturo
 é sofrer, ou pós-prélio, enfim, em muda noite
 ouvir os bruscos choques da maré quebrando. 80
 Mas tristes elas – livre, pois, de tais cuidados
 velavam-me a inocência e a idade – noite e dia
 ao pranto assíduo, aflitas, misturam conversas
 de alívio ou no além-mar a seva Trácia miram.
 “No entre da faina o Sol librava no alto Olimpo 85
 ou detinha os luzentes corcéis: quatro, no alvo
 polo, trovões; na gruta do deus fúmeo, quatro
 línguas de fogo; mesmo ausente o vento, Egeu
 moveu-se e percutiu com mar ingente a praia:
 de pronto, então, a velha Polixo em horrendas 90
 fúrias se ergue e, deixado o leito, corre avessa.
 Qual, guiada pelo insano deus, Teumésia Tíade
 quando chamam as sacras e impulsiona o buxo
 do Ida, ouvindo-se às sumas montanhas o Euã:
 assim, a face erguida e a vista infusa em sangue 95
 vibrante, a erma urbe com seus loucos brados
 revolve e, às casas clausttras e portões batendo,

concilium uocat; infelix comitatus eunti
 haerebant nati. atque illae non segnius omnes
 erumpunt tectis, summasque ad Pallados arces 100
 impetus: huc propere stipamur et ordine nullo
 congestae; stricto mox ense silentia iussit
 hortatrix scelerum et medio sic ausa profari:
 “rem summam instinctu superum meritique doloris,
 o uiduae – firmate animos et pellite sexum! – 105
 Lemniades, sancire paro; si taedet inanes
 aeternum seruare domos turpemque iuuentae
 flore situm et longis steriles in luctibus annos,
 inueni, promitto, uiam – nec numina desunt –
 qua renouanda Venus: modo par insumite robur 110
 luctibus. atque adeo primum hoc mihi noscere detur:
 tertia canet hiems: cui conubialia uincla
 aut thalami secretus honos? cui coniuge pectus
 intepuit? cuius uidit Lucina labores,
 dicite, uel iustos cuius pulsantia menses 115
 uota tument? qua pace feras uolucresque iugari
 mos datus! heu segnes! potuitne ultricia Graius
 uirginibus dare tela pater laetusque dolorum
 sanguine securos iuuenum perfundere somnos:
 at nos uulgi iners? quodsi propioribus actis 120
 est opus, ecce animos doceat Rhodopeia coniunx,
 ulta manu thalamos pariterque epulata marito.
 nec uos immunis scelerum securae cogo.
 plena mihi domus atque ingens, en cernite, sudor.
 quattuor hos una, decus et solacia patris, 125
 in gremio, licet amplexu lacrimisque morentur,
 transadigam ferro saniemque et uulnera fratrum
 miscebo patremque super spirantibus addam.

clama o consílio; a infausta reunião indo, nela
 se agarravam seus filhos. Todas, logo, os tetos
 deixam e rumo aos sumos montes de Minerva 100
 se vão: sem qualquer ordem, lá nos agrupamos
 amontoadas; de espada à mão, pede o silêncio
 a exortatriz dos crimes e, ao centro, audaz diz:
 ‘Grande feito, em razão da dor, por sopro etéreo
 – os ânimos firmai e o sexo esquecei! –, Lêmniás 105
 viúvas, vou prescrever; se a vós desgosta inanes
 manter p’ra sempre as casas, dos floridos jovens
 a infame incúria e em longo luto estéreis anos,
 achei, afirmo, como – e não se alheiam numes –
 Vênus ser renovada: a mesma força às mágoas 110
 dedicai. Mas primeiro isto a mim seja exposto:
 branqueia o terço inverno: quem teve conúbio,
 ou do leito a secreta honra? O peito ao cônjuge
 esquentou? Viu Lucina os trabalhos de alguém,
 dissei-me, e os justos meses que votos vibrando 115
 encheram? De, em paz, aves e feras se unirem
 deu-se o uso! Lerdas! Pode ultrices armas Graio
 pai às virgens ceder e contente com as dores
 em sangue o salvo sono mergulhar dos jovens:
 e somos nós um povo inerte? Se atos próprios 120
 são mister, eis ao peito ensina a esposa Ródope,
 da união, por si, vingada, e cozendo ao marido.
 Imune ao crime, a vós não convoco, ou a salvo;
 é plena a minha casa e ingente, olhai, o esforço:
 esses quatro, conforto e orgulho do pai, juntos, 125
 embora em pranto ao colo grudados prossigam,
 com o ferro transporei, dos irmãos pus e chagas
 mesclando, e o pai, enquanto expiram, somarei.

ecqua tot in caedes animum promittit?"

agebat

pluribus; aduerso nituerunt uela profundo: 130

Lemnia classis erat. rapuit gauisa Polyxo

fortunam atque iterat: "superisne uocantibus ultro

desumus? ecce rates! deus hos, deus ultor in iras

apportat coeptisque fauet. nec imago quietis

uana meae: nudo stabat Venus ense uideri 135

clara mihi somnosque super. "quid perditis aeuum?"

inquit, "age auersis thalamos purgate maritis.

ipsa faces alias melioraque foedera iungam."

dixit, et hoc ferrum stratis, hoc, credite, ferrum

imposuit. quin, o miserae, dum tempus agi rem, 140

consulite; en ualidis spumant euersa lacertis

aequora. Bistonides ueniunt fortasse maritae."

hinc stimuli ingentes, magnusque aduoluitur astris

clamor. Amazonio Scythiam feruere tumultu

lunatumque putes agmen descendere, ubi arma 145

indulget pater et saeui mouet ostia Belli.

nec uarius fremor aut studia in contraria rapti

dissensus, ut plebe solet: furor omnibus idem,

idem animus solare domos iuuenumque senumque

praecipitare colos plenisque adfrangere paruos 150

uberibus ferroque omnes exire per annos.

tunc uiridi luco – lucus iuga celsa Mineruae

propter opacat humum niger ipse, sed insuper ingens

mons premit et gemina pereunt caligine soles –,

hic sanxere fidem. tu Martia testis Enyo 155

atque inferna Ceres, Stygiaeque Acheronte recluso

ante preces uenere deae; sed fallit ubique

mixta Venus, Venus arma tenet, Venus admouet iras.

nec de more cruor: natum Charopeia coniunx

obtulit. accingunt sese et mirantia ferro 160

Alguém a tantas mortes traz o peito?

“E exorta
 as demais; no além-mar, então, velas brilharam: 130
 era a armada da Lêmnia. Alegre, apanha a sorte
 Polixo e itera: ‘A si nos chamando, dos súperos
 fugimos? Vede os remos! Deus, o ultor, às iras
 os guia e ampara a empresa. Nada vã a imagem
 em meu repouso: Vênus, com gládio nu, clara 135
 em sonho: ‘Por que as vidas vós desperdiçais?’,
 disse; ‘os leitos purgai desses homens escusos;
 fogos outros trarei eu mesma, e elos melhores.’
 Disse e este ferro, credel, e este ferro na manta
 deixou; enquanto há tempo p’ra agir, miseráveis, 140
 julgai; por fortes membros mexidas espumam
 as águas. Talvez Bístones consortes venham.’

“Grande foi o incentivo, e aos astros rolou amplo
 clamor: que a Cítia ferve em tumulto Amazônio
 tu crês, lunada vindo a tropa, quando as armas 145
 concede o pai e move as portas da atroz Guerra.
 Não é vário o bramido, ou com zelos contrários
 discorde, tal à plebe: um mesmo ardor em todas,
 e um fim: destruir suas casas, de jovens e velhos
 correr as rocas, seus nenéns prensar nos fartos 150
 seios e atravessar com o ferro os de outros anos.
 Em verde luco então – no alto Minérvio o luco,
 por si negro, ao chão nubla, mas acima ingente
 monte oprime, e por gêmea treva o sol perece –
 firmam pacto. Tu, Márcia Enio, por testemunha, 155
 Ceres ífera e, exposto o Aqueronte, as Estígias
 deusas, antes das preces vieram; mista e ubíqua
 Vênus burla, armas Vênus traz, e iras dá Vênus.
 Não rotineiro o sangue: o filho, a esposa Cárope
 ofertou. Espantadas com a espada, preparam-se 160

pectora congestisque auidae simul undique dextris
perfringunt, ac dulce nefas in sanguine uiuo
coniurant, matremque recens circumuolat umbra.

taliam cernenti mihi quantus in ossibus horror,
quisue per ora color! qualis cum cerua cruentis 165
circumuenta lupis, nullum cui pectore molli
robur et in uolucris tenuis fiducia cursu,
praecipitat suspensa fugam, iam iamque teneri
credit et elusos audit concurrere morsus.

illi aderant, primis iamque offendere carinae 170
litoribus, certant saltu contingere terram
praecipites. miseri, quos non aut horrida uirtus
Marte sub Odrysio, aut medii inclementia ponti
hauserit! alta etiam superum delubra uaporant
promissasque trahunt pecudes: niger omnibus aris 175
ignis, et in nullis spirat deus integer extis.

tardius umentis noctem deiecit Olympo
Iuppiter et uersum miti, reor, aethera cura
sustinuit, dum Fata uetant, nec longius umquam
cessauere nouae perfecto sole tenebrae. 180

sera tamen mundo uenerunt astra, sed illis
et Paros et nemorosa Thasos crebraeque relucet
Cyclades; una graui penitus latet obruta caelo
Lemnos, in hanc tristes nebulae et plaga caeca superne
textitur, una uagis Lemnos non agnita nautis. 185

iam domibus fusi et nemorum per opaca sacrorum
ditibus indulgent epulis uacuantque profundo
aurum inmane mero, dum quae per Strymona pugnae,
quis Rhodope gelidoue labor sudatus in Haemo
enumerare uacat. nec non, manus impia, nuptae 190
serta inter festasque dapes quo maxima cultu
quaeque iacent. dederat mites Cytherea suprema
nocte uiros longoque breuem post tempore pacem

e o peito, juntas e ávidas, com as destras dadas
rompem, e sobre o sangue vivo um doce nefas
conjuram – e a recente sombra à mãe circunda.

“Tendo visto tais coisas, quanto horror nos ossos,
e qual na face a cor! Qual corça por selvagens 165
lobos cercada – ao peito seu, macio, nenhuma
força, e uma tênue crença num rápido escape –
se põe perplexa em fuga, sempre já alcançada
se crendo e as vãs dentadas ouvindo ao correr.

“Vêm os homens e, as quilhas já tocando as bordas 170
da costa, aos saltos brigam p’ra chegar à terra,
ansiosos. Nem seu brio horrendo, ó miseráveis,
sob Marte Odrísio ou a dureza em meio ao mar
cansou! Fumam os nobres delubros dos súperos,
da oferta as rezas trazem: negro às aras todas 175
o fogo, e o deus intato em fibra alguma expira.

Mais devagar do umente Olimpo enviou a noite
Jove e com gentil zelo, eu creio, os céus opostos
manteve até que os Fados vetassem e ao longe
não tardassem, já pronto o sol, as novas trevas. 180
Inda que lentas, chegam ao mundo as estrelas,
e Paro, e Tasos nemorosa e as muitas Cíclades
reluzem; só, por grave céu coberta, esconde-se
Lemno, e uma triste bruma sobre cegas plagas
tecendo-se, indistinta aos vagos nautas Lemno. 185

Por suas casas e sombras dos bosques sagrados,
cedem ricos festins e esvaem, copioso o mero,
amplas áureas, enquanto no Estrímon as lutas
e a árdua faina no Ródope ou no Hemo glacial
folgando contam. Ímpias as mãos, as esposas, 190
entre ramos e pratos festos, com altas roupas
jazem. Gentis lhes dera a Citéria na extrema
noite os varões e, após bom tempo, breve paz

nequiquam et miseros perituro afflauerat igni.
 conticuere chori, dapibus ludoque licenti 195
 fit modus et primae decrescunt murmura noctis,
 cum consanguinei mixtus caligine Leti
 rore madens Stygio morituram amplectitur urbem
 Somnus et implacido fundit grauia otia cornu
 secernitque uiros. uigilant nuptaeque nurusque 200
 in scelus, atque hilares acuunt fera tela Sorores.
 inuasere nefas, cuncto sua regnat Erinys
 pectore. non aliter Scythicos armenta per agros
 Hyrcanae clausere leae, quas exigit ortu
 prima fames, auidique implorant ubera nati. 205
 quos tibi iam dubito scelerum de mille figuris
 expediam casus. Helymum temeraria Gorge
 euinctum ramis altaque in mole tapetum
 efflantem somno crescentia uina superstans
 uulnera disiecta rimatur ueste, sed illum 210
 infelix sopor admota sub morte refugit.
 turbidus incertumque oculis uigilantibus hostem
 occupat amplexu, nec segnius illa tenentis
 pone adigit costas donec sua pectora ferro
 tangeret. is demum sceleri modus; ora supinat 215
 blandus adhuc oculisque tremens et murmure Gorgen
 quaerit et indigno non soluit bracchia collo.
 non ego nunc uulgi quamquam crudelia pandam
 funera, sed propria luctus de stirpe recordor:
 quod te, flaue Cydon, quod te per colla refusis 220
 intactum, Crenaeae, comis quibus ubera mecum
 obliquumque a patre genus, fortemque, timebam
 quem desponsa, Gyan uidi lapsare cruentae
 uulnere Myrmidones, quodque interserta torosque
 barbara ludentem fodiebat Epopea mater. 225 para
 computador

inútil, com algoz fogo ateando os miseráveis.
 Cala-se o coro, aos pratos e aos jogos legítimos 195
 impõe-se o fim, decresce o som da prima noite;
 misto com a escuridão da consanguínea Morte,
 de orvalho Estígio umente, abraça a letal urbe
 o Sono e infunde graves ócios com atro chifre:
 separa os homens. Velam as noivas e as noras 200
 em crime, e as Irmãs feros dardos limam ledas.
 Abrem seu nefas, reina em cada peito a Erínia
 sua. Nos campos Citas, de outro modo ao gado
 não cerca a leoa Hircânia, da aurora a levando
 a prima fome e os filhos rogando os seus ubres. 205
 “Das mil formas do crime, não sei qual agora
 contar-te. A temerária Gorge a Helimo, ornado
 com ramos sobre um grande monte de tapetes
 exalando em seu sono os vinhos que se elevam,
 busca chagas, despidas dele as roupas; prestes, 210
 porém, a morte, o infausto torpor o abandona.
 Tenso e com olhos vigiantes, o incerto inimigo
 toma nos braços; não mais lenta, do que a tem
 por trás golpeia as costas, té que chega o ferro
 ao peito seu. Do crime esse o fim: cai a frente, 215
 inda manso, tremendo, com olhos e sussurros
 busca Gorge e do colo vil não solta os braços.
 Ora do vulgo, embora cruéis, não vou mostrar
 os mortos, mas da gente minha lembro o luto:
 porque a ti, Cídon flavo, e a ti, no colo esparsa 220
 coma intacta, Creneu – comigo, ambos ao seio,
 de orto oblíquo por pai –, e o que, noiva, temi,
 forte Gias, que eu vi ser prostrado com golpes
 da Mirmídone atroz, e entre os ramos e leitões
 brincando, a mãe brutal que a Epopeu vazava. 225
 Inerme a irmã Licaste chora sobre o equevo

Cydimon, heu similes perituro in corpore uultus
 aspiciens floremque genae et quas finxerat auro
 ipsa comas, cum saeua parens iam coniuge fuso
 astitit impellitque minis atque inserit ensem. 230
 ut fera, quae rabiem placido desueta magistro
 tardius arma mouet stimulisque et uerbere crebro
 in mores negat ire suos, sic illa iacenti
 incidit undantemque sinu conlapsa cruorem
 excipit et laceros premit in noua uulnera crines. 235
 ut uero Alcimedem etiamnum in murmure truncos
 ferre patris uultus et egentem sanguinis ensem
 conspexi, riguere comae atque in uiscera saeuus
 horror iit: meus ille Thoas, mea dira uideri
 dextra mihi! extemplo thalamis turbata paternis 240
 inferor. ille quidem dudum – quis magna tuenti
 somnus? – agit uersans secum, etsi lata recessit
 urbe domus, quinam strepitus, quae murmura noctis,
 cur fremibunda quies. trepido scelus ordine pando,
 quis dolor, unde animi: “uis nulla arcere furentes; 245
 hac sequere, o miserande; premunt aderuntque moranti,
 et mecum fortasse cades.” his motus et artus
 erexit stratis. ferimur per deuia uastae
 urbis et ingentem nocturnae caedis aceruum
 passim, ut quosque sacris crudelis uespera lucis 250
 strauerat, occulta speculamur nube latentes.
 hic impressa toris ora extantesque reclusis
 pectoribus capulos magnarum et fragmina trunca
 hastarum et ferro laceras per corpora uestes,
 crateras pronos epulasque in caede natantes 255
 cernere erat, iugulisque modo torrentis apertis
 sanguine commixto redeuntem in pocula Bacchum.
 hic iuuenum manus et nullis uiolabilis armis
 turba senes, positique patrum super ora gementum

Cídimon, símeis traços – ah! – no corpo findo
 vendo a face florindo e em ouro a coma atada
 por ela, quando a fera mãe, já morto o esposo,
 veio, a expulsou com ameaças e cravou o ferro. 230

Tal fera que, por manso mestre inerte a raiva,
 move as armas morosa e sob ferrões e golpes
 nega a volta à sua praxe, ela assim no jazente
 incorre, o sangue undante, já caída, ao ventre
 acolhe e preme a chaga com arrancada coma. 235

“Quando, porém, Alcímede, a ainda gemente
 face do pai na mão e o ferro ansiando sangue,
 percebi, enrijou-me a coma e sevo às vísceras
 foi-se o horror: o meu Toas pareceu, e minha
 a atra destra! Depressa ao quarto pátrio, aflita, 240
 levei-me. Há muito já – qual, ao de vasto fardo,
 o sono? – se pergunta, inda que longe esteja
 nossa casa, que alardes e estrondos noturnos,
 donde a ruidosa calma. Dou o crime ao tenso,
 a dor e o arrojo: ‘força alguma barra as fúrias; 245
 foge, ó mísero; o tardo oprimem e hostilizam;
 comigo, talvez morras.’ Abatido, os membros
 ergueu da cama. Os ermos fendemos da vasta
 urbe; por tudo, os amplos montes da noturna
 matança, tal no sacro bosque o atroz poente 250
 os deixara, observamos sob esconsas nuvens.
 Aqui, rostos nos leitos e, enfiados nos peitos
 abertos, punhos e hastes lascadas de grandes
 lanças; roupas a ferro incisadas entre os corpos,
 jarros pronos, manjares em sangue imergidos 255
 se via e, como um flume nas lanhadas fauces,
 ao sangue misto e aos copos retornando Baco.
 Jovens tropas aqui, imune a quaisquer armas
 a turba anciã; de múrmures pais sobre o rosto

semineces pueri trepidas in limine uitae 260
 singultant animas. gelida non saeuus Ossa
 luxuriant Lapitharum epulae, si quando profundo
 Nubigenae caluere mero: uix primus ab ira
 pallor, et impulsis surgunt ad proelia mensis.
 tunc primum sese trepidis sub nocte Thyoneus 265
 detexit, nato portans extrema Thoanti
 subsidia, et multa subitus cum luce refulsit.
 agnoui: non ille quidem turgentia sertis
 tempora nec flaua crinem distinxerat uua:
 nubilus indignumque oculis liquentibus imbrem 270
 adloquitur: “dum Fata dabant tibi, nate, potentem
 Lemnon et externis etiam seruare timendam
 gentibus, haud umquam iusto mea cura labori
 destitit: abscederunt tristes crudelia Parcae
 stamina, nec dictis, supplex quae plurima fudi 275
 ante Iouem frustra, lacrimisque auertere luctus
 contigit; infandum natae concessit honorem.
 accelerate fugam, tuque, o mea digna propago,
 hac rege, uirgo, patrem, gemini qua bracchia muri
 litus eunt: illa, qua rere silentia, porta 280
 stat funesta Venus ferroque accincta furentes
 adiuuat – unde manus, unde haec Mauortia diuae
 pectora? tu lato patrem committe profundo:
 succedam curis.” ita fatus in aera rursus
 soluitur et nostrum, uisus arcentibus umbris, 285
 mitis iter longae clarauit limite flammae.
 qua data signa sequor; dein curuo robore clausum
 dis pelagi Ventisque et Cycladas Aegaeoni
 amplexo commendo patrem, nec fletibus umquam
 sit modus alternis, ni iam dimittat Eoo 290
 Lucifer astra polo. tunc demum litore rauco
 multa metu reputans et uix confisa Lyaeo

semimortos guris no umbral da vida, trêmulas 260
 esvaem as almas. Piores, no Ossa frio, as festas
 dos Lápitas não ficam quando em mero à farta
 Nubígenos se aquecem: do ódio, mal o primo
 palor e ao prélio, mesas deixando, se lançam.

“Logo, pois, nós dois tensos, Tioneu sob a noite 265
 mostrou-se, ao filho Toas trazendo o supremo
 socorro, e com bastante luz brilhou de súbito.

Eu soube: nem com flores as têmeoras cheias,
 nem suas mechas com flavas uvas distinguira:
 turvo, de olhos molhados por chuva implacável, 270

declarou: ‘dês que, ó filho, os Fados te cederam
 manter Lemno potente, aos povos estrangeiros
 temível, nunca os zelos meus com justo esforço
 cessaram: as infaustas Parcas seus fios bárbaros
 rebentaram; com rogos que, instante, eu lancei, 275

muitos em vão, a Jove, ou pranto, o luto excluir
 não se pode: ele à filha outorgou honra infanda.
 Correi! Tu, prole digna de mim, guia, ó virgem,
 teu pai por onde os braços das gêmeas muralhas
 chegam à praia: à porta, que em silêncio julgas, 280

está Vênus fatal, com ferro em punho às rábidas
 valendo: donde as mãos, donde da deusa o peito
 Mavórcio? Tu, entrega o pai ao amplo imenso:
 eu assumo o cuidado.’ Assim disse e nos ares
 solveu-se; como as sombras fechavam a vista, 285

lhano alumbrou com faixa de fogo o caminho.
 Sigo os sinais; fechado, então, em curvo roble,
 a deuses do mar, Ventos e ao Egeu, às Cíclades
 abraçado, o pai dou; e nunca o pranto mútuo
 teria um fim se ao polo Eoo os astros Lúclifer 290

não enviasse. Por fim, depois, na costa soante,
 crendo com medo e apenas no Lieu confiando,

diuidor, ipsa gradu nitente, sed anxia retro
 pectora; nec requies quin et surgentia caelo
 flamina et e cunctis prospectem collibus undas. 295
 exoritur pudibunda dies, caelumque retexens
 auersum Lemno iubar et declinia Titan
 opposita iuga nube refert. patuere furores
 nocturni, lucisque nouae formidine cunctis
 – quamquam inter similes – subitus pudor; impia terrae 300
 infodiunt scelera aut festinis ignibus urunt.
 iam manus Eumenidum captasque refugerat arces
 exaturata Venus; licuit sentire quid ausae,
 et turbare comas et lumina tingere fletu.
 insula diues agris opibusque armisque uirisque, 305
 nota situ et Getico nuper ditata triumpho,
 non maris incursu, non hoste, nec aethere laeuo
 perdidit una omnes orbata excisaque mundo
 indigenas: non arua uiri, non aequora uertunt,
 conticuere domus, cruor altus et oblita crasso 310
 cuncta rubent tabo, magnaue in moenibus urbis
 nos tantum et saeui spirant per culmina manes.
 ipsa quoque arcanis tecti in penetralibus alto
 molior igne pyram, sceptrum super armaque patris
 inicio et notas regum uelamina uestes, 315
 ac prope maesta rogum confusis crinibus asto
 ense cruentato, fraudemque et inania busta
 plango metu, si forte premant, cassumque parenti
 omen et hac dubios leti precor ire timores.
 his mihi pro meritis, ut falsi criminis astu 320
 parta fides, regna et solio considerare patris
 – supplicium! – datur. anne illis obsessa negarem?
 accessi, saepe ante deos testata fidemque
 inmeritasque manus; subeo – pro dira potestas! –
 exangue imperium et maestam sine culmine Lemnon. 325

eu parto, o andar veloz, mas com o atrás aflito
o peito; e sem parar, pois, no céu as nascentes
chamas dos montes vindas e as ondas observo. 295

“Pudico o dia vem; no céu contrário a Lemno
desmanchando o fulgor, os descendentes jugos
Titã à turva nuvem torna. Abrem-se os êxtases
noturnos e ao terror da luz nascente, em todas
– embora iguais –, um súbito pudor: seus ímpios 300
crimes enterram ou em lestras chamas queimam.

Tomado, o cimo as coortes das Fúrias deixaram,
também Vênus, saciada: e os feitos ver puderam,
puxar a coma e em pranto mergulhar os olhos.
A ilha, rica em campos e bens, armas e homens, 305

do triunfo Geta há pouco ufana e um noto sítio,
não pela ação do mar, por hostis ou céu sestro
perdeu todos, do mundo excluída e destituída,
os pátrios: os varões não lavram agros e águas;
calam as casas, fundo é o sangue, tudo encarna 310
ungido em gordo pus; nos muros da ampla urbe
somente nós e os sevos manes no alto arfando.

Eu mesma, no antro arcano da casa, com amplo
fogo ergo a pira e nela o cetro e as armas pátrias
lanço, e as vestes do rei – sua notória roupagem; 315
triste e o cabelo em caos, eu paro junto ao fogo
com a espada cruenta; a fraude e o funeral vazio,
por medo de acusarem, choro, e que ao pai nulo
o agouro venha peço, e o duplo horror da morte.

P’ra mim, por isso, dêis que o ardil do falso crime 320
ganhou crédito, o reino e o estar em pátrio trono
– um suplício! – foi dado. Acuada, eu me oporia?
Cedi, muito ante os deuses provando a lealdade
e as inocentes mãos; e assumo – ó atro poder! –
o império exangue, Lemno triste sem seu cume. 325

iam magis atque magis uigiles dolor angere sensus,
 et gemitus clari, et paulatim inuisa Polyxo,
 iam meminisse nefas, iam ponere manibus aras
 concessum et multum cineres iurare sepultos.
 sic ubi ductorem trepidae stabulique maritum, 330
 quem penes et saltus et adultae gloria gentis,
 Massylo frangi stupuere sub hoste iuuencae,
 it truncum sine honore pecus, regemque peremptum
 ipse ager, ipsi amnes et muta armenta queruntur.
 ecce autem aerata dispellens aequora prora 335
 Pelias intacti late subit hospita ponti
 pinus; agunt Minyae, geminus fragor ardua canet
 per latera: abruptam credas radicibus ire
 Ortygiam aut fractum pelago decurrere montem.
 ast ubi suspensis siluerunt aequora tonsis, 340
 mitior et senibus cycnis et pectine Phoebi
 uox media de puppe uenit, maria ipsa carinae
 accedunt. post nosse datum est: Oeagrius illic
 acclinis malo mediis intersonat Orpheus
 remigiis tantosque iubet nescire labores. 345
 illis in Scythicum Borean iter oraque primi
 Cyaneis artata uadis. nos, Thracia uisu
 bella ratae, uario tecta incursare tumultu,
 densarum pecudum aut fugientum more uolucrum.
 heu ubi nunc Furiae? portus amplexaque litus 350
 moenia, qua longe pelago despectus aperto,
 scandimus et celsas turre; huc saxa sudisque
 armaque maesta uirum atque infectos caedibus enses
 subuectant trepidae; quin et squalentia texta
 thoracum et uultu galeas intrare soluto 355
 non pudet; audaces rubuit mirata cateruas
 Pallas, et auerso risit Gradiuus in Haemo.
 tunc primum ex animis praeceps amentia cessit,

“Já, mais e mais tormenta a dor os vígeis ânimos,
 e é claro o pranto, e aos poucos odiada Polixo;
 já veem seu nefas, e aras pros manes já podem
 construir, muito jurando às já sepultas cinzas.
 Como, ansiosas, o noivo, o principal do estábulo, 330
 a quem pertencem pasto e glórias da grei feita,
 veem sob o hostil Massílio acabado as novilhas,
 e órfão segue sem honra o gado, e seu rei morto
 choram o próprio campo, os rios e mudas ervas.

“Mas eis singrando as águas com proa de bronze 335
 vem, há muito no intacto mar viajando, o Pélio
 pinho; os Míneas o guiam, no alto casco espuma
 um gêmeo estrondo: crês que à raiz sai abrupta
 a Ortígia, ou que ruidoso monte desce ao pélagos.
 Mas quando as águas, remos suspensos, calaram, 340
 mais suave que um cisne e que o plectro de Febo
 veio da popa um som, e à quilha o próprio mar
 se chegou. Foi-nos dado, após, saber que o Eagro
 Orfeu, ali, no mastro encostado, entre os nautas
 ressoa e as muitas fainas ordena que esqueçam. 345
 Seu curso é o Cítio Bóreas, e a entrada do Ponto
 restrita pelos Ciâneos vaus. Nós, crendo Trácia
 guerra, às casas corremos com grande tumulto,
 tal de denso rebanho ou de aves nós fugíssemos.
 Ora, onde as Fúrias? Muros junto a praia e porto, 350
 donde longe contempla-se o mar, e altas torres
 escalamos; aos postos, pedras, paus e as tristes
 armas dos homens, gládios da ceifa infectados,
 com medo enviamos; ademais, pesadas tramas
 de couraças e as gáleas sobre os brandos rostos 355
 não pejam; com o audaz bando perplexa, corou
 Palas, escarneceu no Hemo adverso o Gradivo.
 Nisso cessou, então, do peito a abrupta insânia:

nec ratis illa salo, sed diuum sera per aequor
 iustitia et poenae scelerum aduentare uidentur. 360
 iamque aberant terris quantum Gortynia currunt
 spicula, caeruleo grauidam cum Iuppiter imbri
 ipsa super nubem ratis armamenta Pelasgae
 sistit agens; inde horror aquis, et raptus ab omni
 sole dies miscet tenebras, quis protinus unda 365
 concolor; obnixa lacerant caua nubila uenti
 diripiuntque fretum, nigris redit umida tellus
 uerticibus, totumque Notis certantibus aequor
 pendet et arquato iam iam prope sidera dorso
 frangitur; incertae nec iam prior impetus alno, 370
 sed labat extantem rostris modo gurgite in imo,
 nunc caelo Tritona ferens. nec robora prosunt
 semideum heroum, puppemque insana flagellat
 arbor et instabili procumbens pondere curuas
 raptat aquas, remique cadunt in pectus inanes. 375
 nos quoque per rupes murorumque aggere ab omni,
 dum labor ille uiris fretaque indignantur et Austros,
 desuper inualidis fluitantia tela lacertis
 – quid non ausa manus? – Telamona et Pelea contra
 spargimus, et nostro petitur Tiryntius arcu. 380
 illi – quippe simul bello pelagoque laborant –,
 pars clipeis munire ratem, pars aequora fundo
 egerere; ast alii pugnant, sed inertia motu
 corpora, suspensaeque carent conamine uires.
 instamus iactu telorum, et ferrea nimbis 385
 certat hiems, ustaeque sudes fractique molares
 spiculaque et multa crinitum missile flamma
 nunc pelago, nunc puppe cadunt; dat operta fragorem
 pinus et abiunctis regemunt tabulata cauernis.
 talis Hyperborea uirides niue uerberat agros 390
 Iuppiter; obruitur campis genus omne ferarum,

não os remos no sal, mas no mar, tarda, a etérea
 justiça creram vindo, e as penas de seus crimes. 360
 Longe da terra o quanto as Gortíneas pungentes
 percorrem, de cerúleas chuvas prenhe, Júpiter,
 sobre os próprios avios da nau Pelasga, um véu
 retém; disso, o horror de águas e, raptada a luz,
 o dia às trevas misto, as quais tão logo às ondas 365
 dão cor; um vento hostil as cavas nuvens rompe
 e agita o mar; umente a terra surge em vórtices
 negros; com ardor do Noto a undíssonas planície
 sobe e, o seu dorso arqueado, já perto dos astros
 se quebra: no alno incerto nem o primo ímpeto, 370
 e ao imo abismo afunda, irrompendo do aríete,
 e sobe ao céu Tritão. Nem de heróis semideuses
 concorre a força: insano açoita a nave o tronco
 e, com seu peso instável envergando, as curvas
 águas fende: no peito os grandes remos cessam. 375
 Nós também, nos rochedos e em toda a muralha,
 como aos varões a faina irava, o mar e o Austro,
 do alto, com débeis membros flechas flutuantes
 – o que não ousa a mão? – sobre Peleu e Télamon
 lançamos, e ao Tiríntio com o arco nosso fomos. 380
 Deles – porque com guerra e pélogo laboram –,
 uns dotam o convés de clípeos, a água ao fundo
 uns tiram, outros lutam; mas, com o afã exausto
 o corpo, as forças faltam, pelo empenho usadas.
 Salva enviamos de flechas, e com a férrea nimbo 385
 combate a chuva; paus queimados, pedras rotas,
 dardos e, de amplas chamas crinudos, venábulo
 ora ao mar, e ora ao barco atingem; soa o oculto
 pinho, e o assoalho se queixa nos fundos porões.
 Fere assim, com Hiperbórea neve, verdes agros 390
 Jove – e as feras submergem todas pelos campos,

deprensaeque cadunt uolucres, et messis amaro
 strata gelu, fragor inde iugis, inde omnibus irae.
 ut uero elisit nubes Ioue tortus ab alto
 ignis et ingentes patuere in fulmine nautae, 395
 deriguerunt animi, manibusque horrore remissis
 arma aliena cadunt, rediit in pectora sexus.
 cernimus Aeacidas murisque immane minantem
 Ancaeum et longa pellentem cuspide rupes
 Iphiton; at toto manifestus in agmine supra est 400
 Amphitryoniades puppemque alternus utrimque
 ingrauat et medias ardet descendere in undas.
 at leuis et miserae nondum mihi notus Iason
 transtra per et remos impressaque terga uirorum
 nunc magnum Oeniden, nunc ille hortatibus Idan 405
 et Talaum et cana rorantem aspergine ponti
 Tyndariden iterans gelidique in nube parentis
 uela laborantem Calain subnectere malo
 uoce manuque rogat; quatiunt impulsibus illi
 nunc freta, nunc muros, sed nec spumantia cedunt 410
 aequora, et incussae redeunt a turribus hastae.
 ipse graues fluctus clauumque audire negantem
 lassat agens Tiphys palletque et plurima mutat
 imperia ac laeuas dextrasque obtorquet in undas
 proram nauifragis auidam concurrere saxis, 415
 donec ab extremae cuneo ratis Aesone natus
 Palladios oleae, Mopsi gestamina, ramos
 extulit et, socium turba prohibente, poposcit
 foedera; praecipites uocem inuoluere procellae.
 tunc modus armorum, pariterque exhausta quierant 420
 flamina, confusoque dies respexit Olympo.
 quinquaginta illi, trabibus de more reuinctis,
 eminus abrupto quatiunt noua litora saltu,
 magnorum decora alta patrum, iam fronte sereni

e aves caem surpreendidas, e a messe por acre
 gelo é arrasada: no alto, o ruído; na água, a ira.
 Mas, quando às nuvens estilou do céu por Jove
 o fogo e os grandes nautas com o raio surgiram, 395
 gelou o brio, das mãos, de horror moles, caíram
 as armas de outrem, e tornou o sexo aos peitos.
 Os Eácidas vimos, e, amplo, instando aos muros,
 Anceu e, com a haste as pedras impedindo, Ífito;
 mas, manifesto, vem por sobre os homens todos 400
 o Anfitriónida: a um lado e a outro indo, à popa
 empurra e arde p'ra em meio as águas se arrojarem.
 Inda por mim não visto – ó pesar! – Jasão, lesto,
 pula os bancos, e remos e as costas dos homens,
 ora exortando o Enida magno e, ora, inda, Idas, 405
 e Tálao, e encharcado com o alvo jorro de água
 o Tindárida; e, obrando sob as nuvens do álgido
 pai p'ra amarrar aos mastros as velas, a Cálais
 com mãos e voz incita; impulsando, ora vibram
 o mar, ora as muralhas, mas não cede espúmea 410
 a água, e as setas lançadas retornam das torres.
 Graves vagas, por si, e o leme oposto a ouvi-lo
 Tífis p'ra guiar enfrenta e pálido ordens várias
 troca, e a ondas de sestra e destra volta a popa,
 que anseia se chocar contra rochas navífragas, 415
 té que, da pínea cunha extrema o filho de Éson,
 de Mopso o adorno – ramos da oliva de Palas –
 tomou e, atrapalhando ao sócio a turba, trégua
 clamou; preste a procela encobriu o seu brado.
 Então param as armas, abstêm-se, assim, lassos 420
 os ventos, do atro Olimpo outra vez vindo o dia.
 Com o lenho preso qual a prática, os cinquenta
 num longo e brusco salto a nova praia pulsam,
 nobres dons de altos pais, de feições já serenas,

noscendique habitu, postquam timor iraque cessit 425
 uultibus. arcana sic fama erumpere porta
 caelicolas, si quando domos litusque rubentum
 Aethiopum et mensas amor est intrare minores;
 dant fluuii montesque locum, tum terra superbit
 gressibus et paulum respirat caelifer Atlans. 430
 hic et ab asserto nuper Marathone superbum
 Thesea et Ismarios, Aquilonia pignora, fratres,
 utraque quis rutila stridebant tempora penna,
 cernimus, hic Phoebo non indignante priorem
 Admetum et durae similem nihil Orphea Thracae, 435
 tunc prolem Calydone satam generumque profundi
 Nereos. ambiguo uisus errore laccessunt
 Oebalidae gemini; chlamys huic, chlamys ardet et illi,
 ambo hastile gerunt, umeros exertus uterque,
 nudus uterque genas, simili coma fulgurat astro. 440
 audet iter magnique sequens uestigia mutat
 Herculis et tarda quamuis se mole ferentem
 uix cursu tener aequat Hylas Lernaeaque tollens
 arma sub ingenti gaudet sudare pharetra.
 ergo iterum Venus et tacitis corda aspera flammis 445
 Lemniadum pertemptat Amor. tunc regia Iuno
 arma habitusque uirum pulchraeque insignia gentis
 mentibus insinuat, certatimque ordine cunctae
 hospitibus patuere fores; tunc primus in aris
 ignis, et infandis uenere obliuia curis; 450
 tunc epulae felixque sopor noctesque quietae,
 nec superum sine mente, reor, placuere fatentes.
 forsitan et nostrae fatum excusabile culpae
 noscere cura, duces. cineres Furiasque meorum
 testor ut externas non sponte aut crimine taedas 455
 attigerim – scit cura deum –, etsi blandus Iason
 uirginibus dare uincla nouis: sua iura cruentum

notos no aspecto, após cessarem a ânsia e a ira 425
da face. Saem, e assim é a fama, à porta arcana
os célios, qual se as casas e as praias dos rubros
Etíopes ver quisessem, e as suas mesas simples:
dão passo os rios e montes, e a terra se orgulha
dos que avançam, e espira breve Atlas celífero. 430

“Soberbo, então, de há pouco remir Maratona,
Teseu e do Ísmaro os irmãos, prole Aquilônia,
nos quais rúbeas na frente farfalhavam penas,
vemos; e junto, o mestre de um não bravo Febo,
Admeto e, em nada igual à rude Trácia, Orfeu, 435
e, ainda, o nato em Cálidon e o genro do amplo
Nereu. A dúbio engano, o olhar levam os gêmeos
Ebálidas: luz neste o manto, e noutro, o manto;
de lança marcham ambos, os ombros expostos,
rostos lisos, e às mechas astro igual brilhando. 440
Ousa a via, se ajusta atrás do rastro de Hércules
magno – a quem, devagar embora traga o corpo,
mal se iguala – Hílas jovem e ha’steia as de Lerna
armas: de trabalhar sob a ampla aljava alegra-se.

“Logo, Vênus e Amor, com ardor secreto o rude 445
peito queimam das Lêmnicas. E então, régia Juno
o traje dos heróis e as armas, do orto a insígnia,
leva às mentes; com rixa, as portas uma a uma
os recebem: por vez primeira há muito há fogo
nas aras, e ao nefando encargo assoma o oblívio. 450
E então a ceia, o sono alegre e as calmas noites;
não sem celeste senso aprouve, creio, expor-se.
Talvez, da culpa nossa o escusável fim, chefes,
cuidais saber. Dos meus, as cinzas e suas Fúrias
invoco: o facho externo por gana ou por crime 455
não tomei – sabe o deus –, embora Jasão brando
cingisse as jovens virgens: as suas leis, cruento

Phasin habent, alios, Colchi, generatis amores.

iamque exuta gelu tepuerunt sidera longis
solibus, et uelox in terga reuoluitur annus. 460

iam noua progenies partusque in uota soluti,
et non speratis clamatur Lemnos alumnis.
nec non ipsa tamen, thalami monimenta coacti,
enitor geminos, duroque sub hospite mater
nomen aui renouo; nec quae fortuna relictis 465
nosse datur: iam plena quater quinquennia pergunt
si modo Fata sinunt aluitque rogata Lycaste.

detumuere animi maris, et clementior Auster
uela uocat: ratis ipsa moram portusque quietos
odit et aduersi tendit retinacula saxi. 470

inde fugam Minyae, sociosque appellat Iason
efferus, o utinam iam tunc mea litora rectis
praeteruectus aquis, cui non sua pignora cordi,
non promissa fides; certe stat fama remotis
gentibus: aequorei redierunt uellera Phrixi. 475

ut stata lux pelago uenturumque aethera sensit
Tiphys et occidui rubuere cubilia Phoebi,
heu iterum gemitus, iterumque nouissima nox est.
uix reserata dies, et iam rate celsus Iason
ire iubet, primoque ferit dux uerbere pontum. 480

illos e scopulis et summo uertice montis
spumea porrecti dirimentes terga profundi
prosequimur uisu, donec lassauit euntes
lux oculos longumque polo contexere uisa est
aequor et extremi pressit freta margine caeli. 485

fama subit portus uectum trans alta Thoanta
fraterna regnare Chio, mihi crimina nulla
et uacuos arsisse rogos. fremit impia plebes
sontibus accensae stimulis facinusque reposcunt.
quin etiam occultae uulgo increbrescere uoces: 490

tem o Fásis; e amores outros tramas, Cólquida.

“Do frio já livres, queimam os astros com longos
sóis e, às costas, veloz, se desenvolve um ano. 460

Já novas proles, partos que a preces atendem:
por não prováveis filhos Lemno é proclamada.
Eu mesma, monumentos de um leito forçado,
dou à luz gêmeos, mãe por um hóspede atroz:
do avô renovo o nome; que sorte, esquecidos, 465
não sei: inteiros quatro quinquênios possuem,
se acaso os Fados deixam, e os nutriu Licaste.

“Do mar calinou a força, e um Austro mais gentil
chama as velas: a pausa e o calmo porto odeia
a nave, e da usual rocha tenciona as amarras. 470

À fuga os Míneas, pois, e os sócios Jasão chama,
furioso – antes as minhas praias por distantes
águas cruzasse alguém sem amor pelos filhos,
sem palavra; sua fama, claro, segue em povos
distantes: do marinho Frixo os velos tornam. 475

“No dia eleito ao mar sentiu que ares viriam
Tífis, e enrubesceu de Febo ocíduo o quarto;
outra vez prantos, e outra vez a noite última.
Mal se abre o dia e, em pé sobre a nave, Jasão
ordena a ida e ao primo golpe rasga o ponto. 480

Das rochas e altos cumes dos montes, a eles,
o dorso espúmeo abrindo do vasto profundo,
com o olhar seguimos té que, já longe, à vista
a luz cansou, e unido ao polo o grande plaino
pareceu e no fim dos céus premeu as águas. 485

“A fama assoma ao porto: o fundo transpôs Toas
p’ra reinar na fraterna Quio; faltas não tenho,
pois vácuo a pira ardeu. A plebe ímpia freme
por golpes do erro acesa, reclamando o crime.
Em meio ao vulgo as vozes aumentam ocultas: 490

“solane fida suis, nos autem in funera laetae?
 non deus haec fatumque? quid imperat urbe nefanda?”
 talibus exanimis dictis – et triste propinquat
 supplicium, nec regna iuuant – uaga litora furtim
 incommitata sequor funestaque moenia linquo, 495
 qua fuga nota patris. sed non iterum obuius Euhan,
 nam me praedonum manus huc appulsa tacentem
 abripit et uestras famulam transmittit in oras.”
 talia Lernaeis iterat dum regibus exul
 Lemnias et longa solatur damna querela 500
 immemor absentis – sic di suasistis! – alumni,
 ille graues oculos languentiaque ora comanti
 mergit humo fessusque diu puerilibus actis
 labitur in somnos, presa manus haeret in herba.
 interea campis, nemoris sacer horror Achaei, 505
 terrigena exoritur serpens tractuque soluto
 immanem sese uehit ac post terga relinquit.
 liuida fax oculis, tumidi stat in ore ueneni
 spuma uirens, ter lingua uibrat, terna agmina adunci
 dentis, et auratae crudelis gloria frontis 510
 prominet. Inachii sanctum dixere Tonanti
 agricolae, cui cura loci et siluestribus aris
 pauper honos; nunc ille dei circumdare templa
 orbe uago labens, miserae nunc robora siluae
 atterit et uastas tenuat complexibus ornos; 515
 saepe super fluuios geminae iacet aggere ripae
 continuus, squamisque incisus adaestuat amnis.
 sed nunc, Ogygii iussis quando omnis anhelat
 terra dei trepidaeque latent in puluere Nymphae,
 saeuior anfractu laterum sinuosa retorquens 520
 terga solo sicci que nocens furit igne ueneni.
 stagna per arentesque lacus fontesque repressos
 uoluitur et uacuis fluuiorum in uallibus errat,

‘A única aos seus leal? E nós, por matar, ledas?
 Fado não foi ou deus? Como rege urbe infanda?’
 Com tais frases receosa – assoma-se uma triste
 pena, e o reino não vale – a vaga praia, a furto,
 sozinha eu sigo, e deixo os atros muros, donde 495
 do pai a fuga. Euã, porém, não me encontrou:
 pois que um bando pirata ali fundeado quieta
 raptou-me e como fâmula trouxe a esta costa.”

Enquanto itera a história aos Lérneos reis a êxule
 Lêmnia e com longa queixa suas perdas consola 500
 do exposto filho – urdistes, ó deuses! – imêmore,
 os graves olhos ele e o tenro crânio em frôndeo
 solo imerge e, de há muito em pueris atos lasso,
 se entrega ao sono, firme as mãos à erva presas.

Nisso, no campo, sacro horror do bosque Aqueu, 505
 se ergue serpe terrígena e com frouxo arrasto
 leva a si própria, imensa, às costas o deixando.
 Nos olhos negro facho e, à boca, de atro acerbo
 verde baba, e três línguas vibrando, três séries
 de curvos dentes; da áurea fronte, cruel glória 510
 se ergue. Sagrada a dizem os colonos de Ínaco
 ao Troante, cura do agro a quem nas rudes aras
 dão pobres honras; ora do deus cinge o templo,
 voltas vagas rasteando, e ora os robles da selva
 raspa e, com abraços, grandes freixos diminui; 515
 por vez jaz sobre rios ligando as duas margens,
 linear, e avulta o flume inciso com as escamas.
 Ora, porém, com o Ogígio jugo arfando a terra
 inteira, e as Ninfas trépidas na areia esconsas,
 mais seva arcando os flancos ao torcer o curvo 520
 dorso, infesta, enfurece ao fogo do atro tóxico.
 Em charcos, lagos secos e em fontes estanques
 volve e por vales vaga faltos de água e, incerta

incertusque sui liquidum nunc aera lambit
 ore supinato, nunc arua gementia radens 525
 pronus adhaeret humo, si quid uiridantia sudent
 gramina; percussae calidis afflatibus herbae,
 qua tulit ora, cadunt, moriturque ad sibila campus:
 quantus ab Arctois discriminat aethera Plaustris
 Anguis et usque Notos alienumque exit in orbem; 530
 quantus et ille sacri spiris intorta mouebat
 cornua Parnasi, donec tibi, Delie, fixus
 uexit harundineam centeno uulnere siluam.
 quis tibi, parue, deus tam magni pondera fati
 sorte dedit? tune hoc uix prima ad limina uitae 535
 hoste iaces? an ut inde sacer per saecula Grais
 gentibus et tanto dignus morerere sepulcro?
 occidis extremae dstrictus uerbere caudae
 ignaro serpente puer; fugit ilicet artus
 somnus, et in solam patuerunt lumina mortem. 540
 cum tamen attonito moriens uagitus in auras
 excidit et ruptis immutuit ore querelis,
 qualia non totas peragunt insomnia uoces,
 audiit Hypsipyle, facilemque negantia cursum
 exanimis genua aegra rapit; iam certa malorum 545
 mentis ab augurio sparsoque per omnia uisu
 lustrat humum quaerens et nota uocabula paruo
 nequiquam ingeminans: nusquam ille, et prata recentes
 amisere notas. uiridi piger accubat hostis
 collectus gyro spatiosaque iugera complet 550
 sic etiam, obliqua ceruicem expostus in aluo.
 horruit infelix uisu longoque profundum
 incendit clamore nemus; nec territus ille,
 sed iacet. Argolicas ululatus flebilis aures
 impulit; extemplo monitu ducis aduolat ardens 555
 Arcas eques causamque refert. tunc squamea demum

de si mesma, ora os ares lambe atrás do líquido,
 alta a fronte, e ora, os agros gementes riscando, 525
 prona se gruda ao chão se, verdejando, exsuda
 a grama; com arfar quente golpeadas, as ervas
 por onde passa caem, o campo morre ao silvo:
 tão grande como a Serpe que, do Arturo Carro,
 corta o céu e se alastra ao Noto e a orbe alheio; 530
 tão grande como aquela que, com anéis, movia
 do Parnaso os acumes té que a abriste, ó Délio,
 com chagas mil trazendo uma arbórea floresta.

Qual deus a ti, pequeno, o fardo de amplo fado
 deu por sorte? Inda à entrada da vida, por tal 535
 rival cais? Ou p'ra sacro por eras aos Gregos
 povos seres, de magna tumba digno morres?
 Findas lesu por trauma de extremo de cauda,
 menino, de ínsia serpe; deixa enfim o corpo
 o sono, e à solitária morte abrem-se os olhos. 540
 Morrendo, então, os ares um grito do atônito
 cortou; e se calando interrompeu as queixas,
 como no sonho falas que não se completam:
 ouve Hipsípile e a prestes corrida contrários,
 exangue, fracos puxa os joelhos; do mal certa 545
 por augúrio da mente, o olhar por tudo passa,
 buscando varre o chão, ao petiz notos termos
 em vão repete: em parte alguma vê, e o prado
 perdeu os traços. Lenta, jaz a hostil, em verde
 arco reunida e enchendo várias amplas jeiras, 550
 e à mostra sobre o ventre a cerviz de através.
 Tremeu infausta e ao longe semelhou o fundo
 luco acender com um grito; não se aterra aquela:
 mantém-se. O brado aflito aos ouvidos Argivos
 impele; então, por ordem do rei, voa ardendo 555
 o Arcádio e a causa traz. E, por fim, escamoso

toruus ad armorum radios fremitumque uirorum
 colla mouet: rapit ingenti conamine saxum,
 quo discretus ager, uacuasque impellit in auras
 arduus Hippomedon, quo turbine bellica quondam 560
 librati saliunt portarum in claustra molares.
 cassa ducis uirtus: iam mollia colla refusus
 in tergum serpens uenientem exhauserat ictum.
 dat sonitum tellus, nemorumque per auia densi
 dissultant nexus. "at non mea uulnera," clamat 565
 et trabe fraxinea Capaneus subit obuius, "umquam
 effugies, seu tu pauidi ferus incola luci,
 siue deis, utinamque deis, concessa uoluptas,
 non, si consertum super haec mihi membra Giganta
 subueheres." uolat hasta tremens et hiantia monstri 570
 ora subit linguaeque secat fera uincla trisulcae,
 perque iubas stantes capitisque insigne corusci
 emicat, et nigri sanie perfusa cerebri
 figitur alta solo. longus uix tota peregit
 membra dolor, rapido celer ille uolumine telum 575
 circumit auulsumque ferens in opaca refugit
 templa dei; hic magno tellurem pondere mensus
 implorantem animam dominis assibilat aris.
 illum et cognatae stagna indignantia Lernaee,
 floribus et uernis assuetae spargere Nymphae, 580
 et Nemees reptatus ager, lucosque per omnes
 siluicolae fracta genuistis harundine Fauni.
 ipse etiam e summa iam tela poposcerat aethra
 Iuppiter et dudum nimbi que hiemesque coibant,
 ni minor ira deo grauiora que tela mereri 585
 seruatus Capaneus; moti tamen aura cucurrit
 fulminis et summas libauit uertice cristas.
 iamque pererratis infelix Lemnia campis,
 liber ut angue locus, modico super aggere longe

a torva, à luz das armas e ao ruído dos homens,
 move o colo: com grande esforço puxa a pedra,
 marco do campo, e lança o altivo Hipomedonte
 ao céu vazio, com a força que por vez a bélicos 560
 travões de portas mísseis pedregulhos saltam.
 É vão do chefe o esforço: arcado o mole dorso,
 já amortecera a cobra o golpe às costas vindo.
 Ressoa a terra, e densos, nos ermos das matas,
 pulam galhos: “por minhas chagas,” – vocífera 565
 e com tronco de freixo Capaneu vem – “nunca
 vais fugir, quer do horrendo bosque sejas fera,
 ou a deuses – que a deuses sejas! – gozo dado,
 nem se Gigante a mim hostil sobre este corpo
 trouxeres.” A haste voa infirme, a hante boca 570
 rasga do monstro e fende a fera língua trífida;
 por suas cristas, notável sobre o crânio rútilo,
 irrompe e, em sânie infusa dos negros miolos,
 no chão se crava; e mal correrá a dor por todo
 seu corpo, preste a lança num ágil dobrar-se 575
 cinge e, rota a arrastando, oculta-se no opaco
 templo do deus; com o vasto peso afila o solo,
 e a alma, do mestre às aras instando, assobia.
 Então, charcos da Lerna cognata indignados,
 e habituadas a pôr-lhe vernais flores Ninfas, 580
 o agro Nemeu, rojado, e por todos os bosques
 partindo as canas, rudes Faunos lamentaram.
 Do alto éter já chamara seus dardos o próprio
 Jove, e nuvens à chuva há muito se juntaram:
 mas a ira diva é pouca, e armas piores merece 585
 o intacto Capaneu. Já corre o enviado vento
 do raio, e no elmo as sumas cristas saboreia.

Já se afastara a infausta Lêmnia pelos campos,
 livre da serpe o sítio, e, longe, em parco cimo,

pallida sanguineis infectas roribus herbas 590
 prospicit. huc magno cursum rapit effera luctu
 agnoscitque nefas, terraeque inlisa nocenti
 fulminis in morem non uerba in funere primo,
 non lacrimas habet: ingeminat misera oscula tantum
 incumbens animaeque fugam per membra tepentem 595
 quaerit hians. non ora loco, non pectora restant,
 rapta cutis, tenuia ossa patent nexusque madentes
 sanguinis imbre noui, totumque in uulnere corpus.
 ac uelut aligerae sedem fetusque parentis
 cum piger umbrosa populatus in ilice serpens, 600
 illa redit querulaeque domus mirata quietem
 iam stupet impendens aduectosque horrida maesto
 excutit ore cibos, cum solus in arbore paret
 sanguis et errantes per capta cubilia plumae.
 ut laceros artus gremio miseranda recepit 605
 intexitque comis, tandem laxata dolori
 uox inuenit iter, gemitusque in uerba soluti:
 “o mihi desertae natorum dulcis imago,
 Archemore, o rerum et patriae solamen ademptae
 seruitiique decus, qui te, mea gaudia, sontes 610
 extinxere dei, modo quem digressa reliqui
 lascium et prono uexantem gramina cursu?
 heu ubi siderei uultus? ubi uerba ligatis
 imperfecta sonis risusque et murmura soli
 intellecta mihi? quotiens tibi Lemnon et Argo 615
 sueta loqui et longa somnum suadere querela!
 sic equidem luctus solabar et ubera paruo
 iam materna dabam, cui nunc uenit inritus orbae
 lactis et infelix in uulnera liquitur imber.
 nosco deos: o dira mei praesagia somni 620
 nocturnique metus, et numquam impune per umbras
 attonitae mihi uisa Venus! quos arguo diuos?

pálida, à grama eivada por sanguíneo orvalho 590
 contempla. Fera, o curso assola com alto luto
 e sabe o nefas; contra a terra infesta atira-se,
 tal raio, e frente ao morto nem palavras tem,
 nem lágrimas: redobra apenas tristes beijos,
 deitando, e pelo corpo a morna fuga da alma 595
 hiante busca. Nem face ali ou peito existem;
 sem pele e à vista finos ossos, nervos úmidos
 em rio de sangue fresco: um corpo só feridas.
 Tal quando ninho e filho de uma mãe alígera
 em sombreada azinheira serpe lenta arruína, 600
 e ela volta e, com a paz no lar ruidoso pávida,
 no alto para e, aterrada, trazidas do infausto
 bico expele as comidas: nas folhas só restam
 sangue e soltas, retidas nos berços, as plumas.

Quando cortados leva ao colo os membros, mísera, 605
 e os envolve à sua coma, enfim, à dor a frouxa
 voz deu vez, e em palavras o pranto diluiu-se:
 “Ó doce imagem dos por mim deixados filhos,
 Arquêmore, de tudo e do orto obstado o alívio,
 glória da escravidão; quais deuses, meu prazer, 610
 réus te mataram, esse a quem deixei, dispersa,
 brincando e junto ao curso as ervas assolando?
 Onde o celeste rosto? E as palavras em trôpega
 pronúncia, inacabadas, e o riso e os murmúrios
 que eu, só, sabia? Quanto de Lemno e da Argo 615
 falei-te, o sono seduzindo com amplas queixas?
 Por certo, assim, lenia o luto e o seio ao miúdo,
 mãe, eu dava; e sozinha agora em vão me vem
 o leite, e infausta escorre às chagas a torrente.
 Conheço o deus: do sonho meu, ó diro augúrio, 620
 noturno horror; à noite, nunca impunemente
 pasmas meus olhos, Vênus! Que deuses acuso?

ipsa ego te – quid enim timeam moritura fateri? –
 exposui Fatis. quae mentem insania traxit?
 tantane me tantae tenuere obliuia curae? 625
 dum patrios casus famaеque exorsa retracto
 ambitiosa meae – pietas haec magna fidesque! –,
 exsolui tibi, Lemne, nefas; ubi letifer anguis?
 ferte, duces, meriti si qua est mihi gratia duri,
 si quis honos dictis, aut uos extinguite ferro, 630
 ne tristes dominos orbamque inimica reuisam
 Eurydicen, quamquam haud illi mea cura dolendo
 cesserit. hocne ferens onus inlaetabile matris
 transfundam gremio? quae me prius ima sub umbras
 mergat humus?” simul haec terraеque et sanguine uultum 635
 sordida magnorum circa uestigia regum
 uertitur et tacite maerentibus imputat undas.
 et iam sacrifici subitus per tecta Lycurgi
 nuntius implerat lacrimis ipsumque domumque,
 ipsum aduentantem Persei uertice sancto 640
 montis, ubi auerso dederat prosecta Tonanti,
 et caput iratis rediens quassabat ab extis.
 hic sese Argolicis immunem seruat ab armis,
 haud animi uacuu, sed templa araeque tenebant.
 necdum etiam responsa deum monitusque uetusti 645
 exciderant uoxque ex adytis accepta profundis:
 “prima, Lycurge, dabis Dircaeο funera bello.”
 id cauet, et maestus uicini puluere Martis
 angitur ad lituos periturisque inuidet armis.
 ecce – fides superum! – laceras comitata Thoantis 650
 aduehit exequias, contra subit obuia mater,
 femineos coetus plangentiaque agmina ducens.
 at non magnanimo pietas ignaua Lycurgo:
 fortior illa malis, lacrimasque insana resorbet
 ira patris; longo rapit arua morantia passu 655

Eu mesma – por que medo, se a morte terei? –
 dei-te ao Fado. Que insânia me levou a mente?
 Tamanho, de tamanho zelo, o olvido atou-me? 625
 Da pátria os casos e os exórdios do meu nome
 contando ávida – quanta piedade e lealdade! –,
 cumpri, Lemno, teu nefas! Onde a fatal serpe?
 Trazei, chefes, se há graça por meu duro feito,
 se honra a meus ditos; ou a ferro eliminai-me, 630
 para, hostil, amos tristes não rever e Eurídice,
 carente, embora em dor a ânsia minha à dela
 não cesse. Este ônus trago e ao abatido mátrio
 colo passo? Sob fundas sombras a mim, antes,
 cubra a terra!” Com o rosto seu de sangue e pó 635
 sujo, junto dos passos dos chefes magnânimos,
 anda e em silêncio aos tristes as águas imputa.

E agora, brusco, em mandos do vate Licurgo
 o anúncio à casa e ao próprio lotara de pranto,
 ao próprio enquanto vinha do alto do Perseide 640
 santo monte, onde cortes deu a Troante hostil,
 nutando o rosto pois voltava de ínvias vísceras.
 Alheio ali mantinha-se às armas de Argólides,
 não sem brio, mas as aras e templos detém-no.
 Nem do deus a resposta, nem do ancião o aviso 645
 sumiram, nem a voz que ouviu do ádito fundo:
 “Darás, Licurgo, a prima morte à Dírcea guerra.”
 Isso ele evita e, mesto com o pó Márcio ao lado,
 se enraiva à tuba e odeia as condenadas tropas.

Eis traz – boa-fé dos céus! –, escoltada, a Toântide 650
 as exéquias rasgadas: e irrompe a hostil mãe,
 guiando femíneos grupos e plangentes tropas.
 Não inerte é a piedade em Licurgo magnânimo:
 maior com o mal, ao choro sorve insana a ira
 do pai; com longos passos corta os tardos agros 655

uociferans: “illa autem ubinam, cui parua cruoris
 laetaue damna mei? uiuitne? impellite raptam,
 ferte citi comites; faxo omnis fabula Lemni
 et pater et tumidae generis mendacia sacri
 exciderint.” ibat letumque inferre parabat 660
 ense furens rapto; uenienti Oeneius heros
 impiger obiecta proturbat pectora parma,
 ac simul infrendens: “siste hunc, uesane, furorem,
 quisquis es!” et pariter Capaneus acerque reducto
 affuit Hippomedon rectoque Erymanthius ense, 665
 ac iuuenem multo praestringunt lumine; at inde
 agrestum pro rege manus. quos inter Adrastus
 mitius et sociae ueritus commercia uittae
 Amphiarus ait: “ne, quaeso! absistite ferro,
 unus auum sanguis, neue indulgete furori, 670
 tuque prior.” sed non sedato pectore Tydeus
 subicit: “anne ducem seruatricemque cohortis
 Inachiae ingratis coram tot milibus audes
 mactare in tumulos – quanti pro funeris ultor! –,
 cui regnum genitorque Thoas et lucidus Euhan 675
 stirpis auus? timidone parum, quod gentibus actis
 undique in arma tuis inter rapida agmina pacem
 solus habes? habeasque, et te uictoria Graium
 inueniat tumulis etiamnum haec fata gementem.”
 dixerat, et tandem cunctante modestior ira 680
 ille refert: “equidem non uos ad moenia Thebas
 rebar et hostiles huc aduenisse cateruas.
 pergite in excidium, socii si tanta uoluptas
 sanguinis, imbuite arma domi, atque haec irrita dudum
 templa Iouis – quid enim haud licitum? – ferat impius ignis, 685
 si uilem, tanti premerent cum pectora luctus,
 in famulam ius esse ratus dominoque ducique.
 sed uidet haec, uidet ille deum regnator, et ausis,

a bradar: “onde aquela à qual, do sangue meu,
 festo é o dano? Ela vive? À caçada lançai-vos:
 prestes trazei; da Lêmnia faço a história toda,
 seu pai e a farsa do orto sacro que a envaidece
 se acabarem.” Andava e urdia a obter a morte, 660
 furioso, ferro em punho; ao vir, o Enida herói,
 pronto, rechaça o peito opondo-lhe sua parma
 enquanto range: “susta, ó demente, esta fúria,
 sejas quem fores!” Juntos, Capaneu e o bruto
 Hipomedonte e, firme ao ferro, o de Erimanto 665
 ao jovem também ferem com ampla luz; de lá,
 pelo rei rudes homens. Entre eles, mais calmo
 vem Adrasto e, da fita amiga a ação temendo,
 Anfiarau, que diz: “Rogo: não! Deixai a espada,
 um só é o sangue avô; ao furor não se rendam;
 tu primeiro.” Tideu, porém, não calmo o peito, 670
 expõe: “A guia e guarda desta coorte do Ínaco
 ousas, em frente a tantos milhares de ingratos,
 às tumbas devotar – ultor de morte enorme! –,
 quem reino tem, e Toas por pai, e Euã, fúlgido 675
 avô da estirpe? É pouco, covarde, que os povos
 teus tenham armas, e entre lestras filas tenhas
 só tu a paz? Mantém: que a vitória dos Gregos
 te encontre no sepulcro gemendo estes fados.”

Disse, e, por fim, refreada a ira, mais tranquilo 680
 o outro fala: “não vós às muralhas, mas Tebas
 eu pensava chegando aqui, e as tropas êmulas.
 Matai, se gozo há tanto em partidário sangue,
 e em casa inaugurai as armas; que, ora inúteis,
 de Jove as aras tome – não pode? – ímpio fogo, 685
 se, de amplo luto o peito enchido, contra o vil
 escravo, certo o jus pensei de mestre e chefe.
 Mas ele viu, o deus supremo viu, e aos crimes,

sera quidem, manet ira tamen.” sic fatus, et arces
respicit.

atque illic alio certamine belli 690
tecta fremunt; uolucres equitum praeuerterat alas
Fama recens, geminos alis amplexa tumultus:
illi ad fata rapi atque illi iam occumbere leto,
sic meritam, Hypsipylen iterant creduntque nec irae
fit mora, iamque faces et tela penatibus instant; 695
uertere regna fremunt raptumque auferre Lycurgum
cum Ioue cumque aris; resonant ululatibus aedes
femineis, uersusque dolor dat terga timori.
alipedum curru sed enim sublimis Adrastus
secum ante ora uirum fremibunda Thoantida portans 700
it medius turmis et, “parcite, parcite!” clamat.
“nil actum saeue, meritis nec tale Lycurgus
excidium, gratique inuentrix fluminis ecce.”
sic ubi diuersis maria euertere procellis
hinc Boreas Eurusque, illinc niger imbribus Auster, 705
pulsa dies regnantque hiemes, uenit aequoris alti
rex sublimis equis, geminusque ad spumea Triton
frena natans late pelago dat signa cadenti,
et iam plana Thetis, montesque et litora crescunt.
quis superum tanto solatus funera uoto 710
pensauit lacrimas inopinaque gaudia maestae
rettulit Hypsipylae? tu gentis conditor, Euhan,
qui geminos iuuenes Lemni de litore uectos
intuleras Nemeae mirandaque fata parabas.
causa uiae genetrix, nec inhospita tecta Lycurgi 715
praebuerant aditus, et protinus ille tyranno
nuntius extinctae miserando uulnere prolis.
ergo adsunt comites – pro fors et caeca futuri
mens hominum! – regique fauent; sed Lemnos ad aures
ut primum dictusque Thoas, per tela manusque 720

inda que tarda, a ira resta.” E, então, aos altos olha.

E, por lá, com outro combate de guerra, 690
 tetos fremem: de equestres apanha ágeis alas
 a Fama, e abraça duplo levante: que Hipsípile,
 uns, ao Fado é tirada; e outros, que já a morte
 tem, pois merece, dizem; e pensam que as iras
 não tardam, e instam lares com lanças e fogo; 695
 destruir o reino anseiam e apreender Licurgo,
 com Jove e altares; casas ressoam com fêmeos
 gritos, volve-se a dor e ao temor dá as costas.

Mas Adrasto, sublime em seu carro de alípedes,
 consigo ante os frementes varões a Toântide, 700
 no meio vai da turma e grita: “Calma!, calma!
 Nem se fez nada atroz, nem merece Licurgo
 tal excídio: eis aquela que achou grato flume.”
 Tal quando turbam mares com ventos opostos
 Euro e Bóreas de lá, e daqui o Austro umbroso, 705
 e sem luz reina a chuva: o rei das águas vem,
 sublime em seu cavalo, e o duplo Tritão freios
 espúmeos guia e longe avisa o mar que desça,
 e com Tétis já plaina montes e orlas crescem.

Qual deus, por tantos votos consolada a perda, 710
 cessou seu pranto e súbita alegria a Hipsípile
 devolveu, mesta? Euã, tu, criador da família,
 que trazidos de Lêmniais praias os dois jovens
 trouxeste à Nêmea, incríveis fados preparavas.
 A causa é a mãe: a entrada o paço de Licurgo, 715
 nada inóspito, anuíra quando ao rei foi dado
 o anúncio da extinção do filho com atra chaga.
 Entram sócios – ó sorte e cega mente humana
 ao porvir! – e o rei valem; mas apenas ouvem
 Lemno e o nome de Toas, entre armas e tropas 720

inruerant, matremque auidis complexibus ambo
 diripiunt flentes alternaque pectora mutant.
 illa uelut rupes immoto saxea uisu
 haeret et expertis non audet credere diuis.
 ut uero et uultus et signa Argoa relictis 725
 ensibus atque umeris amborum intextus Iason,
 cesserunt luctus, turbataque munere tanto
 corruiat, atque alio maduerunt lumina fletu.
 addita signa polo, laetoque ululante tumultu
 tergaque et aera dei motas crepuere per auras. 730
 tunc pius Oeclides, ut prima silentia uulgi
 mollior ira dedit, placidasque accessus ad aures:
 “audite, o ductor Nemeae lectique potentes
 Inachidae, quae certus agi manifestat Apollo.
 iste quidem Argolicis haud olim indebitus armis 735
 luctus adest, recto descendunt limite Parcae:
 et sitis interitu fluuiorum et letifer anguis
 et puer, heu nostri signatus nomine fati,
 Archemorus, cuncta haec superum demissa suprema
 mente fluunt. differte animos festinaque tela 740
 ponite; mansuris donandus honoribus infans.
 et meruit; det pulchra suis libamina Virtus
 manibus, atque utinam plures innectere pergas,
 Phoebe, moras, semperque nouis bellare uetemur
 casibus, et semper Thebe funesta recedat. 745
 at uos magnorum transgressi fata parentum
 felices, longum quibus hinc per saecula nomen,
 dum Lernaee palus et dum pater Inachus ibit,
 dum Nemea tremulas campis iaculabitur umbras,
 ne fletu uiolate sacrum, ne plangite diuos: 750
 nam deus iste, deus, Pyliae nec fata senectae
 maluerit, Phrygiis aut degere longius annis.”
 finierat, caeloque cauam nox induit umbram.

se lançam, e à mãe com ávidos abraços ambos
 buscam em pranto, à vez alternando seu colo.
 E ela, qual pétrea rocha, com os olhos imóveis
 se detém, não ousando crer nos notos deuses.
 Quando os rostos e da Argo os deixados sinais 725
 nos gládios e nos ombros de ambos por Jasão
 vê, finda o luto e, tonta com tão grande graça,
 desfalece, seus olhos com outro choro molha.
 Sinais postos no polo, em fausto agito uivante,
 do deus o couro e o bronze vibraram nos ares. 730

O pio Eclida, assim que a prima paz mais branda
 a ira do vulgo deu, chegou a ouvidos plácidos:
 “Ouvi, chefe de Nêmea, e escolhidos tão fortes
 do Ínaco, o que por certo ordena a nós Apolo.
 De fato, e há muito não injusto à tropa Argiva 735
 vinha esse luto, as Parcas sem desvio desciam:
 por falta de água a sede, a serpente mortífera,
 e o jovem, nosso fado assinado em seu nome!,
 Arquêmore: das mentes supremas dos súperos
 tudo fluiu. Dispersai o brio, e os dardos céleres 740
 largai; que honras contínuas ao infante deem:
 mereceu; que a Virtude ceda os belos prêmios
 a seu mane, e oxalá! tramando atrasos muitos
 sigas, Febo: nos vedem sempre a guerra novos
 feitos, e longe sempre esteja a Tebas fúnebre. 745
 Mas vós, transpondo os fados de maiores pais,
 – faustos aos quais há longa fama pelos séculos,
 enquanto o charco Lérneo seguir e o pai Ínaco,
 e incertas sombras Nêmea der ao agro –, o rito
 com choro não violai, nem lamentai os deuses: 750
 pois é um deus, um deus!: do velho Pílio o fado
 não prepôs, nem levou adiante os Frígios anos.”
 Findou, e a noite ao céu cobriu em cava sombra.

